UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
"CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO"
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
DOUTORADO EM LINGUÍSTICA

WANESSA RODOVALHO MELO OLIVEIRA

OS FALARES PRESENTES NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES - UM ESTUDO DE CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS NA TRÍPLICE DIVISA (MT, MS E GO)

CÁCERES-MT
2026

WANESSA RODOVALHO MELO OLIVEIRA

OS FALARES PRESENTES NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES: UM ESTUDO DE CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS NA TRÍPLICE DIVISA (MT, MS E GO)

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Linguística, sob a orientação do Professor Dr. Antonio Carlos Santana de Souza.

CÁCERES-MT
2026

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMATCatalogação de Publicação na Fonte. UNEMAT - Unidade padrão

O48f Oliveira, Wanessa Rodovalho Melo.
OS FALARES PRESENTES NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES - UM ESTUDO DE CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS NA TRÍPLICE DIVISA (MT, MS E GO) / Wanessa Rodovalho Melo Oliveira. - Cáceres, 2026.
193f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Linguística/CAC-PPGL - Cáceres - Doutorado Acadêmico, Campus Universitário De Cáceres "Jane Vanini".
Orientador: Antonio Carlos Santana de Souza.

1. Sociolinguística. 2. Crenças e Atitudes Linguísticas. 3. Identidade linguística. 4. Contato linguístico. I. Souza, Antonio Carlos Santana de. II. Título.

UNEMAT / MTSCB CDU 81`27

WANESSA RODOVALHO MELO OLIVEIRA

OS FALARES PRESENTES NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES: UM ESTUDO DE CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS NA TRÍPLICE DIVISA (MT, MS E GO)

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Antonio Carlos Santana de Souza
Orientador – PPGL/UNEMAT

_____

Profa. Dra. Elisandra Benedita Szubris
Avaliadora Interna – PPGL/UNEMAT

_____

Profa. Dra. Cristiane Schmidt
Avaliadora Interna – PPGL/UNEMAT

_____

Profa. Dra. Marcela Moura Torres Paim
Avaliadora Externa - Universidade Federal Rural de Pernambuco

_____

Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug
Avaliador Externo - Universidade Federal da Fronteira Sul

APROVADA EM: ____/____/_____

Dedico este trabalho ao meu Estado Mato Grosso do Sul, o qual tomei como identidade pertencente. Aos municípios Alto Taquari, Costa Rica e Mineiros pelas inúmeras riquezas culturais, históricas e dialetais que formam a Tríplice Divisa entre os Estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida, pois, ao passar pela pandemia da Covid-19, ele poupou minha vida e me deu condições e saúde para concluir o doutorado.

Agradeço a mim mesma por não ter desistido, por não permitir que o cansaço me desanimasse o bastante, por acreditar nos meus sonhos e por ser forte e corajosa.

Agradeço ao meu esposo, Rodrigues, por aventurar-se comigo nesses anos, cobrindo minhas ausências, por cuidar dos nossos filhos, dar-me carinho e atenção, principalmente nos momentos em que tive medo e pensamentos incertos. Agradeço também aos meus familiares e amigos.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação da UNEMAT pela oportunidade de desenvolver a pesquisa que se iniciou no mestrado. Aos excelentes professores que me proporcionaram aprendizagem de qualidade. À CAPES pela ajuda financeira quando mais precisei.

Agradeço à professora Dra. Dircel Aparecida Kailer por iniciar a jornada de escrita de um trabalho acadêmico comigo. No entanto, essa etapa não pôde ser concluída em razão de demandas administrativas, culminando em seu afastamento do Programa. Sou grata por ela ter me auxiliado nesse percurso com paciência e zelo, direcionando-me para que eu desenvolvesse uma boa pesquisa e por permitir que eu escrevesse sobre Crenças e Atitudes Linguísticas.

Agradeço ao meu orientador, o professor Dr. Antonio Carlos Santana, por ter aceitado fazer parte desta tese, por insistir no meu processo acadêmico, indicando que eu seria capaz de cursar o doutorado, por seus conselhos e, finalmente, por apresentar o tema deste estudo, tornando-se meu maior incentivador e meu amigo.

Agradeço ao professor Dr. Nataniel dos Santos Gomes pelas inúmeras vezes em que proferiu palavras de afirmação e me motivou, acendendo minha luz quando eu já estava quase apagada.

Agradeço aos integrantes da pesquisa por darem credibilidade e participarem, visando à divulgação de seus municípios, de modo a valorizar a cultura local, por disponibilizarem seu tempo e sua identidade para a construção desta tese.

Agradeço à Bernadete Carrijo Oliveira, Durval Carrijo, Júlio Emílio Silva, Rosa Maria Pagliuso Siqueira, Eduardo Cândido Borges, Ana Cláudia Alves Eduardo, Miguel Ângelo Froes, Carina Silva e às demais pessoas que, direta ou indiretamente, me ajudaram, principalmente contatando os participantes da pesquisa.

Aos amigos que conquistei no período do curso, entre eles Yara Fernanda de Oliveira Adami e Kauana Scabori dos Santos, a jornada foi mais leve com a presença de vocês.

ENTRE ALGUMAS LETRAS[1]

Entre algumas letras, mexo a comida na panela
Corro para terminar o texto... o raciocínio foi embora
Logo a criança grita: mãe, tô com fome!
E novamente vou na lida da cozinha.

Anoitece!

Depois dos deveres domésticos, as horas me empurram para a cama,
Mas, e agora? Estudar ou dormir?
A saga da estudante me faz servir uma taça de vinho e ligar o computador.

Amanhece!

O sol raia. A jornada de oito horas no serviço começa
E o pensamento no prazo que está se encerrando...
A submissão do artigo não pode esperar.

Se lavo e passo, não escrevo
Se limpo a casa e cozinho, não descanso
Se trabalho fora, não estudo
Se estudo, a consciência fica pesada.

- Eu deveria dar mais atenção às crianças.
- Eu deveria sair com o esposo.
- Eu deveria visitar os familiares.
- Eu deveria fazer atividade física.

Eu deveria cuidar de mim!

Eu deveria descansar...
Em meio às lágrimas e desesperos,
Os artigos são publicados
As participações nos eventos são realizadas
A tese concluída.

Quem é de fora se questiona:
Como pode dar conta de tantas coisas?

Talvez a sociedade, ou mais, a machista
Não esteja preparada para ver a mulher protagonista
Encenando as suas próprias conquistas.

Entre estas letras e o olhar cansado
Percebo que estou só no desafio da escrita.
Tudo conspira contra,
Mas me estabeleço em não desistir.

Eu sou:
A mulher brasileira;
Determinada;
Forte;
Pragmática.
Doutora.

---

[1] RODOVALHO MELO OLIVEIRA, W. Entre algumas letras. **DARANDINA REVISTELETRÔNICA**, Juiz de Fora, v. 16, n. 1, p. 221–222, 2023. DOI: 10.34019/1983-8379.2023.v16.40802. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/darandina/article/view/40802. Acesso em: 08 dez. 2025.

RESUMO

Esta pesquisa está vinculada ao doutorado em Linguística, área de concentração denominada Estudo de Processos Linguísticos, linha de pesquisa: Estudo de Processos de Variação e Mudança e de Descrição, da Universidade do Estado de Mato Grosso. A Tríplice Divisa, entre os Estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás, é uma região carente de investigações em torno dos estudos sobre Crenças e Atitudes linguísticas, principalmente no que se refere ao aporte das teorias voltadas à Sociolinguística (Labov, 2008 [1972]), como também os autores Lambert e Lambert (1972), Bem (1973) e Hall (2006). Embora a região seja privilegiada por sua localização no tocante ao contato linguístico de divisa, hipóteses norteadoras para justificar fenômenos linguísticos chamam a atenção, uma vez que os falares da tríplice divisa são 'semelhantes' do ponto de vista da comunidade de fala, porém, com culturas independentes, razão que direciona a presente tese a construir uma explicação científica quanto à noção de identidade linguística por parte dos falantes das três cidades da Tríplice Divisa. Para deter-se na investigação supracitada, esta tese possui como objetivo norteador descrever como as manifestações em torno das Crenças e Atitudes Linguísticas são realizadas pelos falantes da Tríplice Divisa, sendo Alto Taquari (MT), Costa Rica (MS) e Mineiros (GO), considerando a língua parte do constructo de identidades as quais estreitam os vínculos entre a comunidade de fala. Os objetivos específicos centram-se em: i) Registrar a semelhança nos falares presentes nas cidades pesquisadas; ii) Apurar qual é a percepção que os nascidos nessas localidades têm em relação à sua fala e à fala dos migrantes da região; e iii) Investigar as possíveis influências extralinguísticas atreladas às mudanças linguísticas na região da Tríplice Divisa brasileira. Para alcançar os objetivos listados, a metodologia orienta-se também nos fundamentos de Bogdan e Biklen (1996), bem como de Manzini (2003; 2014). Para tratar das Atitudes linguísticas, esta tese focaliza a análise qualitativa dos dados, sendo o *corpus* da pesquisa composto por 38 participantes, estratificados pelo sexo biológico (masculino e feminino), faixa etária (de 18 a 35 anos idade, de 36 a 55 anos e 56 anos ou acima), escolaridade (Superior e Não Superior), e as profissões (diversificadas). Os resultados mostram o preconceito linguístico que os migrantes nordestinos sofrem nas três localidades, a percepção é que eles são desprestigiados em relação aos outros migrantes e que, sulistas e paulistas detêm maior poder econômico e são considerados as línguas de maior valor. Costa Rica e Mineiros são municípios parecidos em suas construções de fala, o que difere um pouco dos taquarienses, onde a influência sulista está muito presente na fala, no sotaque e na cultura local. Mesmo assim, os falares das três comunidades são semelhantes, inclusive, em maior reprodução do /r/ retroflexo, nomeado pelos próprios participantes da pesquisa como "caipira". As atitudes linguísticas dos três municípios mostram que existe valorização da fala, orgulho na sua produção, e ainda, a fala das pessoas mais novas tem se modificado com o passar do tempo, atribuição, principalmente, a influência da mídia e da presença dos migrantes.

Palavras-chave: Sociolinguística; Crenças e Atitudes Linguísticas; Identidade linguística; Contato linguístico.

ABSTRACT

This research is linked to a doctoral program in Linguistics, specializing in the Study of Linguistic Processes, within the research line: Study of Variation and Change Processes and Description, at the State University of Mato Grosso. The Tri-Border region, between the states of Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, and Goiás, is a region lacking research on linguistic beliefs and attitudes, particularly regarding the contributions of theories focused on Sociolinguistics (Labov, 2008 [1972]), as well as the authors Lambert and Lambert (1972), Bem (1973), and Hall (2006). Although the region is privileged by its location regarding linguistic contact at the border, guiding hypotheses to justify linguistic phenomena are noteworthy, since the dialects of the tri-border area are 'similar' from the point of view of the speech community, but with independent cultures. This is the reason that directs the present thesis to construct a scientific explanation regarding the notion of linguistic identity on the part of the speakers of the three cities of the Tri-border area. To focus on the aforementioned investigation, this thesis aims to describe how the manifestations surrounding Linguistic Beliefs and Attitudes are carried out by the speakers of the Tri-border area, namely Alto Taquari (MT), Costa Rica (MS) and Mineiros (GO), considering language as part of the construct of identities that strengthen the bonds between the speech community. The specific objectives focus on: i) Recording the similarity in the dialects present in the researched cities; ii) To ascertain the perception that those born in these localities have regarding their own speech and the speech of migrants from the region; and iii) To investigate the possible extralinguistic influences linked to linguistic changes in the Brazilian Triple Frontier region. To achieve the listed objectives, the methodology is also guided by the principles of Bogdan and Biklen (1996), as well as Manzini (2003; 2014). To address linguistic attitudes, this thesis focuses on the qualitative analysis of data. The research *corpus* consists of 38 participants, stratified by biological sex (male and female), age group (18 to 35 years, 36 to 55 years, and 56 years or older), education level (higher education and non-higher education), and professions (diverse). The results show the linguistic prejudice suffered by migrants from the Northeast of Brazil in the three locations. The perception is that they are looked down upon compared to other migrants, and that those from the South and São Paulo have greater economic power and are considered to speak languages of greater value. Costa Rica and Mineiros are similar municipalities in their speech constructions, which differs somewhat from Taquari, where the southern influence is very present in speech, accent, and local culture. Even so, the speech patterns of the three communities are similar, including a greater reproduction of the retroflex /r/, named by the research participants themselves as “caipira”. The linguistic attitudes of the three municipalities show that there is a valuing of speech, pride in its production, and also that the speech of younger people has changed over time, mainly due to the influence of the media and the presence of migrants.

Keywords: Sociolinguistics; Linguistic Beliefs and Attitudes; Linguistic Identity; Language Contact.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização geográfica da Tríplice Divisa 64
Figura 2 - Vista aérea de Alto Taquari 66
Figura 3 - Lago do Complexo do Parque Taquari 68
Figura 4 - Vista aérea de Costa Rica 69
Figura 5 - Salto Majestoso no Parque Municipal Do Salto Do Sucuriú 75
Figura 6 - Vista aérea de Mineiros 76
Figura 7 - Bioluminescência no Parque Nacional das Emas 82

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Lenda ou história da região 95
Gráfico 2 - Percepção sobre a cultura dos migrantes 109
Gráfico 3 - Fala agradável ou desagradável dos migrantes 125
Gráfico 4 - Receptividade quanto os migrantes 130
Gráfico 5 - Percepção sobre a fala da Tríplice Divisa - Alto Taquari 137
Gráfico 6 - Percepção sobre a fala da Tríplice Divisa – Costa Rica 139
Gráfico 7 - Percepção sobre a fala da Tríplice Divisa – Mineiros 142
Gráfico 8 - Produção de fala nas gerações diferentes 150
Gráfico 9 - As produções do linguajar antigo da Tríplice Divisa 154
Gráfico 10 - Sotaques da Tríplice Divisa 158

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Representatividade dos participantes da pesquisa 86
Quadro 2 - Perfil Sociolinguístico dos participantes da pesquisa 86
Quadro 3 - Exemplos de produções lexicais 122
Quadro 4 - Exemplos de manifestações linguísticas antigas da Tríplice Divisa.....155
Quadro 5 - O que a Tríplice Divisa de MT, MS e GO fala.....168

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **16**
1 FUNDAMENTOS TEÓRICOS **22**
1.1 A SOCIOLINGUÍSTICA 22
1.2 DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL 25
1.3 FATORES EXTRALINGUÍSTICOS 27
1.4 A COMUNIDADE DE FALA 35
1.5 IDENTIDADE LINGUÍSTICA 39
1.6 AS CRENÇAS 42
1.7 AS ATITUDES 46
1.8 PRECONCEITO LINGUÍSTICO 53
1.9 PESQUISAS SOBRE CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS DESENVOLVIDAS NO BRASIL 56
2 ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS DA TRÍPLICE DIVISA – MT, MT E GO **63**
2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO — TRÍPLICE DIVISA 63
2.2 BREVE RELATO HISTÓRICO SOBRE ALTO TAQUARI 65
2.2.1 Acontecimentos culturais **67**
2.3 BREVE RELATO HISTÓRICO SOBRE COSTA RICA 69
2.3.1 Acontecimentos culturais **72**
2.4 BREVE RELATO HISTÓRICO SOBRE MINEIROS 75
2.4.1 Acontecimentos culturais **80**
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS **83**
3.1 CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* 83
3.2 PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA 84
3.3 AS LOCALIDADES 88
3.4 O QUESTIONÁRIO 89
3.5 COLETA DE DADOS 90
4 ANÁLISE DOS DADOS **93**
4.1 CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DOS PARTICIPANTES 94
4.2 INFORMAÇÕES SOBRE OS MIGRANTES 108
4.3 COMPOSIÇÃO DA TRÍPLICE DIVISA 136
4.4 PERCEPÇÃO SOBRE A SUA PRÓPRIA FALA 149
4.5 CONSTATAÇÕES SOBRE A TRÍPLICE DIVISA MT, MS e GO 164

CONCLUSÃO.....173
REFERÊNCIAS 183
APÊNDICE 192

INTRODUÇÃO

A pesquisa "Os falares presentes na construção de identidades – um estudo de crenças e atitudes linguísticas na Tríplice Divisa (MT, MS e GO)" investiga as crenças e atitudes linguísticas de participantes residentes nas localidades que compõem a Tríplice Divisa: Alto Taquari (MT), Costa Rica (MS) e Mineiros (GO), com o objetivo de compreender a formação de identidades linguísticas nesses municípios. A análise parte das crenças e atitudes linguísticas que os falantes demonstram em relação à própria fala e à fala do outro.

O estudo das atitudes linguísticas está intimamente ligado às crenças que o falante constrói acerca do objeto de sua avaliação, seja a língua, sua própria fala ou a fala do outro – neste caso, a dos migrantes e dos "diviseiros". Tais avaliações são guiadas pelas crenças comuns existentes em uma determinada comunidade com a qual o falante se identifica. Desse modo, a identificação é o traço constitutivo da formação de uma identidade – linguística ou não –, a qual estabelece o "princípio da permanência", da "persistência do falante" na recorrência de determinadas produções sociolinguísticas em detrimento de outras.

As marcas de identidade, independentemente do tipo, emergem dos processos de apreensão do mundo social, por meio das atitudes linguísticas direcionadas pelas crenças dos indivíduos, cujos atos de linguagem se constroem social e culturalmente. O estudo de crenças e atitudes linguísticas, acreditamos, não deve ser realizado sem considerar os sentimentos de pertencimento que o falante constrói no interior de sua comunidade – sentimentos que vêm carregados de crenças e atitudes relacionadas intrinsecamente com suas relações de afeto na comunidade, com a identificação com o território, o que o leva a compactuar e compartilhar as crenças locais e a agir conforme as atitudes linguísticas do grupo ao qual pertence.

As realizações sociolinguísticas de uma comunidade de fala associam-se às práticas de identificação de seus falantes com a comunidade em que nasceram, na qual habitam e onde desenvolvem sentimentos de pertencimento. Tais sentimentos levam a processos de preservação social, cultural, política, histórica e linguística da comunidade. Esses sentimentos de pertencimento, de identificação com a comunidade, determinam a intensidade da relação que eles estabelecem com ela; afinal, se uma comunidade desaparece, junto com ela desaparecem seus gestos, sua língua, seus habitantes, de modo que a unidade linguística é um dos laços que a preservam.

As atitudes linguísticas estão relacionadas à identidade linguística de uma comunidade de fala. As mudanças linguísticas também se inserem nesse contexto, pois o indivíduo nunca permanece o mesmo; no entanto, a cada etapa de sua vida, com suas vivências e contatos sociais,

novas percepções são construídas, e a língua também passa por essas fases, acompanhando a mudança que ocorre nos pensamentos, sentimentos e escolhas do ser humano.

Levando em consideração essa abordagem, os pressupostos teórico-metodológicos deste estudo são os propostos pela Sociolinguística de natureza quantitativa, além das contribuições de Manzini (2003; 2014) e de Bogdan e Biklen (1996) para a análise qualitativa dos dados coletados. Autores como Calvet (2002), Coelho *et al*. (2010) e Moreno Fernández (1998) dialogam com os aspectos sociolinguísticos que abrangem as concepções da língua e suas variações linguísticas. Em relação às crenças e atitudes linguísticas, assim como às questões de identidade, apresentamos os psicólogos sociais Lambert e Lambert (1972), Bem (1973) e Hall (2006).

O *corpus* da pesquisa é composto por dados de 36 participantes, estratificados quanto ao sexo biológico (homem e mulher); três faixas etárias (de 18 a 35 anos, que apresentam influências externas em suas falas e costumes; de 36 a 55 anos, um pouco mais conservadores e que relatam mais sobre suas crenças e atitudes linguísticas; e de 56 anos ou mais, em que é mais provável encontrarmos o vernáculo e, ainda, a origem das atitudes linguísticas das três regiões). Além disso, consideramos a escolaridade (não superior e superior) e profissões diversificadas.

Selecionamos três faixas etárias sequenciais por acreditarmos que cada participante tem sua própria percepção sobre a língua que fala – seja herdada dos familiares ou em construção, por causa das influências midiáticas e do linguajar de gírias. Ao selecionarmos os participantes, buscamos idades que não estivessem tão próximas da próxima faixa etária; mesmo assim, no decorrer do trabalho, vemos que, embora a idade seja próxima, a construção linguística de cada participante é individual. Os participantes responderam a um questionário semiestruturado contendo 35 questões, as quais nortearam a entrevista realizada pessoalmente e outras, em sua maioria, gravadas no Skype (um aplicativo de mensagens de texto, áudio e vídeo já descontinuado) e posteriormente transcritas.

Para transcrever algumas palavras citadas pelos participantes da pesquisa, utilizamos o *software* livre *Praat*, versão 6.4.27, que possibilita a investigação e síntese da fala e é muito usado em estudos linguísticos pela praticidade em estudar os sons da língua e por ter várias ferramentas de análise acústica. Foi criado pelos linguistas Paul Boersma e David Weenink em 1992, do Departamento de Fonética da Universidade de Amsterdã.

Não fizemos análise das palavras descritas foneticamente, porque este não é objetivo do nosso trabalho, mas fizemos a transcrição fonética de algumas, apenas para exemplificar, usando, assim, a análise oitiva das transcrições, sobretudo nas quais encontramos a produção

do /r/, representado /r/ por se tratar do fonema /r/ e não do som. Selecionamos palavras por meio das quais os participantes da pesquisa buscavam mostrar como falam, como os migrantes falam ou como os vizinhos da divisa falam.

Para chegarmos aos participantes da pesquisa, passamos por muitas dificuldades. A primeira delas foi o momento da pandemia de Covid-19, iniciada em 2021, período no qual a busca pelos primeiros participantes começou. Por causa do isolamento social, a maioria das participações foi remota, mas contactar essas pessoas, principalmente de Alto Taquari e Mineiros, foi um desafio, pois não conhecíamos praticamente ninguém dos municípios pesquisados.

O primeiro passo foi enviar e-mails para universidades, escolas, entre outras instituições, apresentando a pesquisa; depois, ligamos para bibliotecas municipais, escolas, prefeituras, secretarias municipais de educação, farmácias, salões de beleza, rádios, entre outros lugares. Acessamos uma rede social e enviamos mensagens no *Messenger*. Foram incontáveis contatos, dos quais rendeu uma entrevista – tudo em busca de encontrar uma pessoa que acreditasse na proposta e disponibilizasse seu tempo para a entrevista. Assim, mesmo com indicações, tivemos muitas mensagens ignoradas; pessoas sendo mal-educadas por estarem sendo incomodadas ou por acharem que era golpe; nenhum e-mail respondido; muitas desistências, pois agendavam e não compareciam para a entrevista. Mas conseguimos fechar as entrevistas após vários meses, com mais de 50 participantes, dos quais 36 foram selecionados.

Em 2019, conheci, em Costa Rica, o autor Marlei Cunha, que escreve sobre o contexto histórico de Costa Rica; na ocasião, foi possível ter acesso aos trabalhos publicados e ouvir a história de vida de Cunha. Em 2023, visitei, em Mineiros, Durval Carrijo, responsável por publicar o livro Realidade de uma vida; gravei e registrei as histórias de como era a vida em Alto Taquari, desde a sua infância. Em seguida, tive a oportunidade de conhecer o Dr. Martiniano José da Silva, em Mineiros, um ilustre baiano com alma de goiano – agradeço a Deus pela agradável tarde ouvindo seus relatos, desde a sua saída do Nordeste até a sua luta pelo respeito aos negros, em memória.

Para a escrita desta tese, conversei com diversas pessoas que fizeram parte do desenvolvimento dos três municípios pesquisados – filhos e netos dos fundadores –, que contaram fatos da Tríplice Divisa pesquisada, inclusive sobre a chegada dos meus parentes Rodovalho a Costa Rica.

A relevância do estudo consiste no pioneirismo de estudar a língua falada na Tríplice Divisa, para que a região Centro-Oeste seja conhecida conforme as identidades que convivem e possuem relações sociais entre os municípios – seja pelas festividades, pelas relações de

amizade, assim como de parentesco, ou por necessidade de saúde, por isso, descrevemos aqui opiniões dos diviseiros o que não representa nenhuma ideologia por parte desta pesquisadora.

Justificativa

Ao se falar em crenças e atitudes linguísticas, primeiro é importante entender que a Tríplice Divisa, dada sua localização geográfica, promove experiências distintas em seus falantes que vivem no território demarcado por três divisas, as quais levam a experiências diversificadas na construção sociolinguística de cada comunidade de fala.

A escolha do *locus* ocorreu por questões emocionais, tendo em vista que Costa Rica/MS é a cidade que meus pais escolheram para residirmos, na qual iniciei minha vida profissional e constituí família. A hospitalidade, assim como a oportunidade de emprego, são dois itens importantes que fizeram com que nos estabelecêssemos nesse município.

À vista disso, este estudo é a continuação da pesquisa iniciada no mestrado, intitulada Variação Linguística: As Atitudes Linguísticas na fala dos migrantes de Costa Rica, apresentada à UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, concluída em 2020. Na ocasião, pesquisamos sobre o olhar dos migrantes em relação aos nascidos em Costa Rica; por isso, agora na tese, não trabalhamos com os migrantes, porque gostaríamos de conhecer as percepções que os nascidos nos municípios pesquisados possuem sobre as variedades linguísticas da região.

Essa pesquisa do mestrado nos fez perceber que os estudos sociolinguísticos da Tríplice Divisa aqui retratada são poucos, ou mesmo escassos, razão pela qual propusemos investigar o tema e contribuir com a divulgação científica que aborde a questão, já que poucos são os materiais bibliográficos sobre a temática.

O estudo das crenças e das atitudes linguísticas dos falantes dessas cidades possui estreita relação com a construção de identidades linguísticas nessas comunidades, tendo em vista que fazer parte de uma comunidade de fala pressupõe a formação de laços identitários, os quais levam seus falantes à preservação de seus falares e, ao mesmo tempo, à exclusão de falares alheios a elas, ou mesmo à apropriação de falares de comunidades vizinhas.

Ao apresentar o trabalho "Perspectivas sobre as crenças e as atitudes linguísticas nos estados de MS, MT e GO" no VI Congresso Internacional de Linguística Histórica, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 2023, professores nordestinos que assistiram à apresentação alertaram-me sobre a importância de tratar o preconceito linguístico existente nas localidades.

Por essa razão, esta tese representa uma contribuição social em relação à não aceitação do preconceito linguístico e à xenofobia que os nordestinos sofrem nas três localidades pesquisadas. Desse modo, queremos repudiar as falas de menosprezo registradas aqui pela implicância que muitos participantes tiveram contra a cultura, o jeito de falar, o que falam, como se vestem, o comportamento e o sotaque nordestino.

Como filha de nordestino, manifesto apoio aos conterrâneos que, ao longo dos anos, têm sofrido várias manifestações de preconceito, sendo alvo de menosprezo em relação à sua origem e, principalmente, repudio o fato de alguns informantes colocarem outras regiões como superiores à nordestina. Sabemos que, em toda manifestação de identidade – seja por meio da fala, da cultura, entre outros –, não se menospreza uma para enaltecer outra. Todas as regiões do Brasil são importantes; cada uma manifesta suas crenças e atitudes linguísticas que enriquecem e, de alguma forma, contribuem para a nacionalidade que encanta brasileiros e estrangeiros, fazendo do Brasil um país acolhedor e carismático.

Objetivos

Para a realização desta pesquisa, o objetivo principal é descrever as crenças e atitudes linguísticas de moradores nascidos nas cidades da Tríplice Divisa: Alto Taquari (MT), Costa Rica (MS) e Mineiros (GO). Os objetivos específicos são:

i) investigar quais são as semelhanças nos falares presentes nas cidades pesquisadas, quanto às escolhas e repertório linguístico e à pronúncia regional;

ii) apurar qual é a percepção que os nascidos nessas localidades têm em relação à própria fala e à fala dos migrantes da região;

iii) investigar as possíveis influências para as mudanças linguísticas na região da Tríplice Divisa.

Hipóteses

A Tríplice Divisa entre os estados de MT, MS e GO é uma região pouco explorada no escopo dos estudos sociolinguísticos, particularmente no que tange a investigações sobre crenças e atitudes linguísticas. Embora seja essa uma região privilegiada por sua localização, o que levanta a hipótese de que os falares fronteiriços são semelhantes – devido à colonização ter ocorrido por famílias de origem mineira e goiana, mas com culturas independentes –, a razão que nos leva a querer compreender a construção linguística desses municípios.

Diante da hipótese de que os falantes entrevistados das três localidades utilizam contextos históricos semelhantes em sua formação cultural – como, por exemplo, compartilham dos costumes, das tradições populares, das crenças, das escolhas semelhantes em relação à pronúncia –, nos encaminhamos às seguintes perguntas:

Quais são as atitudes e as crenças linguísticas que construíram a identidade da Tríplice Divisa nas três cidades a serem pesquisadas?

Visando às mudanças linguísticas ao longo do tempo, a geração mais jovem fala e possui o mesmo repertório linguístico que a geração mais velha?

Organização da tese

A tese está organizada em quatro seções para que os objetivos sejam alcançados.

A primeira seção refere-se aos fundamentos teóricos, que estão pautados na Sociolinguística, tendo as teorias de Labov (2008 [1972]) como direcionamento para a composição das amostras das crenças e atitudes linguísticas derivadas da psicologia social, que dialogam com os componentes internos e externos à variação linguística.

A segunda seção está reservada para conhecermos as três localidades estudadas. Um breve contexto histórico/cultural é apresentado, buscando apresentar Alto Taquari (MT), Costa Rica (MS) e Mineiros (GO). A escolha do que foi escrito foi contabilizada com as análises da última seção.

Em seguida, a terceira seção aborda os aspectos metodológicos da pesquisa, onde encontramos a constituição do *corpus*, o perfil sociolinguístico dos participantes, as localidades, o questionário e a coleta dos dados – a entrevista, assim como o método de análise.

Na quarta e última seção, temos a análise dos dados extraídos das entrevistas, visando alcançar os objetivos propostos, assim como verificar se as hipóteses foram concretizadas.

A seção de conclusão fecha o estudo com os resultados apresentados.

1 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

"*O nosso Brasil é cheio di diferentes culturas, diferentis sutaquis, jeito di falar, então eu acredito que não seja errado, porém cada um com a sua linguagem, com a sua cultura 'né?*'." **P14CRFBN**

Nesta seção, abordamos os fundamentos teóricos da Sociolinguística Laboviana e das atitudes e crenças linguísticas, analisando-os a partir da construção das identidades do falante, do preconceito linguístico e da mudança linguística. Esses fatores resultam na escolha do que falar e como falar por parte do participante da pesquisa, compreendido como um ser identitário e influenciável pelo meio em que está inserido.

1.1 A SOCIOLINGUÍSTICA

A Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística. Enquanto o linguista tradicional observa a língua em sua estrutura fonética, morfossintática e semântica, entre outros aspectos, sem considerar o sujeito em sua totalidade, os sociolinguistas desenvolveram o interesse por analisar a língua não apenas em sua estrutura, mas também em sua relação com a sociedade. Ou seja, essa área estuda os falares e os comportamentos (atitudes e crenças linguísticas) na comunidade de fala, observando as influências sociais, históricas, ideológicas, culturais e geográficas que caracterizam as escolhas linguísticas dos indivíduos. Para isso, a Sociolinguística dialoga com outras ciências, como a Psicologia Social.

Para Moreno Fernández, "a sociolinguística refere-se aos estudos de caráter linguístico que se preocupam em abordar a repercussão que os fatos sociais, de índole heterogênea, possam ter sobre as línguas" (Moreno Fernández, 1998, p. 15). Sendo assim, a ciência que investiga a língua em seu fator social, motivado ou significativo para o comportamento, reflete as interferências que ocorrem na produção da fala devido a acontecimentos linguísticos desenvolvidos de modo heterogêneo, considerando o falante em sua totalidade na comunidade de fala em que participa.

A Sociolinguística busca estudar o uso da linguagem juntamente com o meio social. Ao reproduzir uma sentença, vários questionamentos podem ser levantados para conhecer a abordagem linguística pessoal do falante ou de sua comunidade de fala. Tais questionamentos são: quem está falando, por que escolheu esse repertório linguístico, quais são os contextos históricos ou políticos que influenciaram essa escolha, com quem conviveu que falava assim, a

idade, o sexo e outros elementos que levam a Sociolinguística a pesquisar todas essas influências.

Para melhor contextualizar, podemos pensar na criança que começa a desenvolver a cognição, juntamente com as habilidades de interação e fala, em seu ambiente familiar. Ao se expressar, ela passa a ser compreendida por vários fatores que ultrapassam a língua em si. O primeiro contato linguístico que ela tem é com a família. Depois, outros ambientes, que podemos chamar de comunidade de fala, são inseridos na formação dessa criança, como a escola, a igreja e os grupos de amigos e familiares. Com o passar do tempo, as comunidades de fala vão se ampliando, incluindo a faculdade, o emprego, entre outros, e em cada lugar, o falante pode adequar sua fala ao contexto e ao nível de formalidade requerido.

Diante disso, William Labov percebeu que a língua também desenvolvia um papel social dinâmico, visto que ela reproduz o que o falante pensa e acredita, seus valores, percepções, reações e crenças. Isso levou Labov a concluir que a língua não é homogênea, pois "a língua se apresenta de diversas formas a depender do uso feito pela comunidade Linguística" (Cavalcante, 2011, p. 246).

O que diferenciou as ideias de Labov do estruturalismo e do gerativismo da época foi sua nova percepção, influenciada por Meillet. A Teoria da Variação e Mudança Linguística ou Linguística Variacionista de Labov tem como objetivo estudar a língua levando em consideração o social e os fatores extralinguísticos que lhe são inerentes. Portanto, ele buscava investigar a descrição de uma variedade linguística.

Segundo Labov (2008 [1972]), o vernáculo, ou seja, a produção da fala sem preocupação com a linguagem formal, produzida em um ambiente de descontração, não é uma produção pessoal de um único indivíduo, mas sim de um grupo. Isso significa que o informante produz uma característica da comunidade de fala com a qual se relaciona; essa vivência e troca de experiências culturais levam os indivíduos a compartilharem o mesmo vernáculo. Nas pesquisas desenvolvidas segundo os padrões de Labov, é esse vernáculo que o pesquisador deve registrar, captando a língua sendo produzida de forma espontânea.

O vernáculo é a produção linguística pronunciada em uma comunidade de fala que seja comum a seus participantes, captada em um momento de descontração, em que o falante não esteja monitorando a própria fala. Segundo Labov (2008 [1972], p. 224), o paradoxo do observador para captar o vernáculo tem como objetivo "descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática."

A pesquisa sociolinguística requer alguns cuidados para que o vernáculo seja percebido, como deixar o participante da pesquisa à vontade, incentivando sua memória a buscar fatos que o emocionem, focados em contar algum acontecimento importante do passado, para que sua comunicação seja clara, distante da preocupação em produzir sentenças corretas ou falar de modo monitorado.

Muitas vezes, o que define a língua é um demonstrativo da comunidade de fala da qual a pessoa participa. Para Labov, "uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todos as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua" (Labov, 2008 [1972], p. 188).

Gregory Guy (2001), referindo-se à comunidade de fala, propõe que haja a adoção de um conjunto comum de preceitos e atitudes linguísticas. Para ele, "é um grupo de falantes que: - compartilham traços linguísticos que distinguem este grupo de outros; - se comunicam relativamente mais entre eles do que com outros; - compartilham normas e atitudes frente ao uso da linguagem." (Guy, 2001, p. 31). Para esse autor, existe uma língua que é comum a todos que fazem parte da mesma comunidade, o que acaba restringindo as interações com grupos de fronteiras externas, pois os falantes costumam comunicar-se especialmente com falantes da mesma comunidade a que pertencem.

Para Labov (2008 [1972]), a definição de comunidade de fala não está relacionada ao uso linguístico compartilhado pelos falantes, mas sim a sua atitude diante do uso linguístico. Isso nos leva a perceber que, embora a língua seja marcante para a comunidade de fala, suas crenças e atitudes linguísticas desempenham o papel de marcar a identidade desse grupo. É como um registro do uso linguístico que os participantes dessa comunidade fazem para compartilhar as mesmas normas, as mesmas variações linguísticas e atribuir valor a elas, pois são as características/atitudes/crenças que os diferenciam de outras comunidades de fala.

Como exemplo, temos o estudo que o próprio Labov desenvolveu na pequena ilha de Martha's Vineyard, Massachusetts, em 1962, onde duas comunidades de fala estavam se desenvolvendo com escolhas diferentes em relação à língua e às atitudes diante das novas tendências que apontavam para um novo jeito de falar. Esta tese também compreende que na Tríplice Divisa está ocorrendo a mesma mudança no falar.

Labov (2008 [1972]) relata que buscou entender as diferentes produções dos ditongos falados na ilha. Para isso, partiu do pressuposto social para entender como essas diferentes produções da fala estavam relacionadas às características regionais do local. A ilha estava dividida em duas partes: a Ilha Alta (Up-Island) e a Ilha Baixa (Down-Island). A Ilha Alta era a parte rural; já a Baixa, onde se concentravam ¾ da população, possuía pequenos centros

urbanos. As influências linguísticas logo percebidas foram de origem indígena, portuguesa e inglesa. Concluiu-se ainda que o sotaque aumentava consideravelmente conforme o grau de centralização de (ay) e (aw).

Na própria ilha, existiam várias comunidades de fala, mas duas eram perceptíveis, divididas em duas regiões e com opiniões diferentes em relação ao uso dos ditongos /ay/ e /aw/: uma parte era conservadora, a outra apropriou-se da pronúncia dos turistas e acabou modificando a pronúncia desses ditongos. Podemos entender que havia uma comunidade linguística que estava atrelada aos seus costumes culturais e outra mais moderna, que se permitiu usar as influências dos falares dos turistas.

Nesta tese, constatamos semelhanças entre as comunidades de fala pesquisadas por Labov e os municípios da Tríplice Divisa, pois em ambas observamos algumas falas conservadoras e, em outras, a pronúncia dos migrantes modificou a pronúncia dos moradores das regiões em alguns aspectos. Nas duas pesquisas, encontramos preocupação com a identidade dos participantes.

Segundo Bagno (2007, p. 47), "Toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam." Por isso, Labov entendeu que, ao usar outro repertório, as escolhas linguísticas da parte baixa da ilha estavam passando por transformações; consequentemente, as mudanças linguísticas dessa comunidade de fala ocorreram por questões que estavam fora da língua, o que chamamos de interferências decorrentes de fatores extralinguísticos.

1.2 DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL

A Sociolinguística surgiu no início dos anos 1960 e transformou os estudos sobre dialetos ao estabelecer uma conexão sistemática entre a linguagem e diversos fatores sociais. Com isso, ampliou-se seu conceito e acrescentou-se a Dialetologia para nomear o estudo científico das variações regionais de uma língua, ou seja, como os dialetos são produzidos em diferentes áreas geográficas. A Dialetologia estuda a variação que existe na língua comum falada por várias pessoas, mas que possuem repertórios linguísticos distintos. Cardoso define Dialetologia como "um ramo dos estudos linguísticos que tem como tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua varia, de acordo com a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica." (Cardoso, 2010, p. 15).

Segundo os autores Chambers e Trudgill (1994, p. 19), "a Dialectologia, como é óbvio, é o estudo do dialeto e dos dialetos". Já para Coseriu (1982, p. 12):

> Como centro de interesse estudar as unidades sintópicas e sobretudo a diversidade diatópica, enquanto caberia à sociolinguística o estudo das unidades sinstráticas e a diversidade diastrática, ficando com a estilística as unidades sinfásicas e a diversidade diafásica.

Ou seja, as unidades sintópicas são as variedades linguísticas que também podem ser nomeadas de dialetos na diversidade diatópica, na qual estas variedades são encontradas na expansão geográfica específica de cada região, seja pelo sotaque, pelos regionalismos, entre outros fatores que influenciam a fala em cada localidade. Isso nos leva à Geossociolinguística. Para Silva-Corvalán (1988, p. 8):

> A dialetologia pode, evidentemente, beneficiar-se muito com as contribuições da sociolinguística, como, aliás, já se vem beneficiando. O progresso metodológico que a sociolinguística tem estabelecido com sua rigorosa e cuidadosa consideração de fatores sociológicos anteriormente apenas superficialmente atendidos pela dialetologia, é a contribuição de primeira magnitude, que a atividade dialectológica terá agora muito em consideração.

Thun (1998) entende que a Sociolinguística analisada separadamente da Dialetologia apresenta limitações, pois ambas são unidas pelo espaço geográfico com as dimensões extralinguísticas. Assim, de acordo com estas variedades de dialetos (pluridimensionalidade), as duas estabelecem relações entre si, na junção da análise linguística com o espaço geográfico.

Ainda segundo o mesmo autor, a Dialetologia pluridimensional e relacional "sobre a base da variação diatópica, toda uma gama de tipos de variações não reais" (Thun, 2005, p. 536), isto é, a Dialetologia pluridimensional[2] analisa a dialetologia em plano horizontal, no que tange às mudanças na língua relacionadas aos sotaques e dialetos. É o que faz com que uma palavra, como por exemplo mexerica, receba outros nomes dependendo da região geográfica do falante; já no plano vertical encontramos as variações diatópicas.

Ainda em sequência ao mesmo autor, não se pode analisar os fenômenos diatópicos sem considerar as questões sociais, como a idade (de 10, 25, 30, 45, 65, 85 anos), que apresenta grandes mudanças ao longo da infância até atingir a idade adulta. Nesta fase (até 45 anos), é possível percebermos variações de vocabulário dependendo dos contatos linguísticos e das comunidades de fala frequentadas; a partir desta idade, é possível que o falante monitore mais suas produções fonéticas. Ao pesquisar participantes que pertençam a faixas etárias distintas, é possível constatar se a língua tem se perdido com a geração mais velha e se há novos formatos linguísticos surgindo com a geração mais nova.

[2] Ver dialetologia pluridimensional e relacional em Thun (1998; 2005).

Ao referir-se ao sexo biológico homem/mulher, algumas diferenças são perceptíveis, inclusive quanto ao tom de voz e ao uso ou não de uma língua mais conservadora. Quanto ao grau de monitoramento da fala, segundo Thun (2005), pode depender da situação que exige um monitoramento mais formal ou informal. Outra variável a ser considerada é a profissão que, às vezes, está relacionada com a escolaridade.

Cardoso expõe sobre os processos dos estudos dialetológicos:

> À preocupação com a identificação das diferenças espaciais, ponto de partida das pesquisas dialetais, somam-se, num processo de apuração e depuração do método, a priorização da recolha in loco dos dados, a busca dos elementos etnográficos complementares aos dados lingüísticos e, finalmente, a inserção de variáveis sociais nos critérios de escolha dos informantes, capazes de tornar mais explícitas as relações língua e sociedade, fatos linguísticos e fatos sociais, e trazer a juízo causas dantes não conhecidas (Cardoso, 2001, p. 35).

A Dialetologia, ao se preocupar com as variáveis sociais, também tem a intenção de mostrar as mudanças linguísticas no espaço geográfico. Acrescentou-se à Dialetologia a Geolinguística, que propõe cartas linguísticas, gráficos e tabelas (Lima; Razky; Oliveira, 2020). Ainda segundo os autores, a Geossociolinguística possibilita a concepção científica do mundo e de todos os fenômenos que o compõem, o que garante a confiabilidade do conhecimento. São técnicas aplicadas em diversas situações, como, por exemplo, na produção da fala, para ter um método científico eficaz para que o objetivo da pesquisa seja alcançado.

De acordo com Cardoso (2010, p. 88):

> Essa Geolinguística pluridimensional, que se consolida no final do século XX, vai ocupar-se do controle sistemático de variáveis sociais, mas terá que administrar, de modo competente, a pluralidade dos dados, sobretudo na cartografia dos resultados obtidos.

Thun (2005), ao estabelecer em suas análises as dimensões diageracional e diastrática, acrescida da variação diassexual, conforme já explicado, potencializou um esquema para que seja possível cruzar os dados do atlas e observar os parâmetros que possam ser pertinentes às pesquisas. A intenção é analisar estatisticamente os dados e também a cartografia para comprovar a Dialetologia Pluridimensional e Relacional.

1.3 FATORES EXTRALINGUÍSTICOS

Segundo Tarallo (2003, p. 46), os fatores extralinguísticos são "tudo aquilo que não for extremamente linguísticos", ou seja, desde um gesto, uma expressão facial, o modo como

se comporta, o tom da voz, são fatores que estão fora da compreensão linguística, que não pertencem à produção normativa ou formal da língua.

São esses fatores extralinguísticos que fizeram Labov perceber que não existe uma comunidade de fala homogênea, ou um informante ideal. Os falantes não necessariamente produzem as mesmas sentenças linguísticas, mas se relacionam absorvendo para si suas próprias variações linguísticas.

De acordo com Labov (2008 [1972]), os fatores extralinguísticos são: o sexo biológico, a faixa etária, a classe social, o estilo de fala, a profissão, a região ou zona de residência, a origem do falante e o grau de escolaridade. Já Mollica (2008) reorganiza esses fatores de modo específico ao falante: o sexo e a etnia são dois fatores que não são escolhas, e destaca que os fatores extralinguísticos sociais são: escolaridade, profissão, classe social (renda financeira), e acrescenta que o grau de formalidade e a tensão discursiva são escolhas dos falantes.

Em uma pesquisa sociolinguística, tanto os fatores internos, os quais estão relacionados com a estrutura da língua, quanto os externos, proporcionam ao pesquisador uma abordagem intuitiva para trabalhar com os dados conclusivos. Principalmente em se tratando dos fatores extralinguísticos, quanto mais informações sobre o falante e suas comunidades de fala, mais o pesquisador concluirá que esses fatores interferem diretamente na variável, ou no que chamamos de vernáculo.

O primeiro fator extralinguístico selecionado é a variável sexo. Homens e mulheres possuem maneiras diferentes de se expressarem, escolhem repertórios distintos, assim como a entonação da voz, ritmos e tempos para a execução do enunciado. Labov (2008 [1972]) entende que as mulheres, quando produzem um discurso monitorado, empregam menos as variantes estigmatizadas do que os homens e, assim sendo, parecem mais sensíveis aos valores sociais que condicionam a língua.

Na pesquisa de Labov, realizada em Nova York, em três lojas de departamentos de classe baixa, média e alta, o pesquisador abordava as pessoas tentando fazê-las pronunciar o /r/ para averiguar a ocorrência da estratificação do /r/, como na palavra *fourth floor* (quarto andar). Em suas conclusões, Labov (2008 [1972]) percebeu que as mulheres usam as variantes de mais prestígio e se preocupam mais em usar a forma padrão da língua, além de serem mais sensíveis em escolher o seu repertório, optando, assim, por um discurso conservador – talvez pela época em que as entrevistas foram realizadas, a voz feminina estava sendo ouvida em manifestações em prol da liberdade e igualdade de direitos.

> A mulher, geralmente, é mais sensível às normas prestigiosas que os homens; dito de outra forma, as mulheres mostram uma atitude mais positiva que os homens para os usos que se ajustam a norma, enquanto que os homens costumam fazer uso dos chamados "vernáculos"e das variedades locais com mais intensidade que as mulheres (Moreno Fernández, 1998, p. 37).

Homens e mulheres desempenham papéis diferentes na sociedade. Diante disso, as mulheres lançam mão de atitudes sociais que, muitas vezes, não são escolhas próprias, mas sim impostas pela sociedade, a fim de evitar que seu discurso seja alvo de julgamentos. Com o passar dos anos, o discurso da mulher moderna também sofreu mudanças linguísticas, embora esteja mais relacionado à classe social e ao nível de escolaridade. Uma mulher dificilmente reproduziria um discurso com vocabulário chulo, como ocorre muitas vezes com os homens.

Ainda na pesquisa de Labov na cidade de Nova Iorque, o sociolinguista teve como resultado, nas atitudes em relação à variável sexo feminino, menos prestígio em relação à fala nova-iorquina, isto é, em sua produção, as mulheres não gostavam da fala nova-iorquina, e estavam mais propensas à aceitação das mudanças, por sentirem vergonha do seu próprio dialeto. Algo interessante se analisado do ponto de vista de que boa parte dessas mulheres nunca saíram da cidade e, mesmo assim, consideram o inglês falado nas demais cidades mais refinado do que o produzido em Nova Iorque.

Além do nativo nova-iorquino ter preconceito com o seu próprio dialeto, o modo de falar ainda representava um questionamento em relação à sua masculinidade, conforme a citação de um homem ascendente italiano:

> Eu já tive uma boa fala e um bom vocabulário também, quando eu cheguei em Massachusetts, mas eu os perdi. Quando cheguei aqui, em Nova Iorque, eles costumavam dizer: "você fala igual a uma 'bicha' – igual às pessoas de Massachusetts.” Quando eu voltava para Massachusetts eles diziam: “Minha nossa, você adquiriu o linguajar de Nova Iorque" (Silva, 2009, p. 36).

Labov (2008 [1972]) conta que, do ponto de vista do sexo masculino, os homens procuram se adequar ao padrão linguístico que eles mesmos criaram para tentarem chegar à pronúncia correta. Mesmo os homens de mais idade, por vezes, eram mais fáceis ficar calados em uma roda de amigos do que correr o risco de produzir alguma sentença inadequada e ser motivo de risada. Principalmente esses homens mais velhos, sua insegurança linguística acontecia no seio familiar, quando os próprios filhos os corrigiam. Todos esses fatores estão relacionados à classe social.

Mollica (2008) expõe sobre o fator da faixa etária, nomeado como variações diacrônicas, onde existe a mudança dentro do sistema linguístico, sendo a faixa etária relevante.

Voltando à pesquisa de Labov, a parte da ilha mais conservadora era certamente composta por pessoas com mais idade, sendo esses pescadores e indígenas, o que aponta para a parte mais baixa da ilha; os mais novos estavam pegando empréstimos aos falares dos turistas.

Geralmente, os falantes mais velhos possuem um repertório linguístico diferente dos mais novos, tendo em vista que, além das mudanças ocorridas ao longo do tempo, a internet influencia drasticamente na fala das crianças, adolescentes e jovens.

Calvet (2002) questiona se a língua da mídia e da política podem influenciar a tal modo que, além de ouvintes, as pessoas também são receptores desse linguajar, o que nos faz acreditar que sim, pois, ao presenciar crianças reproduzindo sentenças de *youtubers*, o que pode escandalizar os mais idosos por produzirem falas que não pertencem ao vocabulário infantil.

Cardoso explica que "a duração e a identificação de uma mudança linguística parecem estar correlacionadas também à distribuição de formas linguísticas em diferentes faixas etárias, permitindo assim uma interpretação dinâmica de fatos sincrônicos (Cardoso, 2015, p. 27)." Tendo em vista que os fatos sincrônicos não são permanentes, mas passíveis de mudanças conforme a língua também vai se modificando, as influências de hoje provavelmente não serão as mesmas de amanhã, em decorrência também do fator idade, pois, ao crescer, devido a muitos fatores, tanto o falar como as escolhas linguísticas vão se modificando.

Contudo, Bisinoto (2000), ao estudar as atitudes linguísticas de Cáceres, apresentando o ponto de vista tanto do migrante quanto do cacerense, delimitou a idade em sua pesquisa porque acredita que a "atual geração de jovens e adolescentes já não sente tão fortemente o embate das forças sociais e da diversidade linguística como se observaram há algumas décadas" (Bisinoto, 2000, p. 45). Em seu estudo, ela concluiu que os falares dos mais velhos permaneceram com fidelidade ao que aprenderam, mas o mesmo não foi perceptível aos mais novos, por apresentarem vocabulário diferente, mesmo convivendo com pessoas de mais idade.

As diferenças sintáticas na construção do discurso em faixas etárias diferentes nos levam a questionar o fenômeno da mudança linguística, algo que precisa ser observado em tempo aparente, ou ainda, em uma variação individual, quando não ocorre dentro da comunidade de fala, mas acontece com uma pessoa que, ao passar pelas faixas etárias, produz diferentes sentenças – evolução da língua, dependendo das influências e estudos ao longo dos anos, o que, talvez, não ocorra com todos os falantes de uma determinada comunidade de fala, como, por exemplo, a familiar.

A variável classe social, ou variações diastráticas, explica muitos comportamentos linguísticos. Em sequência à pesquisa sobre o dialeto falado em Nova Iorque, Labov encontrou atitudes negativas em relação ao próprio falar nova-iorquino, pois, para eles, a sua fala era algo

constrangedor; por isso, buscavam produzir suas falas de maneiras diferentes para não serem reconhecidos.

Labov (2008 [1972]) entendeu que esse desfavorecimento ao dialeto falado em Nova Iorque estava relacionado à classe social, e organizou em dois atos, segundo “pressões que vêm de cima” (*pressure from above*) e "pressões que vêm de baixo" (*pressures from below*).

As pressões que vêm de cima são as pressões de um nível social mais elevado em direção à fala das pessoas que estão num nível inferior na hierarquia social (Labov, 2008 [1972]); quem pertencia à classe baixa disfarçava o falar para não ser percebido a qual classe social pertencia. Para as pressões que vêm de baixo, às vezes, as pessoas que são de classe média/alta, ou que possuem uma escolaridade melhor, precisam adequar o seu linguajar para usar da mesma comunicação entre os demais, sendo assim, o inglês ensinado na escola era diferente do inglês produzido nas ruas.

Na variável classe social, apresentamos também as variáveis sociais, o que Calvet (2002) entende ser uma produção de fala de acordo com a sua finalidade. Um falante que possui conhecimentos gramaticais, mas que, ao produzir sua fala, escolhe um repertório de desprestígio com o intuito de se rebelar, ou ainda, quando o falante escolhe uma forma de falar sem se preocupar com a sua produção, apenas como uma expressão de seu comportamento.

Esse exemplo fica claro na pesquisa de Labov (2008 [1972]) citada anteriormente, quando um advogado escolhe repertório fora da norma culta para atender boa parte de sua clientela que pertence à classe baixa. Ao escolher usar a comunicação informal, ele passa mais confiança e acaba se expressando melhor por não ter a necessidade de monitorar sua fala. Esse é um comportamento de forma inconsciente, mesmo sendo julgado de maneira negativa por sua esposa e filhos; porém, quando ele muda de ambiente, o advogado permanece com a sua fala de acordo com a norma culta, de prestígio.

Outro exemplo são as normas variantes usadas em todo o Brasil: "tu vai, a gente vamos e nós vai." As três formas de concordâncias entre o verbo e o sujeito são distintas; por isso, Coelho *et al* (2010) apontam que o primeiro uso, da variante "tu", é mais comum ser usada no sul do país, o que para os sulistas, as duas outras lhes parecem mais erradas, por não fazerem parte do repertório local. O uso da variante "tu" vai, embora esteja em desacordo com a norma padrão, ainda é mais prestigiada do que os outros dois exemplos, a gente "vamos" e nós vai, por fazerem parte do falar de uma sociedade de classe baixa e de pouca escolaridade.

Em análise à norma padrão, os três usos estão em desacordo, mas "o que distingue as sentenças é o valor atribuído a um estrato da sociedade que usa (ou que imaginamos usar) certas construções e não outras" (Coelho *et al*, 2010, p. 31). O julgamento existente de que uma fala

é mais correta ou errada é estereotípico, pois não existe nenhuma fundamentação para dizer que tal sentença é melhor do que a outra, até porque as três estão gramaticalmente erradas.

A escolha de usar determinada sentença é uma representatividade das atitudes linguísticas que serão apresentadas no subtítulo 1.7; é uma escolha de prestígio por quem fala, e esse prestígio, segundo a sociolinguística, é:

> Usado para referir-se ao valor positivo que certas variantes linguísticas possuem enquanto facilitadoras da ascensão na escala social e as formas padrões são reconhecidas e aceitas pelas gramáticas normativas, geralmente associadas à classe média alta educada (Pastorelli, 2011, p. 21).

Ao citar a classe média alta, outro fator extralinguístico merece destaque na produção de uma pesquisa sociolinguística: a escolaridade. Esse é um elemento que justifica, muitas vezes, por que certas escolhas linguísticas são realizadas. Labov (2008 [1972]) comenta que as pessoas com mais escolaridade possuem falares mais de prestígio em relação à norma culta, falam de variação estável; em contrapartida, pessoas com menos escolaridade, de classe média ou baixa, estão mais propensas a produzirem mudanças linguísticas.

O fator estilo de produção de fala, fundamentado em Labov (2008 [1972]), considera essa variável importante para medir fenômenos da linguagem, ou seja, o falante instrui-se de vários papéis pela sua capacidade de adequar-se ao contexto e à situação comunicativa de acordo com a sua necessidade; por isso, a sua maneira de falar pode ser formal ou informal, dependendo da escolha.

Para Coseriu (1982), o estilo de fala pertence também às linguagens dos grupos que podem distinguir-se no mesmo nível sociocultural, e comenta sobre eles que estão nas comunidades: linguagem das mulheres, adultos e crianças, dos grupos sociais e das profissões, que no geral sempre há uma variedade determinada de si mesmo e podemos ver isso em várias situações, como na mudança linguística devido a fatores históricos, a produção de jargão profissional e as variedades linguísticas que são comuns.

Para Labov (2008 [1972]), quanto mais o falante monitora a fala, maior a aproximação da norma culta; por isso, é importante que na pesquisa sobre os aspectos orais aconteça em um ambiente casual, onde a fala não estará sendo monitorada. Assim, formas informais são mais perceptíveis e é mais provável que se encontre o vernáculo, ou seja, uma fala espontânea sem a preocupação em se expressar corretamente, expondo a sua fala informal. Ainda para o mesmo autor, o falante não está preso a um único estilo porque eles podem mudar à medida do grau de atenção da fala, refere-se ao monitoramento.

A região ou zona de residência fazem parte da variação geográfica, são nomeadas na área da sociolinguística como variações diatópicas, por estarem relacionadas aos lugares, e isso diz muito sobre o informante: onde reside, se na zona rural ou urbana, em região de fronteira, limites com povos que falam outro idioma. Fatores esses que exercem forte influência na construção linguística do informante.

Coelho expõe sobre a variação regional ou diatópica:

> Em geral, itens lexicais particulares, certos padrões entoacionais e, principalmente, certos traços fonológicos respondem pelo fato de que falantes de localidades diferentes apresentem dialetos diferentes de uma mesma língua (Coelho *et al*, 2010, p. 76).

Essa peculiaridade está presente no Brasil em todas as suas regiões, onde cada falar representa moradores distintos de um país tão vasto territorialmente e mais diversos com seus dialetos, simbolizando cada povo, cada cultura, o uso da língua portuguesa para compor a sua própria língua que é construída com as mais diversas variações linguísticas.

Os falares do campo possuem dialetos próprios que geralmente não são produzidos pela classe de maior prestígio, a não ser que o falante dessa classe prestigiada escolha, por questões emocionais ou familiares, reproduzir essas falas. Algumas pessoas que tenham nascido e crescido nos grandes centros reproduzem falares diferentes das pessoas que são do interior. Labov (2008 [1972]) expõe que é inegável que a forma como nos expressamos linguisticamente espelha tanto a nossa terra natal quanto o ambiente atual em que vivemos e trabalhamos.

Cada pessoa traz marcas linguísticas próprias da região em que mora. A entonação é uma dessas marcas, que desperta curiosidade, pois, ao ouvir um falante, é possível ter noção de qual região a pessoa é só pelo sotaque e entonação ao produzir o seu discurso; Castilho (2010) compactua da mesma opinião. A diversidade linguística, encontrada nos espaços regionais, mostra as muitas formas de falar um mesmo alimento; talvez o exemplo mais conhecido seja mandioca, macaxeira e aipim. Isso e muito mais sobre as variações linguísticas faladas no Brasil encontramos no Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB)[3].

O fator profissão e o grau de escolaridade, segundo Labov (2008 [1972]), estão correlacionados. A profissão também está presente nos trabalhos dialetológicos de Thun (1998, 2005), mas ainda é uma variante de poucos estudos; a incluir o desta tese, pois não exploramos

[3] O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) é encabeçado pela UFBA, juntamente com 12 universidades tem o objetivo elaborar atlas regionais linguísticos para se conhecer sobre a língua portuguesa falada no território brasileiro, usou de vários questionários para conhecer as reproduções dos falares tanto na questão fonética quanto lexical. Disponível em https://alib.ufba.br/

esta variante porque seria perceptível quem é o participante, pois dois municípios pesquisados contêm, no máximo, trinta mil habitantes.

Corbari (2013), em sua tese sobre as atitudes linguísticas nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste, constatou o mesmo fenômeno em relação ao nível de escolaridade. Em sua pesquisa, ela abordou três níveis de escolaridade: fundamental, médio e superior, os quais serviram de parâmetro definidor de classe social, por acreditar que a escolaridade pode ter relação com a escolha de conservação ou de inovação da língua. Interessante destacar, como conclusivo nessa pesquisa, que "os informantes que defenderam o uso e o ensino das línguas étnicas possuíam escolaridade de nível médio ou superior, mostrando a influência da escolarização na crença dos informantes" (Corbari, 2013, p. 130).

Isso significa que os demais informantes opinaram que apenas a “língua brasileira” deveria ser ensinada nas escolas; outros já citaram que seria interessante ensinar uma língua estrangeira; e outra que seria complicado ensinar qualquer língua diferente da língua portuguesa para atender a toda variedade de línguas que são faladas na comunidade.

Cardoso (2015), em sua pesquisa sobre o dialeto aracajuano sobre a troca de “L” por "R" e a queda do "R" final das palavras e o uso de "ter" por "haver", nos inteiramos somente ao fator nível de escolaridade, encontrou na Universidade Federal de Sergipe o *locus* para a sua pesquisa. Foram entrevistadas 72 pessoas do sexo feminino e 72 do sexo masculino, de 14 a 70 anos de idade. Mesmo a pesquisa acontecendo em uma universidade, os informantes de escolaridade de ensino fundamental incompleto e completo, assim como do ensino médio completo e incompleto, foi possível por haver alunos do Colégio de Aplicação, onde ocorreu a pesquisa.

Cardoso (2015) constatou que, em relação à atitude dos aracajuanos à sua própria fala, foi positiva em todas as escolaridades. Em relação às características estilísticas, apenas os informantes com nível superior completo tiveram um índice abaixo de 70%; os demais tiveram um julgamento positivo. Em relação à fala baiana, somente quem tem nível superior não considera o falar baiano tão lento quanto o falar aracajuano, por considerarem a fala aracajuana mais lenta que a baiana, com índice de (55,5%).

Em relação à fala alagoana, "A atitude do aracajuano com relação à fala alagoana é mais negativa" (Cardoso, 2015, p. 54). Somente quem tem nível superior demonstrou conhecer mais a fala dos alagoanos do que das outras escolaridades participantes, e essa escolaridade também achou que a fala alagoana é tão cantada quanto a baiana; porém, no geral, as falas alagoanas são vistas com atitudes positivas.

Ainda no tocante à escolaridade, Cardoso (2015) concluiu que a fala mais prestigiada é a do carioca, sendo para os informantes de segundo grau incompleto e completo e curso superior completo. No entanto, para os quatro graus de escolaridade, a fala mais simples é a aracajuana; para os informantes de primeiro grau incompleto, a fala mais cantada é a baiana; a mais bonita, mais clara e mais lenta é a aracajuana.

Esse trabalho mediu as atitudes linguísticas dos aracajuanos em relação à sua própria fala e à dos cariocas, sergipanos e alagoanos, no que tange às variáveis sexo, idade e escolaridade. Em várias pesquisas, percebemos que o nível de escolaridade dos falantes com mais estudo produz sentenças mais corretas em relação ao uso da norma culta.

Castilho afirma que "os primeiros (analfabetos) caracterizam-se por fazerem uso do português popular, ao passo que o segundo grupo (cidadãos escolarizados) se caracteriza pelo uso do português culto" (Castilho, 2010, p. 204). Essa informação é resultado de várias pesquisas, até mesmo dos estudos de Labov, onde o sujeito escolarizado fala diferente do que possui nível superior. Porém, na pesquisa sobre as atitudes linguísticas dos migrantes residentes em Costa Rica – MS[4] (Oliveira, 2020), o resultado surpreendeu porque constatou-se que, pela visão dos migrantes em relação aos falares dos costa-riquenses, embora as pessoas possuem nível superior completo, muitos produzem sentenças tais como, "nóis foi", o que se chegou à conclusão de ser uma questão de influência familiar.

Diante do exposto, uma questão que se levanta é: por que pessoas, mesmo com formação universitária, mesmo com títulos de mestre ou doutor, continuam usando a variante não padrão? O senso comum entende que um indivíduo que teve mais acesso ao estudo geralmente seguirá a norma padrão, mas, na prática, não é isso que acontece.

Talvez possamos entender o papel da comunidade linguística na produção da fala de uma pessoa, em como interage com o meio para ter o sentimento de pertencimento do grupo social, do quanto a aprovação dos membros dessa comunidade de fala faz diferença para a representatividade individual. Com esses questionamentos, vamos para a próxima seção.

1.4 A COMUNIDADE DE FALA

Labov (2008 [1972]) define comunidade de fala como um grande número de pessoas de diferentes classes socioeconômicas que vivem num mesmo território, quase sempre em uma

[4] Ver Dissertação Variação linguística: as atitudes linguísticas presentes na fala dos migrantes de Costa Rica. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1XvcKJ6bLFs7NQG0d8rSNzV_IbMXbQtF0/view>

grande cidade. É na comunidade de fala que nos aproximamos daquilo que nos interessa e que nos atrai, buscando fazer parte do grupo e sermos aceitos por ele.

O objeto de estudo da sociolinguística variacionista "é a língua, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Por isso, o ponto de partida para a análise deve ser a comunidade de fala" (Freitag, Lima, 2010, p. 47). Isso não significa que os falantes que participam de certa comunidade linguística reproduzem um discurso igual aos demais; é além de uma fala semelhante, seus integrantes podem falar de maneira diferente. Porém, se relacionam e compactuam de crenças semelhantes que dão valor às normas que fazem parte dessa comunidade. Coelho define comunidade de fala:

> Trata da estrutura e evolução da língua dentro do contexto social da comunidade de fala, ou seja, é nesse espaço que se dá a interação entre língua e sociedade. Logo, é a comunidade de fala, e não o indivíduo, que interessa mais ao pesquisador sociolinguista. De acordo com Labov, é na comunidade de fala que a variação e a mudança tomam lugar (Coelho *et al*, 2010, p. 37).

A comunidade de fala está relacionada ao espaço geográfico, mas, do ponto de vista de Moreno Fernández (1998), não há como medir os seus limites, por não ser uma questão territorial; ultrapassa essa questão porque a língua pode influenciar e expandir de maneira que as fronteiras são ultrapassadas. Exemplo disso é um ator representar em uma novela um falante baiano que traz em seu discurso várias gírias, sotaques e vocabulário local. Logo, com a representatividade e facilidade de contatos, esse discurso fará parte dos falares de pessoas de diferentes regiões que possuem culturas e costumes diferentes.

Dentro das comunidades de fala existem muitas variações linguísticas, o que Freitag e Lima (2010) chamam de repertório verbal. A língua portuguesa representa uma grande massa de pessoas que reproduzem em suas falas diferentes variações. "Qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exibe sempre variação, logo, a língua é representada por um conjunto de variedadesv (Freitag, Lima, 2010, p. 47). Essas variedades são percebidas ao analisarmos as regras gramaticais da língua portuguesa que servem de padrão às diferentes nacionalidades que possuem essa língua em comum.

Em relação à língua portuguesa, a entonação, o ritmo, a expressão, são diferentes partindo de um brasileiro, um português ou um angolano; cada um representa foneticamente as influências locais pelas quais sua língua passou por transformações diferentes. Apesar de possuírem algumas particularidades da língua, a sociolinguística enxerga um campo vasto de pesquisa para entender, dentro da comunidade linguística, o comportamento do falante e qual é

o seu papel social nesse grupo; essas semelhanças é que fazem a pessoa sentir-se integrante e participante da comunidade de fala.

Moreno Fernández expõe sobre a comunidade de fala e comenta sobre as normas linguísticas que servem de marcas diferenciadoras em cada grupo; seus membros compartilham dos mesmos valores e das normas, logo, se recolhem ao fazerem uso desses critérios comunicativos. E continua:

> Uma comunidade de fala está formada por um conjunto de falantes que compartilham ao menos uma variedade linguística, algumas regras de uso, uma interpretação desse uso, umas atitudes e uma mesma valorização das formas linguísticas (Moreno Fernández, 1998, p. 23).

Os falares estão fortemente relacionados às comunidades, pois é possível que os integrantes produzam sentenças linguísticas tão peculiares ao grupo, que dificilmente uma pessoa externa poderia compreender significados que são propriamente da natureza social desses falantes, ou mais, são as regras fonéticas e morfológicas que eles mesmos criaram como marcas para um compreender o outro.

Isso é frequente acontecer nas comunidades que compactuam de suas variações diatópicas, onde os indivíduos buscam marcar a sua fala ou escolher tal vocabulário para ser conhecido por fazer parte da comunidade linguística de tal região. Essas escolhas vão além do vocabulário, ou do vernáculo de cada grupo; é uma questão cultural por determinar falar ou não de certa forma. No geral, as pessoas gostam de reproduzir o que a sociedade culturalmente tem falado para que a cultura local seja valorizada e, mesmo essa pessoa mudando de cidade, estado ou país, ela fará questão de continuar com as suas produções linguísticas.

Calvet (2002) expõe que é possível um indivíduo participar ao mesmo tempo de várias comunidades de falas. Isso pode acontecer, por exemplo, quando um brasileiro reside nos Estados Unidos, tendo a língua veicular o inglês, mas frequenta uma igreja, ou uma escola, que faz uso da língua portuguesa como veículo de comunicação; além disso, esse brasileiro pode se relacionar com pessoas que falam a língua espanhola em seus relacionamentos interpessoais. "o objeto de estudo da linguística não é apenas a língua ou as línguas, mas a comunidade social em seu aspecto linguístico" (Calvet, 2002, p. 121).

O que faz uma comunidade de fala ser única é o vernáculo que nela se estabiliza por um determinado tempo, ou ainda, por forte presença de seus representantes continuarem fazendo uso das mesmas variedades linguísticas ou de um mesmo vocabulário, sem permitir

que influências externas à língua produzam nesse ambiente modificações ao modo de se expressar, o sotaque e dialeto dessa comunidade.

Em vários estudos, percebemos que a reprodução do /r/ denominado como dialeto caipira é um estigma para muitas comunidades linguísticas presentes no Brasil. Alves (1979), pensando no fluxo migratório, o qual ainda acontece em tempo atual, São Paulo recebe um número considerável de migrantes nordestinos que tentam a cidade grande como um escape para resolver as situações socioeconômicas oriundas de muitas dificuldades financeiras encontradas na região Nordeste do país.

Com o objetivo de avaliar as atitudes linguísticas dos nordestinos com o embasamento nas variedades linguísticas regionais dos paulistanos e nordestinos, Alves (1979) concluiu que os entrevistados com nível socioeconômico baixo possuem atitudes positivas em relação às variedades linguísticas paulistas; a pesquisadora entendeu que o índice elevado de aceitação foi devido às expectativas que os nordestinos dessa classe social remetem ao que ela chama de reflexo de esperança.

Alves (1979) comenta que, provavelmente, com a publicidade da literatura de cordel, os nordestinos tenham visto uma valorização dos falares de sua região; porém, em um grupo, foi constatado que os nordestinos procuravam falar com características semelhantes aos paulistas para reproduzirem sentenças de prestígio.

Quanto mais o falante se insere na comunidade de fala, mais próximo ele busca tornar-se das referências linguísticas que marcam o grupo, seja pela classe social, pelas produções de prestígio, pelas variedades regionais ou ainda, pela identificação que esse grupo possibilita ao falante, o desejo de prestigiar as formas e sentenças que fazem parte dos padrões dessa comunidade.

O pertencimento é integrante importante na fala das pessoas, e dizemos falares, pois o sotaque talvez esteja muito restrito ao que as pessoas pensam sobre a língua que falam; porém, os falares deixam marcas nas formas utilizadas pela comunidade. É o falante tendo representatividade nos traços linguísticos de sua comunicação.

Guy (2012) informa que, na comunidade de fala, existem características linguísticas compartilhadas; por isso, ao compartilhar do mesmo sotaque, das mesmas produções gramaticais, uso de palavras e sons semelhantes, os falantes preferem interagir com pessoas que também fazem parte desse mesmo grupo, mostrando assim que são membros pertencentes e usuários das mesmas características.

Guy continua ao dizer que a densidade de comunicação acontece porque os membros da comunidade de fala acabam reproduzindo, pelo muito contato, certos traços linguísticos que

o grupo produz; falam igual às pessoas com as quais conversam, e isso será percebido nas análises dos dados fornecidos pelos participantes desta pesquisa.

1.5 IDENTIDADE LINGUÍSTICA

As crenças e as atitudes linguísticas estão diretamente vinculadas com a identidade, pois o que pensamos, agimos e falamos está objetivamente relacionada com a identidade que o próprio falante constrói ao longo do tempo e está passível de mudança; ela não é algo moldado, é uma manifestação de quem somos, em ou no que acreditamos, e tudo isso é mostrado por meio das produções linguísticas. Neste contexto, Hall define identidade:

> A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência e no momento do nascimento. Existe sempre algo "imaginário" ou fantasioso sobre sua unidade, ela permanece sempre incompleta, está sempre em processo [...] a identidade surge não da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é preenchida a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. (Hall, 2006, p. 38-39)

Por constatações como esta, observamos o trabalho de Lima Neto (2018) no que tange à identidade dos candangos e brasilienses. Primeiramente, candangos são os funcionários da construção civil que foram para Brasília a trabalho, e os brasilienses, termo usado como gentílico para os que são nascidos e crescidos no Distrito Federal. A percepção que os dois grupos possuem sobre eles mesmos é interessante, tendo em vista que apenas duas pessoas que participaram da pesquisa remeteram-se ao termo candango, mostrando que a forma mais prestigiada é a brasiliense.

Além de ser uma escolha por afinidade e talvez por uma questão de ser mais aceita ou prestigiada pela sociedade, ao escolher brasiliense, mostra-se a necessidade de fazer parte de uma identidade linguística, onde o falante se enxerga e acredita fazer parte desse grupo. O que observamos em diversas leituras, e na pesquisa de Lima Neto (2018), é que as pessoas, muitas vezes, optam por modificarem o seu jeito de vestir, falar e reproduzir tais discursos para que possam ser semelhantes aos demais participantes das comunidades de fala que participam.

Chamamos esse fato de identidade em construção, pois, a depender de quem o falante esteja se relacionando, a sua reação será modificada para cumprir os padrões que são pré-estabelecidos por uma sociedade de imposição de valores, crenças e identidades, as quais fazem com que esse falante acabe se tornando refém das suas próprias escolhas linguísticas.

Para Hall (2006), o conceito de identidade é muito complexo devido às mudanças contemporâneas, as quais tinham como informações sólidas sobre os indivíduos sociais, mas com as transformações sociais as identidades pessoais também têm mudado; isso ocorre porque estamos deixando de sermos sujeitos integrados, no sentido de si mesmo, para sermos sujeitos de deslocamento ou descentração do sujeito. Hall chama esse duplo deslocamento, entre o lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo, como uma "crise de identidade" para o indivíduo, uma mudança que alcança a pós-modernidade. Tais mudanças estão relacionadas às paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade.

Segundo Castells, a identidade é "a fonte de significado e experiência de um povo" (Castells, 2018, p. 54); ela é fator determinante na construção de significados sociais, nos relacionamentos interpessoais, na forma de conduta; conforme as pessoas vão tendo suas experiências, a identidade vai se construindo.

Para Labov (2008 [1972]), o comportamento linguístico muda de acordo com a posição social do falante; diante disso, concluímos que a questão da identidade está sempre em processo de mudança e que os comportamentos mudam conforme a sociedade influencia ou pressiona as escolhas.

É pouco provável que uma pessoa possua as mesmas escolhas linguísticas, use do mesmo repertório, sem que, ao longo de sua vida, não tenha passado por processos de identificação continuamente, como apontam Coelho e Mesquita (2013). Os veículos de comunicação, sobretudo a televisão, com novelas e seus jargões, a escola, entre outros meios educacionais influenciam o modo de falar e de pensar das pessoas. Esse tema tem representação na exposição de Lambert: "precisamos relembrar que a socialização não termina com a infância, mas, pelo contrário, está continuamente moldando e dando forma às pessoas durante toda a vida." (Lambert; Lambert, 1972, p. 44).

Boa parte da construção da identidade de uma pessoa é formada, desde a infância, com os contatos sociais familiares, o que noticia o fato de que a essência de sua identidade está na infância; com o passar do tempo, outras identidades vão se construindo ou modificando-se. Desde o nascimento, conforme Bem (1973), os pais começam a criar seus filhos baseados em estereótipos populares, com crenças, superstições e com padrões de que os meninos são criados para serem competitivos, independentes e agressivos, e as meninas, para serem passivas e dependentes. Fatores esses que vão moldando as identidades desse indivíduo até a fase adulta.

Kiesling comenta que a identidade é "um estado ou processo de relação entre o 'eu' e o 'outro'; a identidade é como os indivíduos definem, criam, ou pensam sobre si em termos de

sua relação com outros indivíduos e grupos, sejam eles reais ou imaginários" (Kiesling, 2013, p 450).

No exemplo citado sobre a pesquisa de Labov, onde constatou que os jovens ingleses não queriam produzir os ditongos /ay/ e /aw/ para não serem identificados como nascidos na ilha de Martha's Vineyard, a relação deles com as demais pessoas ou com os novos grupos com os quais interagiram mostra que “identidade é, antes de mais nada, uma negociação, ou seja, um indivíduo não tem poder de definir para si uma identidade totalmente nova, que não tenha sido elaborada coletivamente e que não seja aceita por outras pessoas” (Oushiro, 2019, p. 308).

Em busca dessa aceitação, esses jovens, como tantas outras pessoas, mudam o seu comportamento, sua religião, convicções políticas e sociais em busca dessa nova identidade que almeja ser aceita, modificando também as variações linguísticas de outros grupos ou comunidades de fala. Segundo Monteiro, "a língua pode afetar a sociedade, influenciando ou mesmo controlando a visão de mundo de seus falantes" (Monteiro, 2008, p. 17).

A identidade é uma ferramenta tão forte de pertencimento ou não pertencimento que, mesmo o falante tentando disfarçar suas atitudes e crenças linguísticas, a língua que fala transparece, em algum momento, quem o falante é, portanto o que ele representa na sociedade, nos seus grupos sociais e para si mesmo. Leone (2012) discute justamente isso, o território como este lugar de pertencimento entre o sujeito e o espaço, no qual estamos abordando a Tríplice Divisa.

A relação do falante com a língua falada também passa por transformações, pois a língua falada expressa quem é o falante e pode ter o poder de classificá-lo, martirizá-lo e estereotipá-lo diante das suas escolhas linguísticas. Bagno (2007) chama a atenção sobre o vínculo com os tipos de identidades, o que converte a língua a desenvolver papel de dinâmica sociocultural; isso informa que a língua desenvolve vários papéis, mas o que destaca sobre essa percepção de Bagno é que o cunho da dinâmica sociocultural tenta priorizar determinada língua sobre outras como uma maneira de apagamento, de imposição ou ainda, para um controle social.

O falante diante dessa situação tem a escolha de manter a sua língua e priorizá-la para que não se perca a língua falada em sua comunidade, ou ceder à pressão de prestígio que algumas línguas exercem sobre as outras minoritárias, por não resistirem às pressões políticas e sociais. É o que sempre aconteceu com as línguas indígenas, onde muitas delas sofreram um apagamento devido à morte dos membros mais velhos, ou à escolha por falar a língua portuguesa, para assim, integrarem a uma língua mais prestigiada pela maior massa de falante, ou por descuido/descaso dos próprios indígenas que não quiseram ensinar/aprender a língua de seus antepassados. Com isso, as identidades linguísticas vão se perdendo e passando por

transformações que acabam apagando o que comentamos anteriormente, que as identidades são construídas desde a infância, tendo contato com os seus familiares.

Após apresentarmos a definição de identidade, a próxima seção ilustra as crenças que ora são culturais, ora são linguísticas, devido às manifestações da identidade de cada falante, mas em ambas as definições percebemos que as crenças são identificações pessoais.

1.6 AS CRENÇAS

Definir crenças sem fazer referência às atitudes é difícil, uma vez que as crenças são manifestações de convicções, daquilo que se considera verdade e que se defende com base na fé em algo; as crenças são manifestações culturais de um povo, pelas quais são expressadas pela identidade que é construída no cognitivo e podem perpassar gerações.

Ao acrescentar o adjetivo “linguísticas” às crenças ou até mesmo às atitudes, estamos relacionando o modo de pensar, agir, refletir e falar sobre as crenças e atitudes em relação à influência que a língua tem na sociedade e na particularidade de produção de fala.

Barcelos comenta que "existem vários termos e definições para crenças, e essa é uma das razões que torna esse conceito difícil de se investigar" (Barcelos, 2004, p. 130), por isso, autores possuem concepções diferentes em relação às crenças, pois elas podem ou não estarem relacionadas às atitudes linguísticas.

Para Lambert e Lambert, embora seja difícil fazer distinção entre crenças e atitudes, os psicólogos sociais acreditam que as crenças são componentes das atitudes linguísticas, "estão de tal modo inter-relacionados que as tendências de reação e os sentimentos específicos se tornam coerentemente associados ao objeto da atitude". (Lambert; Lambert, 1972, p. 100). Segundo Bem:

> Em resumo, crenças, atitudes e valores parecem estar logicamente ligados [...] é a mistura da lógica e psicológica que constituem os fundamentos cognitivos das crenças e das atitudes. As crenças de um homem formam a compreensão que tem de si mesmo e do seu meio (Bem, 1973, p. 12).

As crenças, juntamente com as atitudes, são elementos gerados por nossa experiência de vida; o que uma pessoa considera de valor pode não ter o mesmo sentido para outra, tendo em vista que cabe ao cognitivo construir as suas crenças. Ao dizer que um homem acredita fielmente na existência de extraterrestres, outro pode ridicularizá-lo e afirmar que isso é algo

imaginário de sua mente; logo, entendemos que o objeto de crença pode ter significado para uma pessoa e para outra não.

López Moraes (1993) possui uma visão diferente de Lambert e Lambert (1972), pois, para Morales, as atitudes linguísticas não estão entrelaçadas com as crenças, estão em níveis diferentes, de modo que as crenças são envolvidas com os fatores emocionais, possuem valor sentimental em relação a alguma coisa, diferente das atitudes, que acontece no conativo, ou seja, no comportamento, na reação, na conduta, e essa conduta pode ser neutra, positiva, negativa, ou uma expressão do seu pensamento. Corbari resume:

> As crenças dão lugar a atitudes diferentes; estas, por sua vez, ajudam a conformar as crenças, juntamente com os elementos cognoscitivos e afetivos, considerando que as crenças podem estar baseadas em fatos reais ou podem não estar motivadas empiricamente (Corbari, 2013, p. 66).

Corbari (2013) aponta como um problema essa definição de que a atitude seja apenas como uma reação a determinado objeto, pois, ao concordar com Oppenheim (1992), a reação é a consequência final de uma atitude, tendo em vista que para chegar a esse último estágio, as crenças, os sentimentos afetivos de valorização foram gerados no cognitivo, trazendo sentimentos que são as emoções expostas no comportamento e, consequentemente, as tendências a reagir. Isso nos remete novamente à concepção de Lambert e Lambert (1972), em que a crença, a valorização e a conduta estão no mesmo nível.

Barcelos define crenças como “maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas em nossas experiências resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação” (Barcelos, 2006, p. 18), porque as crenças resultam das nossas escolhas linguísticas; as nossas experiências nos posicionam a crer ou a duvidar de determinadas situações, nos levam a optar por dar valor ou não a acontecimentos e nos movem a interpretar e significar de maneira que as nossas percepções são abordadas pelo valor sentimental que damos a elas.

Crença é a manifestação do pensamento em acreditar sem juízo, porque cada pessoa possui o seu próprio entendimento do valor a crer; por isso, traz desígnios de heranças familiares, de superstições que não precisam de julgamentos, e fazem sentido para uma pessoa ou para uma comunidade de fala, o que nos leva a pensarmos sobre o prestígio das crenças.

O prestígio está relacionado ao territorialismo da pessoa; logo, ela verá a sua cultura, os seus costumes e crenças como uma caixa de valores que devem ser manifestadas no comportamento como um refúgio ou uma demonstração da sua identidade. Geralmente, as

crenças são hereditárias, não apenas por questões familiares, mas por serem uma manifestação cultural de uma determinada comunidade.

Mesmo que uma determinada pessoa saia da sua comunidade local, a sua identidade territorial a acompanha, como uma questão de pertencimento; independentemente da residência de sua nova moradia, as suas crenças e atitudes linguísticas continuarão fazendo parte de sua identidade. Segundo Castells, a questão da identidade territorial é tão importante porque "uma aldeia não é deixada para trás; ela é transportada com os seus laços comunais" (Castells, 2018, p. 17).

A identidade demonstra alguns prestígios, ou seja, algumas preferências que fazem algo ter valor plausível para a pessoa; em contrapartida, o elemento estereótipo é uma ideologia das crenças, tendo em vista que ele é criado sem fundamentação teórica. Os gostos e empatias resultantes de atitudes podem gerar preconceito, o que nos leva a observar como é a ação de não gostar do modo de falar de uma comunidade, como se vestem, se relacionam e se comunicam com o restante da sociedade.

A definição de estereótipo "é o conjunto de informações e crenças relacionadas a categorias de objetos, reelaboradas em uma imagem coerente e constante, em condição de sustentar e reproduzir o preconceito diante dos objetos" (Mazzara, 1999, p. 14). Os estereótipos são mecanismos que podem gerar diversos tipos de preconceito, principalmente na perseverança de algumas crenças e atitudes que observamos na Tríplice Divisa entre os estados de MT, MS e GO, as quais estão relacionadas a grupos específicos, como os migrantes, e a objetos que acabam se estabelecendo na sociedade; na maioria das vezes, os estereótipos acontecem por falta de conhecimento.

Coelho *et al* (2010) comentam que os estereótipos acontecem de maneira consciente e nem sempre possuem valor negativo; alguns podem ser estigmatizados socialmente, como uma variação linguística; ambos só serão positivos ou negativos diante da conduta do falante. E continua pontuando que alguns falantes definem as variedades linguísticas, como os diviseiros, onde perceberam que falam variantes fora da norma culta, produções como "vô i", ou ainda, "é pra caba", mas mesmo tendo um julgamento de que seja feio ou errado, o próprio falante pode utilizar essa variante de maneira inconsciente. Acrescentamos que isso pode ser uma constatação de atitude linguística, porque convive em uma comunidade de fala em que a maioria usa dessa prerrogativa e acaba tomando para si, como uma identidade local, essa mesma variante.

Por meio das escolhas linguísticas, podemos conhecer o falante pelos seus gostos, crenças, convicções, assim como suas reações a determinados acontecimentos. Bem (1973)

pondera que os estereótipos são generalizações que nem sempre são verdadeiras, mas quando são consideradas como verdade universal, denominamos de estereótipos; sendo assim, o autor afirma que não se parte de uma experiência válida, mas sim de boatos gerados pelos nossos preconceitos de acrescentar que eles são usados para justificar um tratamento mesquinho, por fazermos julgamentos a pessoas e grupos de algo que eles nem compactuam. Bem conclui que:

> Os estereótipos são então crenças supergeneralizadas baseadas em um conjunto muito limitado de experiências [...] todos nós nos baseamos até um certo ponto em estereótipos para “empacotar” nossos mundos perceptual e conceptual (Bem, 1973, p. 21).

O referido psicólogo elenca os três fatores principais que compõem o sistema cognitivo de crenças: "o grau de diferenciação (estrutura vertical), a amplitude da base (estrutura horizontal) e a importância para outras crenças (centralidade)" (Bem, 1973, p. 25). O primeiro sistema é o grau de diferenciação ao deixarmos as nossas crendices com o passar do tempo; exemplo de que, ao amadurecermos, leva-nos à estrutura vertical, isso acontece quando as crenças recebem inferência quase que lógica, como, por exemplo, acreditar nos médicos devido à credibilidade da medicina.

A estrutura horizontal das crenças está direcionada por vários pilares silogísticos, ou seja, são várias crendices de dedução que podem sofrer alterações, ou simplesmente mudam sem uma lógica plausível. Já a centralidade pode ser constituída por crença estrutural horizontal ampla e uma vertical profunda; isso significa que a base é suficientemente ampla e altamente diferenciada. A crença centralizada é a nossa crença primitiva; afinal, essa não é passiva de mudança, e perder a fé nela, crença centralizada é como perder a sanidade. Exemplo disso é a religiosidade; geralmente, ela não é mutável, porém pode gerar outras crenças de estrutura vertical ou horizontal.

Compactuamos com Santos que a crença "seria uma convicção íntima, uma opinião que se adota com fé e certeza" (Santos, 1996, p. 8), onde não há necessidade de explicação e nem de entendimento; a crença simplesmente acontece, e com Bem, em que "as crenças de um homem formam a compreensão que tem de si mesmo e do seu meio" (Bem, 1973, p. 12), o fato de crer em algo ou em alguém fortalece a identidade da pessoa e faz com que ela manifeste as suas convicções e observe as crenças dos outros.

1.7 AS ATITUDES

As atitudes linguísticas são a maneira pela qual o falante demonstra as suas escolhas linguísticas, os seus pensamentos e sentimentos, os quais detectam as suas crenças; sendo assim, uma demonstração de suas convicções firmadas ao longo do tempo, transmitindo as crenças e seus valores morais, como também sociais.

Recentemente, observou-se no Brasil uma discussão política que ultrapassou os cenários legislativos[5]. Quando um eleitor se posiciona para defender um determinado partido por causa de suas convicções políticas, podemos presenciar um discurso sensacionalista; essa pessoa está demonstrando as suas atitudes e crenças, pois, ao usar de tal discurso, ela está se posicionando no papel em que acredita exercer dentro da sociedade. Ser ouvido ou ter o poder de manifestar-se é um exemplo de atitude linguística.

A psicologia social serve de aporte para os estudos sociolinguísticos, tendo em vista que ela observa a pessoa em seu comportamento, sendo como integrante ativo na sociedade ou sozinho, com influências geradas em curto ou médio prazo, em análise à personalidade que é criada conforme o falante vai interagindo com outras pessoas. Resumidamente, Jacumasso define atitudes linguísticas:

> Em termos mais comuns, uma atitude se aproxima a gostar (ou não) de determinados temas, grupos de pessoas, características pessoais e comunidades, elementos culturais e, obviamente línguas, dialetos e modos de falar (Jacumasso, 2018, p. 47).

Diante disso, a abordagem metodológica deste texto está de acordo com William W. Lambert e Wallace E. Lambert, os quais aplicaram vários testes para chegarem à seguinte conclusão:

> Uma atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecido em nosso meio circundante. Seus componentes essenciais são os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir (Lambert; Lambert, 1972, p. 77 e 78).

Ao usar o exemplo das escolhas políticas, percebemos que as atitudes são influenciáveis e influenciadoras. Uma pessoa pensa, cria suas próprias verdades ou convicções sobre a política; ao se relacionar com outras pessoas, de grupos sociais semelhantes ou diferentes do seu, se choca com outros pensamentos e sentimentos; a maneira com a qual essa

[5] Eleição presidencial de 2022 entre os candidatos Jair Messias Bolsonaro (PL) e Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

pessoa reage às adversidades ou até mesmo às semelhanças de ideias ou ideais fazem com que as atitudes sejam um discurso de intolerância, compreensão e talvez de ódio, onde se inicia alguns conflitos sociais.

Segundo Lambert e Lambert (1972, p. 78), "desenvolvemos nossas atitudes ao enfrentarmos ou ajustar-nos ao meio social e, uma vez desenvolvidas, emprestam regularidade aos nossos modos de reagir e de facilitar o ajustamento social." Ao se ajustar socialmente, nem sempre a pessoa está disposta a aceitar ou a compreender as escolhas dos demais; por isso, ela busca interagir no meio social onde encontra as mesmas ideias. Pode ser que, se essa pessoa estiver no início de suas atitudes, por exemplo, no tema político, ela possa deixar-se influenciar e tomar para si outras crenças; mas, se essa atitude já está estabelecida, é pouco provável que as experiências de outras pessoas possam afetar as suas próprias atitudes.

Os irmãos Lambert desenvolveram algumas técnicas para medirem as atitudes linguísticas, a fim de concluírem os graus de atitudes favoráveis ou desfavoráveis sobre determinados assuntos. No geral, não é fácil medir as atitudes linguísticas, devido a diversos fatores, e um deles é que a maioria das pessoas não se deixa transparecer para que o pesquisador tenha acesso às suas reais crenças e atitudes; além disso, essas atitudes podem mudar. Por isso, cabe ao pesquisador sociolinguista ou ao psicólogo ter a perspicácia para descobrir quais são as tendências, escolhas de pensamentos e sentimentos, sem deixar outro fator importante, a intuição, a qual é determinante para conseguir desempenhar a pesquisa; isso começa na escolha dos participantes. Portanto, a solução encontrada por Labov (2008 [1972]) foi observar os participantes em situações sociais especialmente criadas.

> A técnica dos falsos pares desenvolvida por Lambert (1967) é o instrumento básico agora amplamente utilizado para o estudo de reações subjetivas à linguagem. O princípio essencial que emerge do trabalho de Lambert é o de que existe um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem que são compartilhadas por quase todos os membros da comunidade de fala, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada da língua em questão. Essas atitudes não emergem de forma sistemática se a pessoa for questionada diretamente sobre os dialetos; mas se ela fizer dois conjuntos de julgamentos de personalidade sobre o mesmo falante usando duas formas diferentes da língua, e se não perceber que é o mesmo falante, suas avaliações subjetivas da língua emergirão como diferenças nas duas pontuações. (Labov, 2008 [1972], p. 176).

A proposta apresentada foi medir as atitudes linguísticas por meio de julgamentos sociais. Em Montreal, no Colégio Anglo-Canadense, alunos foram convidados a escutarem dez gravações de um mesmo trecho em línguas inglesa e francesa, e pediu-se para não se abstraírem quanto ao idioma, mas que atentassem às características pessoais de cada leitor. No entanto, cinco pessoas leram tanto em inglês, quanto em francês ao estilo canadense, o que resultou "foi

que os disfarces ingleses dos oradores foram mais favoravelmente avaliados numa série de características do que os disfarces franceses dos mesmos oradores" (Lambert; Lambert, 1972, p. 84).

Aos alunos canadenses, as suas atitudes foram de mais aceitação aos leitores da língua inglesa ao considerarem mais atraentes, mais altos, mais inteligentes, mais seguros de si, e mais amáveis; caracterizou-se que houve uma aceitação de atitude por conveniência, ou notaríamos dizer, por assimilação, tendo em vista que a característica percebida em relação aos leitores franceses foi o senso de humor.

O mesmo teste foi apresentado aos alunos do Colégio Franco-Canadense e obteve o mesmo resultado: os oradores de língua inglesa possuem boa aparência, estatura, liderança, inteligência, entre outras qualificações não evidenciadas nos oradores franceses. Lambert e Lambert (1972) concluíram que os próprios franceses se sentem mais importantes e de maior valor quando falam a língua inglesa em seus grupos sociais e destacam: "as atitudes dos membros de um grupo minoritário são afetadas pelos contatos com grupos que são considerados de posição social mais elevada" (Lambert; Lambert, 1972, p. 85).

Os franceses, ao optarem por usarem da língua inglesa em um país onde a língua materna é essa, sendo assim, a mais falada e prestigiada, para que não fossem estigmatizados por usarem outro idioma, as suas atitudes linguísticas são desfavoráveis até na percepção que eles mesmos têm sobre si mesmos, ao considerarem que um orador inglês tenha características mais positivas do que um orador francês.

Os ingleses, ao julgarem as características positivas dos oradores de sua língua, fortalecem as suas atitudes linguísticas em relação ao seu próprio falar; sendo assim, possuem uma visão favorável. Destacamos que a característica percebida pelos canadenses foi a de que os oradores franceses possuem senso de humor, característica essa não muito familiarizada a essa cultura, mas, estranhamente, percebida pelos ingleses. Não ficou claro se de forma pejorativa, pois, conforme citado, quando um grupo, no caso os franceses, está em uma comunidade linguística onde o maior grupo é de nascidos ou falantes ingleses, a tendência é que suas crenças sejam escondidas ou apagadas para que, nesse local, predominantemente inglês, os franceses sofram menos preconceito linguístico ou tenham uma visão desprestigiada sobre o seu idioma. Assim, esse texto foi usado posteriormente pelos linguistas para entenderem o comportamento linguístico.

Após a exposição sobre a aplicabilidade de uma pesquisa de atitudes, podemos dar outra definição de atitudes linguísticas. Para Bem (1973, p. 29), "Atitudes são os gostos e as antipatias. São as nossas afinidades e aversões a situações, objetos, grupos ou quaisquer outros

aspectos identificáveis do nosso meio, incluindo ideias abstratas e políticas sociais. " Essa definição esclarece o nosso comportamento de acordo com os gostos e as antipatias que temos sobre determinado assunto/pessoa; estão enraizadas nas nossas emoções; por isso, reagimos de acordo com as influências que são exercidas sobre nós. Exemplo disso é como os franceses se sentem ao optarem por falarem inglês em busca de aceitação, como no estudo apresentado.

Lambert e Lambert (1972), Oppenheim (1992) e Moreno Fernández (1998) concordam que as atitudes linguísticas possuem três componentes: cognitivo, afetivo e comportamental, e Bem (1973) acrescenta mais um fator, o social. Isso porque, para ele, as atitudes linguísticas começam no cognitivo, como o falante pensa, idealiza e reage sobre determinado assunto ou pessoa. O que fala representa a construção cognitiva que ele mesmo criou, ou seja, o falante pensa e o seu pensar é refletido na fala, e ao produzi-la, é possível que outro aspecto seja reproduzido imediatamente: o afetivo.

> [...] o cognitivo, no qual incluem as percepções, crenças e estereótipos presentes no indivíduo; o afetivo, referindo-se emoções e sentimentos, e o de comportamento, que é descrito como a tendência a agir e reagir de uma determinada maneira caminho em relação ao objeto (López Morales, 1993, p. 233).

Certamente, o aspecto afetivo está muito relacionado ao discurso que transparece as crenças desse falante; o que acredita, como sente e percebe os acontecimentos ao seu redor, os seus gostos e antipatias, o quanto isso o motiva ou o comove, são reproduções de sua identidade e preferências. Aguilera (2008) concorda com a percepção de Moreno Fernández (1998) de que a atitude linguística é uma conduta, uma postura que nos remete ao comportamento. Não obstante, Bem mostra que as atitudes "têm raízes nas nossas emoções, no nosso comportamento e nas nossas influências sociais que são exercidas sobre nós. Mas também repousam em bases cognitivas" (Bem, 1973, p. 29).

Ao defendermos a ideia de que o porte de armas de fogo deve ser liberado para toda a sociedade no Brasil, estamos demonstrando a nossa convicção, ou melhor, a nossa crença do que consideramos correto e favorável à nossa atitude de beneficiar-nos dessa liberação; os motivos pelos quais nos motivam a crer, logo, são construídos pelos componentes cognitivos.

Outro exemplo importante para a compreensão do componente cognitivo utilizando a linguagem é que o pensamento e a fala são distintos; a produção da palavra falada começa no pensamento, resultando na linguagem. Quando citamos a palavra "felicidade", diferentes conceitos são criados na mente a depender da experiência que cada pessoa possui sobre felicidade.

Bem (1973) continua a defender que as atitudes são influenciadas pelos fatores cognitivos, emocionais e sociais, e levantam a questão de que as mudanças podem acontecer a partir do comportamento. Voltando ao exemplo, o indivíduo que é a favor da liberação da arma de fogo pode mudar seu pensamento cognitivo e, assim, o seu comportamento, por receber influências diferentes que o fazem mudar de atitude. Para os dois autores, essa mudança de comportamento os levou a criar a teoria da autopercepção.

A teoria da autopercepção "prevê que as atitudes devem seguir o comportamento" (Bem, 1973, p. 99) e, ao observar uma pessoa, é possível perceber como ela se sente, por meio de como ela age. Para constatar essa teoria, Bem, juntamente com dois dos seus alunos, pagaram voluntários para receber choques elétricos em suas mãos; o que os participantes não sabiam é que a intensidade dos choques era a mesma, movidos pelo questionamento se o indivíduo usará do seu próprio comportamento como guia para inferir o desconforto do choque? Após receber cada choque, alguns mais longos e outros curtos, era informado que ele tinha duas opções, fugir ou tolerar, e em uma escala até sete medir o seu desconforto.

Um dos resultados obtidos mostra que:

> Verificamos também que o sujeito tinha que acreditar dispor de uma escolha entre tolerar ou fugir; se lhe tivéssemos dito para apertar o botão de fuga para medirmos seu “tempo de reação”, quando o choque fosse apresentado, ele não teria usado seu comportamento como guia para inferir o desconforto do choque (Bem, 1973, p. 101).

Entendemos que, se o sujeito que participou da pesquisa fosse induzido a apertar ou não o botão para que cessasse o choque, o seu comportamento não estaria sendo guiado para o quanto ele poderia suportar; apesar de constatarem que, mesmo persuadido a desistir, alguns suportaram os choques mais longos, mesmo tendo a mesma intensidade dos choques mais curtos. Outro fato importante constatado é que um indivíduo observava o comportamento do outro para inferir os estados internos do outro; sendo assim, dependia, entre outros fatores, de como o outro estava reagindo para que pudesse reagir também, apertar ou não o botão; por isso, as atitudes linguísticas são ações e reações, são as escolhas que fazemos.

Bem mostra que observamos o comportamento dos outros e de nós mesmos para refletirmos sobre as nossas próprias atitudes:

> Não só utilizamos o comportamento de um indivíduo como guia para inferir suas crenças e atitudes, mas tomamos em consideração também as circunstâncias que parecem ser responsáveis pelo seu comportamento (Bem, 1973, p. 102).

Nesse teste, o fator comportamento foi entendido como uma atitude, porque, ao ver o outro suportando a dor por mais tempo, motivava o outro a suportar mais ainda, tendo em vista que, em nossas escolhas linguísticas, somos persuadidos por diversos fatores a nos impulsionar a mudar, ou a preferir ou adquirir alguns gostos ou comportamentos. Isso mostra que as atitudes linguísticas começam no cognitivo.

Ainda nesse raciocínio de que as atitudes linguísticas são refletidas no comportamento, Moreno Fernández (1998) salienta que as atitudes psicossociais, ou seja, as atitudes em processo de mudança, acontecem de acordo com os acontecimentos vividos, fazem com que não seja perceptível onde começa e termina uma atitude, levando em consideração que as experiências fazem com que o falante tome posicionamentos até em relação às mudanças, seja do grupo social ou comunidade de fala como citado, ou individual.

As atitudes mostram como a língua ou as línguas são reproduções da conduta do falante, porque, ao falar, a língua torna-se uma expressão dos pensamentos e sentimentos que são utilizados para que a opinião do falante seja conhecida; com isso, as suas preferências podem gerar diferentes sentimentos em quem fala e quem ouve. Geralmente, ao conhecer uma língua, temos julgamentos positivos ou negativos sobre a língua do outro, o que nos leva a defini-la com estranheza, tendo em vista que, quando surge alguma novidade na reprodução da fala, algumas pessoas mais conservadoras podem sentir-se inerentes às novidades linguísticas que vêm surgindo, fazendo que aconteça um desprezo ou até um preconceito.

A língua é uma manifestação do comportamento individual ou de um grupo; por isso, "As atitudes linguísticas representam, assim, um componente fundamental da identidade linguística do falante e possibilitam a leitura e compreensão do próprio comportamento linguístico" (Corbari, 2012, p. 115). A autora segue comentando que a língua é o que limita o "nós" e os "outros", ou seja, o "nós" representa um pertencimento, empatia e aceitação; os "outros" podem gerar desconfiança, descontentamento e preconceito, sendo que a língua do outro não representa para nós a nossa identidade, as nossas crenças e histórias, assim como os benefícios que temos ao gerar sentimentos de afeto porque estamos acostumados ao nosso grupo.

Calvet comenta sobre os comportamentos linguísticos:

> Uns se referem ao modo como os falantes encaram sua própria fala, outros se referem às reações dos falantes ao falar dos outros. Em um caso, se valorizará sua prática linguística ou se tentará, ao invés, modificá-la para conformá-la a um modelo prestigioso; no outro, as pessoas serão julgadas segundo o seu modo de falar (Calvet, 2002, p. 69).

Esse julgamento é uma prática preconceituosa que é estabelecida, em maior ocorrência, em atitudes que geram desconforto pelo modo de falar, o que leva a língua a passar por transformações devido a um modelo prestigioso que a sociedade estabelece de forma a extinguir as línguas minoritárias e os dialetos locais e, com isso, apagam-se as atitudes, as crenças linguísticas, como também as marcas e variações linguísticas das comunidades de fala onde o falar desprestigiado recebe críticas acentuadas por não apresentarem valor ao grupo maior de falantes.

O trabalho de Maria Nilse Schneider (2007) sobre as atitudes e concepções linguísticas e sua relação com as práticas sociais de professores em comunidades bilíngues alemão-português do Rio Grande do Sul mostra como a imposição de poder estabelecida pelo Estado para apagar a língua alemã e estabelecer no território a conduta de ser falado a língua portuguesa, proibindo o bilinguismo nas escolas, o que favoreceu o desenvolvimento da língua estrangeira entre as famílias.

Schneider (2007) mostra que a prática da língua alemã na sala de aula estava passando por um processo de apagamento gerado por alguns fatores sociais e também pela escolha das professoras em fazerem uso da língua de maior prestígio, a língua portuguesa, mesmo tendo a língua alemã como a mais usada pela maioria dos professores e dos alunos. Em contrapartida, há professoras que estão atentas à identidade do aluno que chega na escola tendo o alemão como língua materna e não proíbem o seu uso, permitindo que as identidades de cada um sejam valorizadas, pois elas demonstram empatia no processo de ensino-aprendizagem.

Oliveira (2020), em sua pesquisa sobre as atitudes linguísticas presentes na fala dos migrantes residentes em Costa Rica – MS, relata sobre uma participante nascida na Região Sul do Brasil, a qual expôs o preconceito linguístico que vivenciou ao chegar na escola e apresentar dificuldade em falar a língua portuguesa, pois a língua alemã era falada em sua casa e pelos contatos parentescos; a participante foi martirizada pela professora porque não permitia que a aluna falasse alemão dentro da sala.

Os relatos apresentados nos remetem a Moreno Fernández (1998) ao comentar que, quando o falante sai da comunidade de fala familiar e passa a frequentar outra comunidade, é comum que predomine a fala desse novo grupo, o que o distancia da fala de origem dos pais; sendo assim, novas atitudes linguísticas são inseridas.

1.8 PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Segundo o dicionário Michaelis, preconceito é um "Conceito ou opinião formados antes de ter os conhecimentos necessários sobre um determinado assunto". Usar de preconceito implica em desfavorecer algo ou alguém sem ter conhecimento prévio, geralmente descendente de antipatia, na qual acaba causando constrangimentos a quem sofre o preconceito.

Ainda, segundo o mesmo dicionário, mas referindo-se ao significado proveniente da Sociolinguística, preconceito é "Atitude emocionalmente condicionada, baseada em crença, opinião ou generalização, determinando simpatia ou antipatia para com indivíduos ou grupos". O preconceito começa quando a pessoa emite opiniões sobre indivíduos ou grupos que pensam, agem ou possuem costumes diferentes do seu, ou quando as questões sociais e raciais não dialogam com o que a pessoa tem como verdade para si, as crenças.

Esses conflitos entre emitir uma opinião sem conhecimento ou usar da antipatia para julgar determinadas pessoas ou situações nos levam a pensar como o valor do outro pode ou não ser aceito, impregnado em uma sociedade onde as diversidades não são aceitas, compreendidas ou toleráveis.

Cometer preconceito diz mais sobre quem pratica o preconceito do que quem recebe; isso está visível por ser uma manifestação das crenças e atitudes que as pessoas rotulam como opiniões, as quais, muitas vezes, tentam justificar as acusações contra "o diferente" por ser apenas o modo de pensar.

Segundo Krug (2004), a identidade do indivíduo ou grupo é prestigiada quando o seu uso é constante; porém, quando esta variedade linguística está fora do grupo, ou seja, fora do local onde geralmente é utilizada, ela pode ser estigmatizada e, em muitos casos, vista como algo negativo. Contudo, ao sair do grupo, o falante pode ter sentimentos de medo e vergonha por usar de variedades minoritárias ou pouco usadas pelas demais pessoas.

Por isso, percebemos que existe uma tendência de achar que as verdades pessoais são mais verdadeiras do que os que os outros acreditam; atos que podem ser passados de uma geração para outra, caso o ciclo não seja quebrado. A sociedade tem presenciado pessoas praticando vários tipos de preconceitos como um ato de defesa.

O preconceito linguístico é um dos mais fortes vivenciados no Brasil; o modo como uma palavra é pronunciada, a escolha do repertório, a tonalidade da voz são fatores que geram incômodo pelo simples fato de ser diferente. Ao ter contato com a fala de duas regiões distintas, é provável que haja julgamentos positivos e negativos, ou ainda que uma variante ou língua

seja mais prestigiada que a outra. O que torna essencial na diversidade de falas é justamente as diferenças.

Bagno (2007) cita a falta de luta para combater o preconceito linguístico que está exposto nos rádios, nos programas da televisão, no atendimento do caixa do supermercado, o aluno novato da escola; em várias situações podemos perceber certa vulgaridade, ou talvez mais precisamente, ignorância, em titular que isso é "certo" ou aquilo é "errado"; poderíamos também acrescentar o vago pensamento que "o que eu falo está correto porque sou eu quem estou falando".

Bagno (2007) levanta o seguinte questionamento relevante para este estudo: porque determinada pronúncia é mais prestigiada do que outra, a depender de quem é o falante? O exemplo que o autor traz é a pronúncia da palavra OITO pela região Sudeste comparada à pronúncia da mesma palavra pelos nordestinos, pois o fenômeno linguístico é o mesmo "palatalização —, só que o elemento provocador dessa palatalização, o [y], está antes do [t] e não depois dele" (Bagno, 2007, p. 42), sendo assim, por que quando um carioca faz a pronúncia ninguém acha engraçado ou feio e quando a mesma palavra é pronunciada por um baiano é feia ou errada?

Segundo o autor, a resposta "não é a língua, mas a pessoa que fala essa língua e a região geográfica onde essa pessoa vive" (Bagno, 2007, p. 38), sendo assim, dizer que o falante da região Nordeste possui menos prestígio do que qualquer outro falante de qualquer região do Brasil é, no mínimo, um preconceito contra a própria identidade brasileira, ao estabelecer um desprestígio linguístico, geralmente por uma classe econômica superior, não desvincula o povo nordestino do importante papel que desempenha em todos os setores brasileiros.

Dizer que gosta de ouvir um sulista conversar porque "fala o português correto" e o nordestino "tem a fala feia", só mostra que a língua está sendo alvo de estigma e sendo ridicularizada; assim, o resultado é exclusão.

> No português do Brasil, o uso de tu restringe-se ao extremo Sul do país e a alguns pontos da região Norte, ainda não suficientemente delimitados. Em quase todo o território brasileiro, foi ele substituído por você como forma de intimidade. Você também se emprega, fora do campo da intimidade, como tratamento de igual para igual ou de superior para inferior. (Cunha; Cintra, 2001, p. 292).

Se o mesmo fenômeno (o uso da variante "tu") é encontrado no Norte e no Sul do país, por que um é feio e o outro é o correto? Por que estigmatizam o falar correto está predestinada a somente uma região do Brasil? O falar correto é pela cor da pele? por ser de um estado rico ou outro pobre?

Na pesquisa de Oliveira e Souza [6](2021), ao questionarem os costa-riquenses sobre qual é a língua de maior prestígio no município, a paulista, seguida da sulista, são as consideradas mais corretas. Já a própria fala ficou em terceiro lugar, mostrando que a fala de maior prestígio não é a mesma que a maioria dos costa-riquenses usam.

O preconceito linguístico acontece, também, por julgamentos quanto ao regionalismo, isto é, pessoas que falam ou escrevem conforme o dialeto da sua região, o qual diferencia da norma padrão, estabelecida pelas regras gramaticais. O parâmetro de comparação entre o que a norma padrão apresenta e como determinada palavra é escrita ou pronunciada, por sofrer alterações, a depender da variedade linguística local.

> Não há nenhuma evidência linguística que permita afirmar que um dialeto, variedade ou registro é mais “expressivo”, mais “correto”, mais “lógico” que qualquer outro: todos eles são sistemas linguísticos igualmente complexos, lógicos e estruturados (Soares, 2017, p. 63).

Como vimos, nenhum julgamento está acarretado de razão; o que temos são manifestações de variedades que não expressam nada mais que a identidade de cada falante, e isso não está alinhado ao desmerecimento do que cada um constituiu para si como posicionamento, conduta e crença. Em concordância, Botassini expõe que o "prestígio e desprestígio – que levam ao preconceito não só em relação à língua que o outro fala, mas também em relação à comunidade desses falantes" (Botassini, 2015, p. 102).

> Mas os preconceitos, como bem sabemos, impregnam-se de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo. É necessário um trabalho lento, contínuo e profundo de conscientização para que se comece a desmascarar os mecanismos perversos que compõem a mitologia do preconceito (Bagno, 2007, p. 62).

O autor acrescenta que muitos mitos são criados ao redor do preconceito, mitos esses que parecem não ser combatidos. Por isso, nas diversas manifestações de preconceito, o linguístico parece estar estagnado; poucos falam e debatem sobre isso, diferente dos outros preconceitos que são apresentados, principalmente na mídia.

Não existe uma campanha de valorização de como nós falamos, não existe uma divulgação para que a nossa identidade regional seja valorizada, e também não há um movimento nos municípios para que a cultura de fora seja respeitada.

---

[6] Ver artigo Atitudes Linguísticas no Falar dos Costarriquenses. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/2120 >

Bagno comenta que seria interessante "a destruição dos velhos mitos, na elevação da autoestima linguística dos brasileiros, na divulgação do que há de realmente fascinante no estudo da língua" (Bagno, 2007, p. 63) e, nesse ponto, retornamos ao parágrafo anterior: por que existe um desprestígio sobre a nossa própria língua? Não entraremos nas questões históricas que possam responder a esta pergunta, mas é preciso debater e traçar metas para que o preconceito linguístico seja combatido.

1.9 PESQUISAS SOBRE CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS DESENVOLVIDAS NO BRASIL

Embora ainda sejam poucas as pesquisas sobre as crenças e atitudes linguísticas desenvolvidas no território brasileiro, alguns autores contribuem a expansão das mesmas com o objetivo dos falares dos brasileiros sejam analisados por outro aporte além da linguística, mas abordando as suas crenças, a origem da identidade dos informantes, os contextos sociais e históricos, a variação linguística, os costumes e cultura, as quais dão origem às atitudes linguísticas.

A maioria das pesquisas sobre as atitudes linguísticas está localizada na Região Sul do Brasil, provavelmente por uma questão de grande abrangência fronteiriça e várias etnias de interesse das universidades dessa região; outros trabalhos estão sendo realizados para que as demais comunidades linguísticas sejam conhecidas. Abordaremos alguns estudos brasileiros a partir do ano 2000.

Bisinoto (2000) apresenta sua dissertação sobre as atitudes linguísticas em Cáceres – MT abordando o processo migratório, tendo em vista que, com a chegada dos imigrantes, principalmente os bolivianos, o resultado nos mostra que tanto os nativos cacerenses quanto os imigrantes desprestigiam a variante local, apontado grande presença de preconceito linguístico. Bisinoto elenca algumas peculiaridades presentes na fala dos nativos cacerenses, as quais foram observadas por alguns imigrantes que acham a fala local curiosa ou engraçada.

Apesar de muitas pesquisas detectarem diferenças entre as produções linguísticas de homens e mulheres, Bisinoto (2000) não presenciou esse fato. Sobre as atitudes, a autora percebeu que existe um autopoliciamento e autocensura dos falantes nativos em situações de comunicação verbal; por exemplo, os próprios cacerenses não querem ser confundidos com os bugres, remetendo novamente ao preconceito linguístico e estigmatização. O processo migratório trouxe benefícios, mas os conflitos, não somente no fator linguístico, como também social, mostram que o cacerense está perdendo a sua fala original.

Maria Nilse Schneider (2007), em sua tese sobre as atitudes e concepções linguísticas (crenças e preconceitos linguísticos) e sua relação com as práticas sociais de professores em comunidades bilíngues alemão-português do Rio Grande do Sul, discute sobre as atitudes e concepções linguísticas em relação: à alternância de HR (hunsrückisch) e português; à proibição e ao uso do alemão em aula, ao "sotaque alemão" e a neutralização vibrante. O processo migratório ocorrido em Tupandi, principalmente após sua emancipação ocorrida em 1988, acentuou o uso da língua portuguesa, dispensando o uso da língua alemã que predominava na cidade, sendo a principal língua falada pelas famílias e nas escolas.

Com isso, o fator social foi importante para esta comunidade, tendo em vista que os primeiros imigrantes não tinham muito acesso à língua portuguesa culta; um dos fatores é o seu isolamento geográfico, acabou fortalecendo a comunicação e, HR em sua alternância com o português; depois, as atitudes linguísticas passaram por mudanças drásticas ao cumprirem com a proibição de usarem a língua alemã nos lugares públicos, sobretudo nas escola, vivenciando a repressão linguística do Estado Novo, porém, fortalecendo a língua estrangeira nos laços familiares (Schneider, 2007).

A pesquisa de Corbari (2013) aconteceu na fronteira do Paraná com a Argentina, com a intencionalidade de investigar se a situação de línguas em contato gerava atitudes linguísticas diferenciadas nas duas comunidades, em virtude de suas realidades sócio-históricas e geográficas peculiares e o plurilinguismo.

Em Santo Antônio do Sudoeste, a língua espanhola ou o portunhol tem acontecido devido ao contato das novas gerações adquirindo bilingualidade, mesmo tendo a língua portuguesa como materna; a questão fronteiriça possibilita mudança de comportamento nas gerações mais novas para a aquisição de uma língua adicional.

O trabalho de Sabadin (2013) sobre crenças e atitudes linguísticas nos municípios fronteiriços de Foz de Iguaçu (BR), Puerto Iguazú (AR) e Ciudad del Este (PY) mostra "a língua falada em contexto de fronteira as particularidades sociais, regionais, culturais e históricas de cada localidade" (Sabadin, 2013, p. 8). A mistura de língua nas três comunidades linguísticas estudadas resulta de uma comunicação que, às vezes, acontece por meio de gestos, fato que aproxima as pessoas, fortalecendo o vínculo de amizade. Por outro lado, esse aglomerado de línguas, segundo alguns informantes, acontece por uma acomodação linguística, tendo em vista que essa variedade propicia o surgimento de novas línguas e nem sempre as pessoas se comunicam com a intenção de que o outro entenda. Outra participante da pesquisa traz uma informação importante; ela que fala muitas línguas considera esse fato "abrir a mente", mas é

na sua língua materna, no caso o guarani, que ela expressa as suas crenças e mostra o que sente e pensa verdadeiramente.

Sabadin (2013) ainda mostra que, segundo as suas análises, existe a necessidade de ser multilíngue para aprender a falar correto, consequentemente ter mais prestígio social e, assim, atender a necessidade de se comunicar na rua e ter contato com os turistas. "O falante se sente mais prestigiado perante os outros, pela crença de que uma língua pode ser mais importante ou ter maior destaque social do que a outra, pelo grupo que a utiliza" (Sabadin, 2013, p. 164). Diante das informações, a língua portuguesa é considerada a mais difícil, porém dela surgem dialetos, mas a língua de prestígio é a inglesa, que, do ponto de vista de alguns informantes, ela deveria ser ensinada nas escolas.

Eurenice Gimenes da Silva (2016) escreveu sobre as atitudes linguísticas da interação entre o falar boliviano com o falar cacerense devido à proximidade da fronteira entre Cáceres e a Bolívia, fazendo com que a cidade mato-grossense apresente um vasto campo para as pesquisas linguísticas. Na época da escrita da dissertação, a maior concentração de bolivianos no Brasil era em São Paulo e, em segundo lugar, em Cáceres; o motivo da imigração para estes municípios era a extrema pobreza.

As entrevistas aconteceram nas lojas em que os bolivianos eram donos e os funcionários brasileiros, fechando com oito nativos e oito imigrantes, sendo selecionados de acordo com a idade, sexo e escolaridade. Os cacerenses, ao serem questionados sobre a sua própria fala, afirmaram que o sotaque é muito forte; um informante disse que a fala dos pobres é mais “arrastada”, enquanto a fala dos ricos possui a influência dos estudos. Sobre a fala dos bolivianos, a característica mais marcante é a rapidez na pronúncia, pois falam misturado.

Os bolivianos apresentam atitudes positivas em relação à língua falada em Cáceres, dizendo que esta é bonita; em contrapartida, os cacerenses acreditam que a língua mais prestigiada realmente é a portuguesa. O estereotípico de que quem estuda fala mais correto e não tem sotaque também está presente na percepção dos bolivianos; na realidade, estão fazendo uma análise de quem fala e não do que fala.

A tese intitulada *Multilinguismo e preconceito na fronteira Porã: um estudo sobre atitudes e crenças linguísticas* de Ana Helena Rufo Fiamengui (2017) ocorrido na fronteira das cidades de Ponta Porã (MS-BR) e Pedro Juan Caballero (PY)[7], usou o teste de falsos pares e das crenças aplicados em dez escolas, cinco em cada país, com total de 324 participantes da pesquisa, adolescentes de idade igual ou superior a 14 anos. A autora mostra a dificuldade dos

[7] Separadas apenas pela Avenida Internacional, fazendo que seja denominada por cidades-gêmeas.

paraguaios estudantes em Ponta Porã em aprender a língua portuguesa, porque em seus lares, a língua predominante é o guarani. Outra constatação é o fato de existir preconceito em relação aos falantes da língua guarani, pois predominantemente são das classes médias e baixas; o que mais dificulta a inserção das crianças paraguaias em aprenderem o português é o fato dos professores brasileiros não estarem preparados para lidar com uma língua que seja diferente da sua materna, fazem com que eles mesmos não respeitem a identidade do aluno, que são obrigados a serem alfabetizados em um idioma que não dominam, tratando-os com indiferença.

> A elaboração do teste de atitudes baseou-se na técnica dos falsos pares desenvolvida por Lambert *et al*. (1960), que permite coletar informações dos respondentes de maneira indireta, a partir do julgamento da voz de um mesmo informante falando línguas diferentes com base numa lista de atributos previamente organizados. Para tanto, obtivemos um total de dez gravações de fala de três informantes trilíngues e uma voz preenchedora, representativa do guarani indígena, todas relacionadas a um texto previamente entregue, para garantir que não fosse o conteúdo o referencial da análise. Para a constituição do teste de crenças, em que os alunos refletem explicitamente sobre questões relacionadas às línguas, utilizamos entrevistas gravadas anteriormente para extrair delas as afirmações que muito provavelmente circundam o senso comum (Fiamengui, 2017, p. 248-249).

Segundo constatou a autora, a língua estigmatizada é o guarani, a de nível intermediária é o espanhol e a de prestígio é a portuguesa; diante destes dados, independente do país, provavelmente a "língua portuguesa é mais prestigiosa pelo fato de brasileiros terem posições mais privilegiadas socioeconomicamente e que requeiram níveis mais elevados de estudos" (Fiamengui, 2017, p. 249). Em relação às crenças, concluiu-se que o português e o espanhol são considerados mais bonitos, mais usados e menos alvo de preconceito; já o guarani é desprestigiado não só na escola, onde há adolescentes que escondem saber falar o guarani e os próprios pais estigmatizam essa língua, assim como a sociedade.

A dissertação de Drielli Laiza Matozo (2018) apresenta as crenças e atitudes linguísticas de ítalo-descendentes no contato português/talian: contexto urbano e rural de Chapecó – SC, as metodologias abordadas são a Dialetologia Pluridimensional e Relacional. A pesquisa está inserida no *Projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (ALCF)*, tem como objetivo central desenvolver os fundamentos metodológicos necessários para a construção de uma base de dados adequada para um atlas linguístico-contatual das línguas minoritárias com o Pt.-RS na região Oeste Catarinense (Horst; Krug; Fornara, 2017).

Matozo (2018) demonstra preocupação em relação às línguas minoritárias que acabaram se perdendo com a obrigatoriedade da língua portuguesa ser falada em lugares públicos. Assim, muitos pais não ensinam os seus filhos a falarem a língua materna familiar por medo de serem martirizados, fazendo com que várias línguas fossem se perdendo, como

também, apenas as gerações de pessoas de mais idades ainda fazem o uso delas. "Manter uma língua viva é preservar um patrimônio imaterial imensurável, pois, junto com a língua, preserva-se a cultura, as tradições e costumes de um povo" (Matozo, 2018, p. 17). Interessante destacar que, nesta pesquisa, a maioria dos filhos aprenderam a falar italiano porque os pais só sabiam falar essa língua; no entanto, os filhos aprenderam o português na escola.

A pesquisa foi realizada em duas partes, abrangendo informantes da zona rural e urbana de Chapecó; o uso do *code-switching* foi percebido, tendo em vista que algumas pessoas variam entre o falar português e o italiano, mesmo sendo uma mistura, nem sempre correta, não sentem vergonha deste fato.

A pesquisadora concluiu que, na zona rural, o uso do italiano ainda é recorrente; porém, a comunidade urbana utiliza mais a língua portuguesa; fato que, devido ao deslocamento rural e por terem menos contatos linguísticos externos e por conviverem com pessoas que também falam o *talian*, o uso do português acaba sendo mais recorrente na zona urbana. A primeira faixa etária pesquisada, de 18 a 36 anos de idade, demonstrou atitudes positivas ao uso do *talian*, embora muitos não falem, mas compreendem; os laços familiares fazem com que o *talian* ainda seja usado, talvez como uma forma de resistência.

Rodnei Eloi da Silva (2019), em seu estudo sobre a aldeia Lagoinha e suas atitudes linguísticas frente ao bilinguismo entre as línguas terena e portuguesa numa perspectiva sociolinguística. O autor mostra sua preocupação com o apagamento da sua língua materna Terena devido aos fatores externos que acontecem desde a colonização do Brasil em que o branco quer obrigar o índio a fazer uso da língua portuguesa. Ao serem questionados sobre qual língua mais gosta de falar, a maioria dos terenas respondeu a língua portuguesa, conflitando com a sua língua de origem, apesar de que a justificativa mais usada é porque falam pouco ou não sabem falar outra língua.

Parece constar que não existe uma motivação para que se aprenda a falar a língua Terena, o que nos leva a crer que, com essa escolha linguística, as crenças e as atitudes linguísticas dessa comunidade de fala estão transformando-se e adquirindo uma nova língua que índios consideram o português mais fácil, talvez por existir maior comunicação entre eles e a comunidade externa nessa língua.

A tese *Crenças e atitudes linguísticas de professores de língua portuguesa em Roraima e a relação com sua formação e suas práticas pedagógicas* defendida por Martins (2019) relata o preconceito linguístico que acontece em várias áreas sociais em Roraima; a escolar é uma delas, sobretudo em relação às variações diatópicas estigmatizadas (a variedade maranhense e a fala de imigrantes venezuelanos).

Fungueto (2021) desenvolveu sua pesquisa sobre as manifestações linguísticas de falantes masculinos residentes em Guaíra – PR, localidade que faz fronteira com o estado de Mato Grosso do Sul e a República do Paraguai, região propícia para encontrarmos várias etnias e culturas diferentes, assim como dialetos peculiares.[8]

Os informantes da tese reconhecem que a fala de Guaíra é um pouco diferente, sendo mais "um português meio arrastadinho", tendo “um sotaque carregado”, sobretudo na produção fonética do /r/, devido às influências das colônias de falas de paraguaio, espanhol, guarani, japonês, italiano, árabe e alemão; a maior influência é a mistura do espanhol com o guarani, formando o dialeto local Jopará ou guarani paraguaio. Com as muitas influências linguísticas, mesmo tendo origem estrangeira, como o árabe, os mais novos vão se apropriando de outras línguas e deixando de falar as línguas das heranças familiares.

Angelyna da Rocha Mello (2022) apresenta o trabalho *Crenças e Atitudes Linguísticas no falar de Fortaleza: elevação das vogais médias pretônicas* possui o objetivo central de buscar descrever as crenças e atitudes linguísticas de falantes fortalezenses e não-fortalezenses, representantes de dialetos diversos, em relação ao uso das vogais médias /e/ > /i/ e /o/ > /u/, as quais concorrem em posição pretônica.

A autora certificou-se que, independentemente das variantes de sexo, faixa etária e escolaridade, os fortalezenses possuem atitudes linguísticas positivas sobre o seu próprio dialeto, sobretudo na produção das variantes <e> e <o>. “O mesmo estudo sendo realizado no contexto da fala culta revelou no monitoramento estilístico que o fator masculino privilegia o alteamento, enquanto o fator feminino intimida seu uso” (Mello, 2022, p. 34).

Sem demora, também relacionamos as variantes de sexo, faixa etária e escolaridade quanto às atitudes linguísticas positivas ao citarmos os participantes da Tríplice Divisa pesquisada; segundo eles, falar as variantes não formais, ou seja, de acordo com a norma culta, não apresenta, necessariamente, um problema, pois são produções da língua em movimento, e estes fatores não apresentaram como determinantes nas escolhas dos diviseiros.

Conforme pesquisas apresentadas, as crenças e as atitudes linguísticas estão relacionadas às escolhas dos participantes, o que demonstra a identidade e os valores que cada um possui; por isso, o resultado das pesquisas é de valorização às particularidades que foram constatadas. Dessa forma, anunciamos o próximo subtítulo sobre o preconceito linguístico, este que ainda está presente na sociedade e nas interações pessoais.

[8] A informação desta tese de que a fronteira do estado de Paraná com o estado de Mato Grosso está equivocada, em 1977 aconteceu a emancipação criando um novo estado, Mato Grosso do Sul, o qual faz divisa com o Paraná.

Conheceremos, na próxima seção, um breve contexto histórico dos municípios que compõem a Tríplice Divisa dos estados de MT, MS e GO. A história é importante para entendermos quais são os contextos históricos e culturais que contribuíram para a formação linguística e as identidades dos diviseiros.

2 ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS DA TRÍPLICE DIVISA – MT, MS E GO

> "*Por ali tinha uma luz qui ficava andando e às vezes acompanhava as pessoas e as pessoas tinham muito medo e tal, mas ninguém sabia o que qui era, aí corria muitas histórias qui era não sei quem qui tinha morrido, eu não me lembro muito bem não, eu não sabia si eles contavam só pra genti ficar com medo, coisa assim*. " **P34MFCS**

A Tríplice Divisa — e não fronteira, por não se tratar de países — constitui-se como um ponto onde três estados se encontram territorialmente ligados por três municípios, havendo entre eles uma estreita relação de convivência, com contatos linguísticos frequentes e mobilidade de seus integrantes, aos quais chamamos de diviseiros. Portanto, configuramos a Tríplice Divisa entre os estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás e, na sequência, consideramos os três municípios onde ocorreu a pesquisa: Alto Taquari, Costa Rica e Mineiros.

Apresentamos nesta seção alguns acontecimentos histórico-sociais para conhecermos as influências linguísticas que contribuíram para a formação das identidades linguísticas presentes na Tríplice Divisa.

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO — TRÍPLICE DIVISA

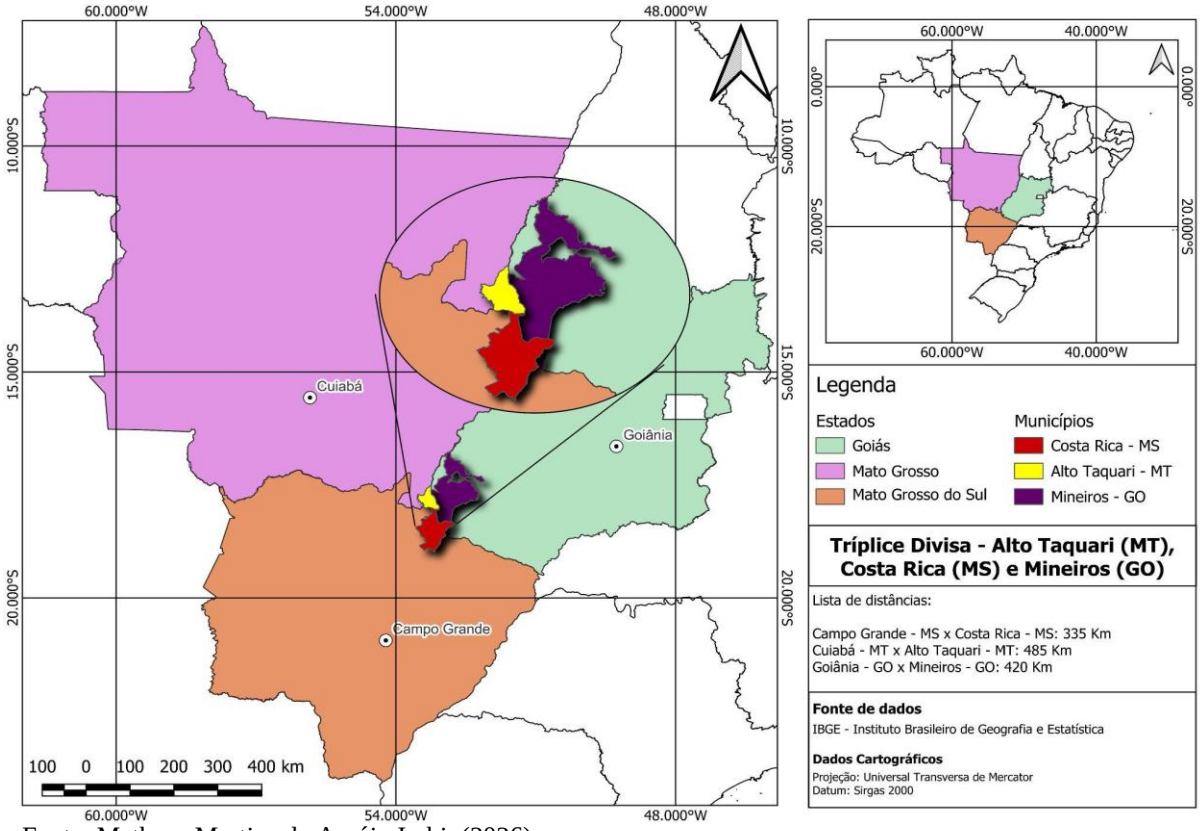
A Tríplice Divisa é um campo riquíssimo para conhecermos o Outro, ponto importante para a pesquisa etnográfica, a qual aborda a reciprocidade cognitiva entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados. Existe uma sensibilidade e troca de experiência na qual o pesquisador se aproxima da comunidade de fala e passa a participar de seus acontecimentos. Sendo assim, é preciso estar atento "às variações de práticas e atitudes, reconhecer as diversidades e singularidades dos fenômenos sociais para além das formas institucionais e definições oficializadas por discursos legitimados por estruturas de poder" (Eckert; Rocha, 2008, p. 4).

Ao descrevermos as crenças e atitudes linguísticas da Tríplice Divisa, lidamos com memórias e diversos sentimentos — como afeto, descontentamento, nostalgia e satisfação —, os quais contribuem para a formação da herança linguística que buscamos compreender. Por isso, a etnografia tem como principal preocupação o significado que as ações e os eventos têm para as pessoas ou grupos estudados (Teis; Teis, 2006).

A figura a seguir mostra o mapa das três regiões, com destaque para os três municípios: Alto Taquari, Costa Rica e Mineiros. O território, que é o próprio campo de pesquisa, será o espaço a partir do qual buscaremos entender as relações linguísticas entre eles, considerando

sua cultura, os valores que estabelecem sobre o que falam, como falam e sobre quem falam. Trata-se de um cenário vivo de mudanças linguísticas ocorridas a partir dos contatos linguísticos.

Figura 1 - Localização geográfica da Tríplice Divisa



Fonte: Matheus Martins de Araújo Irabi, (2026).

As informações a seguir foram retiradas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2025). Alto Taquari, em 2024, possuía área territorial de 1.521,377 km², PIB *per capita* de R$ 113.538,74 (2021), e escolarização de 6 a 14 anos de idade de 99,43% (2022). A população estimada para 2025 é de 11.877 pessoas. Está localizada a 485 km da capital Cuiabá; a distância até Costa Rica é de 89,6 km e até Mineiros, de 142 km. A região de influência é Mineiros (GO); a intermediária e imediata, em 2024, é Rondonópolis (MT); e a microrregião é Alto Araguaia (MT).

Costa Rica, em 2024, registrou área territorial de 4.159,384 km², PIB *per capita* de R$ 97.722,89 (2021). A escolarização de 6 a 14 anos de idade, em 2022, foi de 98,14%. A população estimada para 2025 é de 28.740 pessoas. Localiza-se a 327 km de Campo Grande, capital sul-mato-grossense, e a 45 km de Mineiros. Sua região de influência e intermediária (2018) é Campo Grande; a região imediata (2024) é Coxim (MS); e a microrregião é Cassilândia (MS).

A área territorial de Mineiros é de 9.042,844 km² (2024), com PIB *per capita* de R$ 47.334,97 (2021). A escolarização de 6 a 14 anos de idade, em 2022, foi de 98,46%. A população estimada para 2025 é de 74.999 pessoas. Mineiros está localizada a 424 km da capital goiana. Sua região de influência (2018) é o Arranjo Populacional de Goiânia/GO — Metrópole; a região intermediária (2024) é Rio Verde; a região imediata é Jataí-Mineiros; e a microrregião (2022) é o Sudoeste de Goiás. Entre os três municípios, não há cidades, vilarejos ou distritos.

Conhecer os limites entre as divisas é importante para compreender a localização dos municípios pesquisados, pois, segundo Fontanille (2014), o território é uma forma de vida e nele se representam valores e identidades. Os limites são marcações úteis que separam os territórios e também formam as atitudes linguísticas, as quais se relacionam com a Dialetologia Pluridimensional, por considerar a língua em seu espaço geográfico, entre outros fatores. Leone (2012) aborda a geografia humanizada, pois, para ele, existe um sentimento de pertencimento — o que relatamos sobre as comunidades de fala, nas quais o falante se sente representado e pertencente ao território.

Bonnemaison (1995) pontua que o território é também o local onde as crenças se dispõem. Por isso, fizemos questão de acrescentar a este trabalho as crenças culturais de cada município, pois acreditamos que nelas encontramos as mais profundas manifestações linguísticas — ou seja, os sentimentos que impulsionam e representam aquilo em que o povo acredita. Por meio das crenças, demarcamos nosso território, demonstramos sentimentos de lealdade, falamos e nos portamos de certos modos porque somos leais às nossas crenças e atitudes. Escolhemos tais repertórios linguísticos porque isso nos faz identificar com nossos grupos, criamos valores culturais e religiosos. A essa fidelidade, podemos chamar de crença.

2.2 BREVE RELATO HISTÓRICO SOBRE ALTO TAQUARI

Alto Taquari está localizada no sudoeste do estado de Mato Grosso. É conhecida pela tecnologia no desenvolvimento da lavoura e se destaca por ter o primeiro pé de soja plantado no estado, embora seja um município relativamente novo, é importante para a logística e economia de Mato Grosso.

Conforme o *site* da Prefeitura, o município foi fundado em 13 de maio de 1986, pela Lei 4.993. O primeiro nome da cidade foi Cabeceira; depois, os moradores se reuniram e chegaram ao nome atual por conta do rio Taquari e de sua localização, que tem a nascente próxima à cidade.

> O termo Taquari tem origem tupi e designa uma espécie de bambu ou taquara. Conta-se que povos indígenas, antigos habitantes da área, usavam a haste de taquara, abundante na região do citado rio, para fabricar cachimbos e flechas. A posição geográfica de Alto Taquari lhe permitiu desenvolver, ao longo dos anos, vínculos históricos com dois Estados da Federação vizinhos do município: Goiás e Mato Grosso do Sul (Prefeitura de Alto Taquari, 2023).

A Fazenda Taquari era do Sr. Jerônimo José Vilela e foi vendida para a família do autor Guilhermino Barbosa de Sousa em meados de 1917. Eles saíram de Bonito para assumir a criação de gado na fazenda. Naquela época, tudo era muito difícil: as viagens eram longas e cansativas, boa parte feita a cavalo; tocavam bois e dormiam ao relento.

Figura 2 - Vista aérea de Alto Taquari

Fonte: Prefeitura de Alto Taquari, (2023).

Sousa (2010), ao relatar a passagem dos revoltosos pela Fazenda Taquari e região, comenta que a situação era perigosa, pois eles roubavam o que conseguiam e espalhavam medo e terror. O autor conta que, em 1930, as notícias demoravam a chegar na região, pois nem rádio existia, mas ele tinha conhecimento sobre a fama dos revoltosos. Relata que já era quase meia-noite quando a vizinha dona Severina e seu filho Ademário chegaram em sua casa noticiando que os revoltosos estavam na fazenda de José Pinto. A mãe do autor pegou as crianças e, juntamente com a vizinha, escondeu-se no mato. Quando os revoltosos chegaram — vinte deles

—, tomaram a sede da fazenda e não deixaram ir embora o vizinho que acabara de chegar, tomando-lhe a arma e agindo com violência. Em um descuido, ele conseguiu fugir para sua fazenda e esconder alguns pertences antes da chegada dos revoltosos. Esses revoltosos levavam arreio, tropa, armas de fogo, dinheiro, até panelas, queimavam as cercas e agiam com violência. Após sua passagem, ficaram a insegurança e as notícias sobre sua possível volta. Com isso, construíram um rancho no meio do mato para esconder os bens, mas, depois desse acontecimento, eles não retornaram à região.

2.2.1 Acontecimentos culturais

A primeira escola que Sousa (2010) frequentou foi na fazenda de sua família. Um professor foi contratado por sua mãe, mas permaneceu apenas um mês. Posteriormente, quando tinha oportunidade, ele estudava por alguns meses; no entanto, por ser um dos mais velhos, seus estudos eram interrompidos para atividades como moer cana, limpar canaviais, cuidar do gado e outros afazeres considerados masculinos. Isso ocorreu por volta de 1922. Essa era a realidade das crianças na época: os pais que tinham condições contratavam professores particulares, pelo menos para alfabetizar e ensinar as crianças a calcular.

Em relação à religião, a primeira tradição foi a católica. Durval Carrijo, a pedido do Padre José, providenciou a realização da primeira festa de São José, padroeiro da Vila de Alto Taquari, em 1964 — festividade que acontece até os dias atuais, agora na Paróquia São José e Nossa Senhora Aparecida.

> Taquari não tinha nem uma capela; então, com esforço e sem ter um carro para ajudar, saí pedindo prendas a cavalo. Eu e a família fomos também a cavalo para Taquari realizarmos a festa. Nessa época não tinha emigrantes aqui; mesmo assim, fizemos a festa com o povo da região. Com o dinheiro arrecadado, deu-se início à primeira capela de Taquari e, depois, com a ajuda da comunidade, foi possível terminá-la, servindo por muitos anos (Carrijo, 2014, p. 39).

Com a chegada dos migrantes para o plantio e os sinais de desenvolvimento de Alto Taquari, o clube — Associação Atlética Taquari (ARET) — foi criado com a intenção de trazer benefícios para a comunidade. O clube, que teve como primeiro presidente um dos autores dos únicos livros encontrados sobre a cidade e posterior vereador de Alto Araguaia, Durval Carrijo, contribuiu para a emancipação da Vila. O desenvolvimento chegou à cidade por meio de indústrias, após a implantação da rodovia MT e da ferrovia. O processo de migração para o

município expandiu-se com o estabelecimento da Odebrecht, empresa de açúcar e etanol, na cidade (Carrijo, 2014).

Alto Taquari é considerada uma região privilegiada, pois é banhada pelos rios Taquari e Araguaia, onde predomina a pesca esportiva. Há outros pontos a serem explorados pelo turismo, porém, em alguns, não existe, até o presente momento, infraestrutura adequada. O Rio Taquari possui corredeiras e cachoeiras; também existe o Lago, localizado dentro da cidade, propício para banho e navegação de barcos de pequeno porte.

Figura 3 - Lago do Complexo do Parque Taquari

Fonte: Prefeitura de Alto Taquari, (2023).

Alto Taquari possui grande influência sulista em sua história. Boa parte da população é constituída por migrantes, pois é um município relativamente novo, mas que já apresenta bons índices de desenvolvimento urbano. É referência em tecnologia agrícola e é banhada pelo Rio Taquari.

2.3 BREVE RELATO HISTÓRICO SOBRE COSTA RICA

Costa Rica está localizada no estado de Mato Grosso do Sul, região Centro-Oeste, e faz divisa com os estados de Goiás e Mato Grosso. É referência no agronegócio o que impulsiona a economia do estado de Mato Grosso do Sul, tanto no agronegócio como nos esportes de aventura, sendo um dos polos principais do turismo do estado.

Quem conta a história é o escritor e pesquisador Marlei Cunha (2009 e 2014). Está registrado no site oficial da Prefeitura Municipal de Costa Rica (2023) que, em 1840, período da Guerra do Paraguai, Joaquim Francisco Lopes escreveu uma carta ao imperador Dom Pedro II sobre uma caravana que, ao passar pelos sertões, fundou onde hoje é o município mais antigo do Estado de Mato Grosso do Sul, Paranaíba. Visconde de Taunay, além de militar e professor, foi o romancista que escreveu *Inocência* (1872); ele estava presente nessa caravana e relatou, em seu livro, os aspectos campestres dessa região.

Figura 4 - Vista aérea de Costa Rica

Fonte: Costa Rica, (2024)

O rio Sucuriú, que atravessa o município de Costa Rica, começou a ser explorado em 1827, quando o tenente Manoel Dias de Castro, por ordem do presidente José Sartunino da Costa Pereira, recebeu a incumbência de criar uma nova rota de navegação pelos rios Sucuriú e Piquirí. No entanto, a expedição encontrou grandes dificuldades de navegação no Sucuriú, levando três dias e meio para descê-lo e dezessete dias para subi-lo (Cunha, 2009).

Esta introdução se faz necessária para melhor entendimento do contexto histórico no qual Costa Rica se insere. Por isso, Marlei Cunha possui vários registros sobre o início de Costa Rica, desde quando a vila era chamada de Cacete Armado, sobre as primeiras famílias locais e os folclores que fazem parte da formação cultural costa-riquense.

Quando Martin de Mello Taques hospedou Visconde de Taunay em Paranaíba, ele era casado com dona Ana Fausta Fagundes de Mello. Os dois levaram para Costa Rica a imagem do Nosso Senhor do Bom Jesus, a qual se tornaria, em breve, o santo mais famoso da região, até os dias atuais (Costa Rica, 2023).

Em 1954, Sebastião Carrijo dos Santos saiu de Mineiros com sua família, deixando seus parentes acampados à esquerda do Rio Sucuriú — área que, na época, pertencia a Pedro Garcia Tosta (delegado da região). Mais tarde, Sebastião comprou essas terras. Após construir a primeira ponte sobre o rio Sucuriú, aos poucos a Vila de Costa Rica foi se formando.

José Ferreira da Costa tinha o objetivo de fundar uma cidade. Para isso, em parte de sua fazenda, fez um loteamento onde estabeleceu Costa Rica como vila, por meio da Lei nº 01, de 20 de fevereiro de 1961, registrada na Comarca de Camapuã.

> Art. 2º - O Poder Executivo dará execução do que dispõe o artigo primeiro, após o recebimento da escritura de doação das ruas, avenidas, cento e vinte metros de edificação de prédios públicos, uma praça para jardim e um campo de aviação, medindo seiscentos metros de comprimento por trinta de largura (Cunha, 2009, p. 190).

Foram 159 lotes doados. José Ferreira da Costa foi um visionário em sua trajetória: acreditou no potencial local, e logo a vila começou a expandir. Vieram pessoas de várias regiões, assim como as que residiam nas fazendas próximas, em busca de emprego — fato que acontece até os dias atuais.

No início da Vila, era comum os homens andarem armados, o que intimidava até os policiais que passavam por ali. Como não havia cadeia, os presos eram amarrados a uma árvore. Nesse período, quando se referiam à vila de Costa Rica, chamavam-na de Cacete Armado, pois os homens eram muito bravos. Há muitas versões que explicam essa denominação; Marlei conta algumas:

> Conta-se que o morador que construiu a primeira casinha chamava-se Antonio Nogueira. Ele tinha um boteco onde poderia comprar algumas coisas industrializadas que o Sebastião Carrijo trazia em seu caminhão direto de Uberlândia. Tinha que agregar o valor do frete e tirar este preço dos consumidores, era caro pra daná. Uma cacetada! A venda era um cacete armado! Conta-se também que na balança onde pesava alguns produtos tinha um pedaço de pau ali junto do prato, então um pedaço

> de pau era chamado de cacete, logo na venda onde tinha um cacete, era o local do "Cacete Armado" (Cunha, 2009, p. 203).

O nome do município formou-se de "Costa", devido ao sobrenome do fundador da Vila, e "Rica", pela presença de ricas paisagens que se destacavam por suas belezas naturais. Segundo Marlei:

> Devido ao potencial agropecuário então inexplorado da região que se tornou celeiro na produção de rebanho bovino para corte, rica produtora de soja, Capital do algodão e se destaca nessa década do novo século como grande produtora de cana de açúcar para atender a política bioenergética tão propaganda pelo o mundo afora e o potencial turístico da região devido as 60 cachoeiras existentes na região (Cunha, 2014, p. 12).

A região de Costa Rica ficou marcada por grandes ciclos econômicos: das Bandeiras, do Ouro, Pastoril, da Soja e da Cana, o que fomentou o desenvolvimento local. Segundo relatos colhidos nas entrevistas, conforme a zona urbana começava a se desenvolver, mesmo quem trabalhava na zona rural já se organizava para residir na cidade.

Com os primeiros indícios de desenvolvimento nas lavouras, a família Marion — a qual possui descendência italiana, representada por Egidio Orestes Marion, casado com Mafalda Zanetti Marion —, depois de muitas andanças, chegou a Costa Rica em 1979, quando comprou a Fazenda Santa Catarina. "A família foi aprendendo a usar as novas tecnologias e acumulando conhecimentos na lida com a terra. Melhoraram os pastos e cultivavam a soja. Chegavam nesta época os primeiros gaúchos" (Cunha, 2009, p. 44). Desse modo, com a chegada dos sulistas, um novo ciclo de desenvolvimento iniciou na região: o plantio da soja e, mais tarde, o ciclo da cana.

O gaúcho que merece destaque na empreitada do agronegócio na região é Romeu Eloi Schmalz. Ele esteve envolvido em todo o desenvolvimento e nas lutas em busca de melhores condições de produção e vida dos agricultores. Começou plantando cereais, depois soja, milho e algodão como cultura de inverno, investiu na plantação de trigo, milho e sorgo. Na área do trigo, implantou, em 1995, uma indústria de processamento de trigo, produzindo farinha com as marcas Detrigo e Monalisa (Cunha, 2009).

O ciclo da cana-de-açúcar iniciou em Costa Rica em 2007, com a implantação da BRENCO — Companhia Brasileira de Energia Renovável. Em 2010, passou a ser denominada ETH Bioenergia. Nesse ano, iniciou-se uma nova era de ascensão nas regiões de Costa Rica e Chapadão do Sul, pois os migrantes começaram a chegar e esses municípios não estavam preparados para recebê-los. O preço do aluguel de imóveis residenciais subiu de maneira significativa, faltavam imóveis para as pessoas da cidade alugar, o sistema de saúde teve um

inchaço considerável e, junto com o desenvolvimento, alguns problemas sociais tornaram-se mais visíveis.

2.3.1 Acontecimentos culturais

A religião sempre esteve presente nas festas da cidade de Costa Rica. José Ferreira da Costa, fundador da cidade, era devoto do Divino Pai Eterno, seu padroeiro. Naquela época, a festa mais tradicional era dedicada a esse santo. Conta uma moradora, que participou da entrevista, que seu José Ferreira da Costa construiu uma igrejinha — a qual hoje é patrimônio tombado — e encomendou uma imagem desse santo para colocar na igreja. Porém, quando seu colega foi comprar a imagem em Três Lagoas, esqueceu-se do nome do santo e resolveu comprar a imagem que tinha seu próprio nome: Antônio.

Seu Antônio chegou com a imagem do santo no dia da inauguração da igreja. Algumas pessoas ficaram escandalizadas e não queriam fazer a festa de inauguração com a imagem errada, mas o bispo, que saiu de Campo Grande exclusivamente para esse acontecimento, exigiu que a cerimônia acontecesse, pois, naquela época, era muito difícil percorrer esse trajeto para voltar outro dia. Com isso, a festa foi celebrada com a imagem de Santo Antônio.

Cunha registra outras versões, mas é certo que "Na região do Sucuriú, no início da década de 1960, todos os primeiros domingos de julho, Santo Divino Pai Eterno, era festejado. Faziam uma folia e saiam com a bandeira arrecadando prendas e em seguida a festa com leilão" (Cunha, 2009, p. 466). Com o dinheiro arrecadado nessas festas, principalmente com a venda de prendas, José Ferreira da Costa conseguiu construir a capela em devoção a seu santo. Atualmente, continua-se com as tradições religiosas e a devoção a esses dois santos.

Cunha (2009) registrou a crônica escrita por Olentina Maria Barcelos de Meneses, a qual, na década de 1970, escreveu sobre como era a vida na recém-criada vila:

> As festas de Santo Antônio, São Sebastião e Senhor Divino (padroeiros da cidade) eram sempre animadas; faziam-se novena de treze dias de festa e normalmente os “tocadores” pessoas do lugar ou, raramente vinham “Os Filhos de Goiás” ou o conjunto (conjunto do Curioso” (um artista da terra que foi tentar lá fora e ficou famoso, inclusive tocava harpa divinamente). Nestas festas, os fogos de artifícios e as barracas não faltavam, mas o que me chamava a atenção mesmo, era uma enorme fogueira, que se queimava no último dia da festa, que coincidiam com o dia do santo. Festejávamos também, nas casas, o dia de São João, com fogueira quentão. Pipoca, batata assada no borralho e muita dança. Na fogueira havia batizados; as pessoas faziam juramentos de compadres e comadres; inclusive, as crianças e algumas pessoas até andavam sobre brasas, etc. (Cunha, 2009, p. 578).

Em relação à educação, todos os professores que iniciaram a trajetória de alfabetização em Costa Rica e região são valorizados por ensinar o básico da alfabetização — ler e escrever —, além de fazer contas e outras atividades. Cunha (2009) conta que, segundo suas pesquisas, os alunos iam à escola para aprenderem a, pelo menos, escrever seu nome para assiná-lo no dia do casamento, e esse era o motivo de alguns pais não deixarem suas filhas estudarem: para que não escrevessem cartas aos namorados.

Entre tantos, Joaquim José da Silva foi professor nas fazendas, viajava longas distâncias a cavalo e era pago pelos pais. Além disso, nas décadas de 1930 a 1940, registrou os sertões com seu outro ofício: fotografar. Há várias fotos de alunos e professoras nas fazendas. Outro nome que merece registro é o de João José Ferreira, conhecido como João Margoso, considerado o primeiro professor do município. Alfabetizou muitos alunos, alguns dos quais, mais tarde, tornaram-se professores; a maioria deles é efetiva nas redes municipal ou estadual de ensino de Costa Rica ou no estado de Mato Grosso do Sul.

Como citado anteriormente, a religião é uma marca desse povo católico que chegou a Costa Rica e influenciou a cultura, os costumes, festas e folclore até os dias atuais. Exemplo disso é Dona Maria Besteira (tive o prazer de ser sua vizinha), figura que marcou gerações com suas rezas, acolhimento, alegria cômica com suas "besteiras" e festas tradicionais. Dona Maria recebia com alegria as pessoas que a procuravam, sempre tinha um doce, bolo ou biscoito para oferecer; não aceitar representava desfeita e falta de educação.

Algumas festas são tradicionais na cidade, como a Expo Rica — Exposição Agropecuária de Costa Rica —, que acontece no mês de maio, em comemoração ao aniversário da cidade. A Festa de Clubes do Laço atrai participantes das regiões vizinhas. "A festa da federação com disputa da vaca gorda, duelo das leoas e baile carapé acontece na sede do Clube de Laço Três Divisas, com entrada franca" (Costa Rica, 2022).

Essa festa representa a tradição do homem campestre, onde as famílias se encontram para celebrar o trabalho árduo desenvolvido nas fazendas, herança de seus avós, o que faz com que a cultura seja valorizada. Economicamente, é um estímulo financeiro para o comércio. "O Laço Comprido se resume em disputas, folguedos e principalmente no encontro com familiares e amigos" (Costa Rica, 2022).

A maior comemoração religiosa do município é a Festa do Senhor Bom Jesus da Capela, momento em que os fiéis caminham de Costa Rica até a capela onde encontra-se o santo, um percurso de 30 km, feito com pedidos e agradecimentos pelas graças recebidas. É organizada pelo padre e pelos festeiros que, todo ano, unem fé, devoção e um grandioso baile ao estilo tradicional que os costa-riquenses apreciam. Segundo Willian Vaz:

> Sua origem remonta a 1937, ano em que no país vigorava o Estado Novo, ou Terceira República Brasileira, uma ditadura brasileira instaurada por Getúlio Vargas, caracterizada pela centralização do poder, nacionalismo, anticomunismo e por seu autoritarismo. A festa leva o nome do santo considerado Fujão que segundo os relatos dos moradores antepassados da região, era colocado na atual capela e fugia para a antiga capelinha (Vaz, 2022).

Muitas versões são contadas pelos moradores sobre os acontecimentos que envolvem a fuga do santo. Conta uma das moradoras, que naquela época era criança, mas sempre ouvia sua mãe relatar essa história: havia festa na Capela, cada ano acontecia em uma casa. Com o passar do tempo, a festa começou a acontecer em uma determinada fazenda; todas as pessoas que participavam levavam doações como bezerros, porcos, galinhas, entre outras coisas. Acontecia o jantar, as rezas e, no final, o baile. Por conta da popularidade da festa[9] e do aumento dos devotos ao santo, resolveram construir uma pequena igreja na Capela. Porém, o dono dessa fazenda buscava a imagem e a levava de volta, pois, com a ida do santo para a igreja, ele perdeu as doações, e dizia que o santo tinha fugido.

Costa Rica tem se tornado destaque nacional com o investimento no turismo local. São muitas cachoeiras, rios, parques ecológicos, propícios para receber visitantes de todas as idades. No Parque Nacional Municipal está localizado um dos pontos turísticos mais explorados de Costa Rica, o Salto do Sucuriú, também conhecido como Salto Majestoso. No local é possível praticar muitos esportes, e tem se tornado base para várias competições. Segundo o site da prefeitura de Costa Rica:

> [...] uma queda d'água de 64 metros de altura cercada de vegetação nativa. [...] com mais de 70 hectares de extensão, o Parque oferece uma série de atividades de lazer e aventura para todas as idades. Arvorismo, rapel e tirolesas garantem forte emoção para quem busca adrenalina! As trilhas autoguiadas e o circuito de arvorismo propiciam contato direto com a fauna e flora típicas do cerrado. Próximo às piscinas abastecidas com água do Rio Sucuriú está quiosques com churrasqueira, piscina de biribol, parquinho infantil, casa de souvernirs, além de restaurante, casa de sucos naturais e vestiários (Costa Rica, 2023).

Outros pontos turísticos, como o Parque Natural Municipal da Lage, a Cachoeira das Araras, Cachoeira da Formiga, Cachoeira da Rapadura, entre outras, e o Cânion do Engano fazem parte dos cenários bucólicos. Este último possui uma trilha que sai da base do contêiner, totalizando 8 km de ida e volta, propícia para aventureiros. No trajeto, sete mirantes são encontrados para apreciação.

[9] Para conhecer melhor essa história, pode-se assistir ao documentário produzido em 2010 pelo Canal MS, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PJgiq1lT4eU.

Figura 5 - Salto Majestoso no Parque Municipal Do Salto Do Sucuriú

Fonte: Jessé C., (2019).

Costa Rica já foi sede de vários acontecimentos culturais e esportivos, como uma das cidades a receber o Rally dos Sertões, Moto Fest, Encontro Estadual do Laço Comprido e Copa Adventure de Mountain Bike, entre tantos outros que aquecem a economia local e elevam o nome da cidade.

2.4 BREVE RELATO HISTÓRICO SOBRE MINEIROS

O embasamento histórico sobre a cidade de Mineiros é retratado pelas lentes de Martiniano José da Silva, advogado, escritor, mestre em História Social pela UFG, poeta, sociólogo e pesquisador da constituição histórica do município de Mineiros (GO). Mineiros está localizada na região Centro-Oeste do Brasil, no sudoeste de Goiás. Possui 84 anos de fundação.

O Dr. Martiniano explica que a localização do município de Mineiros se deu “nas nascentes do rio Araguaia, denominadas Buracão, da Esquerda e Araguainha, ocorre o ponto de encontro dos três estados do Centro-Oeste: Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul” (Silva, 2019, p. 49). De acordo com o historiador, o nome da cidade veio da “região do antigo

Sertão da Farinha Pobre, fugitivos da crise minerária daquela região de Minas Gerais" (Silva, 2019, p. 14), ou ainda, devido aos mineiros e possíveis garimpeiros em busca de formar fazendas. Os últimos a chegarem no antigo Sertão foram os cedrinos, trazidos pelos Carrijos. Atualmente, essa região é conhecida como Triângulo Mineiro. O autor traça suas percepções em vários âmbitos, buscando englobar a cidade nos aspectos político e histórico, entrevistando diversas pessoas, entre elas residentes em favelas e prostitutas.

Figura 6 - Vista aérea de Mineiros

Fonte: Sololtudo, (2019).

Ainda, os migrantes que povoaram a região citada são os "do antigo Sertão da Farinha Pobre, os baianos, gaúchos e os estrangeiros [...] árabes, japoneses, portugueses e até caribenhos e haitianos" (Silva, 2019, p. 14). Os gaúchos foram atraídos pelo ciclo da soja, que começava a se expandir na região, trazendo consigo tecnologia. Essas influências são perceptíveis até os dias atuais nos falares e nos costumes dos mineirenses.

Além das nacionalidades citadas, os Carrijos de Rezende, de origem espanhola e portuguesa, merecem destaque no processo de colonização, pois essas famílias se estendem até aos municípios vizinhos, como Costa Rica (MS) e Alto Taquari (MT). Elas, em viagem

juntamente com seus negros escravizados, em carro de boi, a pé ou a cavalo, teriam sido orientadas a participar da expedição chefiada por Alfredo d'Escragnolle Taunay — o Visconde de Taunay —, em sua épica viagem chamada "Retirada da Laguna", com destino à Guerra do Paraguai. Certamente, o coronel Joaquim Carrijo fez parte dessa caravana (Silva, 2019).

Os Carrijos, em seus percursos, pararam a seis quilômetros do Rio Verde, também conhecido pelo nome de Verdinho. Esse local ficou conhecido como Ressaca, pertencente à Fazenda Flores do Rio Verde, onde se deu início ao chamado rururbanismo — processo de urbanização do município. Os gaúchos foram para essa região devido ao ciclo econômico da soja. Após algum tempo, dirigiram-se para a vertente de um pequeno córrego, onde encontraram João Mineiro. Disso vem a explicação de uma das origens do topônimo “Mineiros”. Esses acontecimentos ocorreram por volta de 1873. Outras versões ainda são possíveis:

> De um sitiante foragido, de nome João Mineiro; a causada por um boi carreiro, manhoso, chamado Mineiro; a causada por um costume dos moradores da redondeza, ao prosear pelos caminhos bucólicos, 'vamos lá nos mineiro', ainda do tempo em que se suprimia letras, às vezes sílabas, característica desse povo das Minas Gerais (Silva, 2019, p. 45).

Segundo Silva (2011), esse território foi elevado a Segundo Distrito de Jataí em 1891, chamado "dos Mineiros" [vários participantes da pesquisa usaram esse termo ao contar a história inicial de Mineiros]; a Vila e Município em 1905, instalando o sistema político “Independência Municipal”, que se prolongou até 1930. Em 1938, pelo Decreto-Lei estadual n. 1.233, foi elevado à condição de cidade. Nesse período, Mineiros estava isolado, mas, com o crescimento das áreas das fazendas, os Governos da Província Goiana organizaram eleição em 1893, na qual Joaquim Carrijo de Rezende — chamado de coronel — foi eleito Juiz Distrital.

Naquele período, as casas eram construídas de pau a pique, as ruas eram bucólicas e a economia baseava-se na produção rural, com várias construções históricas, algumas ainda resistindo ao tempo.

Segundo o Dr. Martiniano, suas percepções sobre a formação da cidade são:

> Mineiros, fundada no seu jeito desconfiado de mineiros, no "cosmopolitismo" nordestino, destacado pelos baianos, no ímpeto dos gaúchos e outros sulistas, trazendo capital na economia de mercado, modificando o jeito de falar, vestir, plantar, usar os solos e mercadejar; no que nos resta da memorial cultura indígena do milho, das juçaras e juremas; na contagiante alegria e criatividade do povo negro e na efetiva participação de outras procedências étnicas, recentes, representadas em maioria por homens, vindos sobretudo, do Maranhão, do Piauí, de Pernambuco [...] (Silva, 2019, p. 454).

O município representou, para os que chegaram, uma oportunidade de trabalho, progresso e novas perspectivas para a criação dos filhos e evolução da então vila, que logo cresceu e conheceu o desenvolvimento. Mas, para chegar a esse patamar, demorou um pouco, pois Mineiros foi, por muito tempo, esquecido do restante do Brasil por causa de sua localização no Centro-Oeste do estado de Goiás. Contudo, os garimpos de ouro e diamante e a economia gerada pelas fazendas com a renda do boi ajudaram a alavancar o comércio e expandir a urbanização do local.

Além das famílias citadas, os índios também fazem parte da colonização de Mineiros, existentes na região há mais de 11 mil anos, com reminiscências culturais ainda bem vivas na toponímia e na onomástica (Silva, 2011, p. 27), como também a comunidade do Cedro, a qual é constituída por um povo de origem africana, localizada a 5 km do centro urbano. Seu nome originou-se da presença do rio Verdinho, do cedro-rosa e do cedro, da família das meliáceas. Segundo Silva (2011), essa comunidade apresenta uma população aproximada de 200 pessoas, com, provavelmente, mais de 600 pessoas residindo fora, o que representa, com outros segmentos afrodescendentes da região, 2% da população do Município.

Conforme relatos de antigos moradores, as pessoas de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul diziam que iam até o Arraial do Mineiro, onde residiam os mineiros de Uberlândia. Esse nome ficou conhecido após a Guerra do Paraguai, no século XIX. Ainda segundo eles, acreditam que os primeiros habitantes foram os escravos que chegaram ao Arraial do Mineiros, fugidos de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, onde buscaram esconderijo. Já os escravizados que acompanhavam os Carrijos e os Resendes, que vieram de Minas Gerais, são os negros imbiras — assim chamados porque usavam roupas feitas de imbira, relato de um antigo morador do quilombo. Depois, muitos nordestinos, especialmente os baianos, mudaram-se para Mineiros fugindo da seca; os que vinham da região de Barreiras faziam o percurso a pé.

Os participantes mais idosos relataram sobre o coronelismo que predominou na região por muito tempo e, até nos dias atuais, é possível ver algumas marcas que não se extinguiram ao longo do tempo, como o preconceito contra nordestinos, ainda presente na memória dos mais velhos e no tratamento dado aos migrantes. O Dr. Martiniano conta que, após a Independência Municipal em 1905, o coronelismo surgiu "para substituir as milícias e ordenanças do período colonial" (Silva, 2019, p. 589).

A imposição do poder e a opressão são os registros de autoritarismo diante dos mais vulneráveis. Porém, há o bom coronel, como cita Oliveira (2016) em suas releituras sobre o bom e o mal coronel, mostrando a figura respeitada do coronel que mantinha a ordem, a organização e providenciava melhorias para o município. Silva (2019) cita que, em Mineiros,

o mais famoso e respeitado coronel foi Joaquim Carrijo de Rezende, de família tradicional, um dos fundadores do município.

Por volta de 1969, Dom Éric começou a se questionar sobre o motivo de as terras do chapadão não produzirem. Ele levou para os Estados Unidos da América e para o Instituto Agronômico de Campinas amostras da terra para serem analisadas. O resultado mostrou que a terra era muito ácida, por isso não produzia. O calcário foi a solução; o lugar mais próximo onde encontraram calcário foi no Paraná. Segundo um participante da pesquisa, os goianos falavam que os padres estavam trazendo a neve dos EUA, porque o calcário é branco.

A evolução começou em 1970, com as novas rodovias federais e o progresso trazido pelos sulistas no plantio, principalmente, de soja, onde compraram terras a valores baixos porque, para os mineirenses, elas não produziam, tornando-se assim riqueza dos sulistas.[10]

Quando chegaram em Mineiros, os gaúchos eram motivo de piada, pois os mineirenses achavam que estavam fazendo um ótimo negócio vendendo suas terras para os “loucos ambiciosos”. O que os mineirenses não imaginavam era que os gaúchos que chegavam tinham muitos sonhos e traziam consigo o desejo de plantar e o conhecimento, elementos que resultaram em sucesso e progresso.

Estes, principalmente os gaúchos, contribuíram com "experiências técnico-comerciais que o nativo ainda não tinha; maior agressividade comercial, estilo empresarial em família, perícia técnica do plantio e o conhecimento do tipo de potencialidade produtiva dessas terras" (Silva, 2011, p. 199). Suas influências, até os dias de hoje, são notáveis ao trazer a ascensão financeira que desenvolveu a economia local.

Segundo Silva (2011, p. 47), "nos 'Chapadões' preferidos pela maioria dos agricultores (principalmente 'sulistas'), encontram-se os solos originados de rochas sedimentares, magmáticas e metamórficas", onde eles conseguiram fazer com que o desenvolvimento tecnológico tomasse o espaço das pequenas propriedades, as quais plantavam apenas para o mantimento familiar.

Com esse desenvolvimento, problemas estruturais sociais e ecológicos começaram a aparecer: desde o desmatamento, diminuição do volume da água nos rios, a miséria das famílias e o aumento da prostituição (Silva, 2019). Ainda, segundo ele, para os trabalhadores rurais, esse desenvolvimento significou "perda de moradia, salários miseráveis, comida fria, desemprego, favelas" (Silva, 2019, p. 459); e, para os pequenos produtores rurais, a renda diminuiu, e a produção, até para o próprio consumo, foi consumida pela modernidade.

[10] Consultar a dissertação de Sandri (2008) sobre os sulistas e Mineiros.

A instalação da BRENCO/ETH-ETANOL e da empresa de granja BR Food (Perdigão) atraiu os nordestinos para a cidade, o que contribuiu com a mão de obra e trouxe uma nova cultura para a região.

No final do século XIX, os fazendeiros, que eram católicos, vieram de Minas Gerais e trouxeram consigo a religião e suas crenças, que estão presentes desde o início da construção do município de Mineiros: a devoção aos santos Divino Espírito Santo e São Sebastião, este último valorizado por ser o protetor dos animais. O protestantismo foi trazido pelo Reverendo Eudóxio Mendes e pelo Dr. Francisco Filgueiras Junior, entre outros (Silva, 2011). Atualmente, segundo dados do IBGE (2022), registrados em 2010, a população residente por religião era: Católica Apostólica Romana, 100,2 milhões; e evangélica, 47,4 milhões.

2.4.1 Acontecimentos culturais

No livro *Mineiros: a cidade na história* (Silva, 2019), o Dr. Martiniano cita algumas das igrejas constituídas ao longo do tempo no território de Mineiros, sendo a católica a predominante, seguidas pelas igrejas pentecostais, neocristãs ou paracristãs, entre outras. Também menciona as religiões minoritárias, como o espiritismo kardecista e as religiões de orixás afro-brasileiras.

O autor comenta sobre as benzeções tradicionais, realizadas antes de as pessoas saírem para a roça, com pedidos de proteção, ou solicitadas pelos pais para benzer os filhos, muitas vezes com oferendas de flores.

O catolicismo popular está presente em toda a comunidade desde sua fundação, trazido pelos católicos apostólicos romanos. A festa no Santuário do Divino Pai Eterno, em Trindade (GO), registra um marco histórico: romeiros percorriam mais de 80 léguas a pé, a cavalo ou em carros de boi. Até os dias atuais, milhões de fiéis participam de missas, procissões e novenas.

A educação teve início com professoras que vinham de locais distantes para lecionar nas fazendas, que ficavam afastadas umas das outras. Naquele período, as crianças se deslocavam até a sede da fazenda para estudar, muitas vezes sob uma grande árvore. O deslocamento podia ser feito a pé, a cavalo ou em carro de boi.

Algumas peculiaridades marcaram esse período, como a dificuldade na contratação de professores: poucos profissionais aceitavam deslocar-se devido à distância. Os mais procurados eram normalistas e bacharéis em Letras e Ciências Sociais. Os candidatos a professor eram submetidos a um rigoroso exame, realizado por uma comissão de cinco membros.

Quanto às festividades, conforme registrado no *Atlas de Festas Populares de Goiás*, elas consistem em "demarcações simbólicas e espaciais que expressam os vínculos identitários estabelecidos pelos indivíduos com o lugar, a religião e o(a) santo(a) " (Almeida et *al*., 2015, p. 11). Portanto, as festas manifestam a identidade de um povo cujos valores estão alicerçados na religião.

Uma das festas mais populares de Mineiros é o Festejo de Santos Reis, "considerada uma manifestação cultural religiosa e classificada como folclore. É praticada por adeptos e simpatizantes do catolicismo, com o intuito de rememorar a atitude dos Três Reis Magos" (Candido, 2015). A festa inclui missas, procissões, bailes e leilões. Antigamente, alguns foliões usavam máscaras de palhaço e saíam pelas ruas cantando e dançando músicas tradicionais, o que, por vezes, assustava as crianças.

Igualmente relevante é a natureza do cerrado mineirense, que atrai visitantes de diversas regiões para locais repletos de lendas folclóricas. Um dos pontos turísticos mais conhecidos da região que abrange Mineiros, Costa Rica e Chapadão do Céu (GO) é o Parque Nacional das Emas, “criado pelo Decreto n. 49.874, de 11 de janeiro de 1961, com uma superfície de aproximadamente 100.000 hectares (1.000 km²)” (Silva, 2019, p. 104). Em 2001, foi considerado Patrimônio Mundial Natural pela UNESCO. Quem visita o parque compreende o motivo, dada a organização e preservação do local, que respeita os limites entre a presença humana e a flora e fauna nativas.

O fenômeno da bioluminescência atrai inúmeros turistas para observar vaga-lumes iluminando cupinzeiros, especialmente em noites úmidas e quentes de lua nova. Conforme o professor Etelvino Bechara, que os chama de “cupins do chão”, e segundo o IBAMA, "os cupinzeiros podem atingir até 2 metros de altura e, em certas épocas do ano, irradiam luz fosforescente azul esverdeada produzida por pequenas larvas que ali se criam" (Silva, 2011, p. 157).

Figura 7 - Bioluminescência no Parque Nacional das Emas

Fonte: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, (2021).

Trata-se de um local ideal para quem gosta de se aventurar em trilhas, uma vez que não é permitido sair delas, nem remover, modificar ou tocar em qualquer elemento, a fim de preservar a integridade do ambiente. Do parque, os visitantes podem levar apenas fotografias e boas recordações, dada a rigorosa proteção do local.

Além do aspecto turístico, é um local repleto de histórias antigas narradas por moradores que juram não se tratar de lendas, mas de fatos reais vivenciados por seus avós, pais e tios. Atualmente, com o crescimento da população mineirense, essas narrativas já não são tão valorizadas, mas continuam a ser transmitidas.

Conhecer um pouco da cultura de cada município é relevante para compreender os movimentos culturais que marcam as identidades locais. Por isso, os aspectos históricos também integram esta tese, sendo de grande valia para entender os desdobramentos que contribuíram para a formação linguística e identitária, evidenciando as escolhas e influências mútuas entre os municípios.

Na próxima seção, abordaremos os aspectos metodológicos utilizados na elaboração da pesquisa, a constituição do *corpus*, o perfil sociolinguístico dos participantes e outros desdobramentos que conduzirão às conclusões deste estudo.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

"*Pra ser sincero eu não vejo muita diferença não, apesar de ser três estados diferentes, eu acredito qui é uma região só.*" **P8ATMAS**

Esta seção apresenta a metodologia utilizada na pesquisa qualiquantitativa, baseada nos princípios sociolinguísticos de Labov (2008) e nas abordagens sobre crenças e atitudes de Lambert e Lambert (1972). Serão descritos a constituição do *corpus*, o perfil sociolinguístico dos participantes, o *locus* da pesquisa e o instrumento de questionário-entrevista.

O principal elemento para a construção desta pesquisa está embasado em Bogdan e Biklen (1996), para quem a ética deve ser respeitada desde o planejamento: "Os sujeitos aderem voluntariamente aos projetos de investigação, cientes da natureza do estudo e dos perigos e obrigações nele envolvidos. Os sujeitos não são expostos a riscos superiores aos ganhos que possam advir" (Bogdan e Biklen, 1996, p. 75).

Para assegurar o respeito e a ética durante todo o trabalho, esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da UNEMAT, sob o Parecer Consubstanciado do CEP nº 5.472.376, por envolver seres humanos. "Os comitês de ética em pesquisa são instâncias essenciais para a garantia do respeito à dignidade da pessoa humana" (Paiva, 2012, p. 18).

3.1 CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

Para a constituição do *corpus*, buscamos contemplar os fatores extralinguísticos apresentados. Variáveis como sexo, faixa etária, escolaridade e região são conhecidas como "condicionadores linguísticos e sociais, também tratados por variáveis independentes (ou grupos de fatores) " (Coelho *et al.*, 2010, p. 26), a saber:

a) Dimensão diassexual: sexo biológico homem, mulher

b) Dimensão diageracional: faixas etárias:

- 18 a 35 anos de idade;
- 36 a 55 anos de idade;
- 56 acima

c) Dimensão diastrática: escolaridade: não superior e superior e,

d) Serem nascidos ou residentes nas localidades a maior parte de sua vida.

Corbari (2013) comenta sobre a identidade linguística, a qual, somada aos grupos de fatores, compõe os sentimentos, pensamentos, ações e reações dos participantes:

> A identidade sociolinguística de um falante depende seguramente de variáveis como a classe socioeconômica, o sexo, a idade, o grau de instrução, a profissão, mas também se constrói no desenvolvimento de um discurso, de acordo com as relações que tecem entre si os participantes do evento comunicativo. A capacidade de falar uma língua é acompanhada de um saber baseado em um sistema de valores sociais, ideológicos, culturais, de que uma língua é depositária; tal sistema influencia, ou pode influenciar, a autoavaliação da competência de uma língua, assim como a motivação para aprendê-la (Corbari, 2013, p. 58).

Buscamos entrevistar pessoas nascidas nos três municípios que compõem a Tríplice Divisa. Entretanto, Alto Taquari (MT) apresenta uma particularidade, pois boa parte dos residentes nasceu em cidades vizinhas, como Alto Araguaia e Mineiros, devido à histórica falta de infraestrutura. Alto Taquari, com seus 39 anos de existência, agora oportuniza aos moradores terem filhos taquarienses.

3.2 PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os participantes não foram selecionados de forma aleatória. Preferencialmente, buscamos pessoas nascidas e residentes nas três comunidades de fala da Tríplice Divisa, por acreditarmos que elas teriam maior familiaridade com a cultura e as atitudes/crenças linguísticas locais. Guy (2001) informa que a seleção dos participantes é importante para que a localidade seja bem representada por meio das falas e para que se tenha controle das variáveis.

Para isso, determinamos nortear a pesquisa com algumas variáveis sociais, de acordo com Thun (2005): sexo biológico (homem e mulher). A escolaridade foi um critério importante, pois objetivamos conhecer como pessoas com educação básica e com ensino superior enxergam seu modo de falar e o dos outros. Organizamos a dimensão diastrática em Não Superior e Superior. O termo "Não Superior" refere-se a pessoas analfabetas, com pouca escolarização ou com ensino médio in/completo. Já "Superior" relaciona-se àqueles com formação acadêmica completa, sem conotação de classe social. As profissões, embora relevantes para conhecer interações sociais e linguísticas, não foram determinantes, visando a evitar a fácil identificação dos participantes, sobretudo das cidades pequenas como Alto Taquari e Costa Rica. As três faixas etárias selecionadas foram: 18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 anos ou acima.

Realizamos mais de cinquenta entrevistas, mas selecionamos 36 para completar a dimensão diassexual: 18 do sexo feminino e 18 do masculino, 12 para cada faixa etária. Algumas entrevistas foram excluídas devido a problemas na qualidade do som ou a interferências externas. Delimitar a quantidade foi necessário para o resultado final. Apenas

dois participantes residem na zona rural: um de Costa Rica (**P1CRFAN**) e outro de Mineiros (**P36MMCS**).

O critério de seleção das respostas para a tese foi estratégico. Selecionamos os participantes que mais responderam às perguntas, pois alguns não demonstraram tanto interesse em ter sua opinião divulgada. Também priorizamos aqueles que estavam dentro da faixa etária, mas não no limite exato das idades (por exemplo, evitamos selecionar um participante de 35 anos da primeira faixa e outro de 36 anos da segunda).

Embora as faixas etárias sejam próximas, não quisemos excluir nenhuma, para conhecermos as diferentes identidades. Uma participante da segunda faixa etária, por exemplo, disse falar igual à sua mãe, e seu filho adolescente fala de modo muito semelhante ao dela. Isso indica que, se excluíssemos essa faixa, perderíamos a informação de que a mudança linguística não foi brusca nessa família e que conseguiram preservar seu modo de falar, mesmo com influências externas.

Não há um consenso sobre a quantidade ideal de participantes para uma pesquisa sociolinguística. O próprio Labov (2008) já foi questionado sobre o número de informantes, mas observamos que pesquisas com poucos participantes podem ser suficientes para constatar hipóteses. Tarallo (2003) afirma que cinco participantes são suficientes para cada combinação de fatores extralinguísticos. Esta pesquisa, portanto, possui um número relevante de participantes de cada comunidade, contemplando os propósitos do trabalho. Todos os selecionados estão dentro da proposta e representam os municípios com autenticidade.

Para proteger a identidade dos participantes, organizamos um esquema de referência: 'P' para Participante; sigla da localidade ('AT' para Alto Taquari, 'CR' para Costa Rica, 'M' para Mineiros); Sexo ('F' para feminino, 'M' para masculino); Faixa Etária ('A' para 18 a 35 anos, 'B' para 36 a 55, 'C' para 56 ou acima); Escolaridade ('N' para não superior, 'S' para superior). Este esquema não pertence a nenhum modelo publicado, mas foi elaborado para permitir identificação direta e objetiva.

No município de Alto Taquari, em relação à escolaridade, temos três mulheres e três homens com nível superior, sem nível superior, registramos a mesma quantidade, totalizando doze participantes. Em Costa Rica, selecionamos duas mulheres e dois homens com nível superior e seis participantes sem nível superior, já em Mineiros, todos os participantes possuem nível superior.

Quadro 1 - Representatividade dos participantes da pesquisa

P1CRFAN	PARTICIPANTE 1- COSTA RICA - FEMININO - 18/35 - NÃO SUPERIOR
P2CRFAN	PARTICIPANTE 2 - COSTA RICA - FEMININO - 18/35 - NÃO SUPERIOR
P3CRMAN	PARTICIPANTE 3 - COSTA RICA - MASCULINO - 18/35 - NÃO SUPERIOR
P4CRMAN	PARTICIPANTE 4 - COSTA RICA - MASCULINO - 18/35 - NÃO SUPERIOR
P5ATFAN	PARTICIPANTE 5 - ALTO TAQUARI - FEMININO - 18/35 - NÃO SUPERIOR
P6ATFAS	PARTICIPANTE 6 - ALTO TAQUARI - FEMININO - 18/35 - SUPERIOR
P7ATMAS	PARTICANTE 7 - ALTO TAQUARI - MASCULINO - 18/35 - SUPERIOR
P8ATMAS	PARTICANTE 8 - ALTO TAQUARI - MASCULINO - 18/35 - SUPERIOR
P9MFAS	PARTICIPANTE 9 - MINEIROS - FEMININO - 18/35 - SUPERIOR
P10MFAS	PARTICIPANTE 10 - MINEIROS FEMININO - 18/35 - SUPERIOR
P11MMAS	PARTICIPANTE 11 - MINEIROS - MASCULINO - 18/35 - SUPERIOR
P12MMAS	PARTICIPANTE 12 - MINEIROS - MASCULINO - 18/35 - SUPERIOR
P13CRFBN	PARTICIPANTE 13 - COSTA RICA - FEMININO - 36/55 - NÃO SUPERIOR
P14CRFBN	PARTICIPANTE 14 - COSTA RICA - FEMININO - 36/55 - NÃO SUPERIOR
P15CRMBS	PARTICIPANTE 15 - COSTA RICA - MASCULINO - 36/55 - SUPERIOR
P16CRMBN	PARTICIPANTE 16 - COSTA RICA - MASCULINO - 36/55 - NÃO SUPERIOR
P17ATFBN	PARTICIPANTE 17 - ALTO TAQUARI - FEMININO - 36/55 - NÃO SUPERIOR
P18ATFBS	PARTICIPANTE 18 - ALTO TAQUARI - FEMININO - 36/55 - SUPERIOR
P19ATMBS	PARTICIPANTE 19 - ALTO TAQUARI - MASCULINO - 36/55 - SUPERIOR
P20ATMBN	PARTICIPANTE 20 - ALTO TAQUARI - MASCULINO - 36/55 - NÃO SUPERIOR
P21MFBS	PARTICIPANTE 21 - MINEIROS - FEMININO - 36/55 - SUPERIOR
P22MFBS	PARTICIPANTE 22 - MINEIROS - FEMININO - 36/55 - SUPERIOR
P23MMBS	PARTICIPANTE 23 - MINEIROS - MASCULINO - 36/55 - SUPERIOR
P24MMBS	PARTICIPANTE 24 - MINEIROS - MASCULINO - 36/55 - SUPERIOR
P25CRFCS	PARTICIPANTE 25 - COSTA RICA - FEMININO - 56+ - SUPERIOR
P26CRFCS	PARTICIPANTE 26 - COSTA RICA - FEMININO - 56+ - SUPERIOR
P27CRMCS	PARTICIPANTE 27 - COSTA RICA - MASCULINO - 56+ - SUPERIOR
P28CRMCN	PARTICIPANTE 28 - COSTA RICA - MASCULINO - 56+ - NÃO SUPERIOR
P29ATFCS	PARTICIPANTE 29 - ALTO TAQUARI - FEMININO - 56+ - SUPERIOR
P30ATFCN	PARTICIPANTE 30 - ALTO TAQUARI - FEMININO - 56+ - NÃO SUPERIOR
P31ATMCS	PARTICANTE 31 - ALTO TAQUARI - MASCULINO - 56+ - SUPERIOR
P32ATMCN	PARTICANTE 32 - ALTO TAQUARI - MASCULINO - 56+ - NÃO SUPERIOR
P33MFCS	PARTICIPANTE 33 - MINEIROS - FEMININO - 56+ - SUPERIOR
P34MFCS	PARTICIPANTE 34 - MINEIROS - FEMININO - 56+ - SUPERIOR
P35MMCS	PARTICIPANTE 35 - MINEIROS - MASCULINO - 56+ - SUPERIOR
P36MMCS	PARTICIPANTE 36 - MINEIROS - MASCULINO - 56+ - SUPERIOR

Fonte: Wanessa Rodovalho, (2026).

Na próxima tabela, detalhamos sobre o perfil sociolinguístico do participante da pesquisa, acrescentamos a idade, a cidade de nascimento do participante e a cidade na qual nasceu o seu cônjuge.

Quadro 2 - Perfil Sociolinguístico dos participantes da pesquisa

PARTICIPANTE	NATURALIDADE	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE	ESTADO CIVIL	CÔNJUGE NATURAL DE	REPRESENTA
P1CRFAN	Costa Rica - MS	Feminino	26	Não superior - acadêmica	Casada	Mineiros - GO	Costa Rica - MS

P2CRFAN	Presidente Prudente - MS	Feminino	20	Não superior - ensino médio	Solteira	-	Costa Rica - MS
P3CRMAN	Costa Rica - MS	Masculino	33	Não superior - ensino médio	Solteiro	-	Costa Rica - MS
P4CRMAN	Costa Rica - MS	Masculino	18	Não superior - ensino médio	Solteiro	-	Costa Rica - MS
P5ATFAN	Mineiros - GO	Feminino	29	Não superior - técnico	Casada	Santa Albertina - SP	Alto Taquari - MT
P6ATFAS	Governo - PR	Feminino	34	Superior	Solteira	-	Alto Taquari
P7ATMAS	Alto Araguaia - MT	Masculino	33	Superior	Solteiro	-	Alto Taquari - MT
P8ATMAS	Mineiros - GO	Masculino	24	Superior	Outro	-	Alto Taquari - MT
P9MFAS	Mineiros - GO	Feminino	31	Superior	Solteira	-	Mineiros - GO
P10MFAS	Mineiros - GO	Feminino	26	Superior	Solteira	-	Mineiros - GO
P11MMAS	Mineiros - GO	Masculino	32	Superior	Casado	Goiânia - GO	Mineiros - GO
P12MMAS	Mineiros - GO	Masculino	29	Superior	Solteiro	-	Mineiros - GO
P13CRFBN	Costa Rica - MS	Feminino	42	Não superior - ensino médio	Casada	Ji Paraná - RO	Costa Rica - MS
P14CRFBN	Costa Rica - MS	Feminino	49	Não superior - acadêmica	Casada	Paranaíba - MS	Costa Rica - MS
P15CRMBS	Costa Rica - MS	Masculino	51	Superior	Casado	Camapuã - MS	Costa Rica - MS
P16CRMBN	Costa Rica - MS	Masculino	41	Não superior - ensino médio	Casado	Costa Rica - MS	Costa Rica - MS
P17ATFBN	Alto Taquari - MT	Feminino	51	Não superior - ensino médio	Solteira	-	Alto Taquari - MT
P18ATFBS	Mineiros - GO	Feminino	54	Superior	Casada	Alto Araguaia - MT	Alto Taquari - MT
P19ATMBS	Campo Grande - MS	Masculino	40	Superior	Casado	Goiatuba - GO	Alto Taquari - MT
P20ATMBN	Dourados - MS	Masculino	47	Não superior - ensino fundamental	Casado	Alto Taquari - MT	Alto Taquari - MT
P21MFBS	Mineiros - GO	Feminino	37	Superior	Outro	-	Mineiros - GO
P22MFBS	Mineiros - GO	Feminino	39	Superior	Outro	-	Mineiros - GO
P23MMBS	Mineiros - GO	Masculino	39	Superior	Casado	Feira de Santana - BA	Mineiros - GO
P24MMBS	Mineiros - GO	Masculino	54	Superior	Casado	Mineiros - GO	Mineiros - GO
P25CRFCS	Costa Rica - MS	Feminino	68	Superior	Viúva	Mineiros - GO	Costa Rica - MS

P26CRFCS	Costa Rica - MS	Feminino	69	Superior	Outro	-	Costa Rica - MS
P27CRMCS	Costa Rica - MS	Masculino	60	Superior	Casado	Costa Rica - MS	Costa Rica - MS
P28CRMCN	Alto Araguaia - MT	Masculino	56	Não superior - ensino médio	Casado	Mineiros - GO	Costa Rica - MS
P29ATFCS	Alto Araguaia - MT	Feminino	56	Superior	Casado	Marialva - PR	Alto Taquari - MT
P30ATFCN	Alto Taquari	Feminino	69	Não superior - ensino fundamental	Viúva	Itaguaçu - ES	Alto Taquari - MT
P31ATMCS	Alto Araguaia - MT	Masculino	59	Superior	Casado	Mineiros - GO	Alto Taquari - MT
P32ATMCN	Porto Alegre _ RS	Masculino	80	Não superior – ensino fundamental	Casado	Santo Ângelo - RS	Alto Taquari - MT
P33MFCS	Mineiros - GO	Feminino	58	Superior	Viúva	Mineiros - GO	Mineiros - GO
P34MFCS	Mineiros - GO	Feminino	61	Superior	Viúva	Goiânia - GO	Mineiros - GO
P35MMCS	Jataí - GO	Masculino	69	Superior	Casado	Mineiros - GO	Mineiros - GO
P36MMCS	Mineiros - GO	Masculino	67	Superior	Casado	Mineiros - GO	Mineiros - GO

Utilizado "Outro" porque não se enquadrou em nenhuma das opções: solteiro, casado, viúvo.
Fonte: Wanessa Rodovalho, (2026).

3.3 AS LOCALIDADES

Como apresentado, a pesquisa ocorreu nas três comunidades linguísticas que compõem a Tríplice Divisa entre MT, MS e GO, onde as culturas se misturam e trazem particularidade à identidade linguística de cada diviseiro – na pessoa do Outro, um olhar particular que proporciona ao próprio pesquisador conhecer-se melhor (Eckert; Rocha, 2008).

A escolha geográfica foi importante porque não constatamos nenhum trabalho anterior que tenha pesquisado os falares e as atitudes linguísticas dessas três divisas estaduais, o que nos apresenta um desafio e um compromisso.

Buscamos selecionar dados que mostrem as crenças e atitudes linguísticas dos três municípios, sem preconceito ou valorização de algumas respostas, apenas relatando o que mais identifica cada região – seja no jeito de falar, na pronúncia regional, nas escolhas linguísticas de cada participante –, e exaltando o que se mostra mais relevante para eles na cidade em que residem.

As três cidades representam organismos vivos para pesquisas sobre língua e variedades linguísticas, o que nos possibilita conhecer grupos sociais estabelecidos nas linhas das divisas e suas trajetórias de vida, nas quais se formam as crenças a serem estudadas.

3.4 O QUESTIONÁRIO

Os estudos de Manzini (2003) guiam esta etapa, pois é preciso considerar as variáveis que afetam a coleta e a análise dos dados, bem como a elaboração das questões referentes ao tratamento das informações advindas das entrevistas.

> Dentre as questões que se referem ao planejamento da coleta de informações, estão presentes a necessidade de planejamento de questões que atinjam os objetivos pretendidos, a adequação da sequência de perguntas, a elaboração de roteiros, a necessidade de adequação de roteiros por meio de juízes, a realização de projeto piloto para, dentre outros aspectos, adequar o roteiro e a linguagem (Manzini, 2014, p. 1).

Para seguir esse roteiro, foi elaborado um questionário semiestruturado para contemplar os objetivos propostos e traçar a fala dos nascidos nas localidades estudadas. Três pessoas responderam ao questionário piloto para verificar a adequação das perguntas e dos resultados esperados. Após ajustes, o questionário foi aplicado de maneira informal, em conversa com os participantes, e as respostas foram transcritas, visando à legalidade e fidelidade das informações. Deixou-se claro que não existia resposta certa ou errada, sendo importante responder conforme sua própria percepção.

A elaboração do questionário baseou-se em Bisinoto (2000), Lambert e Lambert (1972) e Sabadin (2013), os quais nortearam as perguntas para conhecer as crenças e atitudes linguísticas, bem como entender a cultura, a regionalização e as influências para a construção do falar local. Ao todo, 35 perguntas buscaram conhecer as crenças e atitudes linguísticas da Tríplice Divisa, visando "delinear situações experimentais de um modo tão especial que os indivíduos a elas sujeitos não percebam estar revelando seus pensamentos, sentimentos e tendências reativas particulares" (Lambert; Lambert, 1972, p. 83).

O questionário foi dividido em quatro partes:

i) contexto histórico e cultural dos participantes (5 perguntas);

ii) informações sobre migrantes (8 perguntas);

iii) composição da Tríplice Divisa (14 perguntas);

iv) percepção sobre a própria fala (8 perguntas).

Ressaltamos que a divisão em partes foi apenas organizacional, pois em todas as respostas há manifestação de pensamentos e sentimentos, sendo as atitudes representadas pelas falas.

O questionário foi criado, conforme menciona Guy (2001), para alcançar os objetivos da pesquisa, fazendo o participante se envolver e sentir-se parte dela, de modo que seus prováveis modos de pensar, sentir e reagir fossem observados em ambientes sociais concretos.

> Como as atitudes não são diretamente observáveis, têm de ser inferidas, seja da cuidadosa observação do comportamento das pessoas em situações sociais, seja dos padrões de respostas a questionários que foram especialmente elaborados para refletirem prováveis modos de pensar, sentir e reagir a ambientes sociais concretos e reais (Lambert; Lambert, 1972, p. 104-105).

Na próxima seção, informaremos sobre a coleta de dados, a qual foi planejada concomitantemente à elaboração do questionário.

3.5 COLETA DE DADOS

Antes da entrevista oral, o primeiro contato com o participante aconteceu via *WhatsApp* ou ligação, conforme indicações de pessoas que contemplavam o perfil ou que entraram em contato depois de receberem nossas mensagens. Após o primeiro contato, o questionário intitulado “Crenças e atitudes linguísticas na Tríplice Divisa - MT, MS e GO - Alto Taquari, Costa Rica e Mineiros” era encaminhado por e-mail e respondido via *Google Forms*. Esse instrumento foi baseado na pesquisa do Comitê Nacional do Projeto ALiB (2001), com as devidas adequações.

A abordagem sempre foi anunciada como um interesse em conhecer a cultura local, a história do município e a percepção dos participantes sobre sua cidade. Nenhum informante indagou o nome do questionário, ficando claro nosso interesse cultural, sem que percebessem o foco na produção da fala e nas crenças linguísticas.

Diante do período pandêmico da Covid-19, iniciado em 2020, com a necessidade de distanciamento social, novos processos de comunicação foram adotados. A entrevista foi realizada por meio do *Skype*, recurso amplamente utilizado para reuniões e aulas durante a pandemia. Isso possibilitou diálogo em tempo real, interação, gravação e manutenção da qualidade dos dados para análise transcritiva, com o cuidado de analisar e revisar todos os dados para manter a fidelidade e as impressões do pesquisador – característica da pesquisa qualitativa (Labov, 2008).

Freitag, Araújo e Dias (2022) comentam os desafios de realizar pesquisa sociolinguística após a pandemia sem comprometer a qualidade acadêmico-científica. Com a mesma preocupação, buscamos deixar os participantes à vontade, iniciando a conversa sobre lendas ou histórias locais, o que os descontraía e evocava boas lembranças da infância, sem que percebessem o objetivo de observar seu vernáculo.

A coleta de dados iniciou após a aprovação do Comitê de Ética da UNEMAT, em junho de 2022, e concluiu em agosto de 2023. Não houve consequências negativas para os participantes; pelo contrário, percebemos que se sentiram felizes pela oportunidade de falar sobre seus municípios, com orgulho visível principalmente nas perguntas sobre crenças. Contudo, quando o assunto era a perda da cultura local, notamos um descontentamento causado pelo avanço da internet, que substituiu algumas tradições.

O tempo estimado para cada entrevista era de trinta minutos, mas houve variação. Algumas duraram 20 minutos; outras, mais de duas horas. Os participantes da terceira faixa etária geralmente tinham mais histórias, resultando em entrevistas mais longas. As mais curtas estavam relacionadas à primeira faixa etária. As mulheres da terceira faixa etária tiveram respostas mais longas e completas. Selecionamos algumas respostas para exposição na tese, priorizando aquelas que mais contemplavam a pergunta e nas quais as crenças ou atitudes linguísticas estavam mais evidentes.

A primeira abordagem focava a cultura local, com intuito de conhecer festas tradicionais, culinária e histórias do imaginário dos habitantes, sem mencionar o interesse maior nas atitudes linguísticas. Segundo Horst, Fornara e Krug (2017) as festas tradicionais, religiosas e os bailes podem "repotencializar" a identidade étnica, o que desperta, nos participantes da pesquisa, o desejo de que sejam "revividas" para evitar o apagamento da cultura local.

A primeira pergunta – "Você conhece alguma lenda da cidade?" – causava boas lembranças, diminuía a tensão e deixava o participante à vontade para contar histórias, sem monitorar sua fala.

> Como as atitudes não são diretamente observáveis, têm de ser inferidas, seja da cuidadosa observação do comportamento das pessoas em situações sociais, seja dos padrões de respostas a questionários que foram especialmente elaborados para refletirem prováveis modos de pensar, sentir e reagir a ambientes sociais concretos e reais (Lambert; Lambert, 1972, p. 104-105).

A análise baseia-se nas respostas como prováveis modos de pensar, sentir e reagir. Não é possível medir uma atitude ou crença, mas podemos explorar as perguntas para entender como foram recebidas.

Na próxima seção, partiremos para a análise dos dados, apresentando o perfil sociolinguístico de cada participante, fato importante para compreender as influências, a origem e as convivências que contribuíram para sua identidade.

4 ANÁLISE DOS DADOS

"Não existe cultura melhor, existe diferente. Todos têm o seu valor regional e sempre falo que nós não podemos deixar acabar com a nossa cultura regional, local. " **P29ATFCS**

A busca pela análise linguística que compõe a Tríplice Divisa constitui a organização de pensamentos, sentimentos, aculturação e, sobretudo, de identidade, o que nos permite entender como as identidades foram se construindo e se estabelecendo desde os primeiros contatos familiares, passando pelos contatos regionais – devido à grande quantidade de migrantes nas três localidades – até pelas influências midiáticas que cada vez mais agregam valores sociais e influenciam a fala, a pronúncia regional, principalmente entre a geração mais jovem.

Para expor essa identidade, organizamos a análise dos dados de acordo com as partes do questionário: i) contexto histórico e cultural dos participantes; ii) informações sobre os migrantes; iii) composição da Tríplice Divisa; e iv) percepção sobre a própria fala.

Não foi possível incluir todas as respostas na íntegra, pois certamente não caberiam em um trabalho científico, uma vez que, como já exposto, temos entrevistas com mais de duas horas de duração. Seria inviável apresentar todas as respostas, mesmo transcritas; além disso, algumas não respondem ao que foi perguntado ou foram respostas monossilábicas, onde não conseguimos extrair muitas informações. Assim, selecionamos as partes que melhor se enquadram na resposta, sem preferência ou qualquer interferência nossa, mas levamos em consideração a sugestão de Labov (2008) de que a entrevista deve ser gravada individualmente para que se obtenham dados mais confiáveis.

Também não foi possível abordar todos os migrantes das localidades para completar este trabalho, pois ficaria muito extenso. Em Alto Taquari e Costa Rica não há muitos estrangeiros; em sua maioria, são sulistas descendentes de europeus. Já em Mineiros, além desses descendentes europeus na figura dos sulistas, os participantes citaram a presença de muitos japoneses. No geral, não há muitos registros de latino-americanos, ao menos não foram citados pelos participantes da entrevista.

Após essas considerações, faremos um fechamento com as observações levantadas nas três comunidades, mostrando suas semelhanças e diferenças na composição das atitudes e crenças linguísticas na Tríplice Divisa.

As respostas que se encontram entre aspas foram transcritas na íntegra, conforme a fala da pessoa, sem interferência ou correção, com seus regionalismos e dialetos peculiares, para maior fidelidade, conforme Bogdan e Biklen (1996).

Para fazer as transcrições fonéticas de algumas palavras citadas pelos participantes – palavras essas que eles tentaram produzir como falam ou como falam os migrantes ou os vizinhos da Tríplice Divisa –, usamos o programa *Praat*, versão 6.4.27, importante para a análise e síntese de áudio, software que permite conhecer a acústica, as sínteses e as variações da fala.

No caso desta pesquisa, utilizamos o *Praat* na análise auditiva das transcrições, somente para descrever as reproduções do /r/ como um fonema e não como um som, assim como de outras palavras que tentaram ser produzidas com sotaque diferente. Diante disso, usaremos /r/ foneticamente em toda reprodução gráfica; não faremos análise de cada representação do /r/ encontrada nas três regiões pesquisadas, porque este trabalho se desenvolve com o objetivo de estudar as crenças e atitudes linguísticas.

Embora algumas crenças culturais estejam representadas aqui pela importância que possuem no imaginário e também na convicção dos fatos, respeitamos e mostramos o que foi relatado pelos participantes, pois, de alguma maneira, são importantes, particularmente para eles e também para a comunidade em geral, como para o município, por serem manifestações não apenas culturais, como também de sua fé.

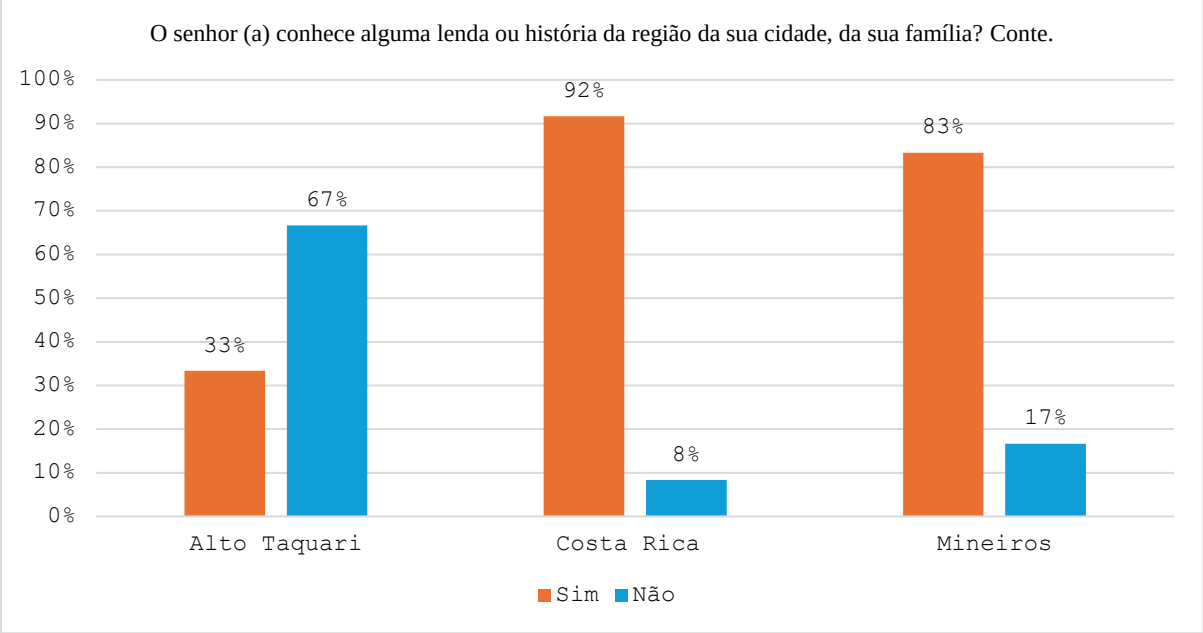
A seguir, iniciaremos com os dados da primeira parte. Nossa intenção é que as respostas dadas não tivessem nenhuma influência do entrevistador; contudo, a opinião de cada um deve ser respeitada em sua singularidade, pois talvez não seja a mesma que a da maioria dos moradores dessas localidades pesquisadas.

4.1 CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DOS PARTICIPANTES

Esta seção destina-se a conhecer as opiniões dos taquarienses, costa-riquenses e mineirenses sobre a construção de suas cidades, as vivências do cotidiano e as transformações sociais e históricas que discorrem sobre como é a vida.

Com a intenção de deixar os participantes da entrevista mais extrovertidos, a primeira pergunta – "O senhor (a) conhece alguma lenda ou história da região da sua cidade, da sua família? Conte" – foi uma boa maneira de começar um diálogo mais descontraído, pois os participantes buscavam em suas memórias afetivas relatos das histórias contadas ou vivenciadas.

Gráfico 1 - Lenda ou história da região



Fonte: Wanessa Rodovalho, (2026).

A maioria, composta por 67% das respostas dos taquarienses, não conhece nenhuma lenda ou história tradicional da região; já 33% afirmaram que conhecem. Entre elas, destacamos:

> **P18ATFBS** "Tem uma história que o meu pai conta, aqui nós estamos próximos ao Parque das Emas ‘né?’, meu pai fala que quando ele saia daqui assim, ele ia a cavalo, ele falava assim que tinha a história de uma luz que perseguia eles ‘né?’, aquela luz à noite, ele conta essa história, mas hoje a gente sabe que não era luz ‘né?’, era o fenômeno lá que agora eu esqueci o nome (bioluminescência), dos vaga-lumes, dos cupins, ele fala que não, que aquilo lá era uma assombração."

Este fenômeno também é contado por alguns participantes de Mineiros como uma lenda que realmente era uma assombração que acompanhava os viajantes durante as noites. Outra lenda que registramos:

> **P29ATFCS** "Aqui o pessoal conta muito aquela história do caboclo, qui é o Nego d'Água, tem a da jacuba também ‘né?’, aquela do homem seco ‘né?’, comi língua, são folclóricas, mas não tradicionalmenti daqui, ‘né?’criada aqui. É até engraçado porque o meu pai tinha muito medo disso porque ele via, quando ele ia pra furna, tinha uma fazenda aqui em cima i tinha o outro lá embaixo, eli disse qui passava por uma ponti qui tinha um corregozinho, qui é até Alto Taquari, qui é lá na frenti qui ele vai ficar grandi, forti, eli dissi qui muitas vezes quando eli vinha a cavalo pra passar na ponti tinha um negrinho lá em cima i aí eli mergulhava, eli caia n'água."

Apesar de serem relatos de crenças e manifestações culturais, as pessoas que contam essas e outras histórias as tomaram como verdades absolutas. Por isso, é importante conhecer o

contexto em que elas aconteceram para que se entendam os pensamentos atuais. Para Barcelos (2006), crença é convicção particular, individual, na qual se manifesta a sua fé e certeza; é o acreditar que faz com que as crenças sejam tão importantes, principalmente quando a memória é coletiva. Conforme os relatos, não apenas o pai da participante via o Nego d'Água ou as luzes; são representações da crença do povo de uma determinada região.

Conforme a participante **P18ATFBS**, seu pai realmente via as luzes, mas não sabia que este era um fenômeno que acontece no cerrado, onde os vaga-lumes depositam suas larvas e emitem luz para atrair insetos para se alimentarem, chamado fenômeno de bioluminescência, ilustrado na figura7.

Segue a versão de uma participante de Mineiros sobre a Lenda do Homem Seco:

> **P33MFCS** "No Parque das Emas tem a trilha do homem seco, conta-se que naquela época, quando os tropeiros começaram a chegar na serra, tinha muito aquelas viagens levando gado 'né?', as tropas, esse rancho era lugar de descanso, ainda tem alguns postes, pilares originais de quando eles amarravam os cavalos, era lugar de descanso dos tropeiros, em muitas viagens eles viam aquela luz que acompanhava 'né?', aquela luz no cerrado, não se explica ainda o que é essa luz, mas diz que essa luz conduzia os tropeiros para achar um tesouro escondido, e aí, numa viagem dessas, o pai e o filho tava viajando, avistaram essa luz, seguiram essa luz, i foram parar no pé de uma árvore, e ali eles foram escavar para encontrar o tesouro escondido. O filho ficava tramando matar o pai para ficar com a fortuna sozinho, conta-se a lenda que ele escondeu atrás de um cupinzeiro, vizinho de um mata pau, aquela árvore que enrosca as outras árvores, e com a espingarda na mão 'né?', o pai vê o filho com a espingarda na mão, falou para o filho parar com aquilo e o filho não parava, e o pai disse que se você continuar assim você vai morrer seco naquele lugar, aí o filho, naquele momento, fico mobilizado 'né?', petrificou, e morreu naquele lugar 'né?'. Com aquela arma na mão, i conta-se que por muito tempo 'né?', as pessoas ainda viam a ponta daquela arma por trás da árvare, porque a árvore enroscou e prendeu ele na outra árvore, ficou preso no mata pau, i eu me lembro do meu pai contava essa história também, a gente tinha até medo dessa luz acompanhando e as vezes avistava essa luz mesmo, esse fenômeno do cerrado."

No município de Costa Rica, é possível encontrar muitas lendas, como a da cigana que amaldiçoou a cidade porque perdeu seu filho afogado no Rio Sucuriú. Reza a lenda que a maldição dela ainda acontece, pois todo ano uma pessoa morreria afogada no mesmo rio. Temos também a lenda do Pedro Surrão, famoso por virar lobisomem nas noites de lua cheia e principalmente na Quaresma; as crianças tinham medo dele, pois os pais falavam que, se elas não obedecessem, o Pedro Surrão iria pegá-las. Foram anos sofrendo discriminação porque era um senhor negro, muito alto, cabelo raspado, barba grande e solitário.

Apenas um participante da primeira faixa etária disse não conhecer nenhuma lenda, resultando em 8%; em contrapartida, 92% registraram que conhecem alguma lenda da região, geralmente contadas pelos pais ou presenciadas pela terceira faixa da pesquisa; 50% das pessoas

que conhecem uma lenda citaram a lenda do Santo Fujão ou Santo Senhor Bom Jesus, conforme relato de um participante.

> **P13CRFBN** "Eu lembro da minha mãe contava referenti a história do Santo Fujão, 'né?', não sei si é verídica, o que acontecia co santo 'né?', a minha mãe conta 'né?'qui inclusivi era uma fazenda na região da Capela 'né?' qui o proprietário qui adquiriu esse santo, mas juntando toda comunidadi achou por bem que teria qui construir uma igreja 'né?'i tirá o santo da fazenda i coloca lá na igreja. Aí depois di muito tempo fazeno a reza, fazeno a festa nessa fazenda, foi quando transferiu ele direto pra Capela, aí diz qui chegava na parti da manhã eles punha o santo lá na igreja, quandu era di noiti ele voltava pra fazenda, quando chegava di manhã na igreja o santu não tava lá, assim sucessivamenti por um determinado tempo. Quando eles resolveu a cortá o pé deli, si você já foi na festa, se você olhar, diz qui a genti não pode olha 'né?', mas si você erguer a roupa deli embaixo, os pés deli são cortadu. A mãe fala qui eles se reuniu pra cortá o pé do santo pra eli não voltá, depois di cortado o pé eli não volto mais, eli permaneceu dentro da igreja qui é ondi eli ta até hoji. A minha mãe acreditava."

Em muitos relatos, ouvimos que as pessoas mais antigas acreditavam e ainda acreditam que este fato aconteceu; isso ocorre quando a tradição é marcante, por serem manifestações populares que as pessoas tomam como verdade. Segundo Gimenez (1994), uma crença pode ser uma teoria popular e, neste caso, a teoria dos mais antigos em resolver o problema da fuga do santo faz com que até seus filhos acreditem.

Os mineirenses recordaram algumas figuras lendárias, como o Seu Lino; as crianças tinham medo dele, principalmente quando alguém o chamava de Maria, pois logo ele ficava bravo e as crianças mais amedrontadas. Conta-se também que um coronel pediu ao padre Maximino que celebrasse a missa de corpo presente na Sexta-Feira Santa porque a esposa dele tinha morrido; o padre se recusou, por isso ele mandou bater no padre. Como resposta à retaliação, o padre, antes de ir embora da cidade, jogou uma praga de que em Mineiros teria muita formiga; alguns juram que a praga realmente pegou.

O sobrenatural também está presente nas lendas mineirenses no Portão do Inferno, que é uma serra gigantesca localizada muito próximo à Pedra Aparada, outra lenda da região. Quem dorme nas cavernas da Serra do Portão do Inferno acaba encontrando-se com demônios, gnomos e criaturas sobrenaturais.

Na próxima pergunta: "O senhor (a) acha que a cultura e as crenças da sua cidade têm se perdido ao longo do tempo?" 17% dos taquarienses deixaram a pergunta sem resposta; porém, a maioria, 83% das respostas, considera que a cultura e as crenças de Alto Taquari têm se perdido ao longo do tempo. As respostas seguintes justificam:

> **P7ATMAS** "As raízes da nossa cidade, então isso têm se perdido ao longo do tempo também." **P20ATMBN** "Para a cidade, tem Mato Grosso 'né?', Cuiabá, tem um pouquinho de índio 'né?'. A cultura mato-grossense a gente não vê nada, o que se vê alguma coisa é quando as escolas fazem 'né?'. Aqui, por sermos divisa com Goiás e Mato Grosso do Sul, nós estamos a 500 km de Cuiabá, qui é a nossa capital, nós não temos uma cultura voltada ao estado."

Os participantes demonstraram preocupação com o fato de a cultura local não ser algo expressivo na cidade, e isso é uma preocupação estritamente daqueles que nasceram e/ou possuem os pais nascidos na região. Um participante cita que o distanciamento de Alto Taquari para a capital é um dos fatores que acabou levando Alto Taquari a não ter uma cultura semelhante à de Cuiabá ou demais municípios de Mato Grosso, devido à sua localização geográfica. Alguns participantes comentaram que os costumes e a língua são diferentes, por isso a identidade ficou comprometida.

Já em Costa Rica, quando o assunto é a lenda do Santo Fujão, a maioria acredita que esta crença ainda permanece. Segundo a participante:

> **P2CRFAN** "A genti junta todo mundo aqui, eu, meu irmão, meus primos, nós vamos, minha mãe. Eu acredito que não, se houvesse perda, não teria todo ano a caminhada da fé, então eu acredito qui foi uma coisa qui mantevi e é uma coisa qui vai evoluindo né, no entanto, qui vem pessoas de Alcinópolis, Figueirão, das redondezas pra poder tá participando dessa data qui todo mundo espera na verdade né, a caminhada da fé."

A caminhada da fé é regada por simbolismo religioso, é uma mistura de tradição e lenda. São aproximadamente 30 km que os devotos percorrem de Costa Rica à Capela do Senhor do Bom Jesus para pedir ou agradecer pelos milagres; nela, encontramos o santo que fugia da fazenda para a Capela.

Dos 12 participantes, 33% consideram que a cultura não tem se perdido, mas 58% admitem que sim, que a cultura e as lendas estão se perdendo devido ao avanço da tecnologia, e acrescentam que a geração mais nova não está preocupada em preservar as crenças dos pais e avós. Obtivemos apenas um participante sem resposta, marcando 8%.

Para Félix (1998), a crença possui um resultado afetivo, ou seja, com elementos de percepção, sentimento, entre outros fatores que estão ligados à emoção; para a participante **P2CRFAN**, estar envolvida com sua família na caminhada da fé proporciona a ela lembranças. Conforme Barcelos (2007), as crenças podem ser individuais – e acrescentamos, coletivas também – individuais por ser uma experiência única para cada pessoa, possibilitando agir e reagir de acordo com seu cognitivo; já coletivas, por estarem relacionadas aos grupos sociais, que compactuam das mesmas vivências e das mesmas crenças.

Segundo o participante:

> **P16CRMBN** "Com certeza si perderam, a genti tinha muitas outras situações qui são coisas, como por exemplo a quaresma antigamenti tinha muito mais conteúdo, muito mais história 'né?', coisas do início da cidadi, dos costumes daquela época, os nascimentos, os partos, tudo isso está si perdendo junto com essa geração mais antiga qui está cumprindo o seu prazo aqui 'né?', a geração mais nova são outros valores. Hoji em dia é raro tirar um tempo pra genti poder conversar e especialmenti com pessoas di mais idadi, qui têm outras experiências, qui têm um conhecimento diferenti. Há uma interrupção, o legado não é transferido pra frenti, o legado morre com essas pessoas."

Ainda citando Barcelos (2007), a autora defende que, embora as crenças sejam dinâmicas – isto é, pelo seu caráter paradoxal, elas, ao mesmo tempo, podem se constituir em obstáculos para mudança, pois mudar pode gerar muitos conflitos, incertezas e questionamentos. Tomando outra percepção, as mudanças das crenças também implicam o nascimento de novas crenças; diante disso, Posner *et al.* (1982) informa que, para que haja mudanças de crenças, é preciso que exista descontentamento com a crença já conhecida. Isso parece ter acontecido com alguns costa-riquenses, conforme citado pelos participantes **P16CRMBN** e **P27CRMCS**, ao mencionarem que as tradições foram transportadas para um novo tempo, no qual a tecnologia passou a ser mais importante que uma roda de conversa, entre outras coisas que ficaram perdidas no tempo.

> **P27CRMCS** "Sim, aí é uma dinâmica 'né?', com o advento da tecnologia da comunicação a tendência é a cultura ir se perdendo, as festas, os bailes, a forma como era feita já não faz mais, a gente tinha os bailes desde o tempo de jovem, ainda antes, quando eu era menino existia ainda nas fazendas os mutirões, os traições, tinha todo um processo cultural atrás disso, hoje você não vê mais. Os bailes de fazenda, as traições, os mutirões, é uma coisa cultural da época 'né?', e aí vem a aculturação, a imposição da cultura trazida de fora, e soma com a qual tem aqui e nessa dinâmica soma e vai se perdendo a cultura raiz. A gente já não vê uma roda de catira, mais se não for uma roda de catira fabricada e treinada para apresentações, coisa que acontecia normalmente aqui, a gente tinha roda de catira, você não vê um catira mais. Uma cultura que já se foi e tinha catira pra todo lado, nas fazendas fazia uma festa saia um catira, a cultura vai se perdendo."

Alguns participantes de Mineiros tiveram as mesmas observações ao dizerem que a cultura tem se perdido porque os mais novos não têm interesse em ouvir as pessoas mais velhas, não têm paciência para o diálogo e acabam considerando mais a tecnologia do que a presença física para uma conversa.

Sendo assim, 16% dos mineirenses não souberam ou não quiseram responder, e 42% está empatado: seis participantes responderam sim e seis responderam que não, sobre a tradição estar se perdendo. Entre as justificativas, destacamos: **P21MFBS** "A gente sempre se reúne no natal. O tereré a gente toma também."

Duas participantes destacaram a tradição em sua família de tomar o tereré, bebida típica de Mato Grosso do Sul e Paraguai; esta tradição também chegou ao estado de Goiás, talvez pela aproximação das divisas e porque há muitos costa-riquenses residindo em Mineiros.

P35MMCS "Não, continua muito da cultura Cedro." **P24MMBS** "Não os remanescentes dos quilombos, é o único lugar que eles mantêm algumas danças." Muitos participantes, durante toda a entrevista, citaram a Comunidade Quilombola de Mineiros como um exemplo de fidelidade às suas tradições e engajamento, principalmente da tataraneta de um dos fundadores da comunidade, Chico Moleque, também muito citado pelos participantes. Lucely Morais Pio há anos tem representado sua comunidade e ganhou destaque por sua vida e trabalho com a medicina natural, divulgando seus conhecimentos nacional e internacionalmente por meio de palestras, entre outros afazeres.

Para termos noção sobre a existência da tradição familiar nos municípios, perguntamos: "Existe alguma tradição/cultura que ainda está viva em sua família? Qual? E esse costume/tradição vem de onde? De alguma cidade?"

Interessante este resultado, pois 92% afirmaram que ainda existe alguma tradição na sua família, uma porcentagem alta, tendo em vista que os taquarienses pesquisados consideraram que os costumes da cidade têm se perdido. Isso mostra resiliência em não deixar que aconteça o apagamento do tradicionalismo na cidade.

> **P29ATFCS** "Cultura qui é até interessanti, todo sábado é dia di fazer bolo, bolo qui eu falo é assim é biscoito, broa, pão de queijo, bolo de milho, tem qui fazer as coisas si não tá errado. Outra cultura é o mangarito com melado, comer mangarito com melado. Mangarito é tipo uma batatinha, só qui eli é bem pequenininho, assim, menor, sabi aquelas batatinha bem pequinininha? Eli dá mais ou menos daqueli tamanho, então a genti cozinha eli com água, i aí você comi eli com melado di cana, hum mais é bão, menina do céu! O meu já está plantado, daqui a pouco já vou colher, ensaca i comi o ano inteiro."

Muitos participantes citaram a tradição da culinária local de ter a mesa farta, com doces e biscoitos; o mesmo aconteceu em Mineiros. Não parece ser um problema ter essa semelhança com os goianos, embora uma considerável quantidade de participantes não queira cozinhar comidas típicas dos sulistas, paulistas e nordestinas.

> **P31ATMCS** "Isso vem desde os meus bisavós lá (criação de gado), vieram pra cá com esse propósito e veio passando de geração em geração e até hoje a gente continua nessa atividade, mas é uma atividade econômica 'né?'. "

Brandão (1986, p. 111) diz que as "identidades podem ser geradas, preservadas, extintas, transformadas, dependendo não de uma voluntária vontade simbólica do grupo, mas

das atribuições pelas quais passa na realização cotidiana de sua própria história." O relato de **P31ATMCS** é uma consequência de uma identidade construída no seio familiar, são experiências e crenças passadas por gerações, experiências essas que são tanto individuais como coletivas, ao se pensar que vieram dos seus avós, pais, e eram modelos de vida em suas épocas e que ainda são reproduzidos como uma manifestação de seus próprios interesses.

> **P30ATFCN** "Festa de igreja mudou, hoje só dá briga, era leilão, cê levava as coisas, gritava o leilão, o povo arrematava 'né?', cê doava pra igreja frango, cê comprava um litro de vinho, cê doava, otra hora cê levava uma caixa de trem, levava pro povo arremata, isso não tem mais."

Uma expressão que quase passa despercebida é a palavra "trem" que a participante usou, pois geralmente quem usa essa expressão é oriundo de Minas Gerais. Talvez devido à convivência com algum goiano, que também costuma reproduzir essa palavra para indicar alguma coisa que não consegue nomear; também registramos este fenômeno nas entrevistas com os mineirenses. Quatro participantes de Alto Taquari usaram esta expressão em algum momento da entrevista, sendo um rapaz da primeira faixa etária, uma senhora da segunda faixa etária e duas senhoras da terceira faixa etária. Percebemos que esta produção está mais presente entre as mulheres mais velhas, pois houve apenas uma reprodução entre os mais novos. Na percepção deste rapaz, ele já não fala totalmente igual ao seu avô, porque, segundo ele, já tem outras convivências, inclusive com os mineirenses; pela convivência acabe falando de maneira semelhante.

Outro dado importante é que, dentro dos 92% que afirmaram que ainda existe tradição em sua família, 33% citaram que a tradição veio da cultura sulista, principalmente o churrasco, chimarrão e a agricultura; e 8% do Nordeste, onde as festas são importantes, pois convidam os amigos e vizinhos.

De acordo com os participantes de Costa Rica, o maior percentual, 50% das respostas, foi de que não existe na família atualmente nenhuma tradição oriunda de seus antepassados; todas comentaram sobre alguma tradição ou cultura que pertencia à sua família, mas que agora não acontece mais. As mudanças de comportamento, a desvalorização das culturas antigas estão se perdendo porque as pessoas começaram a se comunicar mais pelo celular do que tendo uma boa conversa, contando os causos, os quais foram acabando porque os avós já não estão presentes.

Citamos novamente Bem (1973) ao dizer que as crenças de um homem formam a compreensão que ele tem de si mesmo e do meio, são pelas experiências vividas

individualmente e coletivamente. Para exemplificar, vamos citar a lenda do Pé de Garrafa, muito famosa na região e no estado do Mato Grosso do Sul, a qual foi desvendada pelo pai do participante**:**

> **P27CRMCS** "Como um o pé de garrafa. É a larva de um besouro, em fase de ninfa, ele vai circulando, circulando até enterrar no solo, se você furar aonde tem o pé de garrafa, porque o pé de garrafa é de fato um rasto de uma garrafa que bateu ali no chão, sabe. Mas se você furar aonde tem o sinal da marca, você encontra o quê? a larva de um besouro é um corozão, sabe."

Considerando a perspectiva de Bem (1973), citada no parágrafo anterior, por que o participante não acreditou na história que todos contavam, mas acreditou na explicação de um pai cético? Porque as crenças básicas, as crenças primitivas são aceitas como dadas; por isso, possuem valores que vão além das experiências externas da pessoa. No caso, a maioria das pessoas acreditava que o pé de garrafa era real, mas para ele não. O participante ainda acrescenta que seu pai desvendava as lendas para que seus filhos não tivessem medo, visto que eram muitas crianças e precisava dos filhos para ajudá-lo no serviço da fazenda.

Além disso, temos a caminhada da fé, citada por 25% das respostas daqueles que ainda possuem alguma tradição na família; recebe destaque por fazer parte da cultura local que se expande para os municípios vizinhos, mobiliza grandes famílias e amigos, unidos pela fé e gratidão ao Santo Senhor Bom Jesus.

Ao mencionar o vocábulo "treição", esta comunidade escolheu dar este nome à traição; há indícios de que não seja um português errado, como mencionado pela participante, mas sim uma atitude de escolha linguística que mais se assemelhou aos falantes. Então entendemos o que Calvet (2002, p. 65) cita: "as atitudes linguísticas exercem influências sobre o comportamento linguístico."

Entre os seis participantes que responderam não possuírem tradição em sua família, contabilizando 50% das respostas, um está dentro da primeira faixa etária, três estão dentro da segunda faixa etária e dois dentro da terceira faixa etária. Isso acende um alerta, tendo em vista que os participantes das últimas faixas etárias – entre 36 e mais de 56 anos de idade – são as pessoas que ouviram ou presenciaram muitas tradições antigas da cidade e agora estão se distanciando, com isso, deixando de contar as histórias do município e de sua família para seus filhos e netos, conforme a percepção do participante **P4CRMAN** "Essa nova geração não repassa as lendas e a cultura da cidade. Se perguntar pra uma pessoa mais nova, não vai saber sobre essa lenda." Esta foi a resposta do participante que está entre os mais novos entrevistados, referindo-se à lenda do Santo Fujão.

Os mineirenses entrevistados responderam à pergunta "Existe alguma tradição/cultura que ainda está viva em sua família? Qual? E esse costume/tradição vem de onde? De alguma cidade?". Destacamos que 67% ainda cultiva alguma tradição/cultura em sua família, percentual também alto considerando as mudanças de comportamento que eles mesmos citaram nas respostas anteriores. Entre elas, a culinária recebeu destaque: são os biscoitos, as roscas, os doces, as famosas quitandas de Mineiros.

P33MFCS "De comida, o chá das baianas que a gente fala, a comida baiana, o biscoito Carrijo, a peta de polvilho, minha mãe enchia o saco de açúcar de biscoito, o cuscuz." A resposta deste participante engloba a cultura de vários lugares: a baiana; Carrijo é uma família que veio de Minas Gerais para desbravar Mineiros e continua a tradição culinária; a peta de polvilho também foi citada por participantes de Alto Taquari; já de Costa Rica, ninguém citou como peta, apenas biscoito de polvilho e o cuscuz, originalmente nordestino.

Muitos participantes citaram que passaram a conhecer o cuscuz recentemente, mas que ainda não possuem o costume de fazê-lo em casa. O que percebemos é que os mineirenses estão em busca de manter a tradição culinária; eles até fazem uso da comida de outras regiões, mas tentam fortalecer a tradição usando produtos regionais, conforme esta participante: **P34MFCS** "Só o doci, o requeijão a genti continua fazendo, o biscoitim de queijo, o biscoitim frito, essi a genti faz."

O próximo participante considerou o jeito de falar mineirense como uma tradição, exemplificando a variação lexical para identificar a sua localidade geográfica:

> **P34MFCS** "O tal dos goianos gosta muito de abreviar muito as coisas, imendar uma palavra na outra quando está falando, quando está lá bem distraído ‘né?’, tipo, mi verdi, tudo tão junto qui aglutinam muito os sons e vira uma palavra só." "filho de uma qui ronca e qui fuça, a genti fala fidiumaroncaifuça, tudo junto, qui é filho de uma porca."

Todos os participantes, em algum momento da entrevista, citaram a aglutinação como um elemento identificador da fala mineirense, independente do sexo, faixa etária e escolaridade; portanto, é uma crença e uma marca registrada na grande comunidade de fala mineirense, características que funcionam como elementos de aproximação e apropriação das variedades regionais.

Freitag *et al.* (2022, p. 65) alerta que "a percepção de um fenômeno depende do julgamento do ouvinte, que correlaciona fatores sociais a traços sociolinguísticos, constituindo um padrão de consciência social na comunidade". Este é um resumo sobre como os mineirenses têm consciência de como falam.

Na próxima resposta, temos uma crença cultural registrada como um fenômeno que tem passado de gerações:

> **P23MMBS** "Algumas coisa fica inraizada na gente ‘né?’, varrer a casa, só pode pra frente, dormir di, com os pés virados pra porta, não podi, faz mal, isso tem ainda, mas algumas coisas assim a genti já não fala mais."

A lealdade linguístico-cultural está evidente nesta resposta; este participante ainda usa as tradições ensinadas por sua mãe como uma ferramenta positiva para manter vivas características dela. Esta resposta dialoga com a origem das tradições apontadas pelos participantes, que são vindas da família, pais e avós; alguns ainda pontuaram da cultura sulista e outras, nordestina, geralmente ligadas à culinária.

A última pergunta desta seção: "Gostaria de comentar ou contar alguma coisa sobre a sua região que eu não tenha perguntado?" Temos as respostas de Alto Taquari: **P6ATFAS** "Quando eu cheguei aqui eles falavam, espera aí que eu vou banhá e já volto, hoje eu falo banhá. Eles falam quitanda é aquelas bolacha, pãozinho, doce, biscoito, quitanda, quitanda eles falam."

Na dissertação de Oliveira (2020), o vocábulo "banhá" também foi citado por uma participante ao dizer que os costa-riquenses têm preguiça de falar, por isso, encurtam as palavras como "banhá", ao referir-se a banhar. Esse apagamento do final das palavras também foi constatado em Mineiros; participantes também usaram da mesma palavra para justificarem que eles encurtam as palavras. Um deles, **P11MMAS**, fez importante observação sobre este uso:

> **P11MMAS** "Tem um historiador famoso aqui Dr. Martiniano, ele tava falando da distinção entre o tomar banho e o banhar, qui o mineirense fala banhá, não fala vou tomar banho, vô banhá, i ele falou assim, isso aconteci muito porque antigamenti havia de fato uma distinção na língua portuguesa, tomar banho é chuvero, a água cair di cima e banhar era banheira, i antigamenti como não havia encanamento nas casas, era tudo na banheira, então os mineirenses banhavam di fato, não era tomar banho i eu entendi qui o povo mais antigo, por não ter contato com a tecnologia, eles falavam dessa forma. É uma situação assim, evolução da própria língua. "

O dinamismo apresentado por este participante sobre a evolução da própria língua e como a própria língua se adequa à realidade de cada comunidade resulta nas variações regionais. Este vocábulo "banhá" está tipicamente presente na Tríplice Divisa, o que mostra ser uma atitude linguística compartilhada.

As expressões citadas como "uai", "trem" ou "banhá", indicam manifestações de crenças, pois, conforme citam as seguintes autoras, "em relação aos grupos com determinada identidade pode ser e, na maioria dos casos, é uma reação às variedades usadas por esse grupo,

uma vez que normas e marcas culturais dos falantes se transmitem ou se sedimentam por meio da língua" (Silva; Aguilhera, 2014, p. 705). Sendo assim, as crenças estão sendo transmitidas pela língua dos grupos que compartilham das mesmas identidades e escolhem falar como falam.

Outro participante de Alta Taquari acrescenta: **P8ATMAS** "Típico da cidade: velhaco: rapaz esperto, atento. Ao invés de falar 'fulano perguntou isso', a gente fala 'fulano procurou isso', tranquilo e em SP também."

Aqui também encontramos regionalismo com expressões de São Paulo, influência do falar mais jovem da primeira faixa etária pesquisada. Para Moreno Fernández (1998), a língua e a sociedade possuem uma relação; assim, o grupo, ao compactuar de uma mesma variedade linguística, está identificando uma identidade, pois tem relação com os próprios usuários.

> **P29ATFCS** "Antigamente aqui, quando tinha festa tinha sanfoneiro, depois banda, agora só toca música de gaúcho, ou seja, está invadindo o espaço, mas isso, culpado um tanto são as pessoas daqui mesmo, qui não lutou pra qui a cultura dela si mantesse viva, vai achando bonito o que vem 'né?', então vai acabando aquilo. Quando era época de festa junina a gente, durante o dia, se vestia de roupa de quadrilha, de charrete, com o padre, pra todo aquele ritual do casamento caipira, hoje em dia não tem mais."

Esta participante narra seu descontentamento ao ver a cultura local perder espaço para a cultura dos migrantes. A tendência é que a cultura do mais forte prevaleça sobre a do menor, e este é um alerta feito por vários participantes ao dizer que atualmente há mais migrantes do que taquarienses. A questão levantada é sobre a cultura dinâmica, que está em constante desenvolvimento; sendo assim, a cultura local está perdendo espaço para grupos dominantes – esta é uma manifestação da crença dos taquarienses. Segundo a participante, isso acontece porque as pessoas deixaram as influências externas tomarem conta do que era uma tradição muito forte, como a festa junina e mais; foi percebido também por participantes de Costa Rica que o sotaque de Alto Taquari é muito semelhante ao dos gaúchos, marca de uma identidade por aculturação.

> [...] é bastante comum que o entendimento de identidade se manifesta no sentimento de pertença a um grupo étnico que compartilha de um sistema específico de cultura, representado por sua vez por uma língua ou por um dialeto comuns e vigentes entre membros de um grupo étnico. (Frosi, 2013, p.104).

A percepção que temos é de que os taquarienses, segundo os participantes da pesquisa, estão perdendo o sentimento de pertencer a um grupo étnico, conforme Frosi explica, pois viram a língua que falam passar por transformações que, aparentemente, fogem do gosto comum.

Quando a pessoa de fora, no caso os costa-riquenses e mineirenses, consegue perceber que a língua falada em Alto Taquari não é semelhante à língua de Mato Grosso, mas sim à dos gaúchos, é uma evidência de que a variação linguística, seja também pelo sotaque, está alcançando outros patamares, como a dominação política – a qual comentaremos em outra oportunidade, pois esta é uma percepção de vários taquarienses.

Na próxima narrativa, temos um anseio de muitos taquarienses que expuseram a necessidade de resgatar sua cultura.

> **P31ATMCS** "Eu queria que tivesse um resgate da cultura, da tradição, a nossa cultura hoje prevalece do momento dos imigrantes pra cá. O primeiro passo, o primeiro processo socioeconômico por exemplo, era na roça de toldo, na economia familiar, era uma atividade mais próxima das pessoas, e a partir do momento que chegou os imigrantes, eles não consideram essa história pré, eles consideram a história do município só a partir do momento que eles chegaram (...). Isso tem um peso pra mim, para o pessoal que chegou depois, não tem. É aquele comerciozinho de duas portas de folha de bacuri que era a cobertura, bem precário, bem pobre mesmo, chão de ponta a ponta, muita poeira, pouca água, aquela coisa que nessa época, não tem na história do município, não tem na emancipação, não se conta essa história pré até chegar aqui porque eles também não sabem, 'né?'. Não tinham essa preocupação e não tinham questão de colocar isso. (...) Aqui não tem um museu por exemplo, porque não dá valor a isso, 'né?'."

Entendemos que a identidade tem cunho social e cultural; conforme as vivências são construídas, as atitudes vão acontecendo, o que é importante, tendo em vista a citação de Silva (2000, p. 82): "A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre 'nós' e 'eles'. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder". É o que parece ter acontecido em Alto Taquari; as relações de poder estão ligadas também ao apagamento da cultura, mas vai além, como citado por um participante: até na política local os migrantes sobressaem aos taquarienses. Isso é visto com pesar por eles, pois em todos os âmbitos a história de Alto Taquari tem sido contada pelas lentes de outras vivências que não são as originárias local.

Podemos dizer que a mensagem de **P31ATMCS** pode compactuar com a próxima citação do ponto de vista de que a língua falada em Alto Taquari agora predomina a língua oriunda de outra região do país; por isso, seria interessante repensar em resgatar, conforme o participante mencionou, a valorização dos pioneiros que começaram a formar a vila Cabeceira, antes de tornar-se o município. Esta reflexão vem ao encontro da citação de Morello e Altenhofen:

> Um tema recorrente com o qual se costuma associar as línguas minoritárias é o que diz respeito à sua perda, mortandade ou morte, substituição (language shift), extinção,

> linguicídio, glotocídio, entre tantos qualificativos usados para evocar a agonia de línguas menores perante um “mundo globalizado visto como impiedosamente homogeneizador”. Esta preocupação muitas vezes fatalista ("ninguém mais fala"), ou ativista ("é uma pena, tinha que ser feito algo"), por vezes conformista ("é difícil, com quem tu vai falar? "), tem seu contraponto representado, na política linguística, pela tarefa central de garantir ações de manutenção, ou preservação, resgate, salvaguarda e promoção, ou ainda de revitalização de línguas ameaçadas de extinção. (Morello, Altenhofen, p. 20, 2013).

Trazendo para a realidade de Alto Taquari e ainda de acordo com a citação do participante, Alto Taquari tem perdido mais do que a língua mato-grossense, ou talvez, mais precisamente, a língua falada nas cidades circunvizinhas; tem deixado que as políticas públicas, assim como o modismo, de que a fala sulista é mais prestigiosa, acabe com a história e a extinção da língua falada antes da chegada dos sulistas, ou ainda, que caia no conformismo de que "é uma pena, tinha que ser feito algo", como citou uma participante.

Não constatamos esta "crise de identidade" – podemos chamar assim – em Costa Rica nem em Mineiros. Em todos os municípios há uma nostalgia ao relembrar o passado e de algumas coisas que já não acontecem mais, como festas, modo de viver, etc., mas não percebemos que exista, de forma tão imponente, que a cultura dessas duas cidades fosse influenciada de tal forma pela cultura dos sulistas (e outros) como acontece em Alto Taquari. A seguir, vamos conhecer o que os costa-riquenses destacaram sobre sua cidade.

Praticamente todos os participantes de Costa Rica quiseram acrescentar alguma informação sobre as festas e/ou comidas típicas da região, e é importante este registro para conhecermos um pouco as influências e as escolhas que os costa-riquenses fizeram para construírem sua cultura. As respostas seguintes mostram a influência goiana em algumas comidas típicas: **P26CRFCS** "Comida típica: gueroba, frango caipira, o pessoal fala polenta, nós falamos angu de milho, leite com farinha, é uma tradição do pessoal daqui nós temos farinha de milho em casa, agora nós falamos, quem vai fazer farinha de milho? porque o pessoal mais antigo não vai conseguindo fazer mais."

Interessante destacar que a primeira palavra que a participante da segunda faixa etária falou foi uma expressão tipicamente mineira, muito usada pelos mineirenses, a qual também foi falada pelos participantes de Mineiros:

> **P13CRFBN** "Uai, é o frango com guerova, é o churrasco qui não é tradição nossa mais em tudo qui é lugar tem churrasco “né?”, agora nós temo o pastel da tia Gê também conhecido ‘né?’. "

A seguir, o participante mineirense deixou sua versão sobre a chamada “traição”, também contada pelos participantes de Alto Taquari e Costa Rica:

> **P12MMAS** "Toda novena tem um, tem um festero e todo festero tem que organizar as barraquinhas. O leilão di bandejada, faz um maderiti di um por um, bem grandi assim i põe lá dentro frango assadu, uns refrigerantis, uns docis i tal i vai leiloa essa bendejada pras outras pessoas, só qui geralmenti quem faz a bandejada já organiza com uma pessoa pra dar um lance e compra, já meio armadu pra não sai muito baratu 'né?' i tem lance falso do padre, tem hora qui o padri dá uns lances di mentirinha só pro preço subi, então essas coisas ainda existi no município i é bem da tradição goiana. A religiosidadi é bem forti em mineiros, católico mesmo."

Diferente de Alto Taquari e Costa Rica, esta bandejada ainda resiste e pertence a uma cultura muito antiga da cidade. A preservação da cultura popular sobrevive pelo engajamento de várias pessoas; por isso, é importante citá-la, porque para se compreender as escolhas linguísticas da comunidade, as influências nas construções dos processos de modificações da língua, até mesmo de suas atitudes linguísticas, são necessárias conhecer as raízes da cultura local.

Na sequência, temos a tradição do falar mineirense pelas palavras do participante:

> **P11MMAS** "O Goiás fala muito é pra caba com o piqui di Goiás, deu vontadi di enfiar o chifre no chão i sai arano. Tem essas expressões qui são próprias nossas. Eu achu qui até o jeito di fala mudo. Eu achu qui foi esse crescimento descordenado qui bagunçou o mineirense sabe, achu qui lá trás a genti era mais polido, mais receptível, até mais interessante. "

Esta percepção foi feita por um rapaz da primeira faixa etária; logo, ele tem visto que as mudanças linguísticas também se referem às mudanças sociais que o município passou com a chegada dos migrantes, em especial, aos migrantes que foram trabalhar nas grandes empresas, o que já dá indícios para a próxima resposta, também de uma participante da primeira faixa etária, **P10MFAS** "O preconceito qui os nordestinos sofrem eu percebo qui é de todos, (de quem é da cidade e dos sulistas), os mineirenses também, alguns não si misturam, é criança rino na escola, é desagradável."

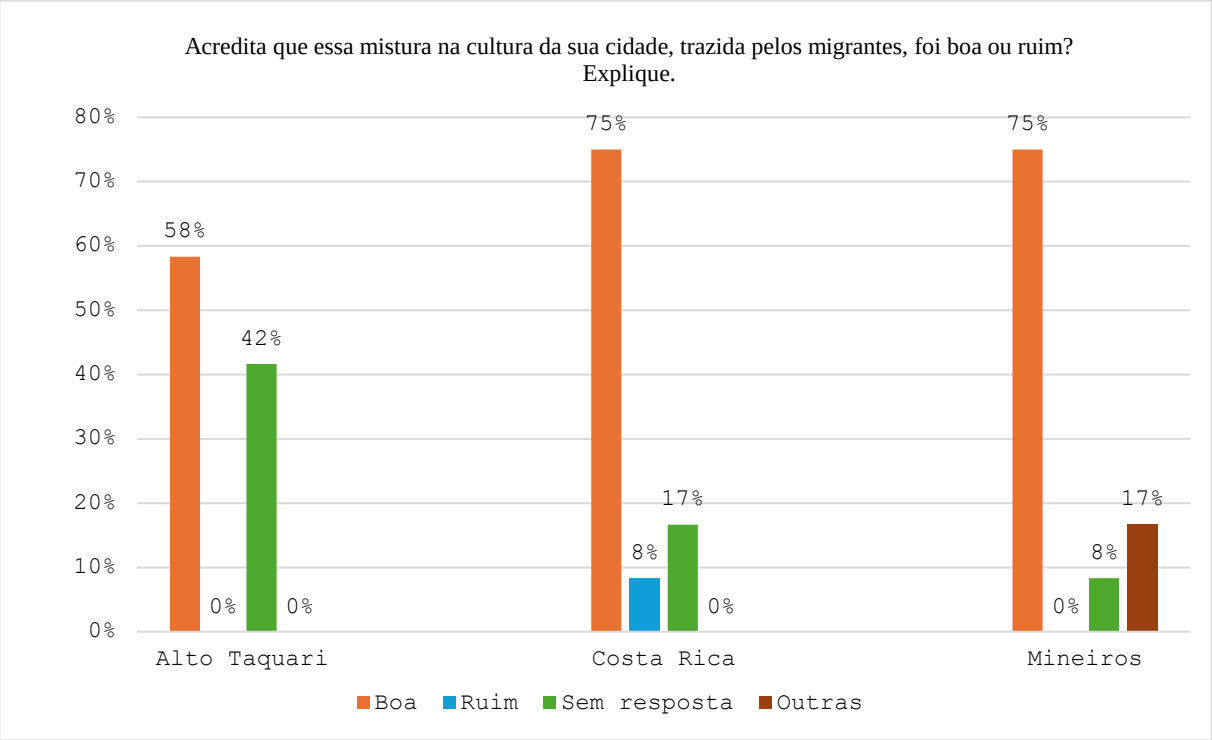
Notamos que os participantes da primeira faixa etária também estão preocupados em dar continuidade à cultura local e, logo, fazer uso do repertório linguístico da comunidade de fala da qual fazem parte, inclusive, percebe e rejeita o preconceito que os nordestinos sofrem.

4.2 INFORMAÇÕES SOBRE OS MIGRANTES

Nesta seção, vamos conhecer como os diviseiros percebem a presença dos migrantes em sua cidade e como é a aceitação de ter pessoas que vivem e falam de modo diferente do que estão acostumados a ver e ouvir. Na pergunta "Acredita que essa mistura na cultura da sua

cidade, trazida pelos migrantes, foi boa ou ruim? Explique", temos um gráfico para melhor representação:

Gráfico 2 - Percepção sobre a cultura dos migrantes



Fonte: Wanessa Rodovalho, (2026).

Iniciaremos analisando os dados de Alto Taquari: a maioria, 58% das respostas, constatou que os taquarienses acham que a mistura cultural trazida pelos migrantes é boa; ninguém respondeu “ruim”, mas 42% não responderam. Isso mostra que, apesar de os taquarienses reconhecerem os benefícios trazidos com a chegada dos migrantes, talvez o fato de a cultura deles ser tão participativa na sociedade tenha gerado um silêncio reflexivo. A seguir, apresentamos algumas respostas neutras:

> **P7ATMAS** "Eu acho que estão muito centralizado, sabe, porque assim, na minha cidade tem muito gaúcho, só que eles pegam e parece que eles fazem um clã, vamos dizer assim, tem festa gaúcha, é só eles, ‘né?’. Tem outra, se tem outro tipo, só eles, não abre oportunidade para que mais pessoas possam conhecer a cultura deles e fazer com que isso traga outros benefícios para a cidade ‘né?’, eu vejo assim, são pequenos grupos, pessoas que vêm de fora cria pequenos grupos e cada um faz o que é ali do meio deles ‘né?’."

Parece que boa parte da população compartilha da crença de que os migrantes são responsáveis pela desvalorização de Alto Taquari, partindo do pressuposto, como mostra este

participante, de que a mistura gerou conflito e que os taquarienses não conseguiram resistir à aculturação.

> Ao lado da variedade linguística existente numa comunidade, da manifestação concreta de falares diferenciados, há fenômenos de natureza social intrínsecos que afetam tanto linguística como politicamente os comportamentos e as relações dos habitantes, interferindo muitas vezes na própria estrutura social. (Bisinoto, 2007, p. 24)

Bisinoto, analisando sua pesquisa sobre Cáceres, que passou por efeitos migratórios, comentou que a própria estrutura social da cidade sofreu mudanças. É possível constatarmos isso também em Alto Taquari, pois a nova organização afetou politicamente a estrutura da sociedade, seja ela econômica, religiosa ou familiar.

> **P30ATFCN** "Eu falo que em Alto Taquari não tem uma cultura própria por causa disso, sabe, existe muitas pessoas qui aí houve essa mistura né e agora de 90, anos 2000 pra cá veio uma leva muito grande de nordestino, então não tem uma cultura própria, então nós, a cultura nossa da nossa região ela quase se perdeu, 'né?'? Porque veio muita gente de fora. Não existe uma cultura própria. "
>
> **P19ATMBS** "As duas partes, eu acredito qui ela foi positiva porque o mundo tá mudando 'né?', e é necessário essa aculturalidade, a genti precisa de ter novas ideias, novas pessoas, mais não é porque o novo chega que você tem que apagar a sua história. O ponto negativo foi qui desde a década de 80, há esse desejo de apagar a história de Alto Taquari, apagar aquilo qui era feito, apagar as famílias, 'né?', as famílias que já moravam aqui qui foram os primeiros quem cortou os primeiros cupins aqui do cerrado."

Labov questiona se seria possível observar as mudanças da língua sem atingir subgrupos que se relacionam, e o mesmo questionamento é feito a partir da seguinte observação: "as mudanças na língua podem estar correlacionadas com mudanças na posição dos subgrupos com os quais o falante se identifica" (Labov, 2008, p. 327). Provavelmente a mudança no comportamento e também na língua falada em Alto Taquari pode estar relacionada diretamente com a citação de Labov; sendo assim, os subgrupos da cidade acabaram identificando-se com os outros subgrupos que vieram de fora, e, com isso, a mudança na vida e nos relacionamentos passou, inevitavelmente, por transformações.

Os próximos participantes encontraram benefícios com a chegada dos migrantes trazendo culturas diferentes:

> **P8ATMAS** "Não atrapalha não 'né?', agrega, a gente aprendi, bom eu gosto bastante."
>
> **P17ATFBN** "Sim, foi muito bom. Meu pai falava "a invasão", mas eles não invadiram aqui não, chegar esse pessoal pra cá porque os paulistas com os gaúchos evoluiu o

> Taquari. Até então, quando estava só o pessoalzinho, os fazendeiro daqui ficava só na mesmice de sempre."

Os dois participantes, de faixas etárias diferentes, sinalizaram aceitação aos migrantes; tanto que, quando questionados se usam alguma cultura trazida por eles, os dois afirmaram que sim. Inclusive, no modo de falar, os dois possuem traços sulistas, a ponto de serem confundidos com gaúchos, segundo seus próprios relatos.

Perceber a migração como um processo de acolhimento, evolução e também conformismo possibilitou aos participantes pontuarem positivamente a presença dos migrantes como algo que realmente fez a diferença, como o desenvolvimento da cidade, da infraestrutura física e os benefícios trazidos pela agricultura e lavoura.

Já para os costa-riquenses, a maioria, 75% das respostas, mostra a satisfação em receber a cultura, os costumes e os migrantes; por outro lado, 17% não quiseram se manifestar e apenas uma, 8%, considera ruim a chegada dos migrantes em Costa Rica.

Segundo a participante:

> **P2CRFAN** "Eu acreditu qui foi bom, porque houve uma diversidade ‘né?’, tanto pra genti aqui quanto pro pessoal di fora, i é uma coisa que nós não vivemos em um mundo igual. Então assim, dá pra genti conhecer novas culturas através di comentários, di falas, di algumas coisas assim, tanto pra genti passar informação quanto pra genti receber informação."

Ter contato com a diversidade linguística na comunicação e também com novas interações pessoais possibilita o conhecimento de outras culturas, as quais podem ser agregadas ao meio social em que a pessoa vive, como explica Hall (2006): o contato com as representações culturais se multiplica, o que nos leva a ser confrontados com muitas identidades, das quais podemos nos identificar ou não, ou ainda ter uma identificação temporária. Um exemplo do que Hall (2006) expõe é a fala do próximo participante da pesquisa ao dizer que toma tereré de vez em quando, pois é um costume temporário, tendo em vista que a prática de sua família é tomar mate; porém, tomar tereré é uma tradição em Mato Grosso do Sul.

> **P27CRMCS** "É boa, a soma faz nascer uma nova cultura que é o que aconteceu com Costa Rica, morre a cultura antiga, morre a cultura da pessoa que veio antiga, vai morrendo, esse é o processo, e vira folclore, o que era do passado acaba ficando só folclore, esse processo de aculturação ele acontece entre os povos originários daqui, os nativos, acontece com quem vem e acontece com o país de um modo geral, porque muito da cultura brasileira, por exemplo, vai se perdendo, e a gente vai herdando com esse negócio da globalização, com o advento da comunicação ser muito ágil, a cultura de outros países a gente vai assimilando, tanto na alimentação, no vestuário, na música, a gente vai assimilando e vai perdendo um pouco da nossa. Eu tomo tereré, e

> não é todo dia não, mais é café, café é de todo mundo ‘né?’, acho que não tenho muito... acho que não, não uso não."

As mudanças na cultura, devido ao fator tempo, são inevitáveis; com a transição de pessoas e o desenvolvimento local chegando às cidades, os contatos linguísticos vão se ampliando. Assim, algumas culturas passam a perder espaço para outras, ou ainda vão se ressignificando, e isso não torna a cultura atual mais importante que a do passado, são apenas olhares diferentes. A citação a seguir complementa este raciocínio:

> Ao lado da variedade linguística existente numa comunidade, da manifestação concreta e falares diferenciados, há fenômenos de natureza social intrínsecos que afetam tanto linguística como politicamente os comportamentos e as relações dos habitantes, interferindo muitas vezes na própria estrutura social (Bisinoto, 2000, p. 36).

Bisinoto mostra que os fenômenos de natureza social afetam a linguística, assim como os comportamentos e as relações dos habitantes. Isso justifica a resposta da pessoa que não concorda que a chegada dos migrantes foi boa para a cidade de Costa Rica; talvez aqui o confronto entre as culturas possa causar estranheza, como na primeira parte da resposta a seguir:

> **P15CRMBS** "Eu achei ruim pelo fato di qui a outra cultura, por exemplo, os maranhenses, eles têm a cultura di bate nas mulher, lá no Maranhão não prendi. Aí o maranhão arrumo uma namorada aqui, andou dano uns esfregas, ele chego comentano lá no trabalho deli, oh rapaz o corró mi pegou. O que é isso corró, corró? é a cadeia, então é uma gíria deles lá. O povo aqui num alisa a genti não, tipo assim, querem viver aquela cultura do Maranhão aqui em Costa Rica pra elis não serviu, elis não gosto, por causa da lei. Para o desenvolvimento da cidadi foi bom, mas pra nóis qui mora aqui não tevi muito bom assim porque esse povo inchou demais a saúdi aqui, o serviço hospitalar aumento a demanda, pareci qui a cidadi teve uma certa dificuldadi, essa mudança radical di vinda di genti, foi assim meio qui di avalanchi sabi, já ouvi história di alagoano falano qui veio di carona, gasto 20 dias pra chega aqui. Órgãos municipais estava sentindo qui no IBGE tinha uma quantidadi diferenti."

Considerando as respostas de Mineiros, constatamos que 75%, assim como em Costa Rica, considera a migração boa para a região; não tivemos nenhuma resposta "ruim". A seguir, temos algumas respostas:

> **P11MMAS** "Sim, a genti aprendi a realidadi deles, eles veem pra nossa."

> **P9MFAS** "Eu acho qui é bom, eu acho qui é uma coisa boa, acredito qui de alguma forma na ideia, no imaginário da população, a vinda da parte dos sulistas, tal foi algo qui foi vantajoso ‘né?’ porque trouxe um certo valor em relação a parte di plantação, di certo conhecimento i tudo. Existi um preconceito grandi com essa vinda da parti dos nordestinos ‘né?’ porque já é uma força de trabalho às vezes qui o pessoal... eu acho qui existi um certo preconceito, pra mim, foi uma coisa boa também. O preconceito é geral, não é só os sulistas, a população tradicional di Minieros é bastante

> preconceituosa. Os tradicionais qui vieram di Minas, dos coronéis qui são os formadores da região aqui, acho qui eles têm um histórico di preconceito bem grandi em relação ao pessoal do cangaço, do Nordesti, dos sertões."

Nesta resposta temos a mesma constatação que encontramos em Alto Taquari: a chegada dos sulistas trouxe desenvolvimento; o progresso só foi acentuado a partir da exploração das terras. Antes, a agricultura era familiar, mas com a chegada de maquinários, manuseio correto das terras e a mecanização das lavouras, a agricultura começou a expandir. O que parece incomodar alguns participantes mineirenses é que as pessoas que já moravam em Mineiros, antes da chegada dos sulistas, não conheciam o potencial do cerrado, era praticamente para soltar boiada; por falta de conhecimento, as terras eram quase improdutivas e foram vendidas a preço muito baixo. Contudo, também foi difícil para os gaúchos deixarem suas terras e famílias; boa parte deles não tinha a 4ª série completa porque começaram a trabalhar muito cedo, eram por vezes zombados pelo que estavam fazendo e criticados porque estavam investindo no cerrado. Seus filhos foram aprender a falar a língua portuguesa na escola porque em casa falavam o idioma da família europeia; então, eles fugiam do padrão esperado pelos mineirenses, eram trabalhadores e tinham um vocabulário muito diferente (Sandri, 2008).

Na segunda parte da resposta, a participante comenta sobre o preconceito histórico que os nordestinos sofrem desde que saíram da Bahia a pé para buscar melhores condições de vida em Mineiros, impulsionados pela grande migração difundida em todo o Brasil. Diferente de Alto Taquari e Costa Rica, onde a chegada dos nordestinos começou mais intensivamente nos anos 2000, Mineiros já recebia os baianos desde o século XX.

Segundo a participante, além dos sulistas, os próprios mineiros e mineirenses fazem discriminação com o povo oriundo do Nordeste; fatores ligados à fala e aos aspectos físicos ressaltam o preconceito racial.

> **P36MMCS** "Sim, essa mistura une o Brasil i chega aqui, a genti acostuma com os sotaquis diferentis. Uai, de São Paulo não tem tanto assim igual tem dos gaúchos."

Na próxima resposta, está esclarecido o porquê o participante considera boa e ruim ter outras culturas misturadas à mineirense.

> **P34MFCS** "Tem seus pontos positivos e negativos, em questão cultural foi muito bom, né, costumes, a variedade di costumes né qui a genti aprendi muitas coisas com eles também, isso é bom, mas por outro lado é Mineiros cresceu muito nesse tempo, muito rápido, mas nem sei se tão rápido assim, mas Mineiros cresceu muito e junto com esse crescimento veio todo problema de uma cidade maior 'né?', inclusivi di crimes, às vezes até falta de infraestrutura mesmo. porque veio a Perdigão, os frigoríficus, essas usinas açúcar alcooleira, i aí junto tudo i aí mudou tudo, mudou o

> panorama da cidade, mudou a área, a zona rural, i muda junto com isso todos os costumes ‘né?’."

A próxima pergunta é: "O senhor (a) já usa alguma cultura ou costume desses migrantes? Conte." Em relação aos taquarienses, 67% afirmaram que já usam alguma cultura ou costume da tradição dos migrantes; os costa-riquenses, apenas 8% afirmaram que também fazem uso; e com a maior aceitação, temos Mineiros, com 90%. Vamos conhecer algumas manifestações, a primeira de Alto Taquari:

> **P19ATMBS** "Quando nós éramos criança nós queríamos muito tomar chimarrão, qui era bonito, a minha mãe nunca deixou, vai tomar leite com café, chimarrão não. Hoji eu entendo, chimarrão não pode porque vocês não são gaúchos. Eu me lembro bem quando vieram a família X pra cá, eles eram de Santa Catarina ‘né?’, qui são amigos nossos até hoji i tal, i eu comecei a falar igual a eles, meio gauchesco, ‘né?’, arrastando um pouco o sotaque, ela me bateu, você não é gaúcho, você não vai falar igual gaúcho porque você não é gaúcho, segura o sotaque, você não vai falar. Hoji a minha amiga não fala mais gaúcho, toma chimarrão e mais, mas não fala mais. A genti ia num churrasco na casa da tia X, por exemplo, tinha pão e chimia, aqueles pães gigantes, comia carne com pão i chimia junto ‘né?’, então a genti ia pra lá i comia enlouquecidamente porque era uma delícia, ‘né?’, aqui em casa quando o pai assava carne era arroz, mandioca e carne assada, porque a mãe não aceitava comer carne com pão em casa, porque não era nossa cultura, não é nosso isso, então isso ela conseguiu segurar na gente."

O relato deste participante, ao mostrar como sua mãe tentava manter a cultura taquariense, evidencia as dificuldades de não deixar que a identidade mato-grossense fosse trocada pela gaúcha, a luta de não deixar o filho querer ser ou parecer com um gaúcho, mas continuar sendo um taquariense genuíno. Ela, assim como já presenciamos em outros relatos, tenta manter a identidade local com um engajamento para que haja preservação da língua taquariense. Provavelmente na época desse acontecimento ela já percebia que a cultura dominante não era a taquariense e estava perdendo espaço para a cultura do chimarrão, do churrasco, do "Tchê".

Esta mudança é inevitável, seja na língua, na cultura e nas novas atitudes linguísticas que vão surgindo. De acordo com a Sociolinguística, a mudança na língua é algo que realmente acontece, pois a língua não é estática ou homogênea, mas sim dinâmica; e nesse dinamismo, com as muitas influências sociais e históricas, o processo de transformação da língua passa por reformulação, conforme novas influências vão se aproximando. Um exemplo disso é que a chegada da migração possibilita esta alteração.

Só é possível haver uma mudança linguística quando esta variação atinge a comunidade de fala; neste caso, Alto Taquari, pois não foram apenas algumas famílias ou

pequenos grupos que sentiram as mudanças com a chegada dos migrantes, mas a grande comunidade de fala constituída por taquarienses. Neste sentido, constatamos:

> A mudança linguística é transmitida dentro da comunidade como um todo; não está confinada a etapas discretas dentro da família, Quaisquer descontinuidades encontradas na mudança linguística são os produtos de descontinuidades específicas dentro da comunidade, mais do que os produtos inevitáveis do lapso geracional entre pais e filhos. (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968], p. 126)

A participante de Costa Rica faz parte dos 8% que responderam "Sim"; a influência dos migrantes em sua vida é: **P14CRFBN** "Algumas comidas goianas i a genti acaba falando parecido com os goianos." 50% responderam que não e 42% ficaram sem resposta.

Conhecendo os costa-riquenses e a proximidade com Mineiros, esta participante pontuou que fala parecido com os goianos. Durante a entrevista, foi possível ouvirmos muitos "uai", expressão mineira que os goianos falam muito e que os costa-riquenses já adotaram. Porém, uma participante, ao responder outra pergunta, comentou que "Igual aos goianos nós não falamos, goianos não", talvez por considerar a fala goiana menos prestigiada que a fala taquariense, por não querer ser comparada com a fala goiana, partindo da crença de que o falar goiano é caipira, assim como os próprios mineirenses comentaram.

Schneider entende que o preconceito linguístico "constitui uma forma de exercer poder e uma maneira de discriminação econômica e da ideologia da exclusão social, que devem ser trazidos à superfície para poderem ser combatidos." (Schneider, 2007, p. 40). Compactuamos da mesma ideia: o menosprezo a uma língua só mostra a discriminação por um gosto particular, e excluir o falar goiano, como se fosse feio ou errado, não passa de uma crença.

A seguir, 90% dos mineirenses responderam que já fazem uso de alguma cultura de fora; temos a fala de um mineirense:

> **P23MMBS** "O tu, tem hora qui, como eu convivo com muito gaúcho tem hora qui falo tu, falo meio gauchesco, goianês, só vira brincadeira. Agora tu vai matiá mais eu? Eu falo: eu não vou matiá com você. Qui é tomar chimarrão."

Nesta resposta, temos o contato linguístico do mineirense com gaúchos, o que gerou mudança linguística ao utilizar a variante "tu"; isso mostra a dinamicidade da evolução linguística que este participante permitiu em sua linguagem, atribuindo um novo vocabulário e novos valores de maneira espontânea, porque este mesmo participante, no decorrer da entrevista, disse sentir orgulho de ser um "goiano do pé rachado", o que sugere que esta mudança em sua língua não aconteceu por prestígio da fala sulista, mas pelo contato linguístico.

Outro participante mineirense comenta que **P11MMAS** "É difícil fala o qui qui é di fora i o qui não é ‘né?’. Mineiros tem uma miscigenação muito grandi. Não, não tem nada qui eu tenha mi apropriado diretamenti não." Como Mineiros tem uma miscigenação muito grande, o contato linguístico abrange duas perspectivas, sendo elas, individual e em nível populacional, pois segundo Mufwene (2001) a evolução linguística acontece na mente, pois os indivíduos são agentes e ocupam lugar de criação de dialetos e outras línguas, o que possibilita a evolução da língua, seja individualmente ou em grande massa.

Vemos que Mufwene (2001) coloca o falante em um lugar primordial na evolução linguística, pois tem um papel fundamental de inovar o uso da língua. O resultado dessas transformações são outros dialetos sendo criados e tomando sentido para quem os fala; isso é a própria língua apropriando-se das atitudes linguísticas.

Na próxima pergunta será possível conhecermos quais são os migrantes residentes na Tríplice Divisa estudada: "Na sua cidade, quais são os migrantes residentes? e Como o senhor (a) sabe que eles são migrantes?" Segundo Sabadin, os participantes de sua pesquisa reconhecem a origem dos falantes por alguns elementos como forma de identificação:

> A maioria dos informantes sinaliza o sotaque como um ponto marcador da origem; outros destacam o léxico; alguns identificam que o falante pode ser identificado pelo tom da voz, por expressões próprias utilizadas pela região de origem (Sabadin, 2014 p. 117).

Os taquarienses responderam:

> **P19ATMBS** "Chegou um pessoal qui veio di São Paulo, por volta da década de 70 pra 80, em 80 já veio o pessoal qui começou a chegar do Paraná, né pra começar os plantios de soja e tal i milho em grande extensão, i di lá pra cá vieram o pessoal do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Agora, a partir de 2002, quando começou esse processo da Ferronorte, aí veio uma grande leva do pessoal do Nordesti."
>
> **P5ATFAN** "Pelo sotaque, os nordestinos é só de olhar pra ele."
>
> **P6ATFAS** "É o sotaqui, às vezes o rosto também, aspecto físico, são pessoas mais morenas, mais escuras, mas não negros não, a gente é mais branca, mais desbotada, o jeito de vesti tamém, eles vesti umas roupas mais diferente assim, umas roupa mais de verão, tipo mulher com roupa de calorzão e a gente tá de calça e camiseta e elas tão de blusa de alcinha, às vezes short e chinelo, aí eu já penso, são nordestinos. Todo mundo está de chinelo, os homi tá de camiseta regata, eu já penso na hora, é nordestino, porque os homi daqui não vejo usando camiseta regata. "
>
> **P7ATMAS** "Eles (nordestinos) andam em grupo."

Os participantes da pesquisa citaram o reconhecimento de uma pessoa ser migrante nordestino pelo seu sotaque e destacaram as características físicas, pelos estereótipos criados

por meio do imaginário, sem conhecer o deslocamento geográfico ou até mesmo o contexto histórico do migrante.

> As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de forma de exclusão social. A identidade, pois, não é oposto da diferença: a identidade depende da diferença. (Woodward, 2000, p. 39).

A citação de Woodward é um apontamento sobre o grande muro que separa as identidades, pois é justamente a diferença que faz com que os sistemas simbólicos – no caso, a crença de que a cor da pele, o andar, a vestimenta, o fato de andar em grupos (ou não), o tom da voz – sejam representações que estão no imaginário das pessoas que não são nordestinas, o que acaba resultando, de alguma forma, em exclusão social.

Esta exclusão é perceptível em todas as três localidades estudadas, pois ouvimos discursos como "os nordestinos casam entre eles" ou "depois do resultado da eleição para Presidência da República de 2022 o meu patrão disse que dispensará todos os nordestinos da firma" ou ainda "nordestino têm uma fala abobaiada", "para mim todo nordestino é maranhense", são rótulos estereotipados criados por padrões rígidos de como os nordestinos são.

Em entrevista à BBC News Brasil, o jornalista Octávio Santiago conta a experiência que viveu em Portugal. Em uma estação de trem, ele observava uma brasileira tentando comprar seu bilhete de passagem em uma máquina e, percebendo a dificuldade que ela tinha, resolveu ajudá-la. Ao invés de receber agradecimento, a mulher disse: "Nossa, você não é daqui e conseguiu". Então ele aproveitou a oportunidade para dizer ser brasileiro, mais precisamente de Natal. O espanto da mulher só piorou e ela exclamou: "Você não tem cara de nordestino, não parece nordestino. E conseguiu, está mexendo tão bem nessa máquina." A indignação de Santiago resulta na fala: "Eu contrariava o padrão da ideia que ela tinha na cabeça, de como deveria ser fisicamente um nordestino e como deveria ser a conduta coerente ao assentado em sua cabeça."

Diante do pensamento de Santiago, surgem as questões: qual é a "cara" do nordestino? O que uma pessoa precisa ser para parecer nordestina? A crença que se criou diante da aparência de uma pessoa faz parte de um conjunto de estereótipos que ocupa o imaginário do brasileiro, motivado por preconceitos regionais que não refletem a realidade dos nordestinos.

Na próxima resposta, o entrevistado apresenta algumas características que descrevem os diferentes nordestinos a partir do seu olhar:

> **P19ATMBS** "Houve um tempo que eu achava qui sabia da onde a pessoa era só de ouvir falar, eu olhava pelo sotaque, pelo o que a minha mãe fala: essa pele aí é de branco. Chegou um colega da Bahia, nitidamenti eu sabia que ele era baiano por conta da expressão, da dicção, do modo dele falar, eu já sabia. Igual os pernambucanos têm um sotaque mais cantado, "né?". Os alagoanos têm uma voz mais imperativa, 'né?', o [ˈðʃɪ]do pernambucano é diferente do baiano. O sotaqui do maranhão também é diferente 'né?'."

A descrição de Orlandi sobre o imaginário é pertinente para este trabalho, pois "Há uma aparência de variedade homogênea, tanto por parte da sociedade como do conhecimento. Que é apenas aparência, mas tem sua eficácia, como todo imaginário, pelo funcionamento da ideologia." (Orlandi, 2010, p. 18). Ainda segundo a autora, o imaginário não brota do nada, isso refere-se a vários fatores oriundos de transformações.

É sobre este imaginário que temos comentado, sobre ser um nordestino caracterizado por padrões estipulados pela sociedade de como são e vivem os nordestinos, ou ainda sobre serem sulistas, pela riqueza de conservar sua tradição independentemente de onde estejam, ou ainda, conforme comentado por um participante:

> **P31ATMCS**"Às vezes a gente passa na frente de uma casa e percebi, ah aqui mora um gaúcho, só pela fachada da casa", temos também uma marcação ideológica na fala "os paulistas gosta muito di, na minha atividade por exemplos, eles gosta muito de uma fazenda organizadinha, pintadinha, tudo arrumadinho, a gente olha, isso daqui é do paulista, esses costumes que a gente percebe de ações e de maneiras de conduzir as atividades a gente já sabe o que que é, mas assim, diferente um absurdo não tem nada não, às vezes é porque a gente já acostumou 'né?'. "

> **P8ATMAS** "Na convivência você vai se envolvendo, fazendo amizade, você vê que a pessoa não é daqui, não tem ascendentes aqui, no caso, o povo gaúcho é um povo que se reúnem pra manter as tradições, aqui tem um clubi qui é de propriedade só do Sul mesmo, então cê sabe qui lá é os gaúchos qui tão, fazem festa, churrasco, esse tipo de coisa e do Paraná também, cê vê que a pessoa chega aqui e não tem uma família inteira aqui, cê já consegui identificar que essa pessoa é de outra região."

O participante **P27CRMCN** costa-riquense respondeu:

> **P27CRMCS** "Início da década de 70 já chegou gaúcho, Chapadão, o que deu o impulso aqui também pra Costa Rica crescer, primeiro foi com o pessoal da região 'né?', veio um daqui um de acolá, o pessoal das fazendas começaram a mudar para o vilarejo, e aí começou a chegar gente no início dos anos 70 final dos anos 60, de São Paulo, do interior de São Paulo, vendia lá o sítio de café chegava aqui comprava uma fazenda e outros vinham simplesmente para trabalhar, montava máquina de arroz, os paulistas chegavam. Primeiro vieram os goianos, eu falo goiano porque era conhecido como os goianos sabe, os Carrijo, os goianos da cabiceira da vaca, já trouxe a cultura goiana pra cá, o biscoito de goma, eles eram o pessoal do biscoito de goma, farinha de mandioca, isso o pessoal da vaca, nos anos 60. No final dos anos 60 começaram a chegar os paulistas, inclusive as fazendas de criação de gado, grande parte é das fazendas é dos paulistas. E vieram os paulistas pra montar máquina de arroz, serralheria, essas coisas, Bocalan vieram, a família do seu Luiz, que hoje tem poucos por aqui, e aí nos anos 70 começou a vim os gaúchos com o incentivo do Governo

> Federal para a abertura de lavoura no cerrado, com tecnologia do cerrado estava em ascensão, e vieram os gaúchos. Hoje tem gente do Brasil inteiro, o Nordeste, de uns dez anos pra cá, o Nordeste mandou quase a metade da população pra Costa Rica, Maranhão começou há uns vinte poucos anos atrás a mandar gente pra cá. Alagoas, uns quinze anos pra cá, e com o negócio da cana em alta, eles já vinham para trabalhar na lavoura de soja 'né?', e agora com a plantação de cana trouxeram mais nordestino, hoje você vai ao mercado você compra o feijão verde, compra a farinha de fazer tapioca e compra cuscuz, coisa que não tinha no passado, não achava, você vai lá tá tudo nos supermercados, por quê? porque chegou gente com novas culturas, outros tipos de comida."

Os costa-riquenses reconhecem um migrante a seguir: **P2CRFAN** "Nordestino só fala gritando." A crença de que todo nordestino só fala gritando ou fala muito rápido gera julgamentos sobre as pessoas com base em suas características linguísticas ou, mais ainda, por sua aparência, como relata uma participante: pela etiqueta da pessoa, ou seja, pela postura e educação, pelo simples fato de sentar-se, é possível constatar de qual região a pessoa é oriunda. Na verdade, todos esses elementos criam estereótipos racistas.

> **P4CRMAN** "Alguns dá pra perceber 'né?', pelo jeito de falar, é meio diferente, vem bastante gente de fora né procurar trabalho aqui na Costa Rica."
>
> **P26CRFCS** "A genti recebe as pessoas, conversa, a gente já sabe que ele é de fora, 'né?', pelo sotaqui, pela maneira de vesti, pelas etiquetas 'né?'. Porque mineiro, principalmente mineiro, o paulista também desenvolveu muito isso, a questão da etiqueta é muito forti. Por exemplo, o nordestino, já não é muito assim, ele já chega i cheguei, puxou a cadeira e sentou. Então a genti percebi a maneira de sentar, a maneira de falar, o sotaque, certas palavras qui você pensa até qui é outra língua."
>
> **P16CRMBN** "Os nordestinos falam meio rápido 'né?', é um linguajar diferenti 'né?', a genti percebi isso, principalmenti quando tá dialogando com eles num atendimento, i depois di um tempo, os que ficam aqui, eles vão perdendo um pouco essa característica. Da mesma forma qui você conversa com um gaúcho, com uma paranaense, você percebe, 'né?' paulista é um pouco mais neutro, i também tem uns que puxam muito o r porta [ˈpoɾtɐ], armário [aɾˈmaɾiʊ] já está misturado ali com Goiás, Bahia ali, então, eles puxam muito o r. Nós puxamos muito o r, mas de uma forma diferente. O pessoal fala carne[ˈkaxne], a gente fala carne [ˈkaɻne], como: carne [ˈkaɻːne], [lokuˈtoɻː]."

Os participantes da pesquisa de Sabadin (2014) opinaram que todo paulista fala gritando, alto e rápido, o oposto apresentado pelos participantes desta pesquisa, que ao citarem os paulistas, caracterizam os seus falares mais como neutros, o que significa que não são tão marcantes quanto os sulistas e nordestinos. **P25CRFCS** "Tem paulista que o r dele já é o da [ˈpoɾːtɐ]. Já é bem mais, quase parecido com o gaúcho, o de Goiás, por exemplo, que eles não falam [ˈpoɻtɐ], fala [ˈpohtɐ]. O r parece dois, bem esticado. O r é bem arrastado."

Já os mineirenses:

> **P9MFAS** "Tem bastante sulista, eu generalizo o pessoal que veio da Região Sul toda, ‘né?’ Santa Catarina, Rio Grande do Sul, bastante, é um grupo bem grande acredito que todo sudoeste goiano teve essa migração ‘né?’ qui é basicamente o pessoal qui toma conta, qui tá mais relacionado com a parti di agronegócio, plantação di soja, tal, tem bastanti. Tem a migração dus ... do Nordeste qui já foi mais recenie ‘né?’, aqui principalmenti o pessoal di Pernambuco, ‘né?’ Alagoas qui veio pras plantações, questão de trabalho pesado mesmo, principalmenti canavieiro pros assopros, frigoríficos. Tem migração di baiano também qui é um pessoal mais antigo também."
>
> **P10MFAS** "São mais gaúchos e nordestinos."
>
> **P12MMAS** "Em Mineiros tem bastanti japonêis, eu não sei porque, mas tem. Mineiros foi fundada pelos mineiros di Minas Gerais, mas veio muita genti tamém do Nordesti, da Bahia, i tal i aí eles tinham uma richa muito grandi entre os poderes assim, dessas terras i tinha capango, i essas coisas. Tinha os Carrijim, o Rezende, aí tiveram os baianos que era uma ala mais pobre ‘né?’, o pessoal qui veio muito a pé pra trabalha aqui. Aí alguns prosperaram i outros não.” Consigo identificar pelas características físicas, eu achu qui quandu é mineirense da origem ‘né?’, dos fundadores, tem uma característica física meio similar ‘né?’, a orelinha meio di abanu, qui nem a minha, ‘né?’, tem algumas coisas na afeição.Qquando é gaúcho é muito diferenti né, são bem mais brancos, são bem mais altos, ‘né?’ i o sutaqui, pareci qui eles têm bastante orgulho do sutaqui mesmo qui já nasceram em Mineiros não perdem o sutaqui. Numa conversa você já sabi quem é os di fora. Agora eu achu qui da parti do Nordesti, perdi mais, eu achu mais fraco a cultura deles, eles vêm, você percebi qui é, mais quando nasci os filhos logo vai misturando tudo, hoji tem muita genti qui você não dá pra difini."
>
> **P21MFBS** "O jeito de falar, é uma coisa qui chama a atenção, realmenti, a pessoa conversou a gente já sabi qui não é daqui, até o jeito do movimento das mãos a genti sabi qui não é daqui, porque conversam com as mãos, falando com as mãos, i às vezes também até a vestimenta, qui é diferenti da nossa, qui é estilo diferente. Por exemplo, temperatura, às vezes a genti tá aqui passando calor e a pessoa acha qui ta frio."

O fato de o jeito de falar poder caracterizar uma pessoa e descobrir sua origem é uma crença presente nas três cidades pesquisadas; as diferenças regionais para nomear algumas coisas também são evidências de que a língua pode excluir ou incluir um migrante, assim como a vestimenta e a postura de gesticular com as mãos ao falar.

> **P22MFBS** "U sutaqui principalmenti, principalmenti o pessoal do Nordesti, o Sul tem sutaqui tamém, mas o pessoal do Nordesti fala rápido, tem algumas palavras qui só elis qui usam assim, exemplo, a genti fala mandioca aqui, elis falam macaxeira, i elis continua usando esse nome no dia a dia, a genti pega o sotaque ‘né?’, principalmente de Minas Gerais, uai, trem, muitas palavras que é usada lá em Minas, i como aqui tem muitos gaúchos, a genti acaba pegando algum sotaquizinho gaúcho, o pessoal usa muito o tu, ‘né?’."

Muitos participantes responderam, em primeira opção, "maranhenses" ou "sulistas", como se em Alto Taquari, Costa Rica e Mineiros só tivessem esses dois grupos como migrantes. Surge, então, um questionamento importante: sulistas e nordestinos já estão tão enraizados na Tríplice Divisa que somente eles são lembrados como migrantes?

Este questionamento é pertinente, tendo em vista que encontramos pessoas de várias regiões do Brasil nos municípios pesquisados; isso acende um alerta ao que é diferente, pois geralmente o que é diferente causa algumas observações que, caso não ponderadas, podem gerar muitos tipos de preconceito.

> O preconceito e a intolerância linguísticos relevam o comportamento de um falante diante da linguagem de outro e é, pois, um fato de atitude linguística. Como tudo o que diz respeito à linguagem, a atitude linguística não pode apenas ser interpretada como um assunto puramente pertinente ao domínio da língua. Antes de tudo, como sabemos muito bem, a linguagem é social, plena de valores, é axiológica e, por meio dela, consciente ou inconscientemente, o falante mostra sua ideologia (Leite, 2022, p. 13-14).

Às vezes, o preconceito e a intolerância aparecem de forma disfarçada, no depoimento de que é uma fala engraçada, ou que só falam gritando; talvez não percebam a discriminação acontecendo, ou, ao rir da fala de uma atendente, entre tantas situações. Tudo isso vem ao encontro das atitudes linguísticas, pois ao expressar o que sente e pensa, mesmo que inconscientemente, pode estar desmoralizando uma pessoa.

Bagno, em seus diversos discursos sobre preconceito, afirma que o preconceito linguístico é muito mais abrangente do que se pensa; portanto, é uma manifestação do preconceito social, pois os julgamentos não são apenas sobre como uma pessoa fala, o tom da sua voz, as reproduções gramaticais, as gírias, mas sim sobre o próprio ser social. Acrescentamos aqui que esse tipo de preconceito emerge da identidade de quem fala e atinge a identidade do falante; todas as suas crenças são feridas por uma opinião.

> [...] uma avaliação negativa que nada tem de linguística: é uma avaliação estritamente baseada no valor social atribuído ao falante, ao seu poder aquisitivo, em seu grau de escolarização, em sua renda mensal, em sua origem geográfica, nos postos de comando que lhe são permitidos ou proibidos, na cor de sua pele, em seu sexo e outros critérios e preconceitos estritamente socioeconômicos e culturais (Bagno *et al*., 2011).

Uma das formas mais evidentes de preconceito é o regional; algumas regiões são consideradas de maior prestígio do que outras por causa de um “sotaque neutro” ou ainda pelo lugar de "importância" que ocupa no Brasil, sobretudo economicamente e politicamente. Estão em uma posição de maior valor do que outras regiões historicamente já marginalizadas, como é o caso do Nordeste, que recebe julgamentos negativos pelas particularidades da língua, de suas manifestações culturais e religiosas; resumidamente, é como cita Leite (2022), em que o preconceito e a intolerância atingem o cerne das individualidades. Ainda segundo Bagno:

> Todo falante nativo de uma língua é um falante plenamente competente dessa língua, capaz de discernir intuitivamente a gramaticalidade ou agramaticalidade de um enunciado, isto é, se um enunciado obedece ou não às regras de funcionamento da língua. Ninguém comete erros ao falar sua própria língua materna, assim como ninguém comete erros ao andar ou respirar (Bagno, 2007, p. 124).

Sendo assim, não entendemos o porquê de uma pessoa ser julgada por causa da língua que fala, uma vez que o importante é a comunicação ser entendida e, mesmo que algumas palavras sofram variações regionais, não há motivo para zombar dessa variedade desprestigiando o falante.

Notamos que a presença dos sulistas nas três regiões marca o começo do desenvolvimento agrícola; em seguida, com a chegada dos nordestinos, ajudou a desenvolver os três municípios com a mão de obra para suprir o trabalho que somente os diviseiros não seriam capazes de realizar, por se tratarem de municípios pequenos.

Na próxima pergunta, "O que eles falam de diferente das pessoas que moram na sua cidade?", organizamos um quadro demonstrativo:

Quadro 3 – Exemplos de produções lexicais

Alto Taquari - MT
P5ATFAN "Sédia: sede de fazenda. Siguela é seriguela, eles (nordestinos) comem as palavras."
P6ATFAS "Eita bixiga, eita molésta, tá com a gota (surpresa), oh! pra í. Di hoje a oito eles falam [ˈotʃo] (daqui uma semana). Tem [ˈotʃo] dias, quando quer falar uma semana."
P7ATMAS "Uai do mineiro."
P17ATFBN "O gaúcho fala tipo assim: mas bah, tu é linda, heim! Já o nordestino tem o dizer totalmenti diferenti. Uma alagoana perguntou: vizinha, o vizinho tem gadame? Ela falou qui é aquele negócio qui arrasta o lixo, pra nós é rastelo."
P18ATFBS "Uma coisa que eu vejo assim que eu percebi que existe isso mais da região do Sul, é que chegou pra nós aqui é o tal do ponhar. Vou ponhar esse negócio aqui em cima da mesa, não é vou pôr, eles utilizam muito o tal do ponhar."
P19ATMBS "O oxi [ˈŏʃɪ] do pernambucano, o oxi do alogoano [ˈoʃiː] já é mais imperativo, então pelo oxi já dá para perceber, mermão falam assim, é meu parsa, deu ó, acho qui é di Alagoas, deu óh, deu errado, deu problema. Dos paulistas o fechado do "r" da [ˈpoɹtɐ]."
Costa Rica – MS
P4CRMAN "Tem uma gíria nova que o povo do nordeste fala é lá ele, aí já dá para perceber, quando alguém quer te pegar numa brincadeira, a gente fala, lá ele."
P2CRFAN "A minha amiga é di Minas, a genti chama de cáfita, ela chama de espetinho de carne muída, a genti entrou nessa discussão."
P14CRFBN "Eles (os nordestinos) falam mais gritadu, a genti pensa qui eles estão até agressivando, sendo agressivo, mas não é, é o jeito deles, a forma de falar deles assim, já chega chegando."

P13CRFBN "Eles fala todo arrastado, mas é interessanti e às vezis engraçado ‘né?’. Uai é nosso, mas eles usa lá (no Maranhão) eu nem sei porque esse uai, eu nem sei si era di lá."
P16CRMBN "Si você for pegar o pessoal qui vem da Região Sul, Sudesti, eles têm um sotaqui “né?”, um sotaqui mais característico daquela região gaúcha, paranaense, onde eles falam [ˈleʲtʃi] , eles pronunciam as palavras, as letras, forma bem assim definida. Essa região do Nordesti eles já falam o [ˈoʲʈo] eles falam o [ˈotʃo] [oʲtʃẽtʃeˈotʃo]."
Mineiros – GO
P11MMAS "Pareci qui a língua qui eles falam pareci qui é outra língua qui eles estão falando, esses dias atrais tava com uma maria fidida no ombro, aí um colega meu qui é baiano trabalha comigo, aí ele foi mi avisar, tem um caruncho no seu ombro, aí nós conversamos, si o caruncho é a maria fidida, o caruncho é o que? aí ele falou o que é caruncho? é aquele bichim qui da no arroiz, ah ele falou, ah o gorgulho? mungunzá é arroiz doce pra eles."
P12MMAS "O pronto, o [ˈprõtʊ]eu gosto de usar o pronto e eu sei qui não é nosso, é do Nordesti, tipo dando uma conclusão, um ok. Não sei di qual região. O guri dos gaúchos, pros goianos têm um som pejorativo, mas pra nós não, nós falamos guri, guria. [baːɾbaɾiˈdade] Tchê, quando tem uns discursos assim mais eu não sei muito, si for fala mais di sutaqui seria mais da parti dos gaúchos assim, puxadu da voz deles também, ‘né?’ tem genti acha um pouco enjoativo mas eu gosto de escuta, achu bom."
P23MMBS "Fala o dialeto deles mesmo, eles falam bah guri, até hoje eu não entendo, igual o nosso aqui, cê tá loco ‘né?’, mas bah guri entende eu não entendo porra nenhuma."
P24MMBS "Do mesmo jeito que lá do Nordeste eles fala que meu filho tá sem farda, e eu já falo, que desgrama é isso? qui é uniforme ‘né?’."
P33MFCS "Expressões engraçadas, principalmente os gaúchos que têm um pouco de alemão junto, ponhar que é colocar."
P34MFCS "Do Sul tem algumas palavras que elis usam que a genti fica meio assim, o caro, aí eu gosto de brincar, o qui é [ˈkarʊ]? o [ˈkaxʊ] é [ˈkarʊ] ‘né?’, eu gosto de atenta porque eles puxam muito esse r. Elis não têm esses dois rr qui a genti usa um som mais brando, elis não têm, mas a genti acostuma também e para você entender o significado vai mais pelo assunto, o que está conversando, ás vezes eu nem perguntava, esperava terminar de falar pra mim entender do que se tratava."
P35MMCS "O baiano fala oxente [ɔˈʃẽtʃi], i uma série di fatores ‘né?’, vou mangá di tu, posso?, mangá é tipo cornetar você, brincar com você, como o pessoal fala aqui no nosso linguajar, gozação."

Fonte: Wanessa Rodovalho, (2026).

Encontramos neste quadro uma vasta variedade linguística que enriquece ainda mais o repertório linguístico da Tríplice Divisa; são variedades nordestinas, sulistas, mineiras e paulistas, representam bem o léxico comunicativo das cidades e são sentenças que não estão erradas, apenas produções da diversidade que encontramos em todo território nacional.

Por esses apontamentos, comprovamos que a língua que cada um fala supre as suas necessidades comunicativas; talvez, a princípio, possa causar estranheza para o outro, mas a comunicação continua sendo eficaz. O que faz cada identidade é o seu próprio idioleto, marcante em ser uma expressão de suas atitudes linguísticas.

As identidades apresentadas no quadro 3 mostram algumas diferenças entre culturas de regiões distintas. Quanto à língua, a fala alta, de quem parece ser agressivo e gritando, opõe-

se à fala mansa dos costa-riquenses, que parecem falar cantando de tão calma (Oliveira, 2020) e semelhante aos mineirenses entrevistados; por isso ocorre estranheza, ou até mesmo graça.

A diferença entre nomear alguns itens encontramos na variação diatópica: de cáfita para carne moída, mandioca ou macaxeira, uniforme ou farda e lavar as louças para lavar as coisas são representações das muitas variações que encontramos no Brasil, como explica Tarallo: "diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com mesmo valor de verdade" (Tarallo, 2003, p. 8). Em suma, podemos dizer que o mesmo valor de verdade nos remete às crenças, essas que são transmitidas pelas produções da fala, como a participante contou "a genti entrou nessa discussão", pois cada falante defende as suas próprias crenças, atribui ao que fala como o correto.

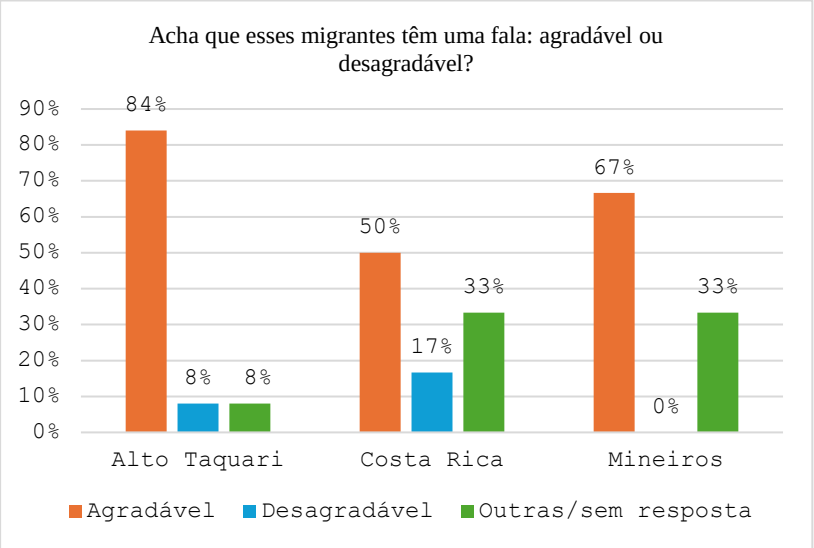
Outros itens constantes na tabela são as expressões e as gírias, as variações diatópicas e diafásicas, que ocorrem devido à localização geográfica e à adaptação da linguagem, pois observamos dizeres produzidos por jovens que frequentemente ajustam às situações informais. "Lá ele, uai e oxente" citadas são produções da fala que chamaram a atenção dos participantes.

Outro participante atentou-se ao sotaque dos sulistas e dos nordestinos. Ele tentou pronunciar as sentenças de maneira similar aos gaúchos leite [ˈleʲtʃɪ] e os alagoanos oito [ˈotʃo] [oʲtʃẽtʃeˈotʃo]. Em sua percepção, os sulistas possuem uma pronúncia bem definida, ou seja, pronúncia conforme a grafia, o que, segundo ele, não acontece com os nordestinos, que mudam a pronúncia.

A variante "ponhar", forma popular e regional resultado da variação linguística do verbo "pôr", foi observada por duas participantes, uma de Alto Taquari e outra de Mineiros; nenhum participante de Costa Rica citou esta palavra. É uma amostra da produção do vocabulário sulista nesses dois municípios. Outra observação veio da participante de Costa Rica, onde ela utiliza o "uai" como propriedade do seu linguajar e diz que não sabe qual é a sua origem. Em Alto Taquari, registramos uma participante da primeira faixa etária reproduzindo a expressão regional "uai", um rapaz da segunda faixa etária e uma mulher da terceira faixa etária. Em Costa Rica, quatro participantes mulheres reproduziram o "uai", sendo duas da primeira faixa etária e duas da segunda. A maior ocorrência aconteceu em Mineiros: todos os participantes da primeira faixa etária pronunciaram "uai" durante a entrevista, três da segunda faixa etária e dois da terceira, totalizando 75% das ocorrências. Já a interjeição ‘né?’, que é a contração de "não é", em tom interrogativo, frequentemente usada na linguagem formal e amplamente difundida no território nacional, também faz parte da caracterização da Tríplice Divisa, pois nos três municípios todos usam dessa expressão, principalmente os participantes da segunda e terceira faixa etária.

A seguir, temos a próxima pergunta: "Acha que esses migrantes têm uma fala: agradável ou desagradável?"

Gráfico 3 – Fala agradável ou desagradável dos migrantes



Fonte: Wanessa Rodovalho, (2026).

Vamos conhecer as sentenças agradáveis sobre a fala dos migrantes:

> **P19ATMBS** "Agradável e enriquecedora, existem situações qui eu não faço ideia o qui esse menino está falando, mas ao passo disso também é interessante porque aumenta o nosso roll de fala."
>
> **P20ATMBN** "Agradável, legal, até o mato-grossense tem uma fala diferente 'né?', meio puxado, então um pouco parecido com os paranaenses, mas um pouco mais peculiar 'né?', i a fala deles é bem engraçada porque a gente acostumou 'né?'."
>
> **P31ATMCS** "Eu me sinto coagido não, eles me recebem da mesma forma, não tem nenhuma fala que seja assim pejorativa, eu não percebo isso aqui não. Há uns anos atrás, quando a chegada dos sulistas, o pessoal que veio, no início dos anos 80, havia uma restrição muito grande da chegada deles, havia uma resistência porque não havia essa situação no nosso meio, nós éramos, como diz ele, um clã quase fechado, bem familiar e a partir desse momento com a chegada deles, com os costumes deles, muitas pessoas tinham uma certa resistência. Os primeiros que vieram não são os que estão aqui hoje, poucos deles estão aqui até hoje, porque os primeiros que vieram muitos são aqueles qui já são refugo lá, refugo quer dizer, foram banidos, eles vieram pra cá pra tentar a sorte, se desse certo bem, se desse errado, eles seguiam viagem, então muitos faziam negócio escuso, tentavam ludibriar as pessoas aqui, muito de boa fé, então foram iludidos, então criou uma certa resistência na chegada. Hoje não, aqueles que ficaram são aqueles que criaram raízes, formaram família, tem conhecimento de longas datas e todo mundo sabe que aquela pessoa já virou tradicional, que quem chegou aqui no início da década de 80 já tem 40 anos instalados aqui, seus filhos já são daqui, nasceram aqui, então hoje não tem mais, mas no início havia certa resistência com a presença dessas pessoas. Mas isso faz muitos anos, isso não existe mais assim na atualidade não. Com os nordestinos já foi quanto diferente, com a chegada deles já veio alavancar a economia, apesar que o sulista também alavancou a economia, já tinha chegado uma leva de forasteiro, a segunda leva o pessoal já estava mais acostumado, mais vacinado com o problema, não repercutiu tanto, não foi assim

> tão significativa porque já chegou um tanto de gente, porque as pessoas não chegavam assim numa leva, numa onda de milhares de pessoas, foi chegando, quando passou a ferrovia, por exemplo, algumas pessoas ficaram por aqui, ficaram por aqui e estão aqui até hoje, veio prestar serviço, eu acho que esses trabalhadores chegaram mais pulverizados, eles chegaram mais assim dispersos, não foram chegando, foram acomodando e a cidade foi crescendo e você vai perdendo o controle de quem é quem, então é mais um que chegou, mais um chegou aí e tá chegando até hoje 'né?'. Hoje a chegada de pessoas não significa muita coisa, só pelos números que você vê, chegar e sair pessoas hoje é coisa natural, naquela época não era. Qualquer um que chegasse, quem é esse cidadão, veio da onde? está fazendo o que? todo mundo percebia que tinha um estranho, hoje ninguém percebe mais."

Este participante pontua sobre a visão que os taquarienses tinham quando os migrantes começaram a chegar e, atualmente, qual tem sido a percepção; o que nos remete a pensarmos sobre a modernidade das sociedades, que, segundo Hall (2006), estão em constantes mudanças, rápida e permanente, o que sai das sociedades "tradicionais" para as "modernas", na qual é definida apenas como a experiência de convivência com a mudança rápida, abrangente e contínua, mas é uma forma altamente reflexiva de vida.

As mudanças sociais apresentadas por estes participantes indicam, como veremos na próxima resposta, que, embora tenhamos relatos de preconceito linguístico, temos também a presença satisfatória da mudança linguística ser algo favorável na comunidade de fala estudada.

Em relação aos costa-riquenses, 50% dos participantes responderam que consideram a fala dos migrantes agradável, conforme as seguintes citações:

> **P25CRFCS** "Essa adequação de vocabulário eu acho muito importante porque você agrega, ao invés de um vocabulário, a gente tem dois, três, aumenta o conhecimento linguístico, eu acho isso muito importante. Ela (a funcionária) um dia me fez um negócio muito interessante, ela queria fazer uma comida e eu não conseguia entender o que era comida, não me lembro o nome da comida e precisa de uma farinha de mandioca, mas eles não falavam mandioca, e eu conhecia mandioca e aipim, aí era macaxeira. Enquanto ela não falou aipim eu não conseguia associar a mandioca. Então assim, é um vocabulário muito importante."

A próxima participante não coloca como um desprestígio os falares que são diferentes e cita como é importante ter diferentes falares, não só por uma observação da língua, mas também de convivência e permitir-se conhecer pessoas, lugares e culturas; isso mostra como as suas atitudes linguísticas estão sendo receptivas ao novo. É interessante ressaltar que, na sua fala, o mais importante não é sobre o falar, como o que falar, mas a postura que se deve ter em não ser inconveniente.

> **P26CRFCS** "Bom, de certo ponto é bom porque você sai do seu mundo 'né?', sai da sua zona de conforto e passa a dividir as coisas, passa a dividir conhecimento porque eles também aprenderam muito conosco, 'né?', nós aprendemos muito com eles e eles aprenderam muito conosco, é uma troca de experiência, troca de conhecimento, tanto

> que, por exemplo, se você faz uma viagem, a viagem te ensina muita coisa, você aprende muita coisa porque você entra em culturas diferentes. Você conversa com pessoas que têm outros costumes, outros usos e costumes, i aí esforça a gente pular do mano, dividir e um se adaptar ao outro 'né?', porque daí você tem que se adaptar a uma nova realidade. Pra mim não tem questão de ser desagradável não, porque a questão da fala desagradável, na minha visão, ela vem de pessoas quando ela é inconvenienti."

Os mineirenses, 67% consideram os falares dos migrantes agradáveis, de acordo com as opiniões:

> **P12MMAS** "Tanto na questão da fala, quanto na questão das ações, das contribuições do município, mesmo sendo os sulistas qui ganham mais dinheiro i contribuem com o município, o pessoal qui veio du Nordesti pra trabaia nas usinas, nas empresas, também são muito favoráveis ao município. Tem muita genti qui critica, veio só para empobrece a cidadi, algo assim, eu não achu, achu qui ao contrário, vem faze uma função muito primordial, porque se não fossem eles não iria ter essa máquina funcionando "né?", veio muito benefício pra Mineiros quando deu esse ... a cidade explodiu nesses últimos dez anos 'né?' em alguns benefícios, muitos malefícios como corrupção, 'né?' vem os bandidos no meio 'né?', no geral é uma cidadi bem pacífica i foi uma união di povos qui tá dando certu. Não sei se a mistura tá ficano bunita não, eu achu qui a mistura tá infeiano."
>
> **P21MFBS** "Agradável, acho bonito, diferente, acho legal."
>
> **P34MFCS** "Eu acho até divertido conversar, agradável."

Basicamente, os mineirenses se restringiram a somente responder, sem justificar sua resposta. Nas respostas, encontramos as mesmas opiniões dos outros municípios: consideram a fala dos migrantes divertida ou engraçada, como também citam os benefícios e malefícios sociais e também da fala com a miscigenação.

Em relação aos que não consideram a fala dos migrantes desagradáveis, temos a reprodução do taquariense em 8%, apenas um participante. **P5ATFAN** "Só que têm eles (nordestinos) que falam muito errado, às vezes a gente repete e corrigi eles, eles não gosta."

Ao corrigir os nordestinos, esta participante tem a crença de que estaria ajudando e, assim, ensinando-os a "falar corretamente", partindo do pressuposto de que a língua que ela fala é a forma prestigiada e a dos nordestinos, a errada. Segundo Bortoni-Ricardo (2006), o julgamento de "errado" ou "certo" acontece quando a sociedade julga algo como "errado" porque não está de acordo com a norma "padrão"; mas na Sociolinguística, encontramos um apoio quanto à questão de inadequação de forma utilizada às expectativas do ouvinte. O mesmo ocorre quando a participante quer "corrigir" a fala dos nordestinos, mas usa de uma variedade não padrão para fazer esta correção.

Segundo Garcia (2018), há variáveis linguísticas que não carregam avaliações ou valores sociais como as variedades prestigiadas ou as estigmatizadas; por vezes, as variações usadas pelos migrantes podem ser diferentes das variações que os taquarienses estão acostumados a falar, mas isso é mais notado na produção de algumas variantes prestigiadas do que de outras, ou seja, a avaliação negativa dos ouvintes, embora estejam na mesma comunidade de fala, ocupando o mesmo território geográfico, mas com identificações diferentes.

Por meio das entrevistas, observamos que em alguns relatos de taquarienses, utilizarem as línguas dos migrantes foi uma aceitação dos valores sociais apresentados por eles, por incorporarem os fenômenos linguísticos da fala, por exemplo, dos sulistas e nordestinos; isso reforça as atitudes linguísticas dos taquarienses ao fazerem uso não apenas da mesma língua, como também da aceitação dos grupos sociais diferentes da cidade.

O índice de desaprovação da fala dos migrantes, segundo os participantes de Costa Rica, soma 17% das respostas; conheceremos a seguir duas opiniões:

> **P2CRFAN** "Tudo dependi do ponto de vista, porque é uma questão de hábito, no primeiro momento você pode até estranhar o sotaqui, alguma coisa, mas tem que ter uma variação linguística, entendeu? Eu acustumei, a minha vizinha qui é nordestina, quando ela tá brava eu escuto as brigas dela tudo porque nordestino só fala gritano."

Calvet (2002) explica que temos atitudes de aceitação ou de rejeição, não necessariamente sobre o modo de falar das pessoas; por vezes, é sobre o modo como percebem o discurso do outro. Então, não há problema com a pessoa, com a identidade. Essa percepção citada por Calvet nos remete a pensar por que as atitudes linguísticas do falante incomodam tanto, sendo que nós também temos as nossas próprias convicções.

> **P15CRMBS** "Desagradável, sinceramenti, achu qui elis têm uma fala abobaiada (referindo-se aos nordestinos). Du gaúcho a genti já gosta ‘né?’, puxa muito o r, i elis conheci o sutaqui da genti na hora. Quem vem pra cá na fase adulta, adolescenti, não perdi o sutaqui não, o povo daqui mesmo eu acredito qui seja um preconceitu."

As respostas neutras ou sem respostas ocupam 33% de quem não quis ou não soube manifestar sua opinião, tanto de Costa Rica, quanto de Mineiros. A seguir, temos as manifestações do mineirenses:

> **P11MMAS** "Eu acho qui não é nem agradável i nem desagradável, é o jeito qui eles falam."

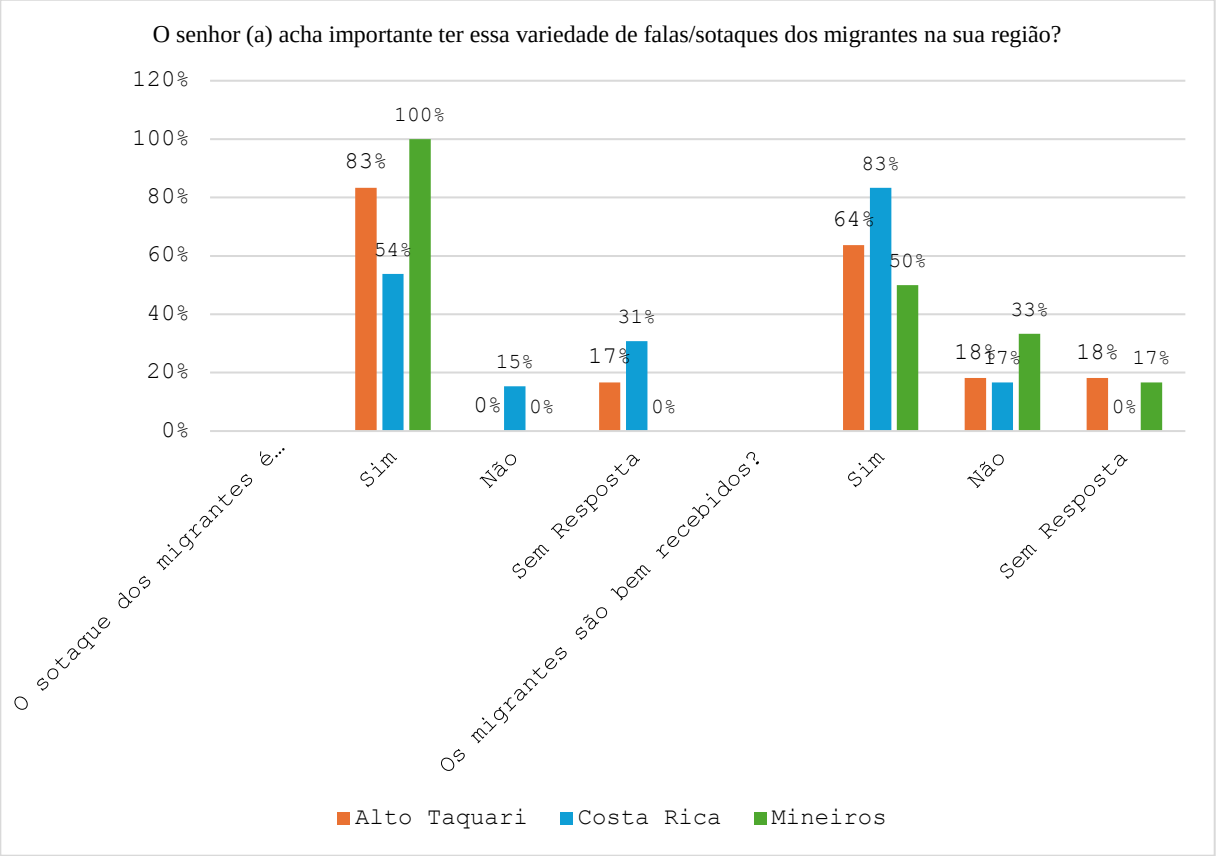
> **P23MMBS** "Eu acho mais desagradável o pessoal do Norti, não é xenofobia não, é assim o jeito deles fala rápido i fala muito apavorado ‘né?’, mas tirando isso “né?”, eu me simpatizo mais com o Sul. Tanto tempero, eu não do conta não, tanto tempero e a fala deles rápida é enjoativo."
>
> **P36MMCS** "É difetenti, os gaúchos pareci qui a maioria qui ainda estão aqui elis saíram bem nos negócios, sabi, então hoji são muito ricos, sabe, já o pessoal qui tá vindo pra trabalhar na indústria di canavial ou nos frigoríficos a genti vê qui elis não conseguem ficar rico, então elis são mais pobres. O sotaqui é totalmenti diferenti, a genti vê os qui são do Piauí, Maranhão, tem um sotaqui, baianos também tem muitos, i a genti reconheci pelo sotaque."

Temos notado que o sotaque dos migrantes de maior prestígio em Alto Taquari, Costa Rica e Mineiros é o sotaque sulista, mais precisamente o gaúcho; talvez por uma questão cultural que não esteja ligada diretamente à fala, mas ao prestígio que os sulistas representam nos municípios, como já mencionado, trouxeram desenvolvimento e, junto a isso, maior concentração de riqueza e *status*. Oliveira e Souza (2021) mostram nos dados de suas pesquisas que as línguas paulista e sulista são consideradas, pelos nascidos em Costa Rica, como as mais corretas. Esta informação fortalece a ideia de que não é a pronúncia ou, necessariamente, o que falam, que fazem os costa-riquenses gostarem de determinado sotaque e desprezarem outro; é o prestígio social e econômico que estas duas regiões representam.

> As variedades faladas pelos grupos de maior poder político e econômico passam a ser vistas como variedades mais bonitas e até mais corretas. Mas essas variedades, que ganham prestígio porque são faladas por grupos de maior poder, nada têm de intrinsecamente superior às demais. O prestígio que adquirem é mero resultado de fatores políticos e econômicos (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 33).

A próxima pergunta: "O senhor (a) acha importante ter essa variedade de falas/sotaques dos migrantes na sua região?" 83% dos taquarienses responderam que sim; não tivemos nenhuma resposta negativa; 17% consolidou como "Resposta Neutra”. Na sequência, temos: "O senhor (a) acha que as pessoas que falam diferente são bem recebidas em Alto Taquari?"

Gráfico 4 – Receptividade quanto aos migrantes



Fonte: Wanessa Rodovalho, (2026).

Alto Taquari considera muito importante os sotaques/falares dos migrantes em seu município; em menor porcentagem, Costa Rica e Mineiros, mas não recebe tão bem assim os migrantes, segundo dados; a maior aceitação é de Costa Rica, Alto Taquari e depois Mineiros.

Embora a segunda pergunta esteja mais ligada às percepções dos diviseiros sobre o comportamento deles em relação aos migrantes, ela ainda é importante porque as atitudes linguísticas também estão relacionadas ao comportamento e diretamente ligadas às manifestações de preconceito linguístico. As justificativas que apresentaremos ajudaram a entender alguns acontecimentos que estão envolvidos com a questão histórica das cidades, como os nascidos na localidade enxergam os migrantes e mostram julgamentos positivos ou negativos; os migrantes sofrem preconceito por causa de estereótipos que foram criados.

> **P6ATFAS** "Gosto muito do sotaque, gosto do jeito deles conversarem, do ritmo sabe, da melodia do sotaque."
>
> **P31ATMCS** "Sim, tem pouca gente hoje com o sotaque carregado (...) porque os filhos daquelas pessoas que nasceram não carregam aquela mesma lucidez no timbre, no sotaque, na linguagem, então isso está se perdendo e eu acho que isso já se perdeu há muito porque chega pouca gente hoje com esse nível de linguagem carregada."

> **P19ATMBS** "Alunos advindos do Nordeste, alguns, nem todos, eles não queriam fazer a semana de artes e linguagem com a cultura do Nordeste e tal a culinária, os costumes, porque “ah, isso é brega, eles não falam brega, falam paia, isso é paia, mas então o que é paia? paia é uma coisa que não é legal, o legal é o qui vocês estão fazendo aqui. Não, o legal é você manter o que você trouxe do Nordeste pra cá, como os seus pais falam? Por que perder o sotaque de ser pernambucano? Eu tenho aluno que faz um esforço pra mudar até o tom da voz. (...) uma aluna começou a imitar as falas da série pra ela não falar como ela falava lá em Alagoas porque as coleguinhas riam dela do modo dela falar, entendeu? Ela ouvia as séries e ia repetindo pra falar até perder o sotaqui. Por que você fez isso? Ah professor, porque os colegas riam de mim, eu tivi qui mudar que me adaptar, ‘né?’. "

O relato do participante **P19ATMBS** mostra como a língua minoritária é submetida de maneira depreciativa pela língua de poder. Segundo Lambert e Lambert (1972, p. 103), "quando as pessoas sofrem pressões para conduzirem-se de um modo incoerente com suas atitudes, a mudança de atitude ocorrerá mais provavelmente se a pressão não for demasiado forte."

Uma aluna negar a sua língua, o tom de sua voz, suas representações culturais para ser aceita, ou melhor, para se encaixar nessa nova comunidade que agora ela tenta fazer parte, dialoga com Bortoni-Ricardo em mostrar que a escola deve exercer seu papel social.

> A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 15).

Logo, o professor não pode perder a oportunidade de mostrar aos alunos migrantes que eles fazem parte da construção social da cidade e, com isso, evitar o apagamento da cultura ou até mesmo da língua falada por este migrante. "[…] os membros de grupos minoritários identificam-se, aparentemente, e incorporam, insensatamente, as atitudes estereotipadas ou prejudicadas dos que detêm o poder." (Lambert; Lambert, 1972, p.85). Lambert ressalta exatamente esta necessidade de aceitação, de quebra de valores, de fala feia ou desprestigiada quando diz que é insensato que ocorra prejuízos oriundos da classe de poder, que, no caso, é a própria escola.

Na pesquisa de Alves (1979), a autora expõe como os nordestinos são tratados pelos paulistas, frequentemente explorados e marginalizados, julgados pelas roupas que usam, principalmente porque vestem o que tem ou ainda o que lhes dão, são desrespeitados pela cor da pele escura queimada pelo sol, são evitados, o que acaba gerando afastamento.

Embora a pesquisa de Alves tenha sido feita há muitos anos e em um espaço geográfico totalmente diferente da Tríplice Divisa estudada, a constatação é a mesma: "As reações

manifestam-se desde a revolta ostensiva até a acomodação passiva, conformação. As primeiras tentativas, no entanto, são de luta pela aceitação social." (Alves, 1979, p. 16). É o que aconteceu com a aluna que queria disfarçar o seu sotaque para ser aceita, ou simplesmente para não ser motivo de riso dos colegas na escola. Então, este é um problema persistente na realidade dos migrantes, principalmente dos nordestinos.

No próximo relato, temos uma percepção diferente das respostas anteriores:

> **P29ATFCS** "Eles são tão bem recebido que no final das conta eles querem acabar com a cultura do lugar, tudo pra eles é cafona, é diferenti, eles querem impor a cultura deles, di tão bem recebido que eles são, eles se julgam superior, geralmente é paulista, é um dos, paranaenses, tudo pra eles é assim, esses mato-grossenses burro, e quando falam perto de mim eu falo: por que vocês vieram para o nosso lugar? Há! aí eu brinco e falo, você se identificou com a burrice dos mato-grossenses e veio pra cá também "né?". Porque uma cultura diferenciada, às vezes eles acham que a deles é a melhor. I eu sempre prego o seguinte: não existe cultura melhor, existe diferente. Todos têm o seu valor regional e sempre falo que nós não podemos deixar acabar com a nossa cultura regional, local."

O julgamento depreciativo e, por vezes, desrespeitoso de uma cultura ser superior a outra gera esse tipo de conflito que a participante relatou; o choque cultural entre as realidades diferentes acaba gerando preconceito linguístico ou ainda apagamento de uma ou outra cultura.

> A influência transcultural pode também dar origem à mudança linguística, o abandono de uma língua nativa em favor de outra. Este fenômeno ocorre mais frequentemente quando dois grupos se fundem, como na absorção tribal, ou quando os grupos minoritários assumem a cultura do grupo majoritário (Gumperz, 1971, p. 119).

Ao responderem sobre ter importância ou não de ter diferentes falares em Costa Rica, 54% ocupou a segunda maior porcentagem, mostrando a receptividade de acolher o sotaque dos migrantes, conforme expõe o seguinte participante:

> **P27CRMCS** "É importante, é positivo, é positivo no sentido de ajudar a produzir riqueza, e trazer a cultura de lá pra cá também, só que quando você chega em outro lugar você não consegue impor sua cultura, é lógico que a gente assimila parte do que vem, tanto na música, na alimentação, a gente assimila, mas é muito mais provável que eles vão perder a cultura deles e assimilar mais da nossa do que ao contrário, você pode ver que todo mundo que vem pra cá, que muda pra cá, eles aprendem a tomar tereré, você já viu isso? e aí quando voltam para a sua terra levam o tereré. Aqui no interior de São Paulo, muita gente que vinha aqui pra nossa região, professores e tudo mais, levou o tereré pra lá, no interior de São Paulo você consegue comprar erva mate, erva de tereré, coisa que no passado não tinha, então é o processo do aculturamento [...] os dois saem com coisas a mais que tirou do outro, dividindo o conhecimento."

Conhecer a variedade linguística das várias regiões do Brasil propaga a valorização das identidades, das atitudes e crenças linguísticas que são manifestadas por meio da fala, pelas

escolhas e comportamento de cada falante. É importante para expandir as culturas com conhecimento para que nenhum tipo de preconceito seja cometido. Quanto mais se conhece o outro, mais entendemos a dinamicidade da língua, a qual nos permite ter boa comunicação, como vários participantes mencionaram, amplia o conhecimento, sobretudo em relação ao mundo, proporciona-nos vivermos experiências novas e valorizar todas as línguas.

Sabadin cita que "a presença de uma língua influencia outras línguas que estejam em contato com ela. Quando há essa interação entre diferentes línguas, uma ou ambas as línguas sofrerão mudanças" (Sabadin, 2013, p. 51); por isso, mesmo a língua falada pelos costa-riquenses, quanto a língua dos migrantes, passam pela miscigenação, algo positivo porque permite trocar aprendizados e cada falante aprecia a sua própria identidade e a do outro.

Oushiro acrescenta à nossa análise que, "[…] a identidade é um processo de criação de sentidos que deve ser individual e coletivo" (Oushiro, 2015, p. 24) e continua explicando que o indivíduo não consegue exercer controle dentro da construção de sentidos. Trazendo para a pergunta proposta, a importância de se ter uma variedade de falas/sotaques no município avança nas interações em relação à língua e aos comportamentos sociais; são misturas de falas que acabam se completando, mas que, evidentemente, uma pode sobressair a outra.

A próxima pergunta busca perceber como os costa-riquenses estão lidando com a presença dos migrantes, como estão sendo recebidos. 83% afirmam que sim, os migrantes são bem recebidos, e 17% que não.

> **P13CRFBN** "Eu achu qui não, é qui eles é firmi mesmo, porque o povo reclama qui o maranhense paga mais, cobra menos pelo trabalho i não sobra trabalho pra elis (de Costa Rica) mas também porque não quer trabalha. O povo reclama qui não tem casa pra aluga porque enchi di maranhensi i os maranhesi elis paga o preço qui o povo pedi, não briga cu preço, eu saio poco, mas o poco qui eu escutu é reclamano qui elis é muita genti ‘né?’, qui ocupa muito espaçu na escola, ainda mais na parti di trabalho porque a mão di obra deles é muito barata né i eles aceita qualquer coisa."

Segundo a participante, o motivo pelo qual os migrantes nordestinos não são bem recebidos não é necessariamente pelas condições as quais são tratados, mas sim no que representa para os costa-riquenses receber estas pessoas; elas reclamam da infraestrutura da cidade e continuam residindo, mas em contrapartida, a mão de obra barata atrapalha os negócios dos nascidos no município. Ela ainda comenta sobre como a chegada repentina dos nordestinos impactou a sociedade e os órgãos públicos, pois a cidade recebeu muitas pessoas em curto tempo, onde teve que adequar-se para atender tanto os já residentes em Costa Rica, quanto os migrantes.

Uma participante da pesquisa contou que atualmente há mais nordestinos estudando nas escolas do que costa-riquenses, isso porque, enquanto os costa-riquenses têm um ou dois filhos, os nordestinos têm nove ou dez, isso é algo que diferencia entre as duas culturas. Ela lembra ainda que o seu neto reproduziu a palavra misericórdia [mizeɾiˈkɔɦdʒiɐ] e ela questionou [mizeɾiˈkɔɻdʒiɐ]? e fez a correção [mizeɾiˈkɔxdʒiɐ], pois acredita que, do mesmo jeito que os outros fazem questão de falar a língua deles, os costa-riquenses também precisam fazer predominar a sua cultura, não é porque um nordestino tem um sotaque para dizer [mizeɾiˈkɔɦdʒiɐ], que o costa-riquense tem que fazer igual.

Nas demais respostas, encontramos pessoas que consideram a cidade acolhedora, como a participante **P1CRFAN** "Sim, cidade hospitaleira, a gente quer ajudar, cidade bem receptiva, cidade maravilhosa!", por isso, 83% das respostas encontramos pessoas que acreditam que os migrantes são bem recebidos na cidade.

Notamos semelhanças entre os acontecimentos de Alto Taquari e Costa Rica; temos a mesma ocorrência em Mineiros, como já citado por alguns participantes mineirenses: com o desenvolvimento local, coisas boas e ruins foram trazidas pelo processo migratório, desde o desenvolvimento agrícola até o aumento da violência.

Segundo os mineirenses, 100% consideram positivo ter essa mistura de sotaques na sua cidade e 50% acreditam que os migrantes são bem recebidos em Mineiros; 33% consideram que não, outras respostas 17%.

> **P9MFAS** "Acho qui é importante a marca da região inclusive, eu particularmente, gosto de ouvir gosto de conhecer."
>
> **P22MFBS** "Eu acho importanti, porque cada cultura, cada pessoa tem algo qui pode agregar, di uma região pra outra, então quanto mais a genti conhece pessoas, mais regiões a genti conheci, até a própria história do país “né?”, porque o país é mesclado ‘né?’, pessoas qui vieram de vários lugares do mundo, isso acarretou em populações diferentes nas regiões ‘né?’."
>
> **P21MFBS** "Sim, acho que somos bem receptivos. Acho qui a genti não tem disso, ah! é di fora eu não vou acolher, não, a genti acolhi, pra genti é tudo di casa."

Embora alguns mineirenses considerem importante ter esta variedade linguística em sua cidade, trazemos alguns relatos sobre como os migrantes são tratados, segundo os participantes da pesquisa, e como a sociedade tem feito a exclusão deles, em especial os nordestinos, como temos relatado em toda a tese; o problema crônico é de uma sociedade que menospreza o diferente, muitas vezes sem conhecimento de quem são os migrantes, sem conhecer a sua trajetória de vida. Labov (2008) já tinha percebido isso quando constatou que

pode ser difícil para um falante aceitar que uma mesma palavra pode ter muitas variações a depender do outro falante.

> **P9MFAS** "Eu acho qui existe um preconceito sobre quem vem, principalmenti do Nordesti, o qui não acontece se souber qui a pessoa é paulista, ou do Sul, eu acho qui não tem tanto preconceito. O preconceito é maior em relação aos nordestinos i acho qui em muitos casos não é bem recebido não. É recebido como força di trabalho, principalmente para aquelas profissões pra ocupar daqueles cargos qui demandam mais mão di obra, frigoríficos, lavoura "né?" pra cana e tudo mais, meio qui parti do princípio qui vai ... não sei si seria impobrece, seria o termo, ou como se fossi uma cultura abaixo, alguma coisa assim, eu percebo."
>
> **P10MFAS** "Tirando os nordestino, eu acho qui sim. Sempre tem alguns qui não recebem tão bem, sempri tem essas brincadeiras, mas principalmenti criança em iscola, pelo menos as pessoas qui eu conheço recebem bem."
>
> **P11MMAS** "Eu achu qui eles foram melhores recebido no passadu, achu qui hoji eu não sei si por causa da expansão muito discordenada qui a cidadi sofreu por causa do crescimento muito rápido quando eles vieram, as pessoas têm alguns preconceitos contra os migrantis. Eu percebo muito isso nas festas e nos eventos sociais qui ocorrem aqui em Mineiros, a genti vê poca presença di nordestino por exemplo. As otras etnias, vamos chamar di etnias, qui vieram pra cá a mais tempo acabam sendo melhor recebidos do que os nordestinos e eu vejo tamém qui é um preconceito muito grandi nos próprios serviços públicos, quando atendem aos migrantis, por exemplo, esse pessoal vem di fora pra lotar nosso hospital público, esse pessoal vem di fora i não contribui pra cidadi i fica aqui na fila do sistema público, isso mi deixa bastanti chatiado. Uma xenofobia meia qui escondidinha pra ninguém fica sabendo i muito nojenta."
>
> **P24MMBS** "Não, não são, o bairrismo ainda é muito forte aqui na nossa cidadi, embora eu acredito que é a mesmo coisa de eu lhe dizer que não existe racismo no Brasil, as pessoas mesmo que tentam manter uma aparência eles nãos são bem recebidos, eu creio que existe um preconceito muito grandi, com o diferenti i nossa cidadi carrega isso de uma maneira muito forti, principalmenti com o nordestino, o pessoal do Sul também sofre isso, mas é uma coisa menor, tem a questão do físico qui interfere, mas também tem a questão da fala quando a pessoa começa a se expressar."

Em virtude dessa exposição, trazemos a citação de Bisinoto:

> Quando as ciências sociais abordam a problemática da migração, o imigrante é colocado quase sempre numa posição desfavorável de interação, pois defronta com uma nova ordem social, cultural e política à qual deve se integrar para conviver e produzir (Bisinoto, 2000, p. 26).

Os nordestinos passaram e ainda passam, de maneira menos impactante, pelo processo citado pela autora: aprender a se integrar, a conviver com as pessoas que nem sempre os recebem com educação, e a produzir em uma cultura totalmente diferente da sua. Bisinoto ainda comenta que houve incentivo em Cáceres para os imigrantes mudassem para a cidade; com isso, a chegada de vários serviços beneficiou o município. Mas em Alto Taquari, Costa Rica e Mineiros não aconteceu necessariamente assim; o que fica evidente pelos relatos dos

participantes da pesquisa é que as cidades não estavam preparadas para aumentar, consideravelmente, a quantidade de habitantes.

O que não justifica a xenofobia escondida, como citou o participante **P11MMAS**; a mão de obra mais pesada é serviço dos migrantes; alguns participantes até comentaram que os migrantes, sendo os nordestinos, trabalham no serviço pesado, fato que os nascidos nesses três municípios pesquisados não querem fazer. O que resta para os migrantes é tentar manter sua identidade.

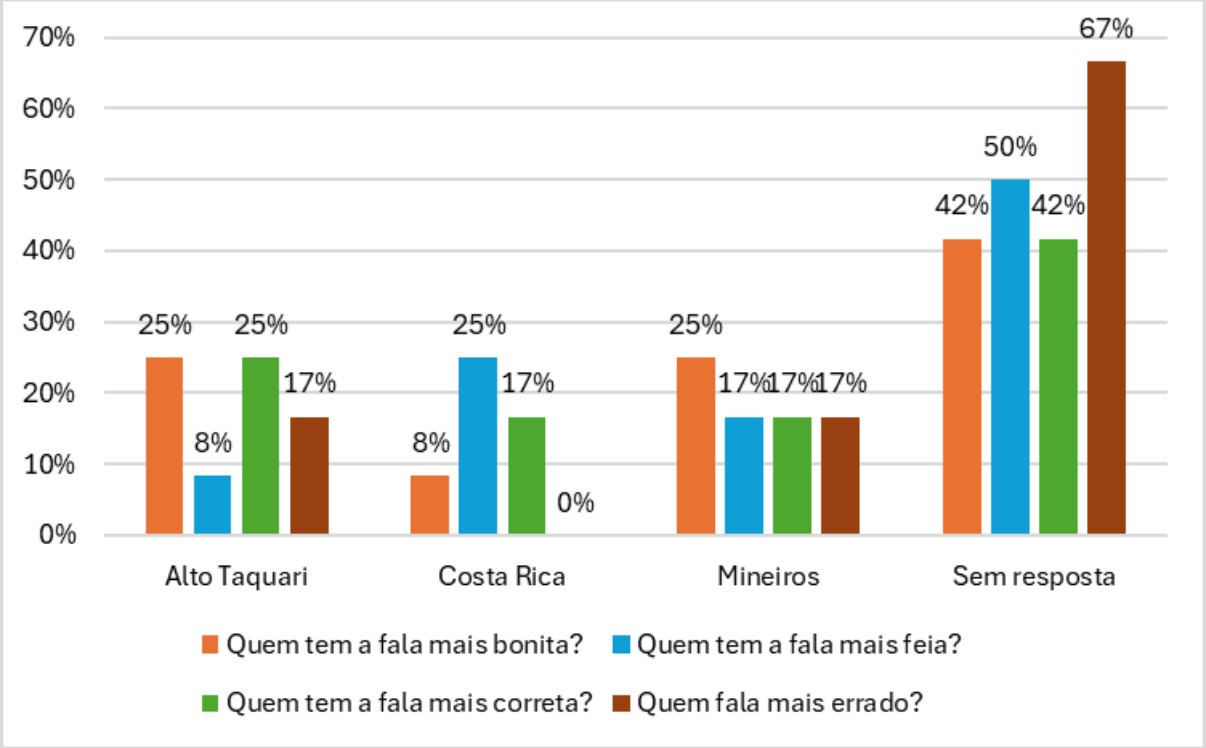
Na pesquisa de Lima Neto, "muitos informantes fizeram menção entre sotaque e identidade, destacando que as variedades linguísticas — e, por seguinte, seus sotaques — estão sempre imbuídas em culturas e práticas sociais em constante negociação" (Lima Neto, 2018, p. 155). Alguns mineirenses também citaram o sotaque, ou a questão da fala quando começam a se expressar, ao expressar a identidade entre fala, comportamento e aspectos físicos, o que no final resulta na somativa das variedades linguísticas dos migrantes.

Tudo isso evidencia as atitudes linguísticas que são mostradas para os que não são migrantes. Os nordestinos estão sempre em negociação com as suas próprias práticas sociais, nas escolhas do que fazer, como se portar, o que desvaloriza a própria língua que é falada; talvez por isso as relações sociais deles estejam mais envolvidas com pessoas que são da mesma comunidade de fala, ou seja, nordestinos que similarmente enfrentam os mesmos problemas. Embora os sulistas também tenham sido citados, aparentemente o preconceito acontece mais com nordestinos, evidenciando que a cultura sulista já não causa tanto estranhamento.

4.3 COMPOSIÇÃO DA TRÍPLICE DIVISA

Nesta seção, dedicamos-nos a analisar respostas que nos permitem conhecer como é composta a Tríplice Divisa e, assim, compreender como os taquarienses percebem a própria língua e a língua dos vizinhos de divisa. "Quem tem a fala mais bonita? Quem tem a fala mais feia? Quem tem a fala mais correta? Quem tem a fala mais errada?"

Gráfico 5 – Percepção sobre a fala da Tríplice Divisa - Alto Taquari



Fonte: Wanessa Rodovalho, (2026).

Ao questionarmos sobre a fala de cada município, ampliamos a pergunta para a fala do estado, pois algumas pessoas não conhecem os municípios vizinhos. Para isso, pedimos que analisassem os estados e não as cidades; porém, a maioria dos participantes conhece bem a Tríplice Divisa e conseguiu pensar nos municípios que a compõem para responder às perguntas.

Os taquarienses apresentam um alto índice de "Sem Resposta" para as quatro perguntas, provavelmente porque, segundo suas percepções, não há crença na região de que exista muita distinção linguística na Tríplice Divisa, como afirma **P8ATMAS**: "Pra ser sincero eu não vejo muita diferença não, apesar de ser três estados diferentes, eu acredito qui é uma região só."

Constata-se um empate quanto à língua mais bonita da região: a mineirense e a taquariense somam 50% das respostas, o que sugere que a língua de prestígio em Alto Taquari não é a própria variedade que falam, tendo em vista que os taquarienses consideram a língua de maior prestigio a sulista. No entanto, não há justificativas dadas pelos participantes, como exemplifica **P30ATFCN**: "Fala tudo parecido."

É interessante destacar que os próprios taquarienses, assim como os costa-riquenses e mineirenses, em algum momento da entrevista citaram que os taquarienses falam de maneira semelhante aos gaúchos — o que nesta pergunta não se confirmou, porque, segundo os participantes, os três municípios falam de maneira muito parecida. Talvez por isso a maioria

não tenha respondido, já que as semelhanças não os levam a escolher, por exemplo, quem tem a fala mais bonita.

A língua considerada mais feia, para quem respondeu, é a falada em Costa Rica, com 25% das respostas — também sem justificativas registradas. Sobre quem tem a fala mais correta, Alto Taquari obteve 25%, mas não superou a porcentagem maior de "Sem Resposta" (42%). Os taquarienses foram breves em suas poucas respostas, como **P40ATMCN**: "Tudo igual, todas as cidades que formo aqui são gente de fora, tem os antigos, mas já não vivem mais, é tudo isso, gente nova, gente bonita." Na última pergunta, observa-se que 67% não opinaram sobre quem fala mais errado, evitando expor suas crenças linguísticas.

Um participante comenta sobre a fala taquariense:

> **P7ATMAS** "O povo aqui fala bem errado, pega mais pessoas do interior assim, sabe, muito palavras erradas, trocadas, porque tem grande quantidade de pessoas que tamém não terminaram, não teve oportunidade de ir pra escola, de aprende, você vê muitas pessoas que tiveram que para de estudar, primeira, segunda, terceira série, pra ir trabalhar, são aquelas pessoas bem simpleszonas mesmo, sabe."

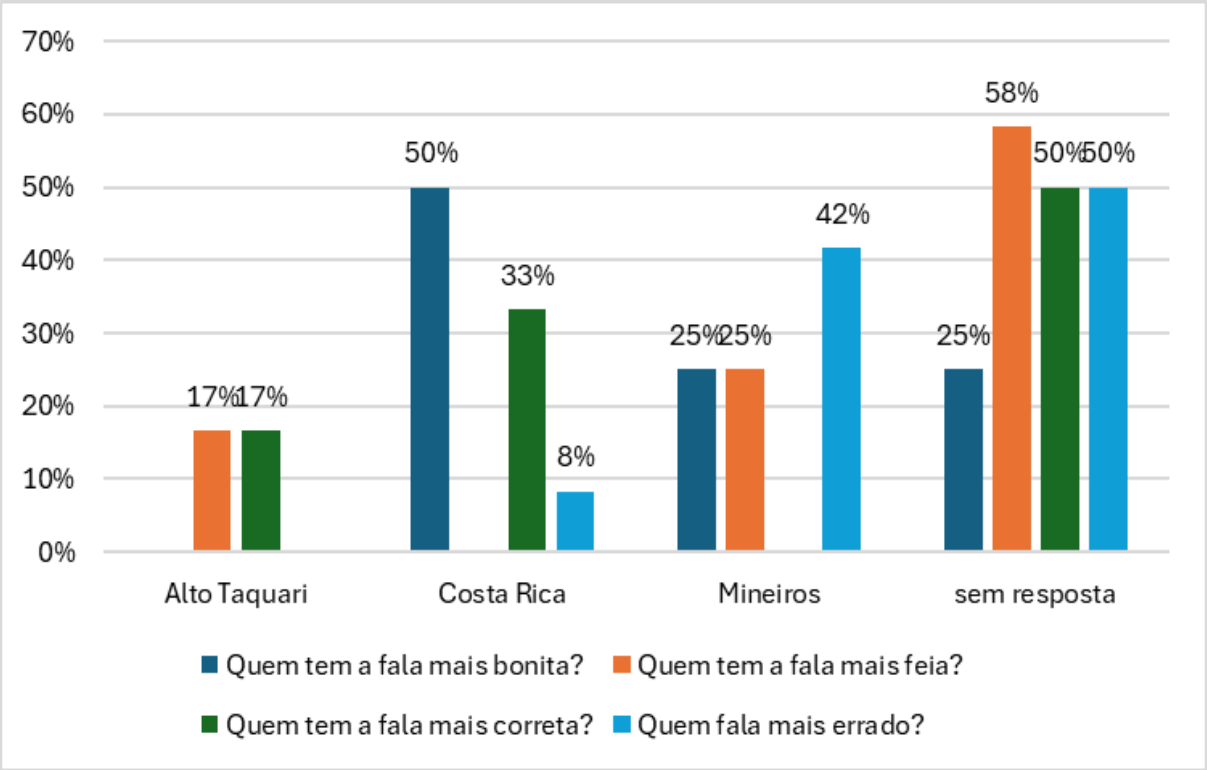
De modo geral, conforme as entrevistas, nas três cidades os participantes destacaram que falam "muito errado" e apontaram o hábito de abreviar palavras como uma marca linguística local, parte da crença de que essa é uma característica dos residentes de Alto Taquari, Costa Rica e Mineiros.

Sobre o falar mineirense ou goiano:

> **P18ATFBS** "O goiano, o mineirense ali fala mais arrastado, mais mole, sabe, agora lá tá tendo essa mistura lá também, ‘né?’, porque por mais que a cidade seja maior, a gente sabe distinguir mais o mineirense, o mineirense daquele que está chegando. "
>
> **P29ATFCS** "Pra mim não tem a mais feia, tem a diferente. Pra mim, o mineiro, o mais tradicional do Mineiro, a fala dele é bem assim, arrastado o r, ‘né?’, é a [ˈpoɻːtɐ], ele é mais cumprido, o mineiro ‘né?’. "

O empate entre Alto Taquari e Mineiros na consideração de ambas como as línguas mais bonitas provavelmente se deve à proximidade dos taquarienses com os mineirenses — quando perguntados com quem têm mais amizade, a maioria mencionou os mineirenses. A seguir, o gráfico registra as respostas dos participantes de Costa Rica.

Gráfico 6 – Percepção sobre a fala da Tríplice Divisa – Costa Rica



Fonte: Wanessa Rodovalho, (2026)

Para a pergunta "Quem tem a fala mais bonita?", os dados mostram que os costa-riquenses consideram a própria língua a mais prestigiada, com 50% das respostas. Segundo Labov (2008), o falante só tem noção do prestígio da sua variedade quando entra em contato com outras. Assim, membros de uma mesma comunidade de fala compartilham um código ou uma variedade linguística, julgando, interpretando e valorizando formas que podem diferenciar os falantes. Dessa forma, a comunidade em questão compartilha dos mesmos valores e atitudes linguísticas em relação à pronúncia e construções típicas de Costa Rica.

> **P16CRMBN** "Mato Grosso fala muito parecido conosco, não tem grandi diferença 'né?', aí quando você parti para o Goiás, aí você já senti a diferença. Os goianos têm a fala mais mansa, um sotaqui diferenti do mato-grossense i do sul-mato-grossense. O goiano, você já percebi qui fala diferenti. Nós puxamos o r, mas de uma forma diferenti 'né?'. "

Este participante descreve semelhanças e diferenças na fala da Tríplice Divisa. Para ele, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul têm falares semelhantes, mas o /r/ dos sul-mato-grossenses é diferente — embora não saiba descrever como se produz.

Goiás e Mato Grosso aparecem com 25% cada, o que mostra que, embora metade prefira a fala local, a outra metade considera as falas das outras duas regiões mais bonitas.

Calvet (2002, p. 72) assinala que "há insegurança linguística quando os falantes consideram seu modo de falar pouco valorizado e têm em mente outro modelo, mais prestigioso, mas que não praticam".

Apenas 8% dos costa-riquenses admitiram adotar costumes de migrantes, mas 25% consideram a fala goiana a mais bonita, o que sugere que o contato cultural gerou fusão e que essas duas regiões têm mais semelhanças entre si do que com Mato Grosso.

A participante **P1CRFAN** respondeu: "O minero chama atenção, o uai deles é bão dimais, di vez em quando sai ele, (uai) mais não que seria o nosso mesmo, é que já vai qui pegando o custume do outro, a gente fica perto de outras pessoas, a gente vai pegando um pouco do palavriado." Seu esposo é goiano, o que provavelmente explica a influência.

Segundo Labov (2008), uma comunidade de fala pode compartilhar normas linguísticas sem que todos falem do mesmo modo. As variações encontradas em Costa Rica indicam contatos linguísticos que levam a discursos semelhantes, como o uso de "uai".

Na pergunta "Quem tem a fala mais feia?", nenhum costa-riquense achou a fala sul-mato-grossense a mais feia; 25% apontaram os goianos e 17% os mato-grossenses, enquanto 58% não opinaram. Os dados sugerem que os falantes compartilham padrões normativos e atitudes linguísticas semelhantes, e que "a uniformidade das normas compartilhadas pelo grupo ocorre quando a variável linguística possui marcas sociais evidentes aos falantes" (Coelho et *al.*, 2012, p. 37). Tais marcas levam a juízos de valor: a fala de grupos prestigiados é vista como bonita e correta; a de grupos estigmatizados, como feia e errada.

Dos 58% que não escolheram as opções dadas, alguns citaram a fala nordestina como a mais feia e a gaúcha como a mais bonita — itens não disponíveis na pergunta, o que também ocorreu em respostas de Mineiros.

O prestígio parece relacionar-se mais ao *status* do que a aspectos linguísticos puros, destacando que a variação social é determinante para aceitação.

Na sequência, perguntamos: "Quem tem a fala mais correta?"

> **P26CRFCS** "Porque o sul-mato-grossense teve a influência do paulista, e o estado de São Paulo é um dos mais desenvolvidos do país, até porque é o certo né, começou por ali, ‘né?’. Então nós tivemos essa cultura de misturar muito, então nós temos um palavriado mais, na minha avaliação, mas nós temos um palavriado mais correto, nós preocupamos, nós preocupamos mais com as concordâncias nominais, verbais, i vai indo aí. O estado do Mato Grosso do Sul é um estado do Brasil que tem mais mestres e mais doutores, num percentual altíssimo, então o Mato Grosso do Sul tem essa preocupação com o estudo, com a fala, com a postura. "

> **P14CRFBN** "Di Taquari não vejo diferença, agora Mineiros é puxar muito o r, O [ˈpoɻtɐ] que é a [ˈpoxtɐ], eu achu muito esquisito i não nem qui nem alagoano. "

Para esse participante, Costa Rica e Alto Taquari têm fala semelhante, e a mineirense lembra a alagoana pelo /r/ "puxado". Esse julgamento reflete que "a avaliação que um ouvinte faz da língua de um falante depende, em grande parte, das atitudes linguísticas pré-estabelecidas em relação ao dialeto, à classe social e ao grupo étnico desse falante" (Cardoso, 2014, p. 15).

Cada falante julga o outro com base em atitudes construídas pela mídia, vivência, contatos linguísticos etc., dependendo do dialeto, classe social e etnia.

Dos 50% que não responderam objetivamente, vários acham as falas muito parecidas, como **P14CRFBN**: "Eu achu bem parecido ‘né?’, lógico qui tem alguma diferença."

Há razões históricas, já apresentadas na Seção II: a Tríplice Divisa foi colonizada por pessoas de regiões semelhantes, com presença de mineiros, paranaenses, gaúchos e paulistas. As semelhanças têm raízes históricas; as diferenças refletem escolhas linguísticas e culturais locais.

Em Costa Rica, apesar da presença de nordestinos e gaúchos, a cultura local predominou. Contudo, comunidades nunca são totalmente homogêneas; a heterogeneidade e a variação são objeto da sociolinguística (Mollica, 2008).

A próxima pergunta foi: "Quem fala mais errado?"

> **P28CRMCN** "Na verdade, com esse negócio de internet, você sabe qui falar errado tá chiqui ‘né?’, aí as pessoas ao invés de melhorar as palavras, eles não capricha no plural, não liga pra falar, as pessoas mudam um pouco o palavriado, mas não fala feia não."
>
> **P15CRMBS** "Nós tem muita gíria, ishi. Qui nem nóis tem muito erro, erro não é gíria assim. Costa Rica é rico em dialeto. Uma gíria di Costa Rica: eu qui fundei essa cabeça di leitoa aqui, é meio qui um debochi, sabi, cabeça di leitoa é uma coisa meio sem valor, nóis qui manda nessa cabeça di leitoa aqui. Outra gíria: dá nó em gotera, é o cara nó cego."

A participante **P14CRFBN** complementou com mais gírias:

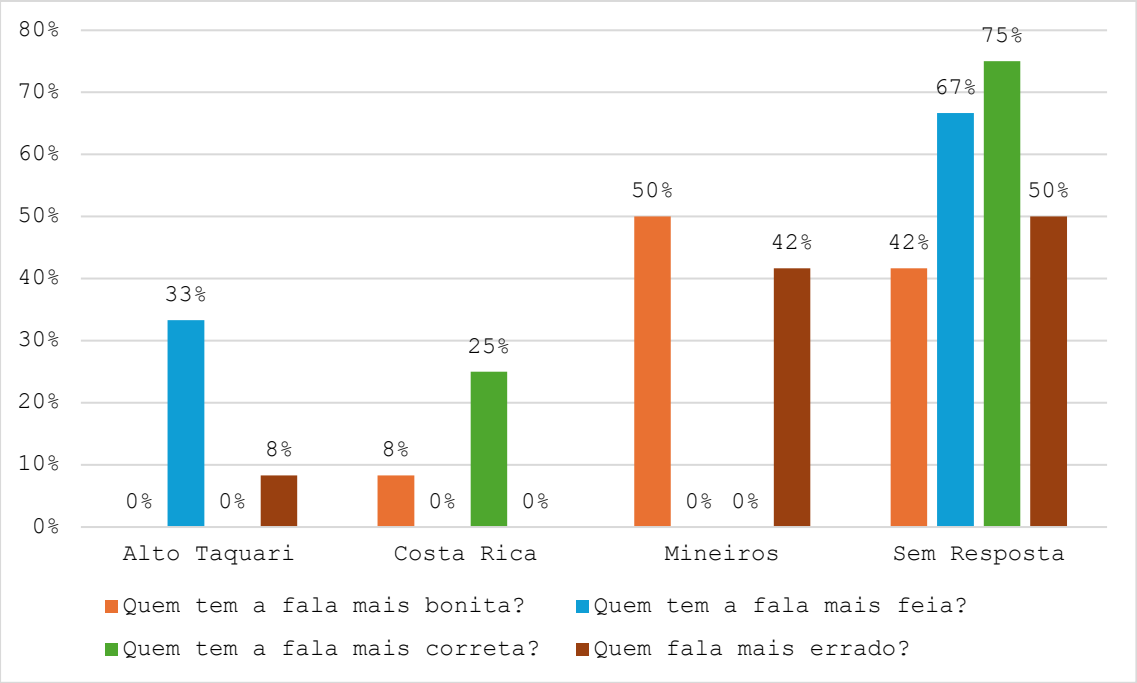
> **P14CRFBN** "Uma gíria: treta. Esse carro tá dando muita bacada, o que é uma bacada? É um arranco ‘né?’, uma bacada. Eita pega! É um espanto, você conta uma história: eita pega! tipo espantei ‘né?’. Vishi né Cubum: é um dia di azar, chatu, nada dá certo. Si você feiz um serviço pra mim mal feito, eu falo malemá. Fulano está achando qui é boi du branco, tipo tá achando qui é melhor do qui os outros. É sempri resumido, vamo toma um téris? não fala: vamos tomar um tereré? Nossa, vocês está cheia di muagi! muagi, é cheia di frescura ‘né?’, ou fulano tá com treta, treta é confusão. Ou você conhece uma pessoa, i aí véi, mas não significa qui ele é véi, é uma maneira di falar, um amigo ‘né?’ assim. Carrerão é sair correndo."

Esse repertório mostra características do falar costa-riquense, com gírias citadas por participantes de faixa etária não necessariamente jovem. A forma "cortada" das palavras

também foi observada em Mineiros: "sempri resumido, vamo toma um téris? não fala: vamos tomar um tereré?". Essa maneira marca a identidade linguística local, com apagamento de sílabas. Labov (2008, p. 176) afirma que "um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem são partilhados por quase todos os membros da comunidade de fala", o que gera identificação.

A seguir, o gráfico com as respostas de Mineiros.

Gráfico 7 – Percepção sobre a fala da Tríplice Divisa – Mineiros



Fonte: Wanessa Rodovalho, (2026).

Como nas análises anteriores, os mineirenses tiveram alto índice de "Sem Resposta" (42%) para a fala mais bonita. Apenas uma resposta citou Costa Rica, sem justificar; 50% consideraram a própria fala a mais prestigiada, atitude positiva também observada em Costa Rica.

> **P21MFBS** "Eu sou goiano do pé rachado, quer dizer assim, eu sou goiano com muito orgulho i não tem como escondê. Eu pelejei pra fazer uma coisa, quer dizer que eu tentei fazer alguma coisa, pelejar, a genti inventa os verbos. O trem tem bastante aqui, qui nem as dos mineiros. "

Uma resposta surpreendente foi de **P12MMAS**: "Posso dize qui a mais bonita é a do Nordesti, é mais charmosa o jeitim qui eles falam, pareci até mesmo uma poesia. O gaúchu tem hora qui é bom, tem hora qui não. O goiano, o Centro Oesti nenhum é mais bonito ou mais

feio." Diferente da maioria, que valoriza a fala gaúcha e estigmatiza a nordestina, este participante considera a nordestina a mais bonita.

Para a língua mais feia, 67% não responderam e 33% citaram Alto Taquari. As justificativas:

> **P9MFAS** "Taquari i Mineiros está muito próximo, eu não consigo faze essa distinção."
>
> **P11MMAS** "Taquari é muito distinto assim dos dois, é muito próximo ao Rio Grande do Sul, o sotaqui muito carregado do sulista. São duas cidades separadas, o que, são 100 km, 110 km i falam di forma totalmente diferenti i tem alimentação completamenti diferente."

Poucos quiseram responder, o que leva a questionar os motivos. Alto Taquari considerou Costa Rica a mais feia; Costa Rica considerou Mineiros (por ser vista como "caipira"); Mineiros considerou Alto Taquari (associada ao sotaque sulista). Parece haver crenças envolvidas.

Sobre a fala mais correta, 75% não opinaram; 25% citaram Costa Rica. Comentários:

> **P11MMAS** "Acho qui nenhuma das três tá muito certo. A genti vê por exemplo o sutaqui carregadu do Sul lá (Alto Taquari) eles não têm uma conjugação di verbo muito adequada, tem a mania absurda di diminui, di atalhar a palavra, di cume as consoantis do final, sabi?... É muito diferenti uma da outra, não tem uma assim qui distaca mais pela beleza, eu vejo a língua só como um instrumento di comunicação mesmo, sabi."

Labov (2008) e Cavalcante (2011) também veem a língua como instrumento de comunicação, com função social ligada ao comportamento linguístico.

Os mineirenses descrevem sua própria fala:

> **P21MFBS** "Mineiros de maneira nenhuma (falam corretamente), porque a genti conversa muito errado, a genti faz muito diminuitivo, a genti inventa as palavras, então assim, por exemplo, ao invés di falar vamos até ali, a genti fala, ali di pertim, mas esse pertim é bem longe, igual ali de baiano, a genti não fala assim, eu sou do Goiás, a gente fala sou du Goiás. A genti fala muito assim, por exemplo, a genti vai lá no córrego, a genti não fala rio, fala corgo, aquela pessoa ali, a genti fala aquele caboclo lá."

Isso nos leva à próxima pergunta: "Quem tem a fala mais errada?" Dos participantes, 8% disseram Alto Taquari; ninguém citou Costa Rica; 42% disseram que os mineirenses falam mais errado; e 50% não responderam. Os mineirenses comentam sua própria língua:

> **P23MMBS** "O nosso sutaqui é bem irraizado ‘né?’ como nós falamos é, goiano do pé rachado, ‘né?’ goiano do pé rachado fala diferente ‘né?’ O goianês é bem peculiar ‘né?’ bem diferenti ‘né?’. Eu tenho orgulho di não mudar, tem genti qui tenta conversar certinho ‘né?’, eu não, é arvinha, arvona, trem bão, esses trem que a genti fala mesmo. "
>
> **P33MFCS** "Nós não fala as palavras completas, fala piquininin, essa é uma herança mineira, falar esses trem cortado, palavra cortada. "

O apagamento de letras ou sílabas é percebido em toda a Tríplice Divisa, independente de idade, sexo, escolaridade, profissão ou classe social. Trata-se de uma atitude linguística dos mineirenses, ligada à identidade e ao orgulho local, não à falta de conhecimento da norma culta.

Isso responde à indagação da seção 1.3: por que pessoas com formação superior continuam usando variantes não padrão? **P34MFCS** comenta que sua chefe, com nível superior, fala "muito errado", usando formas como "nóis foi". Pode ser atribuído à influência do meio familiar e social, não à escolarização. Coelho *et al*. (2010, p. 78) acreditam que falantes escolarizados teriam menos chances de produzir "nós foi", mas a pesquisa mostra o contrário. Segundo Mufwene (2008), a linguagem é transmitida pela interação social — família, relações sociais, grupos de contato — mais do que pela escolarização ou nível socioeconômico.

P35MMCS resume: "Nóis goiano é meio relaxado memo, apesar de nóis sabe como é qui fala, a genti não fala como é qui devi ser ‘né?’, isso veio muito do mineiro ‘né?’, o mineiro engole muito as sílabas ‘né?’, as letras, as palavras ‘né?’, é meio preguiçozim pra falar a verdade ‘né?’." A origem está em Minas Gerais, com escolhas linguísticas influenciadas pela colonização. Como afirma Moreno Fernández (1998, p. 181), os falantes sabem que sua comunidade prefere certos usos e elegem o que consideram adequado.

Aproveitando essa citação, perguntamos: "O senhor(a) acredita que existe um jeito certo de falar? Por quê?"

Respostas "Sim": Alto Taquari e Costa Rica (17% cada), Mineiros (42%).

> **P17ATFBN** "Existi, é difícil falar certinho e escreve certinho sem erro ortográfico também."
>
> **P1CRFAN** "Eu acho sim, tem como ser mais culta e tem como ser mais sertaneja e vai do ambiente que a gente vai tá pra conversa."
>
> **P34MFCS** "Não é falar certinho, mas falar as palavras corretamenti, usar..., tipo, ‘vô i’, genti, eu acho horrível, mas o qui eu ouço isso aqui em Mineiros é dimais."

A Sociolinguística parte do princípio de que a língua não é homogênea (Labov, 2008), logo não cabe aplicar critérios de “certo” ou “errado” nem julgar atitudes linguísticas com base

no uso. Bagno (2007) alerta que a fala "errada" não está diretamente ligada à classe social, e que não é a elite que detém o conhecimento da norma culta.

Respostas "Não": Alto Taquari (33%), Costa Rica (25%), Mineiros (58%).

> **P8ATMAS** "Não, nesse caso não existe correta, só cultura, tradições ‘né?’ cultura de cada lugar."
>
> **P2CRFAN** "Não, porque tudo dependi da região, tudo dependi do modo qui se aprendeu a falar, então o qui pra genti é errado, pra eles lá é a maneira correta."
>
> **P12MMAS** "Não, não existi. Existi forma coloquial em alguns momentos di si pronuncia, dependi do local qui você tá, achu qui você tem qui ter uma postura mais oficial, da regra formal do portugueis. Na escrita também, si for um documento oficial, alguma coisa mais séria, aí sim você deve utilizar de uma grafia correta do portugueis, mais agora fala i escreve você podi fala do jeito qui você quise, achu qui é uma riqueza cultural, não é erro, algumas palavras a genti si apropria, é o regionalismo. O povu tem hora qui é muito bitolado nisso ‘né?’."

Segundo Bagno (2007), o mito do português "certo" ou "errado" não se sustenta, pois cada cultura, lugar e pessoa se expressa de modo diferente, evidenciando a diversidade linguística do Brasil.

Nas três faixas etárias, as respostas não estão necessariamente ligadas à idade ou profissão — até professores não foram categóricos, ressaltando a existência da norma culta e da linguagem informal conforme o contexto. Outro participante explora o tema:

> **P14CRFBN** "Não, logicamenti qui os estudiosos deve achar qui tem uma maneira correta, eu acredito qui cada região é diferenti, a sua criação é diferenti, lógico qui eu acridito qui é totalmenti errado esses ditados popularis qui a genti fala, eu vou pro Sul, lá eles falam coisas que pra mim não são corretas, mas são corretas para eles. O nosso Brasil é cheio di diferentes culturas, diferentis sutaquis, jeito di falar, então eu acredito que não seja errado, porém cada um com a sua linguagem, com a sua cultura ‘né?’. "

Entre os que não responderam: Alto Taquari (50%), Costa Rica (58%), Mineiros (sem marcação).

> **P27CRMCS** "Existe até que a palavra seja modificada, porque a linguagem você sabe, pode ser falada, pode ser corporal ‘né?’, tem vários jeitos da comunicação é um leque muito grande de formas, mas a palavra tem um jeito certo de ser pronunciada sim, agora quando se diferencia apenas pelo sotaque, aí a questão não é de ser certo ou errado, é de ser mais bonito ou menos bonito ‘né?’."

Essa resposta neutra remete a Moreno Fernández (1998) e López Morales (1993), para quem não há atitude neutra — ela é positiva ou negativa. Mesmo sem tomar partido, o participante associa "certo/errado" a "feio/bonito".

Pesquisas como as de Silva-Poreli (2010), Corbari (2013), Botassini (2013) e Fungueto (2021) também mostram que julgamentos de "falar bonito" ou "feio" envolvem fatores como classe social, tonalidade, aparência ou preconceito nacional.

As perguntas metalinguísticas foram: "O senhor(a) reconhece um taquariense, um costa-riquense ou um mineirense só de ouvi-los falar?" e "O senhor(a) fala alguma coisa de semelhante a eles? O que seria?" O objetivo foi rastrear se os participantes reconhecem os vizinhos pela fala, especialmente porque muitos acham as falas semelhantes.

O fluxo migratório na Tríplice Divisa gera contatos linguísticos, variantes e mudanças. Segundo Coelho *et al*. (2010, p. 102), "Quanto mais contato, mais chances de transmissão de formas novas e de mudança."

Taquarienses: 25% reconhecem um costa-riquense; 67% identificam um mineirense. 75% não identificam costa-riquenses; 33% não identificam mineirenses. Dizem ser mais fácil identificar mineirenses mais velhos pelo sotaque "carregado" e /r/ "puxado". Muitos afirmam que Costa Rica fala igual a Mineiros, e Alto Taquari igual a Costa Rica.

> **P20ATMBN** "Os goianos têm a fala calma, não tão rápida, mas é mais manhozinha, eu creio qui é mais manhoso, pareci ser caipira, mas não é o caipira pira porá, como diz o outro mesmo, sabi, é gostoso até de escutar sabi. Mato Grosso do Sul pegou muito dos gaúchos 'né?', até as tradições. Nós aqui é do xote, Mato Grosso do Sul é a vaneira, pegou muito a parti do Paraná, eu vejo muito lá (em Costa Rica) o Sul. O goiano segurou mais a cultura, ainda tem Festa dos Reis, os goianos mais antigos, mesmo os jovens goianos, mesmo das famílias goianos, eles seguraram um pouco mais a questão di tradição."

Taquarienses não citaram palavras similares às de Costa Rica, mas várias expressões mineirenses, como "uai". Esse contato parece horizontal, por interação social significativa, podendo gerar competição ou seleção linguística (Mufwene, 2008).

Costa-riquenses: 42% identificam taquarienses; 33% identificam mineirenses. 33% não identificam Alto Taquari; 42% não identificam Mineiros; 25% não responderam. Três participantes da terceira faixa etária reconhecem ambos, justificando pelo convívio.

> **P15CRMBS** "Taquari é quasi 100% a fala di Costa Rica, a fala di Costa Rica i Taquari não divergi em nada ao meu ver. Agora Mineiros é puxar muito o r, eu achu muito esquisito i não nem qui nem alagoano. Costa Rica os paulista vem, acha um pouco difícil a fala, não puxa nenhuma letra, sabi."

Nenhum costa-riquense disse que Mineiros e Alto Taquari são parecidos, mas muitos afirmaram que Costa Rica e Alto Taquari são semelhantes. Quando questionados sobre o que

falam de similar com os vizinhos, todos citaram expressões, gírias ou ditados de Mineiros, não de Alto Taquari.

> **P2CRFAN**: "Uai, logo ali, os tal di Minero. O sotaqui é diferente, principalmenti essa questão do r, di puxar o r, porta [uˈpoxːtɐ]."
>
> **P14CRFBN**: "Trem."
>
> **P15CRMBS**: "Uai."

A língua representa cada região, com particularidades léxicas, crenças e atitudes linguísticas moldadas por processos históricos, formando comunidades com características próprias de pronúncia e formação linguística.

Mineirenses: apenas 25% identificam a fala de Alto Taquari; ninguém citou Costa Rica. 75% não diferenciam Alto Taquari; 83% não diferenciam Costa Rica; 17% não veem diferença.

> **P9MFAS** "Costa Rica é muito próximo, tem muito goiano lá, então a fala é parecida, não consigo perceber diferença e Taquari i Mineiros está muito próximo, eu não consigo faze essa distinção."
>
> **P22MFBS** "Mineiros e Taquari o pessoal fala mais ou menos igual."

Nenhum mineirense citou palavras de origem taquariense ou costa-riquense. Para exemplificar os dialetos, perguntamos: "Poderia me dar exemplos do que os taquarienses, costa-riquenses e mineirenses falam de forma diferente, que chama atenção?"

Um taquariense sobre Costa Rica:

> **P19ATMBS** "A fala de Mato Grosso do Sul tem bastante influência da fala de São Paulo, pareci uma fala mais repicada, mais cortada e assim. No Mato Grosso do Sul tem uma fala mais correta, mais alinhada com a língua portuguesa, mas com a fala meio repicada é como se falasse, parasse para pensar, falasse, parasse para pensar, vai me dando uma angústia, aqui a gente fala de uma coisa linear."

Sobre Mineiros:

> **P5ATFAN**: "O goiano puxa, ‘né?’, o [poɻˈteɨɾɐː], eu falo [ˈpɔɹtɐ], não é que esteja errado, o sotaque é forte, não que seja errado."
>
> **P6ATFAS**: "Os goianos falam algumas coisas mais com r ‘né?’, porta [ˈpɔɹtɐ], motor [moˈtoɹ], essas coisas, forti [ˈfoɹʧi], com r mais redondo assim. O pessoal aqui porta [ˈpoxtɐ], depende muito de cada família. Essa região de Alto Taquari eles falam muito parecido com os goianos."

A participante usa diferentes representações do /r/ para Alto Taquari e Mineiros, possivelmente influenciada por seus contatos linguísticos (sua família é paranaense).

Uma costa-riquense sobre Alto Taquari:

> **P25CRFCS**: "Do Mato Grosso, é uma expressão, não me lembro bem, mas acho que é: quanto mais bravo o boi, mais grosso o laço."

Sobre mineirenses:

> **P1CRFAN**: "Os goianos, porta [ˈpoɹːtɐ], porteira [poɹˈtejɾɐ], portão [poɹˈtɐ̃ʊ̃]."
>
> **P2CRFAN**: "O sotaqui dos goianos. Eu tenho primos de Goiás, quando eles vêm, a genti racha o bico di dar risada, porque eles têm um puxadinho mais na fala, o porta [uˈpoxːtɐ]. Nossa Senhora! não tem jeito, eles dão uma puxada no r assim. Principalmente, essa questão do r. Não é porta [uˈpoxːtɐ], nem porta [pohtɐ] é porta [ˈpoɹtɐ]."
>
> **P15CRMBS**: "Goiano fala Artur [ˈahtu] i porta [ˈpoɦtɐ], i tem outro sotaqui também mineiro."
>
> **P25CRFCS**: "De Goiás tem 'né?', pra acabar o piqui do Goiás, eles usam muito essa expressão."

Embora muitos costa-riquenses afirmem reconhecer mato-grossenses, apenas um deu exemplo; já todos que citaram goianos deram exemplos.

Mineirenses: ninguém citou nada marcante na fala dos costa-riquenses; houve registros sobre taquarienses:

> **P11MMAS**: "Taquari é muito distinto assim dos dois, é muito próximo ao Rio Grande do Sul, o sotaqui muito carregado do sulista. O Mato Grosso eles falam o voti [ˈvoʷːte], do pessoal di Alto Taquari si escuta muito o sotaqui sulista, barbaridade [baːɾbariˈdade]."

Este participante discorda de outros mineirenses, afirmando que Alto Taquari não se parece com Costa Rica nem com Mineiros, e sim com o sul-rio-grandense.

> **P23MMBS**: "Só pelo cumprimento. O sul-mato-grossense não fala xômano [ʃoˈmãnʊ] 'né?', mato-grossense fala: e aí xômano [ʃoˈmãnʊ]?, e aí beleza?"
>
> **P34MFCS**: "Lá em Alto Taquari é comum chamar o menino de muleque, aqui em Mineiros, quando falamos em muleque está falando da pessoa qui, às vezes é sem responsabilidade. Há! fulano é muleque, não tem responsabilidade, eli não agiu como deveria agir, i nós chamamos mais di menino, o guri é mais pro Sul."

Pelos relatos, a maior influência na Tríplice Divisa é de Mineiros. Apesar do alto índice de "Sem Resposta", os dados indicam que os mineirenses são os grandes influenciadores da

língua falada na região. Alto Taquari e Costa Rica têm formações linguísticas semelhantes por razões históricas, mas não usam os mesmos repertórios de modo acentuado. Contudo, variantes encontradas em Mineiros aparecem nesses dois municípios, mostrando que o contato influencia identificação e mudanças linguísticas.

Sobre amizade com os vizinhos: "O senhor(a) tem amizade com taquarienses, costa-riquenses e mineirenses?" Quisemos conhecer o grau de familiaridade e perguntamos: "Com qual deles tem mais amizade?" e "Qual deles é o mais ou menos confiável?"

Taquarienses: empate entre quatro que têm mais amizade com mineirenses e quatro sem resposta; dois têm amizade com ambos; um com Costa Rica. Em confiabilidade, confiam mais nos mineirenses, mas a maioria não respondeu; dois disseram que ambos são confiáveis. Três consideram costa-riquenses menos confiáveis; um mineirenses; dois, ambos; seis não responderam.

Costa-riquenses: três não quiseram responder; duas da primeira faixa etária não têm amizade com goianos; cinco têm; dois têm amizade com mineirenses e taquarienses. Os mineirenses receberam avaliações positivas quanto à fala mansa, hospitalidade e culinária. No geral, os costa-riquenses têm mais familiaridade com mineirenses, mas não necessariamente os consideram mais confiáveis (apenas dois dos sete). 75% das avaliações foram neutras (silêncio ou "nenhum"), evitando juízos de valor.

Mineirenses: têm mais amizade com taquarienses do que com costa-riquenses, mas cinco não responderam. Em confiabilidade, "Nenhum" e "Sem Resposta" somam 67%; os mais confiáveis são costa-riquenses; os menos confiáveis, taquarienses.

Para responder, os participantes precisaram observar que "as crenças de um homem formam a compreensão que tem de si mesmo e do seu meio" (Bem, 1973, p. 12), e que "todos nós nos baseamos até um certo ponto em estereótipos para 'empacotar' nossos mundos perceptual e conceptual" (Bem, 1973, p. 21). O mundo perceptual envolve vivências sensoriais; o conceptual, ideias abstratas. A soma dos dois gera atitudes e crenças que organizam pensamentos.

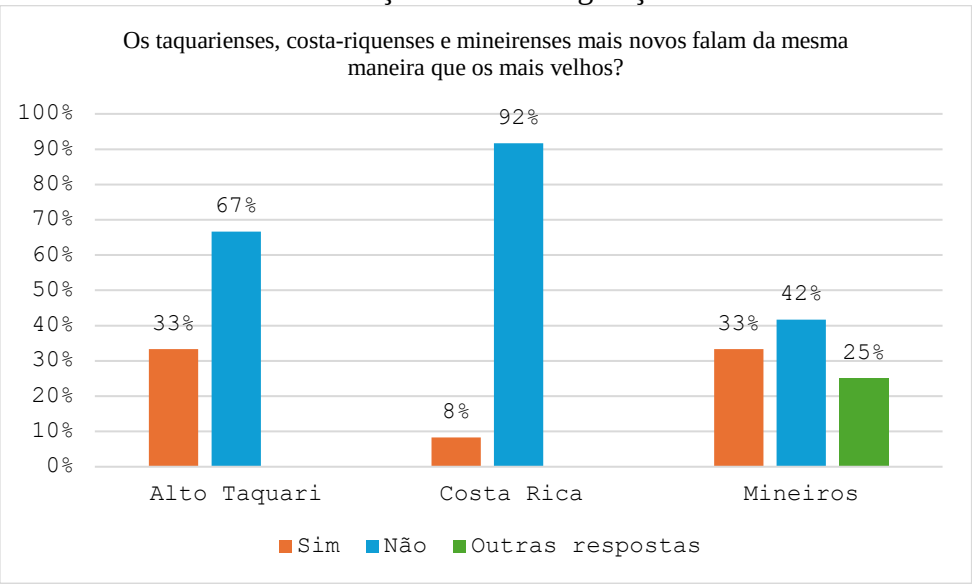
Os poucos que se expuseram sobre confiabilidade relembraram experiências negativas, o que parece mais ligado a eventos específicos do que a estereótipos linguísticos.

4.4 PERCEPÇÃO SOBRE A SUA PRÓPRIA FALA

Nesta seção, vamos conhecer como os participantes da Tríplice Divisa percebem a própria língua que falam, bem como o que pensam sobre as mudanças linguísticas que têm

acontecido nas cidades onde residem. Para isso, perguntamos: "Os taquarienses, costa-riquenses e mineirenses mais novos falam da mesma maneira que os mais velhos?"

Gráfico 8 - Produção de fala nas gerações diferentes



Fonte: Wanessa Rodovalho, (2026).

O gráfico mostra as transformações que a fala da Tríplice Divisa tem vivido. Em destaque, no geral, segundo os participantes da pesquisa, as gerações mais novas falam de maneira diferente das mais velhas, e este é um processo natural da evolução linguística.

> **P18ATFBS** "Eu acredito que sim, eu sentia que os meus conhecidos utilizavam o nóis vai, o nóis foi, mesmo no ensino médio, eu não sei é porque, eu não consegui entender porque essa molecada não leva tão a sério, é difícil, fala igual, porque 'né', isso se aprende em casa."

Os psicólogos sociais Lambert e Lambert ainda comentam que:

> Aquelas atitudes desenvolvidas dentro de casa, no seio da família, ou através das primeiras experiências em grupos, são particularmente importantes na formação da estrutura de um complexo de atitudes e resistem bastante à modificação (Lambert; Lambert, 1972, p. 97).

A participante **P18ATFBS** tem a crença de que, por causa das atitudes desenvolvidas em casa — incluindo as atitudes linguísticas —, os alunos concluem o ciclo escolar fazendo as mesmas produções de fala que seus familiares, o que remete à resistência a influências que outros participantes da pesquisa citarão:

> **P6ATFAS** "Não, não falam. Os mais velhos, eles tinham o sotaque mais de mato-grossense, goiano, bastante assim jeito goiano de conversa, mais os jovens não falam daquele jeito. Os jovens usam gírias que eu não faço ideia do que quer dizer. E eu tamém já vi os jovens falando igual aos outros jovens nordestinos e eu saber que aquela jovem, aquela menina não é nordestina, mas ela tá falando uma coisa igual eles falam, eu acho que é por causa da convivência escolar."

Esta participante de Alto Taquari fez dois relatos importantes: o primeiro, em relação às gírias — antigas ou novas, algumas já apresentadas neste trabalho —, "as gírias são reflexos dessa mudança em curso" (Coelho et *al.*, 2010, p. 80), ou seja, a mudança em tempo aparente. Para Labov (2008), essa mudança está condicionada a vários fatores como idade, gênero e classe social; por isso, um jovem dificilmente reproduzirá vocábulos como "estrorvo" ou "supimpa", porque já não têm mais a mesma utilidade funcional.

> A transferência de uma forma para outra pode ocorrer entre comunidades diferentes e entre grupos de pares de faixas etárias levemente diferentes, e que o caminho por meio do qual uma forma é substituída por outra depende de prestígio, pressão estrutural ou utilidade funcional. (Coelho *et al*, 2010, p. 101)

O segundo item que merece atenção na fala da participante **P6ATFAS** é sobre uma menina usar o mesmo repertório linguístico e talvez também o mesmo sotaque nordestino, o que, para a participante, pode ser pela influência do contato linguístico que elas têm na escola. Esse relato se destaca porque tivemos o depoimento de uma aluna nordestina que tentava mudar o seu sotaque para não ser mais motivo de deboche na escola; aqui temos o contrário: uma taquariense querendo falar como uma nordestina, o que nos leva a pensar que essa influência não é social, mas sim etária.

Calvet (2002, p. 73–74) explica que "as atitudes podem ter influências nas práticas linguísticas, tendo atitudes de rejeição ou de aceitação sobre o modo de falar dos outros. Isso poderá se explicar de acordo com o juízo que tem para si como variante mais prestigiosa". Por essa razão, os mais jovens usam variantes diferentes pelas influências dos amigos — geralmente esse contato linguístico acontece na escola.

> **P19ATMBS** "Não mais, eu observo qui é por conta dessa aculturalidade ‘né’, por exemplo, eu deveria falar minino, ‘né’, i eu falo mais guri qui eu já peguei lá do pessoal do Sul, guri. os mais velhos falavam bem cantados. Eu acho que é bem geral, não é uma particularidade da minha família. Aqui na nossa região tem uma família qui é chamada de cantadô, por causa da fala arrastada, mansa, calma."

Voltamos a Labov (2008) ao dizer que, em uma comunidade linguística, há interação entre as mesmas manifestações, sejam elas linguísticas ou sociais; por isso, a geração mais nova

acaba buscando outros valores, outras comunidades linguísticas nas quais se sentem acolhidas e integrantes.

Lambert e Lambert (1972) citam que a mídia — filmes e produções da TV — também contribui para as mudanças de atitudes, tendo em vista que o espectador se sente envolvido pelo retrato da vida dos personagens, mesmo que sejam mudanças por associação, ou seja, temporárias, como, por exemplo, citado pelo participante da pesquisa, mudança pelo contato com outra cultura, outro sotaque. Por isso, "as atitudes linguísticas exercem influências sobre o comportamento linguístico" (Calvet, 2002, p. 65).

> **P20ATMBN** "Não, mudou muito, acho qui não pega nem a fala do goiano mais, eu acho mais da região paulista, a genti vai pra São Paulo, pareci qui a fala é igual, eu acho qui o qui influenciou muito na fala é esse negocinho que tá aqui na mão da genti 'né', a informação, a internet, tudo isso motivou a mudar muito a fala da pessoa, a cultura das pessoas 'né', os novos estão indo tudo na gíria do TikTok. São muito monossilábicos."

Segundo os dados de Costa Rica, a única participante que considera que a fala dos mais novos ainda permanece igual à dos mais idosos justificou que, em sua família, isso ainda é uma realidade — até seus filhos mais novos falam como ela e como os avós. A diferença, segundo a participante, é que os mais novos não acreditam nas mesmas crenças e nas lendas contadas pelos avós, mas continuam usando o mesmo repertório linguístico que tem passado por gerações. Foi por essa resposta que decidimos não excluir a segunda faixa etária pesquisada, devido à importância de registrar três gerações que falam de maneira muito semelhante. Nenhum outro participante das três cidades pesquisadas foi tão categórico quanto a participante **P13CRFBN**.

Isso nos leva a citar Lambert e Lambert (1972) ao afirmarem que uma atitude é bastante difícil de ser modificada ou substituída, pois quando uma atitude é desenvolvida, ela torna-se aspecto integrante da personalidade de um indivíduo, o que é mostrado totalmente no seu comportamento. O fato de a família continuar falando do mesmo jeito deve-se ao fato de as atitudes, sobretudo as linguísticas, já estarem no cognitivo de seus integrantes e, por isso, estarem menos sujeitas a modificações, pois as pessoas sentem-se representadas pela maneira como falam.

Na pesquisa de Oliveira (2020), a mesma pergunta foi feita para os migrantes, e a pesquisadora constatou que 52% dos migrantes consideram que os costa-riquenses mais novos não falam do mesmo jeito que os mais velhos; sendo assim, 48% consideram que sim, falam de maneira semelhante. Algumas justificativas foram encontradas na pesquisa de Oliveira (2020)

e nesta: migrantes e costa-riquenses consideram a fala mais caipira, puxada no /r/, e, em relação à mudança linguística, ambos citaram a miscigenação de culturas.

A maioria (92%) considera que a maior causa da mudança linguística na fala dos costa-riquenses ocorreu por causa das gírias; boa parte das pessoas citou que os jovens falam muitas gírias, o que acaba distanciando da fala tradicional dos mais idosos. Alguns comentaram que os mais velhos também possuem uma fala mais mansa, mais tranquila, que, com o passar do tempo, também tem mudado. Ademais, Oliveira (2020) constatou em sua pesquisa sobre Costa Rica que os migrantes observaram que a fala dos mais velhos, nascidos no município, é uma fala muito tranquila, calma, quase cantando.

Um participante citou que a mídia é uma das causadoras da mudança na fala dos costa-riquenses, além das viagens, pois atualmente as pessoas viajam mais e acabam tendo contato com outras culturas, outras línguas, o que influencia indiretamente em suas produções de fala.

Os mesmos psicólogos sociais seguem explicando sobre a mudança de atitude. Anteriormente citaram o seio familiar como forma de permanecer com as mesmas atitudes; agora, citam que "as atitudes são mais facilmente transferidas quando o indivíduo que ‘aprende’ é atraído para um ‘professor’ social e deseja ser como ele" (Lambert; Lambert, 1972, p. 98–99). Portanto, ao usarem gírias, os falantes estão satisfazendo suas necessidades, pois compreendem que mudar a forma de falar trará benefícios — e isso é mais acentuado no caso das gírias, pois, ao reproduzi-las, estão se enquadrando em um grupo social que já usa dessas mesmas falas.

Seguem as constatações de Mineiros:

> **P9MFAS** "Os tradicionais daqui continuam falando fiço, como se eu estivessi conjugando o verbo fazer, a palavra runha, eu acho que é bem aqui di Mineiros, acho qui nem no estado de Goiás se fala a palavra runha, seria o feminino de ruim, meus avós falavam, meus pais e permanece, criança fala."
>
> **P10MFAS** "Eu acho qui um pouco diferente talvez ‘né’, muito mais velho talvez tem mais sotaqui assim goiano, não sei si é eu qui não percebo, a genti não percebi o próprio. Quem é de mais idade fala mais divagar que os mais novos, os senhores, principalmente mais velhos, têm um r mais carregado, tenho a impressão qui é mais forti."

A impressão constatada pelo participante **P10MFAS** é a mesma que ocorreu em Costa Rica: os mais velhos reproduzem um /r/ mais carregado e mais forte. Esses traços linguísticos são marcas de uma crença percebida por vários participantes, inclusive quando tentam imitar o sotaque mineiro.

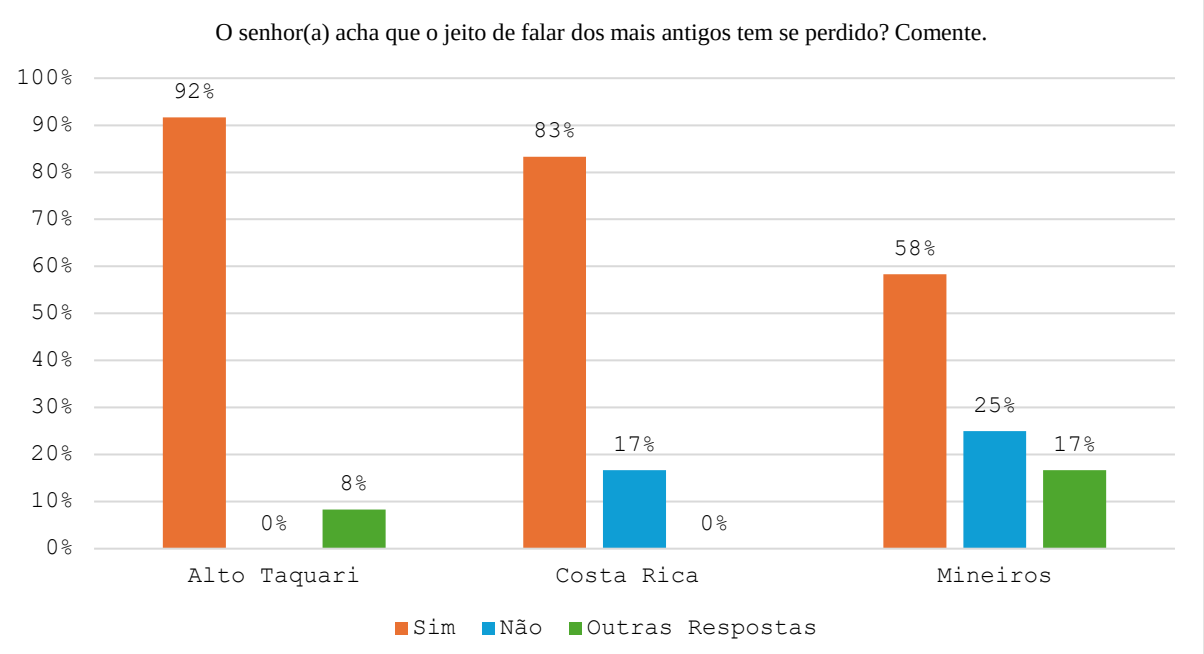
Notamos que existe a crença de que essa fala é característica da Tríplice Divisa; logo, é uma manifestação de atitude linguística, embora seja reproduzida pela faixa etária mais velha

de uma determinada origem geográfica, em consonância com Ramírez (2010), para quem os idosos tendem a usar o vernáculo tradicional porque não está tão contaminado pelo contato linguístico de outras variedades. Porém, para o autor, este parece ser um problema para a pesquisa da Dialetologia, porque pode mostrar incorretamente a representação da fala regional, pois os mais jovens podem apresentar variantes diferentes, o que torna uma verdade inquestionável que o cenário social contemporâneo complicou significativamente as investigações dialetológicas. Portanto, os fatores extralinguísticos condicionam o uso de variantes e vinculam-se ao espaço geográfico do falante, sua origem, a relação que os falantes têm entre a língua que falam e a sociedade.

> **P11MMAS** "Não, meu filho tem seis anos, quando eli não está estudando, eli tá brincando ou com aquele iPad, ele tem um sotaqui qui eu nunca vi na vida, uma mistura di mineiro com carioca, com nordestino, sabi, eli pega a característica do vídio qui ele assisti i eli fala qui nem aquele povo, então assim, meu filho fala de uma forma completamenti distinta da minha. Nós estamos evoluindo para uma língua qui vai ser totalmenti distinta."

Este participante deu um exemplo do que comentamos sobre a influência da mídia nas produções da língua: a geração mais nova sendo invadida pelos inúmeros dialetos que são expostos nas redes sociais e, com isso, a tendência é que cada vez mais a língua das gerações dos pais e avós seja relegada ao esquecimento. Por isso perguntamos: "O senhor(a) acha que o jeito de falar dos mais antigos tem se perdido? Comente."

Gráfico 9 - As produções do linguajar antigo da Tríplice Divisa



Fonte: Wanessa Rodovalho, (2026).

Nas três comunidades pesquisadas, o maior percentual de afirmativas é de que realmente a produção da língua falada pelos mais velhos tem se perdido ao longo do tempo — questões que reafirmam as citações da resposta anterior, como as gírias, motivo principal da mudança. Outro item citado foi o respeito: os jovens estão perdendo o respeito pelos mais idosos, até em coisas simples como chamar de senhor e senhora.

A mudança na fala dos mais novos em relação aos mais velhos pode estar atrelada, além dos fatores já apresentados, à questão da identidade. Hall (2006) explica que a identidade é algo inacabado, é uma questão de identificação, pois a identidade não surge somente de algo que está dentro de nós, mas por meio do nosso exterior, quando tentamos preencher as nossas semelhanças, da forma como imaginamos ser vistos pelo outro. Com isso, apropriamo-nos de novas palavras, novas atitudes, novas experiências.

Então, o discurso formal — como citado por um integrante da primeira faixa etária em relação à fala dos mais idosos — mais sério, de mais credibilidade, está diretamente relacionado à sua criação e à concepção do falar manso, nem tanto pela condução da fala ou pela escolaridade, mas pela sua conduta, pela seriedade na escolha das palavras, ou na fala "firme", também citada por vários participantes.

Com o passar do tempo, o modelo de discurso "ideal ou formal" foi recebendo valores externos e, com isso, mudando, para que o falante possa ser visto no outro, seja usando um sotaque, um dialeto, palavras próprias de determinados grupos ou gírias. Hall (2006) ainda explica que as palavras são “multimoduladas”, pois carregam ecos de outros significados; ou seja, não temos controle sobre seus significados nem sobre o que elas podem representar.

Para conhecer algumas palavras que caíram em desuso ou são pouco usadas, perguntamos: "Existe alguma palavra ou ditado popular que os seus pais ou avós falavam e hoje não se escuta mais?"

Quadro 4 - Exemplos de manifestações linguísticas antigas da Tríplice Divisa

Alto Taquari	Costa Rica	Mineiros
P19ATMBS "Bixiga era para coisas boas ou ruim. Isso é bom pra bixiga, isso é ruim pra bixiga."	**P4CRMAN** "Tipo lumiar, lumiar alí é acender uma lanterna pra clarear."	**P34MFCS** "Minha vó falava assim i eu falo pros meus netos: o qui é di gosto regala a vida. Hoje em dia não é mais comum di se escutar."
P8ATMAS "Fulano é desinquietador de família, é que geralmente se relaciona com pessoa comprometida, entendeu, usava esse termo, desinqueta a familia, que é atrapalhar a família. hoje ninguém mais fala isso, mas só que quando uma expressão como essa,	**P14CRFBN** "A minha vó é descendenti di índio, da tribo patachó, a vó dela era pegada a laço, como falava antigamenti né, aquela índia matuta mesmo, aí ela, a mãe dela era filha de índia também, a minha bisa."	**P11MMAS** "É muito antiga, essa eu adoro, esses dias atrais, eu até mi lembrei dela. Eu fui compra farinha na feira i aí tinha um rapaiz qui tava vendendo, eu pedi pesa pra mim essi, Num sei tantas gramas di farinha. Aí eu lembrei di um conhecido di meu pai qui era

só que quando eles querem fala algo qui eles falavam antigamenti, aí eles lembram da expressão."		feiranti tamém i eli falava muito, pulsa pra mim esse litro di farinha. Pra ver mais ou menos quantos pesos tem. Aquele ato di pega na mão pra estipula o peso? eli chamava aquilo di pulsar, do pulso, pulsa pra mim isso aí. Isso é daqui di Mineiros, mineirensi muito antigo qui falava isso. Eu escutei aquilo i eu achei genti genial."
P17ATFBN "Imbigu, estamo (estômago), pramodi. Professora, você me empresta o seu lápis, em vez de ser para eu, é pra modi, eu faze minha tarefa? Outra coisa: prástico. É arvi e não árvore. A minha irmã não fala padre, é padi, a minha irmã fala isso faz mali, não é mal."	**P16CRMBN** "A minha mãe fala trabivessero, barre, fala frevê, fala estrurdia, estrurdia grandi é alguns dias atrás, são linguajares da nossa região qui os mais antigos falam."	**P22MFBS** "Tem muitas palavras qui a minha vó falava, cabrero, quando a pessoa ficava meio assim, meio alerta com alguma situação."
P18ATFBS "A minha mãe falava girisa. ela falava você tem uma girisa disso, quando não limpa a casa direito, essas coisas, aí depois eu fui saber que é o gerisa. existe essa palavra, que é uma coisa ruim ela falava girisa, Me dá uma girisa quando vocês não fazem nada direito."	**P27CRMCS** "O meu pai usava a palavra supimpa, por exemplo, hoje você já não ouve ninguém falar supimpa, a não ser eu quando eu quero falar alguma coisa. Estorvo."	**P24MMBS** "Tem uma palavra que eu nunca achei o significado dela, nem na internet e nem em lugar nenhum, projônica, ela falava isso quando estava com mal estar."
P29ATFCS "Tramela, menina, fecha a tramela lá da porta, vai fechar a tramela direito. Eles falavam assim, nossa senhora, mas fulano é tão esquisito. Casaco, blusa, pra eles era palitó. Se era uma blusa de frio fechada era ponchi, i ponchi pra nós era assim, você vestia pela cabeça e o braço ficava livre. Monjolo, eu tenho a minha relíquia, eu mandei fazer."	**P26CRFCS** "As pessoas de mais idade sempre têm uma palavra diferente, 'né?', com o mesmo sotaque nosso, mas por exemplo, tem aquela região alí da Cabiceira da Vaca 'né?', os mais antigos não falam vou levantar o braço, vou sungar o braço, 'né?'."	**P23MMBS** "Tem um dialeto, um dialeto seria, no meu caso 'né?', a genti não escuta mais falar emprasto, a genti tinha o dialeto di chamar a pessoa di emprasto 'né?', emprasto é uma planta medicinal, mas tem o emprasto ruim também qui a genti fala, então na minha família si perdeu, muito."
P6ATFAS "Pau que nasci torto morre torto, quem pariu o Mateus que balance, e é errado 'né', porque quem pariu, mantém e balance. Não adianta chorar o leiti derramado."	**P25CRFCS** "Matula de nego não pula rego, tinha esse ditado. é quando contavam alguma coisa que não era para contar naquela hora, alguma coisa não era para falar."	**P12MMAS** "Minha avó falava berlinda, achu qui nem os netos mais novos não conhecem, vou lava essa panela até vira uma berlinda. Um dia eu perguntei pra minha avó i ela mi respondeu qui a Berlinda era uma mulher muito, mas muito asseada, qui tinha uma limpeza exagerada."

Fonte: Wanessa Rodovalho, (2026).

Destacamos a fala do participante costa-riquense da terceira faixa etária pesquisada, em que ele comenta que só escuta a palavra "supimpa", usada pelo seu pai, quando ele mesmo fala — interessante essa apropriação que o participante fez ao se igualar ao seu pai; certamente esse discurso tem uma bagagem emocional.

Bem (1973) compactua de um raciocínio semelhante ao citado anteriormente por Hall (2006) no que diz respeito a as palavras serem "multimoduladas": "Com a passagem do tempo, os significados emocionais das palavras se modificam de modo paralelo às mudanças de crenças e atitudes em relação aos conceitos associados a tais palavras" (Bem, 1973, p. 81).

Certamente, algumas produções das falas que estão expostas no Quadro 4 só fazem sentido e possuem valor emocional aos filhos que escutaram ou que ainda usam essas mesmas palavras, mas a chance de a geração desses filhos não fazerem uso desse mesmo vocabulário é iminente. Novos conceitos são associados, novas palavras vão surgindo com a necessidade de fazerem conexões com grupos, com comunidades linguísticas — algumas sofrendo apagamento, outras mudanças e outras em construção.

Mais uma expressão que merece destaque, justamente pela pouca produção dessa fala atualmente, é "estrurdia", como algo que aconteceu há pouco tempo; "estrurdia grandi" para alguns dias atrás; "bixiga" e "emprasto" são sentenças que logo cairão no esquecimento porque a geração mais velha não continuará a reproduzi-las, e a geração mais nova não reproduzirá porque já não cabem na evolução da língua, conforme explica Monteiro:

> A própria língua como sistema acompanha de perto a evolução da sociedade e reflete de certo modo os padrões de comportamento, que variam em função do tempo e do espaço. Assim se explica os fenômenos de diversidade e até mesmo de mudança linguística (Monteiro, 2008, p. 16).

Dando sequência à análise, temos a pergunta: "Qual língua o senhor(a) fala? " Como esperado, por questões geográficas, a língua falada pelos moradores da tríplice é a língua portuguesa; como alguns pontuaram, língua portuguesa do Brasil ou, mais especificamente, língua portuguesa adaptada para a nossa região. Esta pergunta teve como objetivo saber a consciência linguística do participante, pois a língua materna, falada no Brasil e aprendida em casa e na escola, é a língua portuguesa e, sobretudo, conhecer a identificação que o participante tem com a própria língua. Por isso, é importante conhecermos as outras respostas minoritárias.

De Alto Taquari, temos: **P8ATMAS**: "Eu acho mato-grossense mesmo" e **P31ATMCS**: "Mal um português arrastado bem precário."

Referente a Costa Rica, uma integrante da primeira faixa etária, **P1CRFAN**: “Mais a sertaneja.” Integrantes da segunda faixa etária, **P13CRFBN**: "Uai, a mato-grossense ‘né?’." e **P14CRFBN**: "A minha própria, a língua neidoca, já ouviu falar?"

Em Mineiros, 58% responderam "a língua portuguesa"; o restante teve respostas variadas, em destaque, dois homens da segunda faixa etária: **P23MMBS**: "Goianês raiz mesmo,

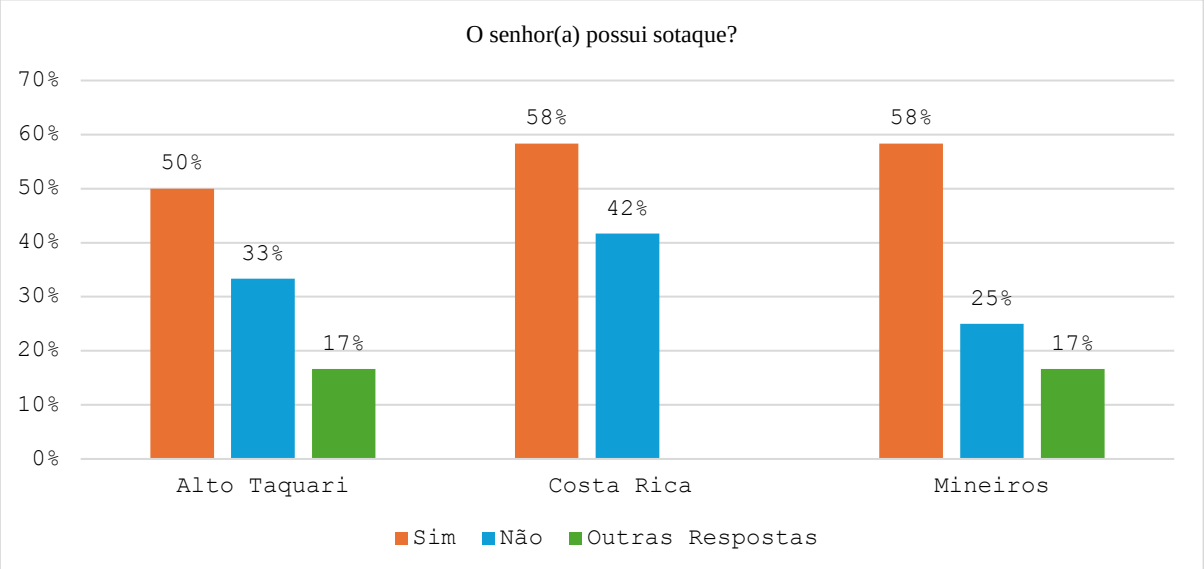
bem goiano mesmo" e **P24MMBS**: "Eu sou português goiano, do trem, como diz esse trem, ele é mineiro, se você for pesquisar esse trem é mineiro, mas ele não sai daqui, o trem tá ficando é bom."

As respostas apresentadas nos levam a falar novamente sobre a identidade linguística. Os participantes conseguiram representar suas crenças e atitudes linguísticas e, consequentemente, suas identidades nessas respostas que estão carregadas de simbolismo, de sentimento afetivo pela língua que desenvolveram com o passar do tempo e da qual se apropriaram com orgulho.

Segundo Bem (1973), as emoções desempenham um papel importante nas crenças e atitudes; foi possível notarmos isso quando as três participantes responderam sobre a sua própria língua com um largo sorriso no rosto, sem vergonha e com apropriação. Calvet explica que "existe todo um conjunto de *atitudes*, de sentimentos dos falantes para com suas línguas, para com as variedades de línguas e para aqueles que a utilizam […] (Calvet, 2002, p. 65)."

Os participantes da pesquisa mostraram ter consciência da língua que falam e de que nela ocorrem fenômenos de variação linguística. É possível citarmos vários exemplos de variantes dialetais, como "cáfita" e "espetinho de carne moída", ou ainda "mandioca" e "macaxeira"; a produção do /r/ mais forte ou falar as palavras mais acentuadas; como também usaram das habilidades da metalinguística para enriquecer este estudo, pois mostraram as suas percepções, crenças e atitudes em relação à sua língua e à língua dos outros — o que inclui os vizinhos da Tríplice Divisa, como também os migrantes. Segue o próximo questionamento: "O senhor(a) possui sotaque? "

Gráfico 10 - Sotaques da Tríplice Divisa



Fonte: Wanessa Rodovalho, (2026).

O maior percentual apresentado no gráfico é de que, na Tríplice Divisa, temos sotaques. Alguns participantes descreveram as variações regionais próprias dos municípios em que residem; outros comentaram sobre as influências culturais que modificaram os seus falares; o ritmo da fala parecer estar cantando ou ter uma fala calma, ou ainda falar as palavras completas; assim como a entonação baixa, como uma melodia; a pronúncia dos sons dos fonemas, especialmente a produção do /r/; e elementos morfológicos, como eles mesmos citaram que reproduzem por causa da influência.

> Se empreendermos uma grande viagem pelo Brasil, de Norte a Sul e de Leste a Oeste, recolhendo os modos de falar das pessoas de todas as regiões, de todos os estados, das principais cidades, da zona rural etc., vamos perceber que existem diferenças nesses modos falar (…). Há muita semelhança, também, mas são as diferenças que chamam mais a atenção e que permitem classificar esses variados modos de falar. Quando você consegue identificar os traços característicos de um determinado modo de falar a língua, você pode chamá-lo de variedade. Se você, em vez de sair viajando pelo país, decidir estudar os modos de falar das pessoas de um mesmo lugar – uma grande cidade, por exemplo –, vai notar também que a variedade falada nesse lugar apresenta diferenças que correspondem às diferenças que existem entre pessoas: grau de escolaridade, situação socioeconômica, faixa etária, origem geográfica, etnia, sexo etc. (Bagno, 2011, p. 41).

Existem todas estas mudanças citadas por Bagno porque a língua é viva, dinâmica e muda com a intenção de representar o seu falante; por isso, novas formas são criadas, falares vão se transformando com a intenção de simplificar e transparecer as atitudes por meio do reflexo que elas fazem na pronúncia do falante. Quando o participante da pesquisa consegue descrever a sua própria língua, é uma atitude positiva porque representa a sua própria crença.

Diante do exposto, algumas sentenças de Alto Taquari são apresentadas: **P7ATMAS**: “Mistura de mato-grossense com um pouco de sei lá, muita gíria”, disse o representante da primeira faixa etária.

Da segunda faixa etária:

> **P18ATFBS** “Eu falo porta [ˈpɔɻtɐ]. Eu acho que tem sotaque aqui bem do interior mesmo. Eu falo porta [ˈpɔɻtɐ], porteira [poɹˈteɪ̯ɾɐ], portão [poɹˈtɐ̃w], o r é uma coisa que é bem característico nosso aqui.”
>
> **P19ATMBS** “Sotaque mato-grossense. Eu falo as palavras gordas, porque eu falo as palavras completas, gordas, forte. Fala tranquila, eu procuro pensar o que eu vou falar pra depois eu não me arrepender, fala mansa, calma, tranquila, pausada.”

Gimenes (2016) constatou em sua pesquisa que os cacerenses também qualificaram o seu sotaque como forte, independentemente da classe social, mas fizeram uma observação que nenhum diviseiro comentou: que os mais ricos misturam os sotaques que adquiriram com os de

fora, o que difere ainda mais o sotaque arrastado dos mais humildes. Ainda em sua pesquisa, os bolivianos acreditam que quem tem estudo fala melhor, sem sotaque diferente — o que, de certa forma, assemelha-se com alguns participantes desta tese, inclusive de Alto Taquari, de que as pessoas mais velhas falam diferente dos mais novos porque não tiveram estudo. Esta foi uma das justificativas de um participante ao dizer que não fala igual ao seu pai porque ele foi criado na escola e o seu pai não tem estudo; por isso, o seu sotaque é diferente.

Representantes da primeira faixa etária de Costa Rica: **P3CRMAN**: "É o jeito normal de nóis fala aqui mesmo se é um sotaque eu nem sei também" e **P1CRFAN**: "É um jeito mais simples".

Representantes da segunda faixa etária:

> **P14CRFBN** "Sim é uma língua da mistura qui vem da minha vó, qui vem du Goiás, qui vem da minha linguagem própria, específica minha mesmo."
>
> **P15CRMBS** "Na fala um pouco errado, mas eu sempre fui um bom aluno di portugueis, no meu entende parece que eu falo normal."
>
> **P16CRMBN** "Sim, puxo muito o r é algo até que eu gostaria de falar de forma mais neutra, não destacar tanto."

Representantes da terceira faixa etária:

> **P27CRMCS** "Nós ficamos com a mistura do sotaque, cruzamento do goiano com o da terra, mais o do gaúcho, paranaense, catarinense, o paulista 'né', misturou tudo e virou Costa Rica. O que se fazia de costume é uma mistura. O nosso jeito de falar não é igual ao dos paulistas, não é igual ao dos gaúchos, não é igual ao do goiano, criou o próprio, não sei se você percebe isso. Haja o provento do Mato Grosso do Sul, a Costa Rica não é igual. Eu conversava com alguns deputados quando vinham aqui eles falavam que o povo daqui é diferente, e é mesmo."
>
> **P28CRMCN** "Eu gosto de falar calmo, não gosto de gritar, não gosto de brigar."

Apesar de todos os participantes da pesquisa serem brasileiros, nascidos e criados no Brasil, praticamente sempre residentes em Costa Rica, encontramos modos de falar distintos, o que atribuímos a sotaques diferentes. Muitos não conseguiram descrever em palavras qual é o seu sotaque, mas foi possível perceber que vários rotularam a sua própria fala com a pronúncia do /r/ mais forte — inclusive, um participante disse que não gostaria de ter esta marca tão evidente em sua fala, que gostaria de falar como os locutores de rádio e apresentadores de jornais nacionais.

Este fato retoma ao sotaque neutro: segundo "A nosso ver, a suavização de sotaque é parte dessa resistência que perpetua uma conduta de segregação social." (Dacoregio, 2021, p.

46), no sentido de uma língua sobressair sobre a outra, definindo uma como padrão e as outras como variedades menos corretas ou ainda menos importantes.

Embora tenha essa afirmação sobre o sotaque do participante **P16CRMBN**, percebemos que, de modo geral, os costa-riquenses gostam e identificam-se com o seu sotaque, ou o jeito de falar, pois não somente as atribuições sobre a produção da língua, mas também pela tonicidade e produção de como falam — além de terem uma fala mansa, não gritam e conversam com tranquilidade.

O participante **P27CRMCS**, sobre a mistura que deu origem ao sotaque costa-riquense, atribui valor positivo ao dizer que este sotaque é único, justamente pelas influências sulistas, goianas e paulistas resultou no que ele considerava um linguajar e um povo diferente de todo o estado de Mato Grosso do Sul.

Os participantes de Mineiros descrevem os seus sotaques:

> **P10MFAS** "De Goiás, se for pra outro lugar as pessoas percebem. Uai!"
>
> **P11MMAS** "Nossa, é complicado! É um sutaqui mineirensi próprio porque eu so daqui, muito carregadu com as origens mineiras do sutaqui do pessoal daqui, i um cadim do Mato Grosso do Sul qui eu convivi um poco. Um sutaqui próprio meu quase."
>
> **P12MMAS** "Puxa o r, fala divaga, uai sai bastante."

Da segunda faixa etária:

> **P22MFBS** "Achu qui é o sutaqui meio interiorano sabi, um r meio arrastado, sabi."
>
> **P23MMBS** "O r quando vai falar carne [ˈkaɻnɪ], porta [ˈpɔɻtɐ], porteira [poɹˈteɨɾɐ], portão [poɹˈtãw], tudo isso, o pessoal fala porta [ˈpɔxtɐ] bonito, a genti fala porta [ˈpɔɹtɐ]. Quando a genti vai lá em Goiânia o pessoal fala, rapaz você é do interior memo, é do interior."

A mesma produção do /r/ retroflexo que o participante **P23MMBS** fez é igual à das participantes **P6ATFAS** e **P29ATFCS** de Alto Taquari; o mesmo aconteceu com o participante **P15CRMBS** de Costa Rica ao pronunciar o vocábulo "porta" [ˈpoɦtɐ] dos mineirenses. Então, realmente, os vizinhos de Mineiros conhecem o seu dialeto.

Outros participantes, agora da terceira faixa etária:

> **P33MFCS** "Eu falo assim meio arrastado mesmo, as pessoas fala que é calmo ‘né’, bem explicado."
>
> **P35MMCS** "Eu pronuncio muito o r, eu falo assim muito devagar, eu morei em São Paulo um ano i elis ria muito do meu r, então, a genti percebia qui tinha alguma coisa

> diferenti i falava divagar também i lá elis falava mais dipressa, mais rápido, o r da genti porta, pra elis quasi não pronuncia o r."

Os mineirenses descreveram os seus sotaques de maneira semelhante, independentemente da faixa etária, pois consideram que falam bem calmo e arrastado, destacando a produção do /r/ que tentaram reproduzir. Para o participante **P36MMCS**, ele pronuncia "porta" [ˈpɔɣtɐ], o /r/ retroflexo percebido por participantes da pesquisa de Alto Taquari e Costa Rica. Ao que parece, no território mineirense, o /r/ retroflexo é predominante, independentemente da faixa etária.

Para Moreno Fernández:

> Pode afirmar-se que um dialeto existe quando os falantes se consideram membros de uma comunidade de fala dialetal limitada a um determinado território, isto é, quando consideram que sua variedade está suficientemente diferente de outras e quando interpretam e valorizam de forma semelhante a variação sociolinguística (Moreno Fernández, 1998, p. 93).

Para Tarallo, as atitudes são "[…] armas usadas pelos residentes para demarcar seu espaço, sua identidade cultural, seu perfil de comunidade, de grupo social separado." (Tarallo, 2003, p. 14) — atitudes essas que levaram os mineirenses a valorizarem suas próprias variações, a se apropriarem da sua identidade cultural e a terem uma marca, um registro do que são, das suas influências, de como falam e, talvez, mais prestigioso que seja, das suas origens. Tudo isso faz com que a crença desse falar caracterizado por eles seja uma manifestação de suas atitudes linguísticas; ou seja, o /r/ arrastado, puxado, é uma marca linguística presente em Mineiros.

A segunda porcentagem mais alta refere-se aos participantes da pesquisa que consideram não ter sotaque; logo, entende-se que possuem uma fala neutra. Sobre isso, novamente comentamos sobre Barbosa (2002), que constatou em sua pesquisa que os brasilienses criaram uma "pronúncia particular e nova, emoldurada em um discurso de fala neutra, sem sotaque" (Barbosa, 2002, p. 11) com o intuito de definir padrões linguísticos diferentes dos seus pais.

Aqui, constatamos que o objetivo de as pessoas dizerem que não possuem sotaque talvez não esteja diretamente de encontro com as motivações dos brasilienses — para que não reproduzam o mesmo sotaque que os seus pais —, mas por outra questão: que falam igual às demais pessoas com as quais convivem.

Embora exista um paradoxo na resposta de que "não tem sotaque" e depois "os outros dirão que eu tenho sotaque", os participantes condicionaram a sua falta de sotaque à semelhança na língua falada em toda a região Centro-Oeste — talvez justamente por serem parecidas,

segundo a sua percepção. Em resposta a outra pergunta, um participante citou que fala igual aos jornais da televisão, pois eles não possuem sotaque, apenas um falar neutro, sem marcar as palavras, e essa seria justamente outra contradição ao dizer que o próprio participante da pesquisa possui sotaque.

"Já sentiu vergonha da sua maneira de falar?" Alto Taquari merece destaque ao afirmarem que 100% dos taquarienses responderam que nunca sentiram vergonha da sua maneira de falar. Isso mostra a avaliação social positiva da sua própria identidade; lealdade ao seu modo de falar é uma forma de prestígio por pertencer à comunidade social aqui estudada de Alto Taquari, o que mostra resistência aos paradigmas da norma culta, exaltando a sua própria variedade linguística.

Mesmo alguns taquarienses mostrando preocupação com a identidade que, segundo alguns deles, tem se perdido por causa da miscigenação, identificar-se com a sua língua é uma maneira de mostrar afeto pelo município no qual reside, o que reforça também os valores culturais e linguísticos da sua comunidade.

> O localismo tem a ver com o sentimento do indivíduo em relação ao local em que vive: ele o valoriza socialmente, demonstrando um sentimento de "pertencer" àquele lugar, reforçando valores culturais e linguísticos da comunidade. (Coelho *et al*, 2010, p. 41).

Em Costa Rica, 92% dos participantes responderam que nunca sentiram vergonha do seu próprio falar; apenas uma participante, compondo 8%, disse que sim, mas não necessariamente pela produção da sua fala, mas pelo receio do uso errado de alguma palavra — sendo assim, é sobre erro gramatical, e não sobre como fala.

Este resultado maior mostra o prestígio que a variedade costa-riquense tem entre os entrevistados; o mesmo ocorreu na pesquisa de Oliveira e Souza (2021), em que 90% dos costa-riquenses também responderam que nunca sentiram vergonha da sua fala — isso aumenta ainda mais as crenças e as atitudes linguísticas dessa comunidade pesquisada. Interessante destacar que, na pesquisa de Oliveira e Souza (2021), um participante também citou que "puxa o r" e já riram dele por causa disso.

A menor porcentagem encontra-se em Mineiros, pois 67% nunca sentiram vergonha do seu modo de falar, mas 25% disseram que "Sim" e “Outra Resposta” 8%. A mineirense comenta: **P18ATFBS**: "Não acho que isso não tem como sentir vergonha, eu acho que às vezes, dependendo, a gente policia um pouco, ‘né?’."

O posicionamento desta participante — e o próximo relato — em monitorar a própria fala é uma preocupação que muitos falantes têm quando pensam que estão sendo julgados pelo seu sotaque ou pela escolha de algum dialeto. Estes estigmas e estereótipos podem causar vergonha ou limitar as oportunidades profissionais ou educacionais, como cita **P12MMAS** — e isto, analisando a variedade linguística do Brasil, não deveria ser um problema.

> **P12MMAS** "Um pouco, principalmente em defesas ‘né’ e nas bancas pra concurso e coisas assim. Eu gravava várias vezes antes e tentava controlar essa questão do sutaqui, não qui seja feio, mais eu acho qui muita genti tem preconceito. Quando você tem muito sutaqui, ainda mais quando bem interiorano, bem caipira, porta, porteira, di puxar mais o r, di fala muito divaga, qui nem a minha família toda tem esse jeito di fala qui é muito divaga, por isso qui eu achu qui é feio quando é algo formal ‘né’ uma apresentação, ou quando tem uma banca di fora di doutores ou algo assim, tento mi controla bastanti, posicionar a voz num tom mais firmi i fala um pouco mais rápido, não puxar o r."

Labov (2008) observou que as pessoas procuram usar formas mais prestigiadas, ou ainda de acordo com a norma culta, para monitorar a própria fala, principalmente quando estão expostas a julgamentos, como em uma entrevista, com a intenção de se distanciar do seu vernáculo.

> [...] frequentemente, são objeto de atitudes favoráveis as próprias variedades, especialmente quando desfrutam de um alto grau de padronização. Acontece, porém, que nem sempre se vê o próprio com os melhores olhos, porque é possível encontrar, por exemplo, alguns falantes de variedades minoritárias que tenham uma atitude negativa em relação à sua própria língua, geralmente quando essas variedades minoritárias não lhes permitem ascenção social, melhoria econômica ou quando lhes impossibilitam movimentar-se por lugares ou círculos diferentes dos seus. Isso não significa que não se valorize em absoluto a própria língua ou que não se tenha o mínimo apreço por ela. (Moreno Fernández, 1998, p. 181).

A citação de Moreno Fernández expressa o comportamento linguístico do participante **P12MMAS**, pois em toda a entrevista ele apresentou atitudes favoráveis sobre as variedades que fala; mas, em alguns momentos, quando o seu sotaque não é o de prestígio, ele se sente coagido por um ambiente que não lhe é familiar. Mas, depois deste momento de supervisão de sua fala, ele continua mostrando as suas crenças e atitudes linguísticas.

4.5 CONSTATAÇÕES SOBRE A TRÍPLICE DIVISA MT, MS e GO

Esta pesquisa teve o cuidado de representar as transcrições das falas dos participantes para que fosse possível percebermos algumas crenças e atitudes linguísticas dos municípios pesquisados. Há uma satisfação, por meio das respostas registradas, dos participantes falarem

sobre a sua cidade, como era a vida antigamente e atualmente, contar sobre as histórias de seus avós, seus pais e como têm passado tais informações para os filhos e netos.

Este trabalho, além de trazer dados relevantes sobre as atitudes e crenças linguísticas da Tríplice Divisa estudada, buscou trazer a originalidade de cada personagem que compõe culturalmente a cidade que representa; por isso, as identidades aqui registradas são todas importantes.

Não é possível falar sobre a Tríplice Divisa MT, MS e GO sem comentar sobre o contexto histórico; cada cidade teve um panorama diferente de acontecimentos, mas com algumas semelhanças trazidas pelas famílias pioneiras que povoaram a região. Mineiros é a maior delas, é referência em saúde; taquarienses e costa-riquenses visitam a cidade para procedimentos médicos. Algumas famílias são citadas nos três municípios, como Carrijo, Rezende, Pereira e Ferreira; cada uma desempenhou o seu papel social e cultural, pois o biscoito dos Carrijos é famoso e faz parte da culinária local.

A chegada dos sulistas em Alto Taquari, Costa Rica e Mineiros foi um marco de divisão: o que era a agricultura de subsistência passou a ter lavouras mecanizadas e referência de tecnologia agrícola. Os três municípios expandiram consideravelmente o índice de desenvolvimento urbano e econômico; com isso, a oportunidade de emprego atraiu muitos migrantes, inclusive por causa da qualidade de vida e educação.

A Tríplice Divisa é marcada pela grande quantidade de migrantes, principalmente do Nordeste, Sul, São Paulo, Goiás e Minas Gerais, os quais foram atraídos pelo agronegócio e indústrias, o que resultou, nos últimos 26 anos, em um crescimento significativo — principalmente depois da chegada da Atvos, uma das maiores produtoras de biocombustíveis do Brasil, "produz e comercializa etanol e açúcar VHP e cogera energia elétrica a partir da biomassa" (Novacana, 2026), presente em Alto Taquari, Costa Rica e Mineiros.

Outro destaque nas três comunidades pesquisadas é o agronegócio; os três municípios são referência em seus estados pela agricultura e criação de bovinos. Em Alto Taquari foi plantado o primeiro pé de soja de MT; Costa Rica é conhecida como a Capital Nacional do Algodão e também como o Turismo de Aventura; já Mineiros, além da agricultura e pecuária, a agroindústria é uma fonte de geração de emprego com fábricas de alimentos e laticínios.

De acordo com os participantes da pesquisa, este crescimento foi importante para os municípios, pois além do desenvolvimento, oportunizou aos diviseiros conhecerem outras culturas e culinárias, terem outros contatos linguísticos e aumentarem o seu repertório linguístico. Todavia, citaram que houve problemas com a falta de infraestrutura das cidades, principalmente nos municípios menores, Alto Taquari e Mineiros. O preço do aluguel subia

consideravelmente, as escolas ficaram superlotadas, a assistência social tinha dificuldade de suprir as novas demandas, o sistema de saúde quase entrou em colapso, entre outros acontecimentos que fizeram os municípios se adequarem. Esta adequação também aconteceu no comércio: produtos oriundos de outras regiões começaram a estar presentes nas prateleiras para atender aos nordestinos, pois possuem costumes diferentes das três cidades.

É difícil pontuarmos o que realmente são marcas que identificam os falantes de cada município, pois segundo Lambert e Lambert (1972, p. 127) "a interação social é um processo pelo qual as pessoas influenciam-se mutuamente, através do intercâmbio recíproco de pensamentos, sentimentos e reações" — e diz ainda que as pessoas podem forjar atitudes. Então, o que temos descrito nesta tese são percepções segundo os relatos dos participantes.

As primeiras observações que constatamos sobre os falares da Tríplice Divisa de MT, MS e GO é que os residentes em Alto Taquari, Costa Rica e Mineiros conhecem a língua que falam, as línguas que os migrantes falam e mostraram preocupação em não deixar que a língua originária se perca no esquecimento, ou ainda, seja apagada pela presença de outras línguas trazidas pelos migrantes — assim comenta a participante **P29ATFCS**: "Às vezes o desenvolvimento vem, só que ele mata um pouco da história da cidade."

Esta preocupação é mais acentuada em Alto Taquari do que nos outros dois municípios, pois, segundo participantes de Costa Rica e Mineiros, a língua falada em suas cidades sofreu alterações, mas não de maneira tão significativa; no geral, a língua e cultura local não foram totalmente modificadas, sendo assim, ainda têm traços de serem sul-mato-grossense e goiana.

Segundo os participantes da pesquisa, o que chama a atenção em Alto Taquari é como os migrantes apropriaram-se de toda a cidade, desde mudar a santa padroeira da cidade, a data da festa e a igreja, assim como fazer os pratos típicos em festas, como, por exemplo, o churrasco de acordo com a cultura gaúcha; mas atualmente, nas festas tradicionais, o churrasco tem sido servido com pão, de acordo com o costume paulista, por questões políticas. Manter as suas tradições é não deixar de pertencer; por isso "perder seu território é desaparecer", porque ele é da dimensão do ser, de modo que a relação que o sujeito estabelece com o território é de natureza afetiva e passional; logo, "Falar de território é falar de amor" (Saraiva, 2019, p. 164).

Na política, os migrantes sulistas e paulistas também são maioria; a reclamação dos taquarienses é que eles mesmos deixaram que os de fora tomassem conta da cidade, inclusive, nas manifestações culturais, no dialeto. Os mais jovens preferem falar igual aos sulistas porque é mais bonito e privilegiado — o que retoma ao *status* e à língua de poder, conforme Lambert

e Lambert (1972, p. 85): "os membros de grupos minoritários identificam-se, aparentemente, e incorporam, insensatamente, as atitudes estereotipadas ou prejudicadas dos que detêm o poder."

Na Tríplice Divisa, os nordestinos são vistos como mão de obra para o trabalho; não enriquecem porque não investem o dinheiro que ganham no próprio município, mandam para os seus parentes no Nordeste — fato este citado por vários diviseiros. Andam juntos e casam entre eles porque não são incluídos na sociedade. Em vários relatos ouvimos que não apenas o morador da cidade tem preconceito contra eles, mas os outros migrantes também.

Ainda, nas três cidades pesquisadas, a língua dos nordestinos foi desprestigiada pelo que falam e como falam. Vimos participantes corrigindo gramaticalmente os nordestinos sendo que eles mesmos não fazem o uso da norma culta — e este não é problema, como acentuamos no trabalho; o problema é achar que a pessoa fala melhor e mais bonito que o outro, sendo que também está cometendo "erros".

Tivemos relatos de que os migrantes nordestinos, por não serem aceitos, tentaram mudar o seu sotaque e o que falam para terem paz — e aqui não estamos citando aceitação na sociedade local, estamos citando não serem mais motivo de risada, não quererem falar como seus pais falam e não quererem expressar sua cultura: um agravamento para a identidade regional.

A aparência física dos nordestinos também foi comentada pelos participantes — como andam e gesticulam, o tom da voz e a sonoridade; o fato de precisarem dos serviços públicos é visto como um problema, sendo que o mesmo acontecimento não foi questionado quanto aos outros migrantes. Um participante de Alto Taquari até comentou que os nordestinos eram chamados de "pé di todi", porque eram pessoas morenas, negras. De modo impreciso, parece que o migrante da Tríplice Divisa é o nordestino. Sulistas, paulistas e outros não são tratados como migrantes com o mesmo rigor, pois a sua cultura é mais aceita e imitada.

Não tivemos muitas manifestações contra a língua que os sulistas falam; inclusive, alguns participantes de Alto Taquari e Mineiros comentaram com satisfação que algumas pessoas acham que eles são gaúchos. Então, parecer-se e falar como os gaúchos não é um problema; acham bonita a fala; mas ser comparado com um nordestino não pode, é depreciativo — embora, nas três comunidades de fala estudada, tenhamos informações de palavras e alimentos nordestinos que caíram no uso dos taquarienses, costa-riquenses e mineirenses.

Os sulistas são descritos como mais brancos e altos, pessoas que possuem muito orgulho da sua cultura; mesmo os que nasceram nas cidades pesquisadas falam como os seus pais sulistas; eles conseguiram manter a sua identidade e se reorganizaram em busca de realizar os sonhos que não foram possíveis no Sul, em especial no Rio Grande do Sul, após crise na

década de 80. Ao chegarem no Centro-Oeste, ficaram abismados com o preço da terra; segundo um participante da pesquisa de Sandri (2008, p. 30): "Com a venda de um hectare no Sul dava pra comprar cinquenta hectares em Mineiros!"

Com isso, eles ficaram ricos e contribuem com o município, diferente dos nordestinos, como citado, que mandam parte de suas rendas para os familiares. No imaginário dos taquarienses e mineirenses, eles são maioria e estão presentes nos principais acontecimentos da cidade. Alguns taquarienses comentaram que os sulistas não consideram o passado do município, contam a história a partir de sua chegada, o que os entristece. Já os paulistas são vistos como pessoas sérias e organizadas; alguns participantes citaram que Alto Taquari e Costa Rica falam de maneira semelhante com os paulistas.

No quadro a seguir, fizemos um levantamento das palavras ou expressões populares que os diviseiros citaram durante a entrevista e estão escritas na íntegra, conforme a produção da fala deles. Tentamos buscar as palavras que são típicas da região e não aquelas que foram agregadas ao vocabulário por influência do migrante. As que estão em destaque são reproduzidas em Alto Taquari, Costa Rica e Mineiros.

Quadro 5 - O que a Tríplice Divisa de MT, MS e GO fala

ALTO TAQUARI			
P5ATFAN Minguando - acabando	**P5ATFAN** Minguada - acabada	**P6ATFAS** e **P18ATFBS Banhá** – tomar banho	**P5ATFAN** Inculturou
P29ATFCS Esquisito	**P5ATFAN** e **P20ATMBN** Terras - plantação, lavoura	**P8ATMAS, P18ATFBS, P29ATFCS** e **P30ATFCN Trem** – troço	**P7ATMAS** e **P17ATFBN Vish**
P19ATMBS Sô	**P20ATMBN** Como diz o outro	**P20ATMBN** Casa grande - prédio	**P5ATFAN, P8ATMAS** e **P29ATFCS Uai**
P7ATMAS Simpleszonas	**P7ATMAS** Estrovando - atrapalhando	**P7ATMAS** Dificulidade	**P19ATMBS** Bacana
P8ATMAS Velhaco: rapaz esperto	**P8ATMAS** e **P29ATFCS** Fulano procurou isso - fulano perguntou isso	**P6ATFAS** Quitanda – bolacha, biscoito ou pão doce	**P8ATMAS** Desinquietador de família - atrapalha a família
P30ATFCN Brega	**P19ATMBS** Bixiga – para coisa ruim ou boa	**P17ATFBN** Não é aquela Brastemp	**P29ATFCS** Tramela
P5ATFAN e **P17ATFBN Masi** - mas	**P17ATFBN** Espiculava - perguntava	**P17ATFBN** Imbigu – umbigo	**P30ATFCN** Trupica
P17ATFBN Estamo - estômago	**P17ATFBN** Pra modi – para eu	**P18ATFBS** Girisa – algo ruim	**P30ATFCN** Danada
P19ATMBS Eu sou de uma época em que a gente dormia com a cutia i acordava com o tamanduá bandeira	**P20ATMBN** Se você fizer um negócio com pessoa boa, mesmo que ele seja ruim, ele vai melhorar. Se você fizer um negócio bom com má pessoa, ele vai acabar mal	**P6ATFAS** Quem pariu o Mateus que balance - quem pariu, mantém e balance	**P5ATFAN** A gente costuma dizer que quem bebe água de Alto Taquari você pode ir embora, mas você volta

P29ATFCS Paletó - Casaco, blusa	**Né**	**P17ATFBN, P20ATMBN** e **P29ATFCS Sabi**	**P20ATMBN** Moço
COSTA RICA			
P1CRFAN, P2CRFAN, P13CRFBN, P14CRFBN e **P15CRMBS Uai**	Aí	**P2CRFAN** e **P14CRFBN** Nossa Senhora!	**Né**
P25CRFCS Treição/traição	**P4CRMAN** Lumiar – clarear	**P13CRFBN, P15CRMBS** e **P28CRMCN** Punha - colocava	**P26CRMCS** Sungar o braço – levantar o braço
P13CRFBN, P14CRFBN e **P15CRMBS** Tipo assim	**P14CRFBN** Treta	**P14CRFBN** Bacada - arranco	**P14CRFBN** Eita pega
Trem	**P15CRMBS Banhá** – tomar banho	**P16CRMBN** Fueiro, chumaço, cocão	**P25CRFCS** Espraguejado
P25CRFCS e **P27CRMCS** Causos	**P14CRFBN** Muagi - frescura	**P14CRFBN** Carrerão – sair correndo	**P14CRFBN** Batutu - tradicional
P3CRMAN e **P25CRFCS** pegada a laço – a força	**P15CRMBS** Ixi	**P15CRMBS** Não dô conta	**P15CRMBS** Esfregas - bater
P15CRMBS Eu qui fundei essa cabeça di leitoa aqui – sem valor	**P15CRMBS** Dá nó em gotera - é o cara nó cego	**P14CRFBN, P15CRMBS** e **P26CRMCS** Fulano está achando qui é boi du branco – achando-se melhor que os outros	**P1CRFAN** e **P25CRFCS** É pra caba com o piqui de Goiás
P25CRFCS Tocadô - músicos	**P25CRFCS** Chimbo – quem não trabalhou na treição, mas quis festejar	**P13CRFBN** e **P14CRFBN** Malemá – mais ou menos	**P27CRMCS** Guaquero – confecção de laço
P27CRMCS Supimpa	**P27CRMCS** Estorvo	**P28CRMCN** Posar – passar a noite	**P16CRMBN Masi** - mas
P16CRMBN Grana	**P3CRMAN** Pé rachado – costa-riquense	**P14CRFBN** e **P15CRMBS Sabi**	**P13CRFBN** Como diz o outro
MINEIROS			
P12MMAS, P21MFBS, P23MMBS, P24MMBS e **P33MFCS Trem** - troço	**P9MFAS, P34MFCS** e **P36MMCS** Fulano, sicrano	**P9MFAS** Runha - ruim	**Uai**
P9MFAS Quitanda – sentido de fazer lanches como biscoito, rosca e pão de queijo	**P9MFAS** Anda divaga aí qui o santo é di barro	**P11MMAS** Pulsa pra mim esse litro di farinha. Pra ver mais ou menos quantos pesos tem	**P34MFCS** Eu dô um boi pra não entrar numa briga i do uma boiada pra não sair
P11MMAS Banhá	**P10MFAS** Sô	**P11MMAS** É pra caba com o piqui di Goiás	**P22MFBS** e **P11MMAS Masi** - mas
P12MMAS Broaca - bolsa	**P12MMAS** Bitolado - preocupado	**P12MMAS, P21MFBS** e **P23MMBS** Pé rachado - goiano	**P23MMBS** Não dô conta
P21MFBS Ali di pertim – ali é longe	**P21MFBS** Sou du Goiás	**P21MFBS** Corgo - córrego	**P21MFBS** Caboclo – pessoa
P34MFCS O qui é di gosto regala a vida	**P21MFBS** Água mole em pedra dura tanto bate até qui fura	**P11MMAS** Enfiar o chifre no chão i sai arano	**P12MMAS** Berlinda - limpeza exagerada
P22MFBS Boca fechada não entra mosca	**P22MFBS** Quem conversa dimais dá bom dia a cavalo	**P33MFCS** Com o andar da carruagem, as abóboras se ajeitam	**P23MMBS** Troço ruim – guri atentado
P23MMBS Como si diz	**P23MMBS** Emprasto - ruim	**P23MMBS** fidiumaroncaifuça	**P23MMBS** Moço
Aí	**P24MMBS** Projônica - mal estar	**P24MMBS** Caramba!	**P34MFCS** Vô i

P22MFBS Cabreiro – em alerta	**P34MFCS** Zorra – roda de carro de boi	**P34MFCS** Custeia - demora	**P21MFBS** Pelejar
P35MMCS Cornetar - brincar	**P35MMCS** Bacana	**P36MMCS** Posar – passar a noite	**P21MFBS** e **P23MMBS** Tipo assim
P9MFAS, P11MMAS, P22MFBS e **P36MMCS Sabi**	**Né**		

Fonte: Wanessa Rodovalho, (2026).

Neste quadro, é possível vermos a variedade linguística que compõe os falares presentes em Alto Taquari, Costa Rica e Mineiros; algumas palavras e expressões são comuns, como "sabi", "né", "uai", "masi", "banhá" e "trem". Entre elas, "uai" e "trem" são tipicamente mineirenses, principalmente por questões que já comentamos sobre a influência de Minas Gerais em Goiás; isso significa que Mineiros influencia mais os falares dos outros dois municípios do que recebe influência deles. Todos os participantes de Alto Taquari, Costa Rica e Mineiros pronunciaram a expressão “né?”, o mesmo aconteceu em Costa Rica para a gíria “aí”. Em cada escolha do vocabulário do quadro existe uma história a ser contada, uma identidade, uma crença apresentada; todas são manifestações de atitudes linguísticas.

Foi perceptível quando os taquarienses e costa-riquenses conseguiram citar várias palavras que os mineirenses falam, até tentaram descrever como é o sotaque deles; ademais, também falaram várias palavras que já emprestaram do vocabulário mineirense para os seus.

> Os falantes de uma língua sabem muito sobre ela e são capazes de explicitar esse saber até um determinado grau: eles podem dizer quais os elementos que fazem parte de sua língua e quais são estranhos; podem dizer quais são os elementos antigos e quais são surpreendentemente novos (baseando-se num saber sobre as possibilidades sistemáticas de sua língua e sobre aquilo que normalmente é realizado nela); podem, até um determinado grau, identificar as variantes geográficas, estilísticas e sociais de sua língua. Também podem relatar com quem e em que situações eles se comunicaram com sucesso em sua língua e quem, além deles, a fala (Schlieben-Lange, 1993 [1983], p. 94).

Schlieben-Lange pontuou sobre as percepções que o falante tem sobre a sua própria língua e a do outro; ele cita as variantes geográficas. Ao decorrer do trabalho, muitas variantes geográficas foram destacadas, como, por exemplo, a pronúncia do /r/ da Tríplice Divisa, informando sobre o próprio sotaque.

O Programa *Praat* transcreveu as sentenças com a presença do /r/ desta maneira, segundo as produções dos taquarienses: [ˈpɔɹtɐ], [ˈpoɹtɐ] [ˈpɔɻtɐ], em Costa Rica [ˈkaɻne] [ˈpoɻtɐ] o de Mineiros [ˈpɔxtɐ], [ˈpɔɣtɐ], é possível notarmos que realmente existe o [ɹ]

retroflexo nas três cidades, esta é uma marca linguística, uma atitude compartilhada, ocorre também, principalmente, no interior de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e norte do Paraná.

Os participantes da pesquisa já haviam percebido que eles falam este ɾ ao contar que toda a sua família fala devagar, com um /r/ bem interiorano e caipira, o qual marca a variação geográfica como forma de identificação, o que emerge para reconhecimento dos diviseiros. Este padrão de entonação está figurado na Tríplice Divisa; é um ponto de descoberta sobre quem é o falante, o que marca linguisticamente e os assemelha a outros.

Interessante que, ao falarem sobre o /r/ da sua própria cidade e o classificarem como caipira, não parece fazer conotação negativa, mas sim uma forma de manifestar-se por meio da atitude linguística; é um pertencimento ao dialeto rural, mesmo por quem é escolarizado e reside na zona urbana.

Outra constatação que parte do ponto de vista de Alto Taquari e Costa Rica é que, ao imitarem o /r/ de Mineiros, estão produzindo-o como uma variante mais forte, mais "carregada"; mas que, na verdade, a sentença está sendo produzida da mesma maneira; o que difere um pouco é apenas o prolongamento da fala.

Variantes estilísticas também foram constatadas quando os participantes da pesquisa das três localidades comentaram que já tiveram que mudar da sua fala, ou ainda, monitorá-la por estar em um ambiente que exigisse mais formalidade. Dois homens, da segunda faixa etária, de Mineiros, citaram a variante "pulida", referindo-se à norma padrão, a qual procuram usar no ambiente de trabalho.

Quanto às variações sociais, a classe social mais elevada é ocupada pelos sulistas; a mais baixa, pelos nordestinos; e os participantes da entrevista estão entre os privilegiados, como comenta:

> **P12MMAS** "Eu, mineirense, tenho mais chance no mercado di trabalho du que alguém di fora, infelizmenti ‘né?’, é por ser branco ‘né?’."
>
> **P7ATMAS** "Acho que é uma questão do nível social, infelizmente, ‘né?’. Se a pessoa tem um nível social bem, de financeiro, creio que ela é bem mais aceitável do que um simples trabalhador que vem pra ganhar o seu pão diário ‘né?’, então a nossa cidade tem assim esse preconceito, eu consigo enxergar isso, infelizmente."

A classe social é uma forma des/prestigiada que exclui o falante de uma língua diferente; isso não está relacionado somente ao nível socioeconômico, à escolaridade, mas sim a uma reação contra a identidade do outro, pois, segundo Bagno (2007), quando alguém comete o preconceito linguístico não está referindo-se ao falante, mas a si próprio, pois esta é uma maneira de camuflar um preconceito social disfarçado, mas que fica evidenciado quando

julgamos o falar diferente — e isso não é uma verdade sobre quem sofre o preconceito, pois ele possui as suas próprias crenças e atitudes linguísticas.

Os três municípios pesquisados são fontes de desenvolvimento, possuem histórias interessantes, pessoas realmente preocupadas com a cultura local, integrantes da sociedade na qual desempenham o seu papel participativo; são intencionadas a receber bem os migrantes, sensíveis à discriminação; são participantes que valorizam os seus antepassados, as tradições da sua família e de onde moram; conhecem a cultura local e apresentam atitudes positivas em relação a ela; e o melhor: as variedades linguísticas são perceptíveis e cabíveis de integração às suas identidades.

CONCLUSÃO

Conhecer o território da Tríplice Divisa por meio das suas crenças e atitudes linguísticas é falar sobre a identidade brasileira registrada no Centro-Oeste. Trata-se de um estudo inédito em Alto Taquari, Costa Rica e Mineiros, já que inexistem pesquisas sobre divisas estaduais – apenas sobre fronteiras internacionais – até o momento.

A intenção deste trabalho sempre foi tornar o Centro-Oeste conhecido por suas particularidades, valorizado por sua cultura e desmistificado em seu falar, que, na verdade, ultrapassa as divisas pesquisadas. Aqui, expusemos não apenas sobre os taquarienses, costa-riquenses e mineirenses, mas sobre como são e o que representam para os municípios da Tríplice Divisa os mato-grossenses, sul-mato-grossenses, goianos, mineiros, paulistas, paranaenses, sul-rio-grandenses e os nordestinos.

Por meio da metodologia da pesquisa sociolinguística, trouxemos as impressões que os participantes possuem sobre as regiões mencionadas. São os falares que marcam as identidades de cada um, representando seu município e ocupando um lugar privilegiado no conhecimento da própria história. Aqui, a língua se apresenta como relato histórico: vários participantes perceberam as transformações que a sociedade e a língua sofreram, demonstrando sensibilidade para se colocar no lugar do outro – do migrante, do mais velho, do mais novo.

O fazer dialetológico não foi um problema, pois as entrevistas foram realizadas online e, mesmo as que aconteceram *in loco*, trouxeram benefícios pelas questões geográficas, já que a distância entre as três cidades pesquisadas não demanda muito tempo de deslocamento.

Nessa oportunidade, pude visitar a Tríplice Divisa e conversar com autores que escreveram sobre o contexto histórico de suas localidades, sobre a construção da vida e dos causos que regem o imaginário dos participantes da pesquisa. Essas visitas possibilitaram-nos ter a visão dos locais de acordo com pessoas que moram há muito tempo e possuem suas próprias conclusões sobre as mudanças ocorridas e como reagiram ao desenvolvimento hoje estabelecido.

Sempre houve, por parte desta pesquisadora, uma inquietação acerca do motivo pelo qual as pessoas sofrem discriminação pelo modo como falam. Sou uma paulistana criada em Mato Grosso do Sul, residente por muitos anos em Costa Rica, e passei pelo desgosto de ser migrante em terras brasilienses. Os colegas de escola riam do meu sotaque, debochavam da produção do meu /r/ caipira, o que atingia também minha identidade. Por isso, na dissertação, tive a oportunidade de conhecer os migrantes de Costa Rica: o que pensam, como reagem aos costa-riquenses e qual seu papel na sociedade.

Decidi, então, pesquisar sobre as crenças e atitudes linguísticas dos moradores de Alto Taquari, Costa Rica e Mineiros. Assim, ao conhecer meus participantes, de certo modo, também estaria dando voz aos migrantes, pois pelos relatos dos diviseiros conhecemos quem são, como vivem e como falam – itens importantes para o reconhecimento da força de resistência de cada migrante que representa sua própria região.

Como comentado, a maioria das entrevistas foi realizada pelo *Skype* por causa da pandemia de Coronavírus, mas tive a oportunidade de fazer algumas poucas *in loco*, pois desejava presenciar o contato pessoal com o participante. À medida que as entrevistas aconteciam, além das perguntas programadas, outras puderam ser feitas. Conforme conhecia os municípios, pude questionar sobre as impressões que surgiam após interagir com mais de 50 moradores da Tríplice Divisa pesquisada.

A tese esteve organizada em quatro seções principais. Na primeira, nortearam nosso trabalho os fundamentos da Sociolinguística, que busca entender o comportamento do falante e relacionar a língua à sociedade, em relação às variações linguísticas. Para isso, abordamos a dialetologia pluridimensional para alcançar os fatores extralinguísticos condicionadores da língua pelo contato linguístico. Assim, por meio da comunidade de fala, podemos conhecer as identidades que a forjam, os princípios das crenças e as atitudes linguísticas, que nos levam ao preconceito linguístico, suas causas e como ele ocorre na Tríplice Divisa.

Na segunda seção principal, abordamos os aspectos socio-históricos de Alto Taquari, Costa Rica e Mineiros, aspectos importantes para conhecermos as influências que esses municípios receberam para sua construção e desenvolvimento. Em seguida, na terceira seção, todos os procedimentos metodológicos formaram a construção da pesquisa: desde a constituição do *corpus* – pessoas nascidas ou residentes há muitos anos nas três comunidades pesquisadas –, o perfil sociolinguístico de cada um, o questionário minuciosamente elaborado e testado, até a última seção principal, na qual analisamos os dados a partir de quatro partes compostas por 35 perguntas.

A primeira parte referiu-se ao contexto histórico e cultural dos participantes. O objetivo das cinco perguntas que o compõem é conhecer a história do município pesquisado por meio das lendas contadas pelo participante – aqui, suas impressões começaram a ganhar as primeiras manifestações. Algumas tradições populares estiveram presentes nos municípios, como a *treição/traição* em Alto Taquari e Costa Rica, além da lenda do pé de garrafa. A lenda do homem seco foi contada por mineirenses e taquarienses, assim como a luz que perseguia os moradores e que agora, eles entendem, era o fenômeno da Bioluminescência que ocorre no Parque das Emas. A bandejada ainda acontece em Mineiros.

Com isso, a maioria das respostas informou que a cultura da cidade tem se perdido ao longo do tempo, mas um dado interessante chama a atenção: nas famílias dos participantes da pesquisa, a maioria ainda mantém alguma tradição. Entre as respostas, temos a influência dos sulistas e nordestinos, tanto na fala quanto nas comidas típicas.

Na segunda parte, foram oito perguntas sobre os migrantes. Os taquarienses, costa-riquenses e mineirenses conhecem bem quem são os migrantes que residem em suas cidades. No geral, os primeiros migrantes foram os sulistas e paulistas; mais recentemente, os nordestinos. Em suma, hoje temos migrantes de todos os estados, o que aumenta as variedades linguísticas locais.

Os participantes da pesquisa consideraram positiva a presença dos migrantes na Tríplice Divisa. Entre as justificativas, apresentaram o engajamento e conhecimento dos sulistas ao trazerem a experiência que tinham para alavancar a agricultura pouco explorada. Com isso, as cidades se desenvolveram economicamente e atraíram outros migrantes, como os nordestinos, que foram trabalhar nas usinas e indústrias. Além disso, o contato linguístico foi citado, pois passam a ter novos conhecimentos.

Por outro lado, eles comentaram os malefícios que o desenvolvimento trouxe, como o aumento da criminalidade, o sufocamento em vários setores do serviço público e a aculturação. Esta última é de grande valia, pois as mudanças que aconteceram acabaram transformando a cultura local, algo visto como uma possibilidade de apagamento.

Entre as influências dos migrantes, destacamos a culinária e o vocabulário. Muitos citaram vocábulos sulistas como "bah", "guri", entre outras, que acabaram fazendo parte do repertório dos moradores da Tríplice Divisa, incluindo a admiração pelo sotaque sulista no que diz respeito à tonalidade, produção gramatical e aspectos físicos. Alguns até sentem orgulho em falar essa língua prestigiada, que, entre os migrantes, é a mais aceita.

Em relação aos nordestinos, não obtivemos os mesmos resultados. Eles foram julgados pelo sotaque, pela aparência, pela vestimenta, cor da pele, tonalidade da voz, produções gramaticais relacionadas ao erro, comportamento e modo de viver. Tais julgamentos sociais estão mais ligados às crenças dos participantes da pesquisa sobre como são os nordestinos do que ao que realmente representam, pois são trabalhadores como os sulistas e os demais migrantes, e possuem papel importante no desenvolvimento dos municípios.

Sobre os diviseiros serem pessoas receptivas, embora a maioria considere sua cidade acolhedora, muitos participantes comentaram que existe distinção quanto a quem é o migrante: se for sulista, é bem recebido; se for nordestino, não. O preconceito linguístico foi muito comentado porque é uma realidade na Tríplice Divisa de MT, MS e GO, mas este é um

problema enfrentado em todo o Brasil. A xenofobia que os nordestinos sofrem é algo preocupante.

A terceira seção é sobre como a Tríplice Divisa é composta, seja por falares mais bonitos e corretos, mais feios e mais errados. No entanto, os diviseiros não quiseram se comprometer, e poucos responderam o que pensam também sobre a confiabilidade, resultando em alto índice de Sem Resposta. Neste dado, fizemos uma constatação importante: boa parte dos participantes, em algum momento da entrevista, disse que não consegue ver muita diferença na fala dos três municípios. Outros citaram que Costa Rica fala parecido com Alto Taquari; outros, que Alto Taquari fala parecido com Mineiros. Enfim, as comparações foram muitas, mas o que mais se ressaltou é que a língua mais prestigiada é a deles mesmos. Alto Taquari e Costa Rica, além de considerarem sua língua a mais bonita, também a consideram a mais correta. Somente Mineiros considera a língua de outro município como a mais correta.

Na quarta e última seção, conhecemos qual é a percepção que os participantes têm sobre sua própria fala. A primeira é que as mudanças linguísticas têm acontecido por vários fatores, como pelo falecimento dos mais velhos – as gerações mais novas acabam não tendo tanto contato linguístico com o vernáculo, pois os mais velhos possuem uma fala mais informal e menos monitorada. O segundo fator que chamou a atenção foi a tecnologia: as mídias e redes sociais têm impactado consideravelmente na maneira como as pessoas falam. O terceiro é sobre as gírias: a geração mais nova fala muita gíria para ser representante de um determinado grupo ou por modismo temporário. O quarto e último fator é o próprio contato linguístico com os migrantes, o que aumenta o repertório linguístico e possibilita conhecer outras culturas.

Após as mudanças linguísticas serem apontadas, os participantes foram indagados sobre terem ou não sotaque. Descreveram a língua que falam como a língua portuguesa – esperado, pois são brasileiros. No decorrer do trabalho, citaram como falam, como os outros diviseiros falam, como os migrantes falam, mas alguns fizeram afirmações contraditórias ao dizerem que não possuem sotaque, mas que, se viajarem para outro estado, dirão que eles possuem.

A maioria considerou que possuem sotaque, alguns tentaram descrever o /r/ que falam por meio da palavra porta, um taquariense diz [ˈpɔɻtɐ], um costa-riquense [ˈpoɹtɐ] e o mineirense [ˈpɔɹtɐ], de acordo com a transcrição feita pelo Programa *Praat* e a primeira impressão oitiva, pois conforme já exposto, não fizemos análise acústica das variantes registradas pois não é este o objetivo, no geral, o /r/ mais falado na Tríplice Divisa é o retroflexo com um acréscimo de prolongamento do /r/ em [ˈpoɻːtɐ] para os mineirenses. Nos três

municípios encontramos participantes que citaram que o /r/ que falam é o caipira, interiorano, um pouco arrastado.

Dois participantes da pesquisa – uma mulher de Costa Rica e um homem de Mineiros – tiveram a percepção da fala a partir do contraste que fizeram entre o rótico aproximante retroflexa [ɻ] com a realização da fricativa velar [x] desvozeada. Para algumas variantes róticas, revelam-se pistas quanto à identidade ou predileção linguística das comunidades de fala, dado que um falante consegue identificar e/ou distinguir a realização acústica de variantes que não são habituais de sua fala.

Em relação à Dialetologia pluridimensional, os fatores extralinguísticos também foram levados em consideração para fazer as análises. O fator sexo mostrou que tanto os homens como as mulheres, ao tentar mostrar seu sotaque na produção do /r/, usaram a variante retroflexa, partindo da crença de que possuem um /r/ mais "arrastado" e, como citamos anteriormente, caipira.

Quanto à faixa etária, os participantes da primeira faixa possuem mais preocupação em monitorar a fala quando expostos a alguma entrevista ou em alguma situação fora do seu cotidiano, quando a sua fala está sendo julgada. As mulheres da primeira e da terceira faixa etária apresentaram mais preocupação em falar a língua culta quando enfrentam situações inesperadas. No geral, os mineirenses estão mais preocupados em não pronunciar o /r/ mais marcante ao se depararem com situações inusitadas.

Quanto à escolaridade – não superior e superior –, esta pesquisa destacou-se pela inesperada constatação de que os participantes menos escolarizados falam de modo semelhante aos mais escolarizados, no caso, os que possuem formação universitária. Não estamos afirmando que todos falam "errado", mas que os falares são semelhantes, até porque cada participante possui uma vivência linguística única, mas que compartilha de atitudes e crenças linguísticas semelhantes. Algumas razões são apontadas: a crença de que os participantes são representantes de como suas famílias falam; são resultados do meio social no qual vivem; possuem sentimento de pertencimento ao dizer que falam de tal modo porque é um goiano ou costa-riquense do pé rachado – "não falamos assim porque não sabemos o correto, falamos assim por causa da identidade do nosso povo". Isso reflete o pertencimento ao território como seu lugar e que o território é uma forma de vida – então a vida aqui é demonstrada por meio das escolhas linguísticas que cada falante utiliza.

O *status* é outro fator que foi observado. Notamos que, quanto à fala dos migrantes, e algumas vezes à fala dos próprios diviseiros, a sulista merece destaque. Conforme já comentado, os sulistas representam riqueza, prestígio social e poder econômico. Um

participante de Alto Taquari contou que ele tomava chimarrão com seus amigos gaúchos, começou a falar igual a eles; sua amiga sulista parou de falar como gaúcho, mas ele continuou, pois foi o único representante de Alto Taquari que usou o pronome "ti", marca regional do dialeto gaúcho, embora também produzido em outros estados.

Outra participante percebeu o desprestígio que os nordestinos possuem ao falar sobre o trabalho: **P9MFAS** "Parti do princípio qui vai... não sei si seria impobrecê, seria o termo, ou como se fossi uma cultura abaixo, alguma coisa assim, eu percebo". Os nordestinos fazem parte da classe social menos privilegiada e da que mais sofre preconceito na Tríplice Divisa de MT, MS e GO. Porém, entre os próprios participantes, houve quem disse que gosta de ouvir os vizinhos falarem, mas houve também quem não aceitou ter sua língua falada de modo semelhante aos goianos, provavelmente pelo falar caipira ser estigmatizado.

Em relação às hipóteses, a primeira é de que os falares da Tríplice Divisa seriam semelhantes. E sim, podemos notar algumas palavras e expressões que foram produzidas nas três localidades, o mesmo /r/ retroflexo, acontecimentos culturais semelhantes, as mesmas influências dos migrantes. O que diferencia é como cada município reagiu, entre outros fatores. A primeira pergunta norteadora foi: Quais são as atitudes e as crenças linguísticas que construíram a identidade da Tríplice Divisa nas três cidades pesquisadas?

No decorrer do trabalho, fomos apontando as crenças e as atitudes linguísticas conforme foram apresentadas. Por isso, analisamos de maneira geral, levando em consideração o bom senso e a maior porcentagem das respostas. Os próprios participantes julgaram a língua que falam como interiorana, caipira, que falam muito errado – o que sugere que esta crença está focada no uso do /r/ retroflexo, na falta de conjugação verbal e concordância nominal e verbal. Fazem uso de muitas gírias, o que fortalece a identidade linguística local e também mostra a influência que o contato linguístico produz na fala e no comportamento desses participantes.

As línguas faladas na Tríplice Divisa entre os estados de MT, MS e GO não são inferiores e nem superiores a elas e às outras; são atitudes linguísticas decorrentes de crenças. Por isso, não ouvimos nenhum diviseiro desprestigiando a própria língua. Fizeram alguns apontamentos sobre como acreditam que falam, mas deixaram claro que, mesmo sendo necessário monitorar a língua em alguns momentos, eles sentem orgulho de sua língua.

Ao dizer que uma crença envolve fatores afetivos, apresentamos as emoções e os sentimentos que os participantes têm em relação à escolha de sentenças para a produção de sua fala. Com isso, em vários momentos, houve sorrisos ao dizer que falar "uai" é uma expressão genuína e apropriada da Tríplice Divisa, produzida sem perceber – é como se fosse uma

extensão do sentimento de dúvida, espanto ou concordância, o que garante que as três gerações pesquisadas a produzem, independentemente do fator sexo.

A crença dos mineirenses em falar as palavras diminuídas, resumidas, como "cadim" (que significa "um pouco"), extrapola as emoções e marca um território de pertencimento, pois muitos participantes falaram da influência goiana na cultura mineirense – fato diferente do que aconteceu nos outros municípios. Em Alto Taquari, comentaram que estão perdendo a identidade porque não falam como o MT e a capital, e essa mudança linguística também tem influência gaúcha. Em Costa Rica, um participante comentou que acredita que os costa-riquenses possuem um falar único: não falam como o Mato Grosso do Sul, nem como os de Alto Taquari e Mineiros. Podemos dizer que os mineirenses percebem sua cultura realmente como a goiana, e isso é uma atitude linguística positiva.

As crenças mudam o comportamento das pessoas e como elas notam o que acontece ao seu redor. Quem não conhecia o chimarrão passou a tomá-lo; quem não conhecia a culinária nordestina, agora come cuscuz. Na Tríplice Divisa, encontramos participantes relatando sobre a mudança de conduta que os nordestinos enfrentam para serem integrados à sociedade – são manifestações na escola, no comércio, no atendimento público –, o que gerou conflitos de identidade na aluna que buscou mudar seu dialeto para não sofrer mais xenofobia na escola. Não encontramos esse tipo de relato sobre os gaúchos, até porque, segundo os participantes, os filhos dos gaúchos, mesmo nascidos nos municípios pesquisados, continuam falando como seus pais e participam efetivamente da valorização da cultura sulista.

Os estereótipos também estão presentes nas crenças e nas atitudes linguísticas, pois fazem parte do cognitivo. Aqui, conforme já comentado, temos a rotulação de que nordestinos só falam gritando, que os mineirenses falam tudo errado, que os taquarienses falam igual aos gaúchos, que os costa-riquenses falam cantando. No geral, esses e outros estereótipos sobre o jeito de falar podem caracterizar uma pessoa e revelar sua origem, gerando preconceitos porque padronizam certos grupos e generalizam suas atitudes; de certo modo, ocorrem divisões sociais ou desprestígio da língua.

A segunda pergunta da hipótese é: Visando às mudanças linguísticas ao longo do tempo, a geração mais jovem fala e possui o mesmo repertório linguístico que a geração mais velha? A mudança linguística é inevitável, até porque as pessoas mudam e com elas suas crenças e atitudes linguísticas também, mas isso não significa que o vernáculo da geração mais velha não seja reproduzido pela geração mais nova.

Fizemos um levantamento das palavras, expressões e ditados populares que quase não são reproduzidos atualmente, mas são falados principalmente por participantes da terceira faixa

etária. Contudo, averiguamos algumas palavras que estão superando o tempo e o território, como o "ponhar" e o "banhá", ambas atitudes linguísticas resilientes.

Outra mudança linguística constatada é que os mais velhos possuem um repertório linguístico diferente dos mais novos. Eles são mais resistentes às mudanças e às influências externas à língua e, com isso, relutam para desconstruir suas crenças. Em contrapartida, os mais jovens são mais influenciáveis, possuem outros contatos – seja na escola, nas diversas comunidades de fala –, viajam mais, são influenciados pelas mídias sociais, buscam falar igual ao seu *youtuber* favorito. Tudo isso contribui para um novo dialeto.

Quando questionados sobre os taquarienses, costa-riquenses e mineirenses falarem igual à geração mais velha, a maioria respondeu que não fala. O maior percentual ocorreu em Costa Rica e o menor em Mineiros. Queremos destacar que, embora os mineirenses também tenham citado esses fatores determinantes pelos quais acontece a mudança linguística, boa parte considera que ainda fala de modo parecido com seus pais e avós, principalmente na produção do /r/ caipira – isso está relacionado à lealdade linguística.

Na contramão do que temos comentado, a participante **P13CRFBN** respondeu a esta pergunta dizendo que ela e seus filhos falam igual, e a irmã dela e os filhos também falam igual à sua mãe. Neste relato, temos um vernáculo subentendido, uma relíquia. Temos aqui uma participante citando que seus filhos da primeira faixa etária falam como ela, que é da segunda faixa etária, e que ambos falam como os avós da terceira faixa etária. Observando a fala dela durante a entrevista, percebemos que o /r/ que ela produz é muito marcante, característico da variante do retroflexo; a fala é muito calma e pausada; usa vocábulos regionais como "uai", "né" e "aí". Quando questionada sobre usar ou não a cultura dos migrantes, ela disse que não tem muito contato com eles e por isso não é tão influenciada, preferindo a cultura dela mesma.

Desta forma, queremos destacar tudo o que temos escrito sobre as crenças e as atitudes linguísticas. Esta participante é uma produtora do vernáculo; nesta entrevista, temos inúmeras manifestações do que é a identidade, quase que genuína, da Tríplice Divisa. É óbvio que, para termos certeza se as três gerações – incluindo a irmã dela e os sobrinhos – falam de maneira parecida, seria necessário um estudo aprofundado. Mas aqui temos uma constatação de identidade que possui o mesmo valor dos dados científicos, pois são nos pensamentos, nas emoções, no que falam e como falam que conhecemos realmente quem é o participante, qual é a constituição de suas crenças que refletem nas atitudes linguísticas.

Com isso, a maior contribuição desta pesquisa é revelar aspectos das cidades de Alto Taquari, Costa Rica e Mineiros. Agora temos um trabalho pioneiro que visa valorizar as identidades constituídas nos municípios pesquisados. Os participantes ganham voz e têm sua

identidade reconhecida, assim como as riquezas culturais das comunidades de fala estudadas. Desejamos, que outros trabalhos inspirem uma nova geração de pesquisadores interessados em expandir as vivências realizadas no Centro-Oeste, tal como já ocorre com tantos estudos sobre as regiões Sul e Sudeste.

Podemos dizer que os objetivos da pesquisa foram alcançados, sendo o primeiro: investigar quais são as semelhanças nos falares presentes nas cidades pesquisadas, quanto às escolhas e repertório linguístico e a pronúncia regional. A semelhança mais pontual está na produção do /r/ retroflexo, que é a variante mais falada na região, o que significa que o falar caipira é prestigiado, de maneira geral, conforme já comentado. Outra semelhança está no repertório linguístico, pontuamos as palavras ou expressões: "banhá, trem, uai, mais, né, sabi", frequentemente faladas.

O segundo objetivo foi apurar qual é a percepção que os nascidos nessas localidades têm em relação à própria fala e à fala dos migrantes da região. Quanto à fala, as três localidades pontuaram a fala tranquila, que falam muito errado e usam muitas gírias, possuem /r/ forte e a fala de cada cidade é a mais prestigiosa. Em relação à fala dos migrantes, pontuaram que os paulistas possuem uma fala mais neutra, os sulistas falam corretamente e possuem /r/ diferente dos nascidos na Tríplice Divisa; já os nordestinos falam muito rápido e gritando. Também comentaram sobre as palavras que já usam no seu repertório linguístico: dos paulistas, nada fortemente situado; dos sulistas, "guri"; dos nordestinos, "oxi".

O terceiro objetivo foi investigar as possíveis influências para as mudanças linguísticas na região da Tríplice Divisa. Certamente, a questão do território está fortemente relacionada a essas influências, que aconteceram com a chegada dos migrantes em Alto Taquari, Costa Rica e Mineiros – pois eram cidades pequenas que passaram a crescer em relação à quantidade de habitantes, como já comentado. Os diviseiros perceberam que algumas pessoas começaram a usar o falar dos sulistas por diversas razões, entre elas a questão de amizade e acolhimento, para mostrar aceitação a essa cultura e também pelo *status* que ora comentamos.

Outra influência é o uso das mídias, o que acarreta o aumento da quantidade de gírias que deixaram de ser regionais para serem exemplos de exposição de como é falado na internet. O contato linguístico que ocorre na escola é um fator a ser levado em consideração, pois desde cedo as crianças frequentam o ambiente escolar, então possuem mais escolaridade do que as pessoas de gerações mais velhas que não tiveram a mesma oportunidade. Na escola, amplia-se o contato com a diversidade regional e cultural.

Os contatos linguísticos também aumentam a possibilidade da mudança linguística, tanto por novas interações como por viagens, como também pela receptividade dos turistas na

região. A adaptação a diferentes grupos sociais também é sinal de mudança; por isso temos taquarienses falando como nordestino, costa-riquense falando como goiano e mineirense falando como o interior de São Paulo fala, conforme percepção de alguns diviseiros.

Este trabalho trouxe contribuições importantes para a Sociolinguística por estudar divisas de estados, onde as línguas se misturam, as culturas se modificam e se reconstroem na figura do outro. As interações sociais permitem que as crenças e as atitudes linguísticas também sofram alterações, não apenas pela localização geográfica da pesquisa ou pela intrínseca diversidade de identidade, mas porque existem várias línguas que exprimem a variedade popular da língua brasileira.

Após concluir este trabalho, pude entender um pouco mais sobre como acontece o preconceito linguístico – esta era uma inquietação que eu tinha desde que sofria *bullying* no Recanto das Emas/DF. Na época, não entendia, mas agora percebo como o preconceito acontece e quais são os fatores e desdobramentos que surgem quando alguém é julgado por usar padrões diferentes da comunidade de fala na qual está inserido.

Com isso, outras indagações são pertinentes e outras propostas podem ser levantadas. Por exemplo: será que os sulistas possuem o mesmo entendimento que os diviseiros sobre como implantaram sua cultura em Alto Taquari, Costa Rica e Mineiros? Os nordestinos sentem-se julgados e desprestigiados de fato ou é apenas uma percepção de quem mora nessas cidades? Será que os municípios pesquisados são acolhedores mesmo? É possível que os migrantes também façam uso do /r/ retroflexo, principalmente a geração mais nova já nascida nessas localidades? Conseguem manter seu sotaque ou falam como as pessoas da região? Estas e outras perguntas podem ser respondidas a partir das atitudes linguísticas que compõem a Tríplice Divisa de MT, MS e GO.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, V. A. **Crenças e atitudes linguísticas**: quem fala a língua brasileira? *In*: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Orgs.). Português Brasileiro II. Niterói: EdUFF, 2008. p. 311-328.

ALMEIDA, M. G. da. *et al*. **Atlas de festas populares de Goiás**. Goiânia: Gráfica da UFG, 2015.

ALTO TAQUARI, Conheça Alto Taquari. Disponível em: https://www.altotaquari.mt.gov.br/portal/servicos/1012/conheca-alto-taquari/#:~:text=No%20dia%207%20de%20maio,S%C3%a3o%20Paulo%20e%20Minas%20Gerais. Acesso em 14 de abril de 2023.

ALVES, M. I. P. M. **Atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo**: uma abordagem prévia. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1979.

BAGNO, M. LAGARES, X. C. (Org.). **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico:** o que é, como se faz? 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BARBOSA, A. de O. **Brasilienses e a ideia do não-sotaque no processo de formação de identidade linguística**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, p. 82. 2002. Disponível em: https://hdl.handle.net/20.500.12733/1591697. Acesso em: 21 mai. 2025.

BARCELOS, A. M. F. **Cognição de professores e alunos**: tendências recentes na pesquisa de crenças sobre o ensino e aprendizagem de línguas. In: BARCELOS, A. M. F; VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. (org.). Crenças e Ensino de Línguas: Foco no professor, no aluno e na formação de professores. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006. p. 15-42.

BARCELOS, A. M. F. **Crenças sobre aprendizagem de línguas, Linguística Aplicada e ensino de línguas**. Revista Linguagem & Ensino, Universidade de Pelotas, Vol. 7, No 1, 2004, p. 123-156.

BARCELOS, A. M. F. **Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, Belo Horizonte, UFMG, v. 7, n. 2, 2007, p. 109-138.

BEM, D. J. **Convicções, atitudes e assuntos humanos**. Trad. Carolina Martuscelli Bori. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1973.

BISINOTO, L. S. J. **Atitudes sociolinguísticas em Cáceres-MT**: efeitos do processo migratório. 2000. 105f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

BISINOTO, L. S. J. **Atitudes sociolinguísticas**: efeitos do processo migratório. Campinas: Pontes Editores, 2007.

BOERSMA, P.; WEENINK, D. Praat: doing phonetics by computer [Computer program]. Version 6.4.27. Acesso em 06 de maio de 2025. Disponível em: www.praat.org

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto (Portugal): Porto Editora,1996.

BONNEMAISON, J. Le territoire, nouveau paradigme de la géographie humaine? **Colloque le territoire, lien ou frontière?** Identités, conflits ethniques, enjeux et recompositions territoriales. Paris: Sorbonne, 1995.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna:** a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BOTASSINI, J. O. M. A importância dos estudos de crenças e atitudes para a sociolinguística. **Signum: Estudos da Linguagem**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 102–131, 2015. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/20327. Acesso em: 15 dez. 2024.

BOTASSINI, J. O. M. **Crenças e atitudes linguísticas**: um estudo dos róticos em coda silábica no Norte do Paraná. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, p. 227. 2013.

BRANDÃO, C. R. **Identidade e etnia**: construção da pessoa e resistência cultural. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CALVET, L. J. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CANDIDO, E. **Tradicional Festejo de Santos Reis tem início nesta segunda** (28). Rádio Eldorado. 2015. Disponível em: http://www.eldorado790.com.br/noticias/item/10493-mineiros-%7C-tradicional-festejo-de-santos-reis-tem-in%C3%ADcio-nesta-segunda-28 Acesso em 31 de mar. de 2023.

CARDOSO, D. D. M. Dialectologia: trilhas seguidas, caminhos a perseguir. **D.E.L.T.A**. , v. 17, ed. Especial, p. 25-44, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/F9qxnq4DV6XTVMYdXJB89Sd/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 16 dez. 2025

CARDOSO, D. P. **Atitudes Linguísticas e Avaliações Subjetivas de Alguns Dialetos Brasileiros**. São Paulo: Blucher, 2015.

CARDOSO, S.A. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARRIJO, D. **Realidade de uma vida**. S.l.: s.n. 2014.

CASTELLS, M. **O poder da identidade:** a era da informação, volume 2, tradução: Klauss Brandini Gerhardt. 9ª ed. re. ampl. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do português brasileira**. São Paulo: Contexto, 2010.

CAVALCANTE, M. Carvalho. Bezerra. **Sociolinguística**. In: Faria, E. M. B. de; Cavalcante, M. C. B. (Org.). Língua Portuguesa e Libras: teorias e práticas vol. 3. 1ed.João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2011, v. 3, p. 239-281.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. **La dialectología**. Trad. de Carmen Morán González. Madrid: Visor Libros, 1994.

COELHO, *et al*. **Sociolinguística** / Izete Lehmkuhl Coelho ... [*et al*.]. – Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

COELHO, L.; MESQUITA, D. **Língua, Cultura e Identidade**: conceitos intrínsecos e interdependentes. Entreletras, Araguaína/TO, v. 4, n. 1,. 2013.

CORBARI, C. C. **Crenças e atitudes linguísticas de falantes de Irati (PR).** SIGNUM: Estudos Linguísticos, Londrina, n.15/1, p. 111-127, jun., 2012.

CORBARI, C. C. **Atitudes linguísticas:** um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, p. 259. 2013.

COSERIU, E. **Sentido y tareas de la dialectologia**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.

COSTA RICA. Costa Rica. Disponível em: https://www.costarica.ms.gov.br/portal/servicos/1002/costa-rica/ Acesso em 15 de dez. 2022.

COSTA RICA. Cultura. Disponível em: https://www.costarica.ms.gov.br/portal/noticias/0/3/4708/festa-de-clubes-do-laco-comeca-nesta-sexta-feira-em-costa-rica. Acesso em 15 de dez. 2022.

COSTA RICA. Parque Natural Municipal Salto do Sucuriú. Disponível em: https://www.costarica.ms.gov.br/portal/turismo/0/9/8/parque-natural-municipal-salto-do-sucuriu Acesso em 10 de dez. de 2022.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CUNHA, M. **Costa Rica:** pioneiros que construíram o progresso de Costa Rica. Paranaíba, MS: Editora Caiapó, 2009.

CUNHA, M. **Fotolivro**: Memória fotográfica de Costa Rica. Paranaíba-MS: Editora Caiapó, 2014.

DACOREGIO, C. de S. **As práticas e técnicas de suavização de sotaque no português brasileiro como tentativa de homogeneizar o uso da língua.** Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) Universidade Federal Fronteira Sul. Fronteira Sul, p. 104. 2021.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. Etnografia: Saberes e Práticas. **ILUMINURAS**, Porto Alegre, v. 9, n. 21, 2008. DOI: 10.22456/1984-1191.9301. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9301. Acesso em: 19 jan. 2026.

FÉLIX, A. **Crenças do professor sobre o melhor aprender de uma língua estrangeira na escola**. Dissertação. (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas. p. 122, 1998.

FERNÁNDEZ, F. M. **Principios de sociolinguística y sociologia del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

FIAMENGUI, A. H. R. **Multilinguismo e preconceito na fronteira Porã**: um estudo sobre atitudes linguísticas. São José do Rio Preto, 2017.

FONTANILLE, J. **Quando a vida ganha forma**. In: FERNANDES, E. M.; ABRIATA, V. L. R. (orgs). Formas de vida: rotina e acontecimento. Ribeirão Preto-SP: Coruja, 2014. p. 55-86

FREITAG, R. M. Ko. ARAÚJO, Farias. S. S. DIAS, V. de C. **Desafios para pesquisa em sociolinguística** /organizado por Raquel Meister Ko. Freitag, Silvana Silva de Farias Araújo, Valter de Carvalho Dias. São Paulo: Blucher, 2022. 120 p.

FREITAG, R. M. Ko. LIMA, G. de O. S. **Sociolinguística**. São Cristóvão/SE. 2010.

FROSI, V. M. A Identidade Étnica e Linguística do Ítalo-Brasileiro: sua constituição e reconstrução. In: **Signum: Estud**. LIng., Londrina, n.16/2, p.101-124, dez.

FUNGUETO, A. D. **Atitudes linguísticas:** um estudo na localidade paranaense de Guaíra. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, p. 203. 2021.

GARCIA, B. L. **Identidade social e atitude linguística:** um estudo da fala de Bonfim Paulista. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara). 2018, 157 f.

GIMENEZ, T. **Learners becoming teacher:** an exploratory study of beliefs held by prospective and practicing EFL teachers in Brazil. Tese (Doutorado) – Lancaster University, Lancaster, 1994.

GUMPERZ, J. **Linguage in social groups**. Stanford: Stanford University Press, 1971.

GUY, G. A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialetal nos padrões de variação linguística. **Organon**, Porto Alegre, v. 14, n. 28-29, 2012. DOI: 10.22456/2238-8915.30194. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/30194>. Acesso em: 02 jan. 2026.

GUY, G. As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN**, 2., 2001, Fortaleza. Anais [...]. Fortaleza: ABRALIN, 2001. Disponível em: <https://abralin.org/wp-content/uploads/2020/03/ABRALIN_26.pdf. > Acesso em: 5 jan. 2026.

HORST, C.; FORNARA, A. E.; KRUG, M. Eestratégias de manutenção e revitalização linguística no oeste catarinense;. **Organon**, Porto Alegre, v. 32, n. 62, 2017. DOI: 10.22456/2238-8915.72292. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/72292>. Acesso em: 17 jan. 2026.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Características étnico-raciais da população:** classificações e identidades. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mt/alto-taquari.html> . Acesso em: 19 jan. 2023.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Características étnico-raciais da população: classificações e identidades**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/go/mineiros.html>. Acesso em: 19/1/23.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2022: católicos seguem em queda; evangélicos e sem religião crescem no país**.

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/unidade-de-conservacao/unidades-de-biomas/cerrado/lista-de-ucs/parna-das-emas/arquivos/parque-nacional-das-emas_11.jpg/view>. Acesso em 16 de jan. de 2023.

JACUMASSO, T. D. **Atitudes, representações e políticas linguísticas**: lugares que a língua espanhola ocupa no imaginário dos paranaenses**.** Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras: língua espanhola e literaturas espanhola e hispano-americana, Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 222. 2018.

JESSÉ C. **Salto Majestoso no Parque Municipal Do Salto Do Sucuriú**. 2019. Disponível em: [https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g2572131-i371475577-Costa_Rica_State_of_Mato_Grosso_do_Sul.html]. Acesso em 28 de fev. de 2023.

KIESLING, S. F. "Constructing identity." *In:* Chambers, J. K. & Schilling, Natalie (Eds.), **The handbook of language variation and change**. pp. 448–467. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2 ed., 2013.

KRUG, M. J. **Identidade e comportamento linguístico na percepção da comunidade plurilíngue alemão-italiano-português de Imigrante - RS**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 131. 2004.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. **Psicologia social**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

LEITE, M. Q. **Preconceito e intolerância na linguagem**. Coleção linguagem & Ensino. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2022.

LEONE, M. Sémiotique du sentiment d'appartenance. **Actes Sémiotiques** [En ligne]. 2012, n° 115. Disponível em: <http://epublications.unilim.fr/revues/as/5239>. Acesso em: 17 janeiro 2026.

LIMA NETO, N. V. **Brasília, sua gente, seus sotaques**: difusão candanga e focalização brasiliense na capital federal. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, p. 259. 2018.

LIMA, A. F.; RAZKY, A.; OLIVEIRA, M. B. **A metodologia geossociolinguística do português brasileiro**. Campinas: Pontes Editores, ed. 2, p. 11-47, 2020.

LÓPEZ MORALES, H. **Sociolinguística**. 2. ed. Madrid: Gredos, 1993.

MANZINI, E. J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. *In*: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Orgs.) **Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial**. Londrina: Eduel, 2003.

MARTINS, E. R. **Crenças e Atitudes Linguísticas dos professores de língua portuguesa em Roraima e a relação com a sua formação e suas práticas pedagógicas.** Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Araraquara, p. 187. 2019.

MATOZO. D. L. **Crenças e atitudes linguísticas de ítalo-descendentes no contato português/talian**: contexto urbano e rural de Chapecó. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal da Fronteira Sul. Chapecó, p. 138. 2018.

MAZZARA, B. M. **Estereotipos y prejuicios Madrid**: Acento Editorial. 1999.

MELLO, A. da R. **Crenças e atitudes linguísticas no falar de Fortaleza:** elevação das vogais médias pretônicas. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, p. 104. 2022.

PRECONCEITO. In: **DICIONÁRIO MICHAELIS**. Disponível em: [https://michaelis.uol.com.br/busca?id=laWld#:~:text=Dicion%C3%A1rio%20Brasileiro%20da%20L%C3%ADngua%20Portuguesa&text=1%20Conceito%20ou%20opini%C3%A3o%20formados,voc%C3%AA%20est%C3%A1%20muito%20enganada%2C%20mana]. Acesso em: 12 nov. 2024.

MOLLICA, M. C. **Fundamentação Teórica**: conceituação e delimitação. In.: Cecília Mollica, Maria Luiza Braga (org.). Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. 3. ed. - Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.

MORELLO, R.; ALTENHOFEN, C. V. Rumos e perspectivas das políticas linguísticas para línguas minoritárias no Brasil: entre a perda e o inventário de línguas. In: FARENZENA, Nalú. (Org**.). VI Encontro Internacional de Investigadores de Políticas Linguísticas.** Porto Alegre: UFRGS, 2013, p. 19-26.

MUFWENE, S. S. **Language Evolution**: contact, competition and change. Continuum International Publishing Group, 2008.

NOVACANA, Cana de Açúcar Alto Taquari. **Disponível em:** <https://www.novacana.com/index2.php/usinas/alto-taquari> e **Acesso em:** 16 de jan. 2026.

OLIVEIRA, E.C de. O Bom e o Mau Coronel: Representações sobre o Coronelismo na obra de Bernardo Élis e na Historiografia. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**. 2016. Disponível em [https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/615]. Acesso em: 19 jan. 2023.

OLIVEIRA, W. R. M. SOUZA, A.C. S**. Atitudes Linguísticas no Falar dos Costarriquenses**. RELACult - **Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, *[S. l.]*, v. 7, n. 4, 2021. [Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/2120 >]. Acesso em: 27 maio 2025.

OLIVEIRA, W. R. M. **Variação linguística**: as atitudes linguísticas presentes na fala dos migrantes de Costa Rica. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, p. 93, 2020.

OPPENHEIM, A. N. **Questionnaire design, interviewing and attitude measurement**. 2nd ed. (rewritten). London; New York: Continuum, 1992.

ORLANDI, E. P. (2010). Formas de Conhecimento, Informação e Políticas Públicas. Animus. **Revista Interamericana De Comunicação Midiática**, 9(17). https://doi.org/10.5902/217549772373

OUSHIRO, L. Conceitos de Identidade e Métodos para seu estudo na Sociolinguística. **Revista Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador; nº 63, núm. ESP, 2019. pp. 304-325. Disponível em: [https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/33777>]. Acesso em: 15 jun. 2023.

OUSHIRO, L. **Identidade na pluralidade:** avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 394. 2015.

PAIVA, M. da C. de. **Transcrição de dados linguísticos**. In: MOLLICA, Maria Celicia; BRAGA, Maria Luiza. (Org). Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 135-146.

PASTORELLI, D. S. **Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Capanema**: um estudo da relação do português com línguas em contato. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina. Londrina, p. 205. 2011.

POSNER, G. J. *et al*. **Accommodation of a scientific conception**: toward a theory of conceptual change. Science Education, v.66, n.2, 1982, pp. 211-227.

Prefeitura de Alto Taquari. 2023. Disponível em: [https://www.altotaquari.mt.gov.br/portal/servicos/1012/conheca-alto-

taquari/#:~:text=No%20dia%207%20de%20maio,S%C3%A3o%20Paulo%20e%20Minas%20Gerais] Acesso em 3 mar. 2023.

RAMÍREZ, A. G. Dialectología y sociolingüística. *In*: ALVAR, M. (Dir.) **Manual de dialectología hispánica**: el español de España. Barcelona: Ariel, 2010 [1996]. p. 37- 48.

RAZKY, A.; OLIVEIRA, M. B.; LIMA, A. F. (org). **Estudos geossociolinguísticos do português brasileiro.** Campinas: Pontes Editores, ed. 2, p. 11-47, 2020

SABADIN, M. N. **Crenças e altitudes linguísticas**: aspectos da realidade na tríplice fronteira. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal da Bahia. Salvador, p. 220. 2013.

SANDRI, S. M. D. **Sulistas em Mineiros:** a recriação da identidade. 2008. 165 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2008.

SANTOS, E. dos. **Certo ou errado**: atitudes e crenças no estudo de língua portuguesa. Rio de Janeiro: Graphia, 1996.

SANTOS, R. R. M. **Cultura Popular e Educação**: cidadania e identidade na educação básica. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Maranhão. São Luís, p. 151. 2011.

SARAIVA, G. G. **Território e identidade**: a descoberta do ouro nas disputas entre Brasil e França / Geiza Gimenes Saraiva — 2019 300 f.

SCHLIEBEN-LANGE, Brigitte (1993 [1983]). **História do falar e história da linguística**. Tradução de Fernando Tarallo *et al*. Campinas: EDUNICAMP.

SCHNEIDER, M. N. **Atitudes e concepções linguísticas e sua relação com as práticas sociais de professores em comunidades bilingues alemão-português do Rio Grande do Sul**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 261. 2007.

SILVA, D. M. da. **Origem e desenvolvimento das ideias linguísticas de William Labov** [manuscrito] / Daniel Marra da Silva. – 2009.

SILVA, Hélen Cristina da; AGUILERA, Vanderci de Andrade. **O poder de uma diferença:** um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas**.** Alfa, São Paulo, v. 58, n. 3, p. 703-723, 2014. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/1981-5794-1409-8.

SILVA, M. J. da. **Mineiros**: a cidade na história. Goiana: Kelps, 2019.

SILVA, M. J. da. **Parque das Emas**: última pátria do cerrado (bioma ameaçado). Goiana: Kelps, 3ª ed., 2011.

SILVA, R. E. **A aldeia Lagoinha e suas atitudes linguísticas frente ao bilinguismo entre as línguas Terena e portuguesa numa perspectiva sociolinguística.** Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, p. 82. 2019.

SILVA. E. G. da. **Contatos bilíngues**: Atitudes linguísticas da interação do falar boliviano com o falar cacerense. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade do Estado de Mato Grosso. Cáceres, p. 106. 2016.

SILVA-CORVALÁN, C. **Past and present perspectives on language change in US Spanish**. International Journal of the Sociology of Language, 1989. 7 p.

SOARES, M. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social.18. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

SOLOTUDO. Imagem de Mineiros. Disponível em: <https://www.solutudo.com.br/go/mineiros/noticias/pulq-studio-criativo/396274/detalhes/fotos-aereas/5190>. Acesso em: 12 jan. 2026.

SOUSA, G. B. de. **História de uma vida.** Campo Grande, MS. Editora Copyright, 2010.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

TEIS, D. T.; TEIS, M. A. **A abordagem qualitativa**: a leitura no campo de pesquisa. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/teis-denize-abordagem-qualitativa.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2026.

THUN, H. **Dialetologia Pluridimensional no Rio da Prata**. In: STAHLZIWS, A. M. (org.) Estudos de Variação Linguística no Brasil e no Cone Sul, Porto Alegre: UFGRS, p. 63-92, 2005.

THUN, H. **La geolingüística como lingüística variacional general** (com ejemplos del Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: RUFFINO, G. (org.). Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguística e Filologia Romanza. Tübingen : Niemeyer, p. 701-729, 1998.

VAZ, W. 2022. Festa da Capela do "Santo Fujão" acontece de 5 a 7 de agosto em Costa Rica. Disponível em: <https://www.ocorreionews.com.br/festa-da-capela-do-santo-fujao-acontece-de-5-a-7-de-agosto-em-costa-rica/>. Acesso em 4 de dez. 2022.

WEINREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

WOODWARD, K. **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart. Identidade e diferença: A perspectivas dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 7-71.

APÊNDICE

O QUESTIONÁRIO

1. CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DOS PARTICIPANTES:
1. O senhor/a conhece alguma lenda ou história da região da sua cidade, da sua família? Conte.
2. O senhor/a acha que a cultura e as crenças da sua cidade têm se perdido ao longo do tempo?
3. Existe alguma tradição/cultura que ainda está viva em sua família? Qual?
4. Esse costume/tradição vem de onde? De alguma cidade?
35. Gostaria de comentar ou contar alguma coisa sobre a sua região que eu não tenha perguntado?
2. INFORMAÇÕES SOBRE OS MIGRANTES:
5. Acredita que essa mistura na cultura da sua cidade, trazida pelos imigrantes, foi boa ou ruim? Explique.
6. O senhor/a já usa alguma cultura ou costume desses migrantes? Conte.
7. Na sua cidade, quais são os migrantes residentes?
8. Como o senhor/a sabe que eles são migrantes?
9. O que eles falam de diferente das pessoas que moram na sua cidade?
10. Acha que esses migrantes têm uma fala: agradável ou desagradável
11. Você acha importante ter essa variedade de falas/sotaques dos migrantes na sua região?
34. O senhor/a acha que as pessoas que falam diferente são bem recebidas em Costa Rica/Alto Taquari/Mineiros?
3. COMPOSIÇÃO DA TRÍPLICE DIVISA:
13. Quem tem a fala mais bonita?
14. Quem tem a fala mais feia?
15. Quem tem a fala mais correta?
16. Quem fala mais errado?
17. O senhor/a acredita que existe um jeito certo de falar? Por quê?
18. O senhor/a reconhece um sul mato-grossense ou um goiano só de ouvi-los falar?
19. O senhor/a reconhece um mato-grossense ou um goiano só de ouvi-los falar?
20. O senhor/a reconhece um sul mato-grossense ou um mato-grossense só de ouvi-los falar?
21. Poderia me dar exemplos do que os taquarienses, costarriquenses e mineirenses falam de forma diferente, que chama atenção?
22. O senhor/a fala alguma coisa semelhante a eles? O que seria?
23. O senhor/a tem amizade com goianos/mato-grossenses/costarriquenses?
24. Com qual deles tem mais amizade?
25. Qual deles é o mais confiável?
26. Qual deles é o menos confiável?
4. PERCEPÇÃO SOBRE A PRÓPRIA FALA
12. Os mineirenses/taquarienses/costa-riquenses mais novos falam da mesma maneira que os mineirenses/taquarienses/costa-riquenses mais velhos?
27. O senhor/a acha que o jeito de falar dos mais antigos tem se perdido? Comente.

28. Existe alguma palavra ou ditado popular que os seus pais ou avós falavam e hoje não se escuta mais?
29. Qual língua o senhor (a) fala?
30. O senhor (a) possui sotaque?
31. Se respondeu sim, tente descrever qual é o seu sotaque.
32. Já sentiu vergonha da sua maneira de falar?
33. Se respondeu sim, conte como aconteceu.